

Um desses raros livros que ultrapassam sua época. Escrito a partir da dramática experiência de um homem aprisionado sob os famosos Processos de Moscou, não é apenas o retrato de uma nação e seu sistema político, mas também, e principalmente, o retrato de um indivíduo em conflito com seu papel no contexto histórico maior. Em *O zero e o infinito*, Koestler apresenta a problemática do amor, da verdade e da organização social, através dos pensamentos do velho bolchevique Rubachov, que aguarda julgamento na prisão de uma Moscou que talvez não perdoe.



ISBN 05-250-0282-3

Arthur Koestler

O ZERO E O INFINITO



O ZERO E O INFINITO

ARTHUR KOESTLER

O ZERO E O INFINITO

Tradução
Juvenal Jacinto



Título do original inglês:
Darkness at noon

Copyright © 1940 by Arthur Koestler

Direitos mundiais de edição para a língua portuguesa: Editora Globo S.A.

Capa: João Baptista Costa Aguiar

Composição: Artestilo Compositora Gráfica Ltda.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta edição pode ser utilizada ou reproduzida — em qualquer meio ou forma, seja mecânico ou eletrônico, fotocópia, gravação etc. — nem apropriada ou estocada em sistema de banco de dados, sem a expressa autorização da editora.

CIP-Brasil. Catalogação-na-fonte — Câmara Brasileira do Livro, SP

K83z Koestler, Arthur, 1905-1983.
O zero e o infinito / Arthur Koestler ; tradução Juvenal Jacinto. — Rio de Janeiro : Globo, 1987.
ISBN 85-250-0262-3
1. Romance inglês 2. União Soviética - História - 1917 - Ficção I. Título.
87-1041 CDD-823.91

Índices para catálogo sistemático:

1. Romances : Século 20 : Literatura inglesa 823.91
2. Século 20 : Romances : Literatura inglesa 823.91

Editora Globo S.A.
Rua Itapiru, 1209, CEP 20251, Rio de Janeiro, tel.: (021)273-5522, telex: (021)23365, RJ.
Rua do Curtume, 665, CEP 05065, São Paulo, tel.: (011)262-3100, telex: (011)54071, SP.
Brasil

Impressão e Acabamento: Gráfica Editora Hamburg

SUMÁRIO

- O primeiro interrogatório 11
- O segundo interrogatório 93
- O terceiro interrogatório 153
- A ficção gramatical 217

Титул: Н. С. Рубачов

Составитель: А. М. Козлов

Составитель: А. М. Козлов

Описание: Описание жизни и деятельности Н. С. Рубачова. Библиография: 15

Составитель: А. М. Козлов

As personagens deste livro são fictícias. As circunstâncias históricas que determinaram seus atos são reais. A vida do homem N. S. Rubachov é uma síntese das vidas de muitos homens que foram vítimas dos chamados Processos de Moscou. A vários deles o Autor conheceu pessoalmente. Este livro é dedicado a sua memória.

Paris,
Outubro de 1938 — abril de 1940.

O PRIMEIRO INTERROGATORIO

"Quem estabelecer uma ditadura e não matar Bruto, ou quem fundar uma república e não matar os filhos de Bruto, só pouco tempo governará."

Maquiavel, *Discorsi*

"Ora, meu amigo! Não se pode viver inteiramente sem compaixão."

Dostoievski, *Crime e castigo*

O PRIMEIRO INTERROGATÓRIO

"Ninguém pode governar livre da iniquidade."

SAINT-JUST

É preciso de uma coisa, antes de tudo, para que se possa governar livremente: a justiça. Não se trata de uma justiça legal, mas de uma justiça moral, que se funda na consciência de cada um e que se manifesta no respeito às leis da natureza. É esta justiça que deve servir de base para toda a organização política. Sem ela, qualquer sistema de governo é condenado ao fracasso. A justiça é o fundamento da liberdade, e a liberdade é o resultado da justiça. Portanto, não se pode falar em liberdade sem falar em justiça. A justiça é o princípio de toda a moralidade política, e a liberdade é o seu fim. Sem a justiça, a liberdade é apenas um nome vazio, e a liberdade sem justiça é uma tirania disfarçada.

É preciso também lembrar que a justiça não é apenas uma questão de equidade, mas também de equidade. A justiça é a base da moralidade política, e a liberdade é o seu fim. Sem a justiça, a liberdade é apenas um nome vazio, e a liberdade sem justiça é uma tirania disfarçada.

É preciso também lembrar que a justiça não é apenas uma questão de equidade, mas também de equidade. A justiça é a base da moralidade política, e a liberdade é o seu fim. Sem a justiça, a liberdade é apenas um nome vazio, e a liberdade sem justiça é uma tirania disfarçada.

O PRIMEIRO INTERROGATÓRIO

1914

I

A porta da cela bateu atrás de Rubachov.

Encostou-se nela por alguns segundos e acendeu um cigarro. Na cama, à sua direita, havia dois cobertores razoavelmente limpos e o colchão de palha parecia ter sido reenchido. O lavatório, à esquerda, não tinha tampa, mas a torneira funcionava. O balde, junto do lavatório, fora desinfetado recentemente e não cheirava mal. As paredes de ambos os lados eram de tijolos maciços, que abafariam o som das batidas; mas, onde penetravam os canos de escoamento e de calefação, haviam sido revestidas de estuque e ressoavam muito bem; além disso, o próprio tubo de aquecimento parecia ser condutor de som. A janela se abria à altura dos olhos; podia ver o pátio sem precisar pendurar-se nas grades. Até aqui, tudo estava bem.

Bocejou, despiu o paletó e dobrou-o, colocando-o depois sobre o colchão, como travesseiro. Olhou o pátio. A neve emitia um pálido reflexo amarelo sob a dupla luz das lâmpadas elétricas e da lua. Por toda a volta do pátio, ao longo dos muros, haviam cavado uma trilha para o exercício diário. Ainda não amanhecera; as estrelas continuavam brilhando claras e álgidas, a despeito das lâmpadas. No caminho de ronda, junto do muro externo, defronte da cela de Rubachov, um soldado com o fuzil no ombro andava de um lado para outro, batendo com os pés como

se estivesse numa parada. De vez em quando, a luz amarela das lâmpadas cintilava na sua baioneta.

Rubachov descalçou os sapatos, sempre diante da janela. Apagou o cigarro, colocou a ponta no chão, ao pé da cama, e sentou-se no colchão, assim permanecendo durante alguns minutos. Voltou à janela uma vez mais. O pátio estava quieto; a sentinela começava seu caminho de volta; acima da torre da metralhadora via-se uma nesga da Via-láctea.

Rubachov estendeu-se no beliche e cobriu-se com o cobertor de cima. Eram cinco horas e aqui, no inverno, certamente ninguém se levantaria antes das sete. Estava com muito sono e, tudo ponderado, concluiu que dificilmente seria levado para interrogatório antes de uns três ou quatro dias. Tirou o pincenê, colocou-o no pavimento de ladrilhos, junto do toco de cigarro, sorriu e fechou os olhos. Gostou da tepidez do cobertor, que aconchegara ao corpo, e sentiu-se protegido; pela primeira vez, desde meses, não receava os seus sonhos.

Alguns minutos depois, quando o carcereiro apagou a luz de fora e espreitou pela vigia o interior da cela, Rubachov, ex-comissário do povo, dormia de costas para a parede, a cabeça sobre o braço esquerdo, que estava esticado para fora da cama; só a mão, na extremidade do braço, pendia frouxa, contraindo-se durante o sono.

2

Uma hora antes, quando os dois funcionários do Comissariado do Povo para o Interior batiam na porta do seu apartamento, a fim de prendê-lo, Rubachov sonhava naquele exato momento que estava sendo preso.

Batiam cada vez com mais energia e Rubachov se esforçava por acordar. Tinha prática de safar-se de pesadelos, pois o sonho com sua primeira prisão voltara periodicamente durante anos e seguia o seu curso com regularidade de relógio. Às vezes, com um vigoroso esforço da vontade, conseguia parar o relógio, escapar voluntariamente do sonho, mas desta vez não

se saiu bem; as últimas semanas o haviam esgotado, estava suando e sua respiração no sono era ofegante; o relógio trabalhava, o sonho prosseguia.

Sonhava, como sempre, que batiam na porta de sua residência, e que três homens estavam do lado de fora, esperando o momento de prendê-lo. Podia vê-los através da porta fechada, de pé diante dela, esmurrando-a. Vestiam uniformes novos, o elegante fardamento dos guardas pretorianos da ditadura alemã; nos bonés e nas mangas usavam a insígnia da cruz agressivamente farpada; com a mão livre empunhavam revólveres grotescos e grandes; o correame e as peças similares de seus uniformes cheiravam a couro novo. Agora estavam no seu quarto, ao pé da cama. Dois deles eram jovens camponeses superdesenvolvidos, de lábios grossos e olhos de peixe; o terceiro era baixo e gordo. Parados junto da cama, revólveres em punho, respiravam opressivamente sobre ele. Tudo estava em silêncio, salvo o asmático arquejar do homem baixo e gordo. Depois, num andar superior, alguém acionou uma descarga e a água precipitou-se suave através dos canos na parede.

O mecanismo do relógio afrouxou. As batidas na porta de Rubachov tornaram-se mais fortes; fora, os dois homens que tinham vindo prendê-lo alternadamente batiam e sopravam as mãos geladas. Rubachov, porém, não conseguia despertar, embora soubesse que agora se seguiria uma cena particularmente penosa: os três continuam parados junto da cama e ele tenta vestir o chambre. Mas a manga está virada do avesso; não consegue enfiar o braço. Debalde se esforça, até que uma espécie de paralisia desce sobre ele: não pode mexer-se, ainda que tudo dependa de enfiar a manga a tempo. A touturante incapacidade se prolonga alguns segundos, durante os quais Rubachov geme e sente uma umidade fria nas fontes, enquanto o martelar na porta lhe penetra o sono como um rufar de tambores ao longe; debaixo do travesseiro, seu braço se crispa no esforço febril de buscar a manga do chambre; depois, enfim, é libertado pela primeira e esmagadora coronhada de revólver que recebe no ouvido...

Com a sensação conhecida, repetida, e cem vezes revivida, deste primeiro golpe — do qual datava a sua surdez — comumente acordava. Por um momento, ainda estremeceria, e sua mão, apertada debaixo do travesseiro, continuaria procurando a manga do chambre; porque, via de regra, antes de despertar de todo, ainda lhe restava o último e pior degrau a transpor. Consistia num vertiginoso e informe sentimento de que este despertar era o verdadeiro sonho e que, de fato, ainda estava deitado na pedra úmida do chão da cela escura, tendo aos pés o balde, perto da cabeça o jarro de água e migalhas de pão...

Também desta vez, durante alguns segundos, o estado de confusão persistiu, a incerteza sobre se a mão, que tateava, ia alcançar o balde ou o interruptor da lâmpada de cabeceira. Depois, a luz brilhou, desfez-se a névoa. Rubachov respirou fundo várias vezes e, como um convalescente, as mãos cruzadas no peito, gozou uma deliciosa sensação de liberdade e segurança. Enxugou, com o lençol, a testa e a zona de calvície atrás da cabeça, e olhou pestanejando, com uma ironia recuperada, para a fotografia colorida de N.º 1 do Partido, pendurada acima da cama na parede do quarto — e nas paredes de todos os quartos que se seguiam, acima ou abaixo do seu; em todas as paredes das casas, das cidades, do enorme país pelo qual ele lutara e sofrera, e que agora tornara a recolhê-lo no vasto regaço protetor. Agora estava inteiramente desperto; mas as pancadas na porta continuavam.

3

Os dois homens que tinham vindo prender Rubachov estavam do lado de fora, no patamar escuro, trocando idéias. O porteiro Vassili, que os conduzira para cima, estava parado no vão da porta de elevador e arquejava de medo. Era um velho magro; acima da gola rota do capote militar, que jogara sobre a camisola, aparecia uma larga cicatriz vermelha que lhe dava um aspecto doentio. Era o resultado de um ferimento no pescoço

recebido na Guerra Civil, durante a qual lutara no regimento dos guerrilheiros de Rubachov. Mais tarde, Rubachov fora mandado para o exterior e Vassili só de vez em quando tivera notícias suas pelo jornal que a filha lia para ele, de noite. Lera-lhe os discursos que Rubachov fizera nos congressos; eram longos e difíceis de entender, e Vassili jamais conseguia identificar neles o tom de voz do comandante dos guerrilheiros, um homenzinho barbado que sabia blasfêmias tão bonitas que até a Nossa Senhora de Kasan talvez sorrisse ao ouvi-las. Geralmente Vassili adormecia no meio destes discursos, mas sempre acordava quando sua filha, erguendo solenemente a voz, chegava às frases finais e aos aplausos. A cada um dos remates do ritual, "Viva a Internacional! Viva a Revolução! Viva o N.º 1", Vassili acrescentava um convicto "Amém", a meia voz, a fim de que a filha não ouvisse; depois tirava o blusão, benzia-se em segredo, com consciência de culpa, e ia deitar-se. Acima da cama também estava pendurado um retrato do N.º 1, e ao lado uma fotografia de Rubachov como comandante dos guerrilheiros. Se essa fotografia fosse descoberta, provavelmente ele também seria levado.

Fazia frio na escada escura e silenciosa. O mais moço dos dois homens do Comissariado para o Interior propôs rebentar a tiros a fechadura. Vassili se encostou na porta do elevador; não tivera tempo de se calçar direito e suas mãos tremiam tanto que não pudera amarrar os cordões das botinas. O mais velho dos dois homens era contra o emprego do revólver; a prisão tinha de ser realizada com discrição. Ambos sopraram nas mãos entorpecidas e recomeçaram a esmurrar a porta; o mais moço batia com a coronha do revólver. Alguns andares abaixo, uma mulher gritava com voz aguda, estridente.

— Diga-lhe que cale a boca — ordenou o jovem Vassili.

— Silêncio! — gritou Vassili. — A autoridade está aqui.

A mulher calou-se imediatamente. O jovem passou a bater na porta com as botas. O ruído encheu toda a escada; finalmente a porta se abriu, tombando.

Os três estavam parados diante da cama de Rubachov: o jovem, de revólver na mão; o velho, muito teso, como em posição de sentido; Vassili ficara alguns passos atrás, encostado à

parede. Rubachov ainda estava enxugando o suor no dorso da cabeça; encarou-os, apertando os olhos míopes, sonolentos.

— Cidadão Rubachov, Nicolau Salmanovitch, está preso em nome da lei — disse o jovem. Rubachov tateou embaixo do travesseiro, em busca do pincenê, e soergueu o corpo. De pincenê, seus olhos tinham agora a expressão que Vassili e o funcionário mais velho conheciam de velhas fotografias e estampas a cores. O funcionário mais velho mantinha uma posição ainda mais tensa; o jovem, que se tornara adulto sob o signo de novos heróis, deu outro passo em direção da cama; todos os três perceberam que ele estava a ponto de dizer ou fazer qualquer coisa grosseira para esconder o seu embaraço.

— Guarde essa arma, camarada — disse-lhe Rubachov. — Mas que querem de mim?

— Não ouviu dizer que está preso? — respondeu o jovem. — Vista-se e não dê escândalo.

— Trouxeram mandado? — disse Rubachov.

O funcionário mais velho puxou um papel do bolso, passou-o a Rubachov e retomou a posição de sentido.

Rubachov leu-o com atenção.

— Muito bem — disse. — Fica-se quase na mesma com essas coisas; o diabo os carregue.

— Vista-se e não se demore — disse o rapaz.

Via-se que, nele, a brutalidade não era acidental, mas inerente. “Bonita geração produzimos”, pensou Rubachov. Lembrou-se dos cartazes de propaganda onde a juventude sempre era representada de rosto risonho. Sentiu um grande cansaço.

— Pegue o meu chambre, em vez de estar aí todo atrapalhado com esse revólver — disse ao jovem.

Este enrubesceu, mas continuou em silêncio. O funcionário mais velho passou o chambre a Rubachov. Rubachov conseguiu enfiar o braço na manga.

— Desta vez não custou, pelo menos — disse com um sorriso tenso.

Os três outros não compreenderam e ficaram calados. Viavam-no enquanto saía lentamente da cama e juntava suas roupas amarrotadas.

O edifício ficara em silêncio depois do grito agudo e isolado da mulher, mas eles tinham a impressão de que todos os moradores estavam acordados nas suas camas, a respiração suspensa.

Depois ouviram alguém, num pavimento superior, acionar uma descarga e a água precipitar-se suavemente cano abaixo.

4

Diante da porta de frente estava parado o carro que trouxera os funcionários, um modelo novo, norte-americano. Ainda era noite; o motorista acendera os faróis, a rua dormia, ou simulava dormir. Embarcaram, primeiro o rapaz, em seguida Rubachov, depois o funcionário mais velho. O motorista, que também usava uniforme, pôs o carro em movimento. Além da esquina terminava o asfalto; ainda estavam no centro da cidade; em volta, erguiam-se grandes edifícios modernos de nove e dez andares, mas as ruas eram formadas por sulcos de lama gelada, à maneira de estradas rurais, com um fino polvilhado de neve nas rachaduras. O motorista arrastava o automóvel, cuja magnífica suspensão chiava e gemia como uma carreta de bois.

— Mais depressa — disse o rapaz, que não podia suportar o silêncio reinante no carro.

O motorista deu de ombros, sem voltar a cabeça. Lançara a Rubachov um olhar indiferente e pouco amistoso, quando ele entrava no carro. Certa vez, Rubachov sofrera um acidente; o homem do volante da ambulância olhara-o do mesmo modo. A marcha lenta e aos solavancos pelas ruas mortas, tendo pela frente a luz oscilante dos faróis, era difícil de suportar.

— Qual é a distância? — perguntou Rubachov, sem olhar para os outros passageiros.

Quase acrescentou: “até o hospital”.

— Uma boa meia hora — disse o homem mais velho.

Rubachov tirou do bolso um maço de cigarros, pôs um deles na boca, e automaticamente ofereceu aos companheiros.

O jovem recusou, brusco; o mais velho tirou dois deles e passou um para o motorista. Este bateu no boné e deu fogo a todos, mantendo o volante com uma só mão. Rubachov sentiu o coração mais leve; ao mesmo tempo irritou-se consigo mesmo por causa disso. "É justamente a hora de ficar sentimental", pensou. Mas não pôde resistir à tentação de falar e provocar um pouco de calor humano em redor de si.

— Pobre do carro — disse. — Os carros estrangeiros custam um bocado de ouro; e depois de meio ano nas nossas estradas, estão liquidados.

— Nisso, tem toda a razão. As nossas estradas estão muito atrasadas — disse o velho funcionário.

Pelo seu tom de voz, Rubachov percebeu que ele compreendera seu sentimento de desamparo. Teve a impressão de ser um cachorro ao qual acabavam de jogar um osso; resolveu não tornar a falar. Mas, de repente, o rapaz disse, agressivo:

— Por acaso duram mais nos estados capitalistas?

Rubachov teve de sorrir; um sorriso largo.

— Já estive no estrangeiro? — perguntou.

— De qualquer forma, sei como as coisas são por lá — disse o jovem. — Não precisa dar-se ao trabalho de me contar histórias a esse respeito.

— Por quem me toma, exatamente? — perguntou Rubachov com muita serenidade. Mas não pôde impedir-se de acrescentar: — Você devia mesmo estudar um pouco a história do Partido.

O jovem ficou calado, olhando fixamente para as costas do motorista. Ninguém falava. Pela terceira vez, o motorista afogou a máquina, que trepidou, e tornou a ligá-la, praguejando. Atravessavam os subúrbios, aos trancos; na aparência das miseráveis casas de madeira nada mudara. Acima de suas silhuetas tortuosas, pairava a lua, pálida e fria.

Em cada corredor da nova prisão modelo a luz elétrica brilhava. Derramava-se baça sobre a galerias de ferro, as paredes caiadas, nuas, as portas das celas com seus cartões indicando o ocupante e os orifícios negros das vigias. Rubachov estava tão familiarizado com a luz incolor e o som estridente e sem eco dos passos no pavimento de ladrilhos que, por alguns segundos, brincou com a ilusão de que novamente sonhava. Procurou convencer-se de que tudo aquilo não era real. "Se conseguir acreditar que estou sonhando, então realmente será um sonho", pensou.

Fez para isso um esforço tão forte que quase ficou tonto; depois, imediatamente, uma vergonha sufocante o invadiu. "É preciso enfrentar a situação", pensou, "enfrentá-la até o fim." Alcançaram a cela 404. Acima da vigia, um cartão com seu nome, Nicolau Salmanovitch Rubachov. "Prepararam tudo com esmero", pensou. A vista de seu nome no cartão causou-lhe uma impressão esquisita. Queria pedir ao carcereiro mais um cobertor, mas a porta já batera atrás dele.

A intervalos regulares o carcereiro espreitara pela vigia a cela de Rubachov. O prisioneiro permanecera tranqüilamente deitado no beliche; apenas sua mão se crispava de quando em quando, durante o sono. Ao lado do beliche, no chão, viam-se o pincenê e uma ponta de cigarro.

Às sete horas da manhã — duas horas depois que fora trazido para a cela 404 — Rubachov foi despertado por um toque de corneta. Dormira sem sonhar e tinha o pensamento claro. A corneta repetiu três vezes a mesma e áspera seqüência. O som vibrante repercutiu e se desvaneceu; ficou um silêncio hostil.

Ainda não clareara de todo; os contornos do balde e do lavatório estavam esmaecidos pela luz baça. A grade da janela era um desenho negro recortado contra a vidraça suja; no alto,

à esquerda, um vidro quebrado fora substituído por um pedaço de jornal. Rubachov soergueu o corpo, estendeu o braço, apANHOU o pincenê e a ponta de cigarro que havia deixado no chão, junto à extremidade da cama, e tornou a deitar-se. Colocou o pincenê e tentou acender o toco de cigarro. O silêncio persistia. Em todas as celas caiadas deste favo de concreto, homens se levantavam simultaneamente de seus beliches, soltando palavrões e tateando o chão ladrilhado, mas nas celas de isolamento nada se ouvia — exceto, de vez em quando, passos que se afastavam no corredor. Rubachov sabia que estava numa cela de isolamento e que ali devia ficar até ser executado. Cofiou o cavanhaque pontudo e curto, deu uma tragada no cigarro e ficou imóvel.

“Então serei executado”, pensou. De pálpebras semicerradas, pestanejando, observava o movimento do dedo grande do pé, que sobressaía verticalmente na extremidade do beliche. Gozava o calor da cama, sentia-se seguro e estava muito cansado; não se oporia a mergulhar direto num sono mortal, ali mesmo, se ao menos o deixassem deitado sob a quentura do cobertos. “Então eles vão te dar um tiro”, disse consigo mesmo. Moveu devagar os dedos dos pés, sob a meia, e ocorreu-lhe um verso que comparava os pés do Cristo a um corço branco num espinheiro. Esfregou o pincenê na manga, num gesto muito conhecido por todos os seus admiradores. No calor da cobertura sentia-se quase perfeitamente feliz e só temia uma coisa, ter de se erguer e andar. “Então serás destruído”, disse para si mesmo, a meia voz, e acendeu outro cigarro, embora lhe restassem apenas três. Os primeiros cigarros, com o estômago vazio, às vezes lhe causavam uma leve sensação de embriaguez; e já estava naquele estado característico de excitação que lhe era conhecido de antigas experiências de ver a morte muito de perto. Sabia ao mesmo tempo que esta condição era reprovável e, sob certo ponto de vista, inadmissível, mas no momento não sentia inclinação para aceitar isto. Preferia observar o jogo dos dedos dos pés, dentro das meias. Sorriu. Crescia nele uma cálida onda de enternecimento por seu próprio corpo, pelo qual geralmente não sentia estima; e a sua destruição iminente lhe comunicava

um delicioso sentimento de autocomiseração. “A velha guarda morreu”, disse consigo. “Somos os últimos.” “Seremos destruídos.” “Porque os meninos e as meninas de ouro, como os limpachaminés, todos irão ter ao pó.” Procurou lembrar-se da música de “irão ter ao pó”, mas apenas as palavras lhe ocorriam. “A velha guarda morreu”, tornou a dizer, tentando evocar seus rostos. Só conseguiu recordar-se de alguns deles. Do primeiro presidente da Internacional, executado como traidor, conseguiu reconstituir unicamente uma nesga do colete xadrez sobre o ventre algo rotundo. Nunca usara suspensórios, sempre cintas de couro. O segundo primeiro-ministro do Estado Revolucionário, também executado, roía as unhas em momentos de perigo... “A história te reabilitará”, pensou Rubachov, sem convicção especial. Que sabe a história sobre o cacoete de roer as unhas? Fumando, pensava nos mortos, e na humilhação que precedera a morte deles. Não obstante, não conseguia chegar a odiar o N.º 1 como devia. Frequentemente, olhara para o cromo do N.º 1, pendurado acima de sua cama, e tentara odiá-lo. Haviam-lhe dado muitas alcunhas, ele com seus companheiros, mas finalmente fora esta que pegara, o N.º 1. O horror que emanava do N.º 1 consistia, sobretudo, na possibilidade de que estivesse com a razão, e de que todos quantos matava tivessem de admitir, mesmo com a bala na nuca, que era concebível que estivesse com a razão. Não tinham certeza; só podiam apelar para aquele oráculo zombeteiro a que chamavam a História e que apenas dava a sua sentença quando a boca do apelante se transformara, havia muito, em pó.

Rubachov teve a impressão de que estava sendo espreitado pela vigia. Sem olhar, sabia que uma pupila colada ao orifício esquadrihava a cela; um momento depois, a chave de fato rangia na pesada fechadura. Decorreu algum tempo até que a porta se abrisse. O carcereiro, um velhinho de chinelos, não passou da porta.

— Por que não se levanta? — perguntou.

— Estou doente — disse Rubachov.

— Que é que tem? Não pode ser levado ao médico antes de amanhã.

— Dor de dentes — disse Rubachov.

— Dor de dentes, é? — disse o carcereiro; recuou arrastando os pés e bateu a porta.

“Agora pelo menos posso ficar aqui na cama, quieto”, pensou Rubachov. Mas isto já não lhe causava prazer. A quentura do cobertor, com cheiro de mofo, passou a incomodá-lo e ele o jogou para o lado. Tentou novamente observar os movimentos dos dedos dos pés, mas aborreceu-se. No calcanhar de cada meia havia um furo. Pensou em serzi-las, mas a idéia de bater na porta e pedir ao carcereiro agulha e linha o imobilizou; de qualquer modo, a agulha provavelmente lhe seria recusada. Sentiu uma súbita e violenta ânsia de ler um jornal. Era tão forte que chegou a sentir o cheiro da tinta da impressora e a ouvir o crepitar e o farfalhar das folhas. Estalara talvez uma revolução a noite passada, ou talvez um chefe de estado tivesse sido assassinado, ou um americano houvesse descoberto o meio de neutralizar a força da gravidade. Sua prisão ainda não poderia ter sido noticiada; dentro do país, seria conservada em segredo durante algum tempo, mas no estrangeiro a sensacional nova logo transpiraria, publicariam fotos de dez anos atrás desencavadas dos arquivos do jornal, além de uma porção de tolices sobre ele e o N.º 1. Agora já não queria um jornal, mas com a mesma avidez desejava saber o que se passava no cérebro do N.º 1. Via-o sentado à sua mesa, cotovelos apoiados, pesadão e sombrio, ditando vagarosamente para um estenógrafo. Outros costumavam passear pela sala enquanto ditavam, soprando anéis de fumaça do cigarro ou brincando com uma régua. O N.º 1 não se mexia, não brincava, não soprava anéis... Rubachov notou, de repente, que ele próprio estivera andando para cá e para lá nos últimos cinco minutos; levantara-se da cama sem perceber. Foi novamente apanhado pelo seu velho ritual de nunca pisar na beira dos ladrilhos, cuja disposição já sabia de cor. Mas os seus pensamentos nem por um segundo haviam deixado o N.º 1; o N.º 1 que, sentado à sua mesa e ditando impassível, gradativamente se convertera no seu próprio retrato, naquele conhe-

cidíssimo cromo pendurado acima de todas as camas ou aparadores do país, e que fitava as pessoas com seus olhos glaciais.

Rubachov andava ao longo da cela, da porta para a janela, e vice-versa, entre beliche, lavatório e balde, seis passos e meio para lá, seis passos e meio para cá. Diante da porta voltava pela direita, diante da janela pela esquerda; era um velho hábito da prisão; quem não mudasse a direção da volta ficava logo tonto. Que se passava no cérebro do N.º 1? Imaginou um corte transversal daquele cérebro, esmeradamente colorido com aquarela cinzenta, numa folha de papel estendida e fixada numa prancheta com percevejos. As circunvoluções de matéria cinzenta se dilatavam como intestinos, enroscavam-se umas nas outras feito serpentes musculares, tornavam-se vagas e nevoentas como as nebulosas espiraladas nos mapas astronômicos... Que se passava nas intumescidas volutas cinzentas? Sabia-se tudo a respeito das longínquas nebulosas, mas nada sobre as circunvoluções. Era essa, provavelmente, a razão pela qual a história tinha mais de oráculo que de ciência. Talvez mais tarde, muito mais tarde, ela fosse ensinada por meio de quadros de estatística, suplementados por tais cortes anatômicos. O professor traçaria na lousa uma fórmula algébrica representando as condições de vida das massas de uma dada nação, num dado período: “Aqui, cidadãos, vêem-se os fatores objetivos que condicionaram o processo histórico”. E, indicando com a régua uma brumosa paisagem cinzenta entre o segundo e o terceiro lobos do cérebro do N.º 1: “Agora vêem o reflexo subjetivo destes fatores. Foi isto que, no segundo quartel do século XX, levou ao triunfo o princípio totalitário no leste da Europa”. Enquanto este estágio não fosse atingido, a política continuaria sendo um sangrento diletantismo, simples superstição e magia negra...

Rubachov ouviu o ruído de várias pessoas marchando pelo corredor, de passo certo. Seu primeiro pensamento foi: agora vai começar a pancadaria. Parou no meio da cela, à escuta, o queixo projetado para diante. Os passos cadenciados pararam diante de uma das celas vizinhas, ouviu-se uma ordem em voz baixa, as chaves tilintaram. Depois, silêncio.

— Dor de dentes — disse Rubachov.

— Dor de dentes, é? — disse o carcereiro; recuou arrastando os pés e bateu a porta.

“Agora pelo menos posso ficar aqui na cama, quieto”, pensou Rubachov. Mas isto já não lhe causava prazer. A quentura do cobertor, com cheiro de mofo, passou a incomodá-lo e ele o jogou para o lado. Tentou novamente observar os movimentos dos dedos dos pés, mas aborreceu-se. No calcanhar de cada meia havia um furo. Pensou em serzi-las, mas a idéia de bater na porta e pedir ao carcereiro agulha e linha o imobilizou; de qualquer modo, a agulha provavelmente lhe seria recusada. Sentiu uma súbita e violenta ânsia de ler um jornal. Era tão forte que chegou a sentir o cheiro da tinta da impressora e a ouvir o crepitar e o farfalhar das folhas. Estalara talvez uma revolução a noite passada, ou talvez um chefe de estado tivesse sido assassinado, ou um americano houvesse descoberto o meio de neutralizar a força da gravidade. Sua prisão ainda não poderia ter sido noticiada; dentro do país, seria conservada em segredo durante algum tempo, mas no estrangeiro a sensacional nova logo transpiraria, publicariam fotos de dez anos atrás desencavadas dos arquivos do jornal, além de uma porção de tolices sobre ele e o N.º 1. Agora já não queria um jornal, mas com a mesma avidez desejava saber o que se passava no cérebro do N.º 1. Via-o sentado à sua mesa, cotovelos apoiados, pesadão e sombrio, ditando vagarosamente para um estenógrafo. Outros costumavam passear pela sala enquanto ditavam, soprando anéis de fumaça do cigarro ou brincando com uma régua. O N.º 1 não se mexia, não brincava, não soprava anéis... Rubachov notou, de repente, que ele próprio estivera andando para cá e para lá nos últimos cinco minutos; levantara-se da cama sem perceber. Foi novamente apanhado pelo seu velho ritual de nunca pisar na beira dos ladrilhos, cuja disposição já sabia de cor. Mas os seus pensamentos nem por um segundo haviam deixado o N.º 1; o N.º 1 que, sentado à sua mesa e ditando impassível, gradativamente se convertera no seu próprio retrato, naquele conhe-

cidíssimo cromo pendurado acima de todas as camas ou aparadores do país, e que fitava as pessoas com seus olhos glaciais.

Rubachov andava ao longo da cela, da porta para a janela, e vice-versa, entre beliche, lavatório e balde, seis passos e meio para lá, seis passos e meio para cá. Diante da porta voltava pela direita, diante da janela pela esquerda; era um velho hábito da prisão; quem não mudasse a direção da volta ficava logo tonto. Que se passava no cérebro do N.º 1? Imaginou um corte transversal daquele cérebro, esmeradamente colorido com aquarela cinzenta, numa folha de papel estendida e fixada numa prancheta com percevejos. As circunvoluções de matéria cinzenta se dilatavam como intestinos, enroscavam-se umas nas outras feito serpentes musculares, tornavam-se vagas e nevoentas como as nebulosas espiraladas nos mapas astronômicos... Que se passava nas intumescidas volutas cinzentas? Sabia-se tudo a respeito das longínquas nebulosas, mas nada sobre as circunvoluções. Era essa, provavelmente, a razão pela qual a história tinha mais de oráculo que de ciência. Talvez mais tarde, muito mais tarde, ela fosse ensinada por meio de quadros de estatística, suplementados por tais cortes anatômicos. O professor traçaria na lousa uma fórmula algébrica representando as condições de vida das massas de uma dada nação, num dado período: “Aqui, cidadãos, vêem-se os fatores objetivos que condicionaram o processo histórico”. E, indicando com a régua uma brumosa paisagem cinzenta entre o segundo e o terceiro lobos do cérebro do N.º 1: “Agora vêem o reflexo subjetivo destes fatores. Foi isto que, no segundo quartel do século XX, levou ao triunfo o princípio totalitário no leste da Europa”. Enquanto este estágio não fosse atingido, a política continuaria sendo um sangrento diletantismo, simples superstição e magia negra...

Rubachov ouviu o ruído de várias pessoas marchando pelo corredor, de passo certo. Seu primeiro pensamento foi: agora vai começar a pancadaria. Parou no meio da cela, à escuta, o queixo projetado para diante. Os passos cadenciados pararam diante de uma das celas vizinhas, ouviu-se uma ordem em voz baixa, as chaves tilintaram. Depois, silêncio.

Rubachov, teso, entre a cama e o balde, conteve a respiração e esperou pelo primeiro uivo. Lembrou-se de que o primeiro grito, no qual o terror ainda predominava sobre a dor física, era geralmente o pior; o que se seguia já era mais tolerável, a gente se acostumava e, depois de algum tempo, podia-se mesmo tirar conclusões, quanto ao método de tortura, pelo tom e pelo ritmo dos gritos. No final, a maioria se comportava do mesmo modo, por mais diferentes que as pessoas fossem em temperamento e voz: os gritos enfraqueciam, transformavam-se num lamento; numa súplica estrangulada. Geralmente, a porta se fechava com estrondo, logo depois. As chaves tornavam a chocalhar; e o primeiro berro da vítima seguinte se erguia mesmo antes que a tivessem tocado, à simples aparição dos homens na porta.

Parado no meio da cela, Rubachov esperava pelo primeiro grito. Esfregou o pincenê na manga e disse consigo que, também desta vez, não havia de gritar, acontecesse o que acontecesse. Repetiu esta frase como quem reza o rosário. Esperou, imóvel; o grito não veio. Então ouviu um débil som metálico, uma voz murmurou qualquer coisa, a porta da cela bateu. Os passos avançaram para a cela seguinte.

Rubachov dirigiu-se para a vigia e olhou o corredor. Os homens pararam quase em frente de sua cela, no n.º 407. Eram o velho carcereiro com dois serventes que arrastavam uma caldeira de chá, um terceiro com um cesto contendo fatias de pão preto, e dois funcionários uniformizados, armados de revólver. Não se tratava de espancamento; traziam a primeira refeição do dia...

O 407 estava precisamente recebendo pão. Rubachov não podia vê-lo. O 407 estava, presumivelmente, parado na posição regulamentar, um passo para dentro da porta; Rubachov conseguia ver-lhe apenas as mãos e os antebraços. Estes, nus, eram muito magros; como duas varas paralelas, surgiam do vão da porta, projetando-se no corredor. As palmas das mãos do invisível 407 se voltavam para cima, curvadas em forma de concha. Quando recebeu o pão, fechou-as, retirando-as para a obscuridade da cela. A porta bateu.

Rubachov abandonou a vigia e retomou sua marcha para cá e para lá. Deixou de esfregar o pincenê na manga, colocou-o sobre o nariz, respirou fundo e com alívio. Assobiou uma melodia e ficou esperando pela sua refeição. Lembrava-se, com uma leve sensação de mal-estar, daqueles braços finos e das mãos em concha; recordavam-lhe vagamente algo que não conseguia definir. Os contornos daquelas mãos estendidas, e até as sombras que havia nelas, eram-lhe familiares — familiares e no entanto apagadas de sua memória como uma velha música ou o cheiro de uma ruela portuária.

7

O cortejo abria e fechava ruidosamente uma série de portas, mas ainda não a sua. Rubachov voltou à vigia a fim de ver se afinal vinham vindo; estava na expectativa do chá quente. Vira a caldeira fumegando, e delgadas fatias de limão boiando na superfície. Tirou o pincenê e chegou o olho à vigia. Sua área de visão abrangia quatro das celas opostas: as de números 401 a 407. Acima das celas, estendia-se uma estreita galeria de ferro; atrás desta, havia mais celas, as do primeiro andar. O cortejo vinha justamente voltando à direita do corredor; deviam atender primeiro os números ímpares, depois os pares. Agora pararam diante do 408; Rubachov via apenas as costas dos dois homens de uniforme, com os cinturões que sustentavam os revólveres; o resto do cortejo estava fora de seu campo visual. A porta bateu; agora todos marcharam para a cela n.º 406. Rubachov tornou a ver a caldeira fumegante e o servente com o cesto de pão, onde restavam somente algumas fatias. A porta do n.º 406 bateu no mesmo instante; a cela estava desocupada. O cortejo se aproximou, passou pela sua cela e parou diante do n.º 402.

Rubachov se pôs a martelar na porta, com os punhos. Viu os dois encarregados da caldeira entreolharem-se e voltarem rapidamente a cabeça para a porta de sua cela. O carcereiro ocupava-se com a fechadura da porta do n.º 402, fingindo não

ouvir. Os dois homens de uniforme estavam parados, de costas para a vigia de Rubachov. Agora o pão ia sendo introduzido pela porta do n.º 402; o cortejo começava a deslocar-se. Rubachov martelou mais alto. Descalçou um sapato e passou a bater violentamente com ele.

O mais alto dos dois homens uniformizados deu meia volta, lançou um olhar inexpressivo para a cela de Rubachov e tornou a dar-lhe as costas. O carcereiro bateu com a porta do n.º 402. Os serventes que conduziam a caldeira de chá ficaram parados, hesitantes. O homem de uniforme, que dera meia volta, disse qualquer coisa ao carcereiro mais velho, que encolheu os ombros e, com as chaves tilintando, arrastou-se em direção à porta de Rubachov. Os serventes que levavam a caldeira seguiram-no; o encarregado do pão disse algo pela vigia do n.º 402.

Rubachov recuou a um passo da porta e ficou esperando que esta se abrisse. No seu íntimo, a tensão de repente se desfez; já não lhe importava que lhe dessem ou não o chá. Este deixara de fumar no trajeto de volta e as fatias de limão, que boiavam no resto do líquido amarelo pálido, haviam-lhe parecido flácidas, murchas.

A chave girou na fechadura, depois uma pupila atenta espreitou pela vigia e desapareceu. A porta se abriu. Rubachov sentara-se na cama e tornava a calçar o sapato. O carcereiro segurou a porta para o homenzarrão de uniforme entrar na cela. Tinha uma cabeça redonda e rapada, e os olhos sem expressão. Seu uniforme engomado estalava; rangiam-lhe as botas; Rubachov teve a impressão de que sentia o cheiro do couro de seu cinturão. O homem parou perto do balde e deu uma olhada em volta; era como se a cela estivesse menor em função de sua presença.

— Não fez a faxina na cela — disse a Rubachov. — Conhece o regulamento, com certeza.

— Por que me deixaram sem o chá? — perguntou Rubachov examinando o funcionário através do pincenê.

— Se quiser discutir comigo, terá de ficar de pé — emendou o funcionário.

— Não tenho o mínimo desejo de discutir e nem mesmo de falar com você — disse Rubachov, começando a amarrar o sapato.

— Então não esmurre a porta na próxima vez, senão as medidas disciplinares habituais terão de lhe ser aplicadas — disse o funcionário, tornando a olhar em volta.

— O preso não tem esfregão de assoalho — observou ao carcereiro.

Este disse qualquer coisa ao servente do pão, que logo saiu corredor a fora. Os dois outros serventes, parados no vão da porta, contemplavam, curiosos, a cela. O segundo funcionário estava de costas para esta; ficara no corredor, as pernas muito abertas, as mãos para trás.

— O preso também não tem tigela para comer — disse Rubachov, ainda ocupado com o laço no sapato. — Suponho que desejam poupar-me do incômodo de uma greve de fome. Admiro estes novos métodos.

— Está enganado — disse o funcionário, encarando-o sem expressão.

Tinha uma larga cicatriz na cabeça rapada e usava a fita da Ordem Revolucionária na botoeira. “Afinal, portanto, estive na Guerra Civil”, pensou Rubachov. Mas isso foi há muito tempo e agora não faz diferença...

— Está enganado. Ficou sem o chá porque disse que estava doente.

— Dor de dentes — disse o carcereiro mais velho, encostado à porta, de chinelos, o uniforme amarrotado e com manchas de gordura.

— Como queira — disse Rubachov.

Quase perguntou se a última conquista do regime era tratar os doentes mediante jejum compulsório, mas conteve-se. Sentia-se farto de toda a cena.

O encarregado do pão veio correndo, arquejante, um trapo sujo balançando na mão. O carcereiro tirou-lhe o pano e jogou perto do balde.

— Tem mais algum pedido? — perguntou o funcionário, sem ironia.

— Deixem-me só e acabem com esta comédia — disse Rubachov.

O funcionário virou-se para sair, o molho de chaves do carcereiro tilintou. Rubachov dirigiu-se à janela, voltando-lhes as costas. Quando a porta batera, lembrou-se que se esquecera da coisa principal e, de um salto, estava novamente junto da porta.

— Papel e lápis — gritou pela vigia.

Tirou o pincenê e aplicou o olho ao orifício a fim de ver se se voltavam. Gritara muito alto, mas o cortejo continuou corredor afora como se nada tivesse ouvido. O último vislumbre que teve do grupo foi o dorso do funcionário de cabeça rapada e o cinturão de couro com o coldre.

8

Rubachov recomeçou a percorrer a cela, para cá, para lá, seis passos e meio até a janela, seis passos e meio até a porta. A cena o excitara; recapitulou-a por miúdo enquanto esfregava as lentes do pincenê na manga. Procurava alimentar o ódio que durante alguns minutos sentira pelo funcionário da cicatriz, julgando que isso poderia fortalecê-lo para a luta próxima. Achou-se, porém, uma vez mais sob a conhecida e fatal compulsão que o levava a colocar-se na posição do antagonista e ver a cena através dos olhos do outro. Plantara-se ali no beliche, esse Rubachov, um arrogante homenzinho de cavanhaque — e, de modo evidentemente provocador, calçara o sapato sobre a meia suada. Naturalmente, esse Rubachov tinha seus méritos, e um grande passado; mas uma coisa era vê-lo no palanque de um congresso e outra no colchão de palha de uma cela. Então esse é o legendário Rubachov, pensava Rubachov no lugar do funcionário de olhos inexpressivos. Berra pedindo o seu chá como um colegial e nem mesmo sente vergonha. Cela com a faxina por fazer. Furos na meia. Intelectual resmungão. Conspirou contra a lei e a ordem: por dinheiro ou por princípios, isto não tem diferença. Não fizemos a revolução para os ma-

níacos. Sim, ele ajudou a fazê-la; naquele tempo, era um homem; mas agora está velho e cheio de si, maduro para ser liquidado. Talvez fosse bem equilibrado naquela época; na revolução havia muitas bolhas de sabão que rebentariam depois. Se pelo menos tivesse um resto de amor-próprio, limparia a cela.

Durante alguns segundos Rubachov esteve em dúvida sobre se devia mesmo esfregar os ladrilhos. Ficou parado, hesitante, no meio da cela, depois tornou a colocar o pincenê e foi apoiar-se à janela.

O pátio agora estava sob a luz do dia, uma luz acinzentada, com um toque de amarelo. Não era uma claridade hostil, e prometia mais neve. Eram cerca de oito horas — haviam-se passado apenas três horas desde que entrara na cela. As paredes que circundavam o pátio se pareciam com as dos quartéis; diante de todas as janelas havia grades de ferro; atrás destas, as celas eram tão escuras que se tornava impossível divisar o seu interior. Impossível mesmo ver se alguém estava parado atrás da janela, olhando, como ele, a neve no pátio. Era uma boa neve, levemente congelada; estalaria sob os pés. De ambos os lados do passeio que circundava o pátio, à distância de dez passos das paredes, tinham amontoado a neve em forma de parapeitos. No caminho de ronda, em frente, a sentinela ia e vinha. Uma vez, ao voltar, cuspiu, em curva larga, sobre a neve; depois inclinou-se por cima da rampa a fim de ver onde caíra e se congelara a sua saliva.

A velha doença, pensou Rubachov. Um revolucionário não deve pensar pela cabeça de outra pessoa.

Ou talvez deva? Ou deve, de fato?

Como poderá mudar o mundo quem se identificar com todo tipo de gente?

De que outro modo poderá modificá-lo?

Aquele que compreende e perdoa — onde acharia motivo para agir?

Onde não acharia?

“Vão executar-me”, pensou Rubachov. “Para eles os meus motivos não terão interesse.” Encostou a testa na vidraça. O pátio permanecia branco e tranqüilo.

Assim ficou um momento, sem pensar, sentindo na frente o vidro frio. Gradualmente, assomou-lhe à consciência uma série de pancadinhas persistentes.

Voltou-se, à escuta. As batidas eram tão débeis que a princípio não pôde distinguir de que parede vinham. Enquanto escutava, cessaram. Pôs-se também a bater de leve, primeiro na parede contígua ao balde, na direção da cela n.º 406, mas não obteve resposta. Experimentou a outra parede, que o separava do n.º 402, junto de sua cama. Aqui recebeu resposta. Rubachov sentou-se comodamente no beliche, de onde podia observar a vigia. Seu coração palpitava. A primeira ligação era sempre muito excitante.

O 402 agora batia com regularidade; três vezes com pequenos intervalos, depois uma pausa, depois novamente três vezes, depois nova pausa, depois outras três vezes. Rubachov repetiu a mesma série para indicar que ouvia. Estava ansioso por descobrir se o outro conhecia o “alfabeto quadrático” — senão haveria muita confusão até que lhe ensinasse. A parede era grossa, com fraca ressonância; era preciso encostar a cabeça nela para ouvir com clareza e, ao mesmo tempo, prestar atenção à vigia. O 402 tinha muita prática; percutia com nitidez e calma, provavelmente valendo-se de um objeto duro, como um lápis. Enquanto Rubachov ia guardando os números na memória, procurava, por estar um tanto destreinado, visualizar o quadrado de letras com as 25 casas — cinco séries horizontais com cinco letras cada uma. O 402 primeiro bateu três vezes — portanto a terceira série: K a O; depois quatro vezes; era pois a quarta letra da série: N. Depois novamente três vezes — a mesma série; depois cinco vezes — a quinta letra da série: O. Depois três vezes ainda e em seguida mais três vezes; a terceira letra, portanto, da terceira série: M. Depois uma batida — a primeira série: A a E; depois cinco batidas, portanto a quinta letra: E. Parou.

NOME?

“Uma pessoa prática”, pensou Rubachov; “quer saber imediatamente com quem terá de entender-se.” De acordo com o cerimonial revolucionário devia ter começado com um chavão

político; depois daria notícias; depois falaria de alimentos e fumo; só muito mais tarde, dias após, haveria a apresentação, se chegasse a haver. Contudo, a experiência de Rubachov até agora se limitara a países onde o Partido era perseguido e não perseguidor, e onde seus militantes, por motivos conspirativos, se conheciam entre si apenas pelo primeiro nome — e até este mudavam com tanta freqüência que perdia toda significação. Aqui, evidentemente, era diferente. Rubachov hesitou, sem saber se dava ou não seu nome. O 402 ficou impaciente; tornou a bater: NOME?

“Ora, por que não?”, pensou Rubachov. Pôs-se a bater, transmitindo-o por extenso: NICOLAU SALMANOVITCH RUBACHOV, e esperou o efeito.

Durante um longo espaço de tempo não veio resposta. Rubachov sorriu; calculava o choque recebido pelo vizinho. Esperou durante todo um minuto, e outro ainda; finalmente, deu de ombros e levantou-se do beliche. Retomou o passeio pela cela, mas em cada volta parava, pondo-se a escutar à parede. Esta permanecia muda. Esfregou o pincenê na manga, continuou vagarosamente, a passos cansados, até a porta, e olhou o corredor pela vigia.

Estava deserto; as lâmpadas elétricas espalhavam sua luz pálida, mortíça; não se ouvia o menor som. Por que emudecera o 402?

Provavelmente de medo; temia comprometer-se por intermédio de Rubachov. Talvez o 402 fosse um médico ou um engenheiro apolítico que tremesse ao pensar no seu perigoso vizinho. Sim, sem experiência política, do contrário não teria perguntado o nome, para começar. Talvez envolvido nalgum caso de sabotagem. Evidentemente já tirou um bom tempo de cadeia, aperfeiçoou-se na percussão e é devorado pelo desejo de provar sua inocência. Cultivando ainda a crença simples de que sua culpa ou inocência subjetivas fazem diferença, e sem idéia dos interesses superiores que realmente estão em jogo. Segundo todas as probabilidades estava agora sentado no seu beliche, escrevendo o centésimo protesto às autoridades, que

nunca o leriam, ou a centésima carta à esposa, que nunca a receberia; desesperado, deixou crescer a barba — uma barba preta, à Puchkin —, deixou de lavar-se e adquiriu o hábito de roer as unhas e dos devaneios eróticos. Nada é pior na prisão do que a consciência da própria inocência; impede a aclimação e solapa o moral... De repente, a percussão recomeçou.

Rubachov sentou-se depressa no beliche; mas já perdera as duas primeiras letras. O 402 agora percutia rapidamente e com menos clareza; estava, sem dúvida, excitadíssimo:

... M FEITO.

“Bem feito.”

Isto era inesperado. Um conformista, o 402. Odiava os opositoristas heréticos, conforme convinha, acreditava que a história roda sobre trilhos de acordo com um plano infalível e um guia infalível, o N.º 1. Acreditava que sua própria prisão era simplesmente o resultado de um mal-entendido, e que todas as catástrofes dos últimos anos — da China à Espanha, da escassez de gêneros alimentícios ao extermínio da velha guarda — fossem ou acidentes lamentáveis, ou conseqüências das diabólicas tramóias de Rubachov e seus amigos da oposição. A barba à Puchkin do 402 se desfez; tinha agora o rosto escanhado, com uma expressão de fanático; mantinha penosamente o asseio da cela e conformava-se com rigor aos regulamentos. Uma insensatez discutir com ele; esta espécie era imune a qualquer tipo de ensinamento. Mas era também uma insensatez cortar o único e talvez o último contato com o mundo.

NOME? bateu Rubachov com muita clareza e lentidão.

A resposta veio agitada, irregularmente:

NÃO É DA SUA CONTA.

COMO QUEIRA, bateu Rubachov, e levantou-se para recomeçar o seu passeio pela cela, dando a conversa por encerrada. Mas a percussão recomeçou, desta vez alta e retumbante — o 402 evidentemente tirara um sapato a fim de dar mais peso às suas palavras:

VIVA SUA MAJESTADE O IMPERADOR!

Então é isso, pensou Rubachov. Ainda existem genuínos, autênticos contra-revolucionários — e pensávamos que atualmente só ocorressem nos discursos do N.º 1, como bodes expiatórios dos seus malogros. Mas aí está um verdadeiro espécime deles, um pretexto em carne e osso para o N.º 1, berrando como convém: viva o monarca...

AMÉM, bateu Rubachov, com um sorriso largo. A resposta veio imediatamente, mais alta ainda, se isso era possível.

PORCO!

Rubachov divertia-se. Tirou o pincenê e bateu com o aro de metal, a fim de mudar de tom, marcando a percussão com um toque de tranqüilidade e distinção:

NÃO ENTENDI BEM.

O 402 agora parecia frenético. Malhou a palavra CACHORR..., mas não chegou ao o. Em vez disso, a sua fúria de repente se desfez e ele bateu:

POR QUE FOI PRESO?

Que simplicidade comovente... O rosto do 402 sofreu nova mudança. Transformou-se na cara de um jovem oficial da guarda do rei, bonito e bronco. Talvez até usasse monóculo. Rubachov bateu com o pincenê:

DIVERGÊNCIAS POLÍTICAS.

Curta pausa. O 402 evidentemente vasculhava o cérebro em busca de uma resposta sarcástica. Afinal veio:

BRAVO! OS LOBOS SE ENTREDEVORAM.

Rubachov não deu resposta. Fartara-se desta espécie de entretenimento e recomeçara o seu passeio. Mas o oficial do 402 tornara-se loquaz. Bateu:

RUBACHOV...

Hum, a coisa estava quase descambando para a familiaridade.

PRONTO, respondeu Rubachov.

O 402 pareceu hesitar; depois veio toda uma longa frase:

QUANDO DORMIU COM UMA MULHER PELA ÚLTIMA VEZ?

Certamente o 402 usava monóculo; estaria percutindo com o monóculo enquanto o olho desguarnecido se crispava nervosamente. Rubachov não sentiu repulsa. O homem pelo menos se

revelava, o que era mais agradável do que se lhe transmitisse manifestos monarquistas. Rubachov refletiu durante um momento, depois bateu:

HÁ TRÊS SEMANAS.

A resposta veio imediata:

CONTE-ME TUDO A RESPEITO DISSO.

Com efeito, ele estava indo um pouco longe demais. O primeiro impulso de Rubachov foi terminar com a conversa; mas ocorreu-lhe que o homem poderia, mais tarde, tornar-se muito útil como elemento de ligação com os presos da cela n.º 400 e seguintes. A cela à esquerda evidentemente estava desocupada; ali cessava a corrente de comunicação. Rubachov vasculhou o cérebro. Veio-lhe à memória uma velha canção de antes da guerra, a qual ouvira, no tempo de estudante, em certo cabaré onde damas de meias pretas dançavam o cançã. Suspirou resignado e percutiu com o pincenê.

SEIOS DE NEVE MODELADOS EM TAÇAS DE CHAMPANHA...

Esperava estar no tom certo. Parecia que sim, pois o 402 insistiu:

CONTINUE. DETALHES.

Neste ponto sem dúvida ele puxava, nervoso, o bigode. Devia ter um bigodinho com as pontas viradas para cima. O diabo que o levasse; único elo de ligação, era preciso entender-se com ele. Acerca de que falavam os oficiais, à mesa? Mulheres e cavalos. Rubachov esfregou o pincenê na manga e bateu conscienciosamente:

COXAS DE ÉGUA SELVAGEM.

Parou, exausto. Com a maior boa vontade do mundo não poderia fazer mais. O 402, porém, estava satisfeíto.

AMIGÃO! bateu entusiasmado. Sem dúvida estava gargalhando, mas nada se ouvia; dava palmadas nas coxas e torcia o bigode, mas nada se via. A obscenidade abstrata da parede muda era embaraçadora para Rubachov.

CONTINUE, insistiu o 402.

Impossível. é só isso, bateu Rubachov e logo se arrependeu. Não devia desgostar do 402. Mas felizmente o 402 não se ofendeu. Bateu insistente com o monóculo.

CONTINUE — POR FAVOR, POR FAVOR...

Rubachov agora já readquirira prática suficiente para não ter de contar os sinais: transformava-os automaticamente em percepção acústica. Parecia-lhe mesmo ouvir o tom de voz com que o 402 lhe rogava novo material erótico. A súplica se repetia:

POR FAVOR — POR FAVOR...

O 402 evidentemente ainda era moço — talvez tivesse crescido no exílio, oriundo de uma velha família de militares, talvez houvesse voltado à pátria com um passaporte falso — e, é claro, estava atormentadíssimo. Sem dúvida puxava o bigodinho, tornara a assestar o monóculo e, desesperado, fitava os olhos na parede caiada.

MAIS — POR FAVOR, POR FAVOR.

...Desesperado, fitava a parede caiada e muda, as manchas formadas pela umidade, as quais aos poucos iam assumindo as formas da mulher de seios modelados em taças de champanha e coxas de égua selvagem.

CONTE MAIS — POR FAVOR.

Talvez estivesse ajoelhado no beliche, mãos em concha — como o preso do 407 fizera para receber o seu pedaço de pão.

E agora Rubachov finalmente descobriu que experiência este gesto lhe recordara — o gesto súplice das magras mãos estendidas. *Pietà*...

9

Pietà... A galeria de pintura de uma cidade do sul da Alemanha numa tarde de segunda-feira. Não havia uma só alma no lugar, afora Rubachov e o jovem com quem viera encontrar-se; a conversa se realizou num sofá semicircular, forrado de veludo, no centro de uma sala vazia, de cujas paredes pendia grande número de roliços corpos femininos pintados pelos mestres flamengos. Era no ano de 1933, durante os primeiros meses do terror, pouco antes da prisão de Rubachov. O movimento fora derrotado, seus membros postos fora

da lei, caçados e espancados até o aniquilamento. O Partido já não era uma organização política; não passava de um amontoado de mil braços e mil cabeças ensangüentadas. Assim como os cabelos e as unhas do homem continuam crescendo depois da morte, o movimento ainda se manifestava em células isoladas, nos músculos e membros do Partido morto. Por todo o país, grupos pequenos de indivíduos, que tinham sobrevivido à catástrofe, prosseguiram conspirando clandestinamente. Reuniam-se em porões, matos, estações ferroviárias, museus e clubes esportivos. Mudavam sempre de residência, e também de nomes e hábitos. Conheciam-se apenas pelo prenome e um não perguntava o endereço do outro. Cada um entregava a vida às mãos do outro e não se concediam, mutuamente, sequer uma parcela de confiança. Imprimiam panfletos onde procuravam convencer a si próprios e aos outros de que ainda viviam. De noite, furtivamente, entravam em estreitas ruas suburbanas e escreviam nos muros as velhas palavras de ordem, para provar que ainda viviam. De madrugada, trepavam nas chaminés das fábricas e hasteavam a velha bandeira, para provar que ainda viviam. Apenas algumas pessoas chegavam a ver os panfletos, e logo jogavam fora, pois estremeciam diante da mensagem dos mortos; as palavras de ordem nos muros desapareciam antes do cantar do galo e as bandeiras eram arrancadas das chaminés; mas sempre reapareciam. Pelo país inteiro havia pequenos grupos de indivíduos que se intitulavam "mortos em férias" e passavam a vida a provar que ainda possuíam vida.

Não se comunicavam uns com os outros; as fibras nervosas do Partido estavam rompidas e cada grupo representava a si próprio. Mas, aos poucos, começaram a estender tentáculos. Respeitáveis caixeiros-viajantes vinham do estrangeiro, com passaportes falsos e malas de fundo duplo; eram os mensageiros. Geralmente eram capturados, torturados e decapitados; então outros tomavam o seu lugar. O Partido continuava morto, não podia mover-se nem respirar, mas os seus cabelos e unhas continuavam crescendo; os dirigentes do estrangeiro passavam correntes galvanizadoras pelo seu corpo rígido, as quais causavam contrações espasmódicas nos membros.

Pietà. . . Esquecido do 402, Rubachov prosseguia dando seis passos e meio para cá e para lá; via-se de novo sentado no sofá redondo de veludo, na galeria de pintura, que cheirava a pó e a cera de assoalho. Encaminhara-se diretamente da estação para o local marcado para o encontro e chegara alguns minutos antes da hora. Tinha completa certeza de que não fora observado. Sua mala de mão, que continha amostras das últimas novidades de uma firma holandesa em matéria de aparelhos para odontologia, ficara no vestiário. Sentado no sofá circular, forrado de veludo, contemplando de pincenê os corpos flácidos na parede, esperava.

O jovem, conhecido pelo nome de Richard, e nesse tempo dirigente do grupo do Partido naquela cidade, chegou com alguns minutos de atraso. Jamais vira Rubachov e Rubachov jamais o vira. Já atravessara duas galerias vazias quando viu Rubachov no sofá. Sobre os joelhos deste havia um livro: o *Fausto*, de Goethe, da Coleção Universal Reclam. O moço reparou no livro, lançou um olhar rápido em torno e tomou assento ao lado de Rubachov. Um pouco tímido, sentou-se na beira do sofá, a cerca de meio metro do outro, descansando o boné no colo. Era profissional serralheiro e vestia seu terno domingueiro, de pano preto; sabia que um homem de macacão, num museu, chamaria a atenção.

— Bom dia — disse. — Desculpe o meu atraso.

— Pois não — respondeu Rubachov. — Vamos primeiro ao seu pessoal. Tem uma lista?

O moço chamado Richard sacudiu a cabeça.

— Não ando com listas — disse. — Tenho os nomes todos de cor. . . endereços e tudo.

— Muito bem — afirmou Rubachov. — E se o prenderem?

— Para esse caso, dei uma lista a Anny. Anny é minha mulher, compreende?

Interrompeu-se e engoliu em seco, fazendo subir e descer o pomo-de-adão; depois, pela primeira vez, encarou Rubachov. Este notou-lhe os olhos congestionados; os globos oculares levemente proeminentes estavam cobertos por uma rede de veias

vermelhas; no queixo e nas faces, a barba por fazer, eriçada, contrastava com a gola preta do traje domingueiro.

— Ana foi presa a noite passada, compreende? — disse e olhou para Rubachov; e Rubachov leu nos olhos de Richard a obtusa, pueril esperança de que ele, o mensageiro do Comitê Central, operasse um milagre em seu auxílio.

— Foi? — comentou Rubachov, e esfregou o pincenê na manga. — Então a polícia se apossou da lista de todos os elementos.

— Não — respondeu Richard —, pois minha cunhada estava lá no apartamento quando eles vieram buscá-la, compreende? E Anny conseguiu passar a lista para ela. Está em completa segurança com minha cunhada; ela é casada com um policial, mas está do nosso lado.

— Bem — perguntou Rubachov. — Onde estava quando sua mulher foi presa?

— O negócio é o seguinte — disse Richard. — Há três meses que não durmo no apartamento, compreende? Tenho um amigo que é operador cinematográfico; posso recorrer a ele; quando termina a exibição durmo na cabina. Vai-se lá diretamente da rua pela escada de salvamento. É cinema de graça. . .

— Fez uma pausa e engoliu em seco. — Anny sempre recebia três entradas do meu amigo, compreende? E quando estava escuro ela olhava lá debaixo para a cabina de projeção. Não podia me ver, mas às vezes eu chegava a enxergar o rosto dela muito bem, quando havia bastante luz na tela. . .

Deteve-se. Exatamente à sua frente pendia da parede um *Juízo Final*: soprando trombetas, querubins de cabelos encaracolados e nádegas redondas voavam no meio de uma tormenta. À esquerda de Richard pendia um desenho a bico de pena, de um mestre alemão; Rubachov só podia ver uma parte dele — o resto estava escondido pelo espaldar de veludo do sofá, e pela cabeça de Richard: as delgadas mãos da Virgem Maria, encurvadas para cima em forma de taça, e uma nesga de céu vazio coberta de traços horizontais. Mais não podia ver, pois a cabeça de Richard, enquanto ele falava, se mantinha parada na mesma posição, sobre o pescoço avermelhado, levemente oblíquo. . .

— Hum. . . — fez Rubachov. — Que idade tem sua mulher?

— Dezesete anos — disse Richard.

— É mesmo? E o companheiro que idade tem?

— Dezenove.

— Algum filho? — perguntou Rubachov e adiantou um pouco a cabeça, mas sem conseguir ver mais nada do desenho.

— O primeiro está a caminho — respondeu Richard, ainda imóvel, como se fosse fundido em chumbo.

Houve um intervalo e depois Rubachov deixou-o recitar a relação dos membros do Partido. Constava de uns trinta nomes. Fez algumas perguntas e registrou vários endereços no seu livro de pedidos de instrumentos dentários da firma holandesa. Escreveu-os nos espaços que deixara numa longa lista de dentistas locais, cidadãos respeitáveis, cujos nomes copiara da lista telefônica. Quando haviam terminado, Richard disse:

— Agora quero fazer um pequeno informe do nosso trabalho; camarada.

— Muito bem, pode falar.

Richard fez o informe. Sentado a quase três palmos de Rubachov no estreito sofá de veludo, levemente curvado para diante, conservava as mãos grandes e vermelhas sobre os joelhos do traje domingueiro; não alterou sua posição uma só vez enquanto falava. Prático e rígido como um guarda-livros, tratou das bandeiras hasteadas nos canos das chaminés, das inscrições nos muros, e dos panfletos que eram deixados nas privadas das fábricas. À sua frente, tocando trombetas, os anjos voavam através da tormenta, e atrás de sua cabeça uma invisível Virgem Maria estendia as mãos finas; de todas as paredes em volta, vastos seios, coxas e ancas os encaravam.

Os seios modelados em taças de champanha vieram à memória de Rubachov. Estacou, à escuta, sobre o terceiro ladrilho preto a contar da janela do cubículo, para ver se o 402 continuava batendo. Nenhum som. Foi até a vigia e olhou para a cela 407, cujo ocupante estendera as mãos para receber o pão. Viu a porta cinzenta, de aço, com o ponto preto da vigia. A luz elétrica estava acesa no corredor, como sempre; havia silên-

cio e desolação; mal se poderia acreditar que seres humanos viviam atrás daquelas portas.

Enquanto o jovem chamado Richard fazia o seu relatório, Rubachov não o interrompeu. Dos trinta homens e mulheres que Richard agrupara depois da catástrofe, só restavam dezessete. Dois, um operário de fábrica e sua namorada, haviam-se atirado de uma janela quando a polícia ia prendê-los. Um outro desertara — fugira da cidade, sumira. Dois outros suspeitava-se que fossem espíões da polícia, mas não era certo. Três tinham abandonado o Partido como protesto contra a linha política do Comitê Central; dois destes haviam fundado um novo grupo oposicionista, o terceiro se juntado aos moderados. Cinco tinham sido presos na noite passada, entre eles, Anny; sabia-se que pelo menos dois destes cinco já não viviam. Restavam, pois, dezessete, que continuavam distribuindo panfletos e rabis-cando muros.

Richard contou tudo isto com muita minúcia, a fim de que Rubachov percebesse todas as ligações pessoais e dados que fossem particularmente importantes; ignorava que o Comitê Central tivesse o seu próprio homem no grupo, e que este já houvesse relatado a Rubachov a maioria dos fatos. Ignorava também que o tal homem fosse aquele seu amigo, o operador cinematográfico, em cuja cabina dormia; e, mais, que este, durante muito tempo, mantivera relações íntimas com sua esposa Anny, presa na véspera. Nada disto Richard sabia; mas sabia-o Rubachov. O movimento estava em ruínas, mas seu Serviço de Informação e Controle ainda funcionava; talvez fosse a única peça que funcionasse de fato, e naquele período Rubachov estava à sua frente. O jovem de pescoço de touro e traje domingueiro também não sabia disso; sabia apenas que Anny fora leydada e que era preciso continuar distribuindo panfletos e riscando muros; e que Rubachov, um camarada enviado pelo Comitê Central, merecia a confiança que se deposita num pai; mas não se devia dar mostras deste sentimento nem revelar qualquer debilidade. Pois quem fosse mole e sentimental não servia para a tarefa e tinha de ser posto de lado — expulso do movimento para a solidão e a treva exterior.

Fora, no corredor, ruído de passos que se aproximavam. Rubachov foi até a porta, tirou o pincenê e colou o olho à vigia. Dois funcionários de cinturões de couro e revólver escoltavam um jovem camponês pelo corredor; atrás, vinha o velho carcereiro, com o molho de chaves. O camponês tinha um olho inchado, e sangue coagulado no lábio superior; ao passar diante da cela, limpou com a manga o nariz, que sangrava; seu rosto era achatado e sem expressão. Mais além, no corredor, fora do raio de visão de Rubachov, a porta de uma cela abriu-se e bateu. Depois os funcionários e o carcereiro voltaram sós.

Rubachov passeava ao longo da cela. Via-se no sofá semi-circular, de veludo, ao lado de Richard; tornava a sentir o silêncio que se fizera quando o jovem concluíra o relatório. Richard não se mexia; sentado com as mãos nos joelhos, esperava. Esperava como alguém que, tendo-se confessado, aguardasse a sentença do confessor. Durante um longo intervalo, Rubachov nada disse. Depois falou.

— Muito bem. É só?

O jovem respondeu afirmativamente com a cabeça, seu pomo-de-adão subindo e descendo.

— Há várias coisas que não estão claras no informe — disse Rubachov. — Você se referiu diversas vezes aos folhetos e boletins feitos por seus companheiros. Nós os conhecíamos, e o texto foi criticado severamente. Há várias formulações que o Partido não pode aceitar.

Richard olhou-o alarmado: enrubesceu. Rubachov viu que a pele de seu rosto se afoqueava e a rede de veias vermelhas dos olhos inflamados se adensava.

— Por outro lado — continuou Rubachov — nós enviamos repetidamente aos companheiros nosso material impresso para distribuição, entre o qual estava a edição especial, em pequeno formato, do órgão oficial do Partido. Os camaradas receberam estas remessas?

Richard confirmou. O calor não abandonava seu rosto.

— Mas não distribuíram o nosso material; não é sequer mencionado no informe. Em vez disso, fizeram circular o mate-

rial do próprio organismo local, sem, note-se, o controle ou a aprovação do Partido.

— M-mas era preciso — Richard conseguiu dizer, com grande esforço.

Rubachov olhou-o atentamente através do pincenê: não notara ainda que o jovem gaguejava. “Coisa curiosa”, pensou, “é o terceiro caso numa quinzena. Temos um número surpreendente de anormais no Partido. Ou é por causa das circunstâncias em que trabalhamos ou, então, porque o próprio movimento estimula uma seleção de deficientes...”

— O ca-camarada de-deve compreender — disse Richard com crescente aflição. — O to-tom daquele material de propaganda estava errado, po-porquê...

— Fale com calma — interveio de repente Rubachov, com voz áspera — e não volte a cabeça para a porta.

Um rapaz alto, com o uniforme da guarda negra do regime, entrara na sala com a namorada, uma loura viçosa e rosada, que descansava um braço em seu ombro, enquanto ele a enlaçava pelas ancas largas. Não prestaram atenção a Rubachov e seu companheiro; de costas para o sofá, pararam diante dos anjos de trombeta.

— Continue falando — disse Rubachov em voz baixa e calma, e maquinalmente tirou a cigarreira do bolso.

Depois lembrou-se que não é permitido fumar nos museus e tornou a guardá-la. O jovem estava como que paralisado por um choque elétrico, de olhos fitos no casal de namorados.

— Continue falando — disse Rubachov, inalterado. — O companheiro gagueja como uma criança? Responda e não olhe para lá.

— À-às vezes — Richard articulou com dificuldade.

O casal desfilou diante das telas. Deteve-se à frente do nu de uma mulher muito gorda, deitada num divã forrado de cetim, e que olhava para o espectador. O rapaz murmurou qualquer coisa, presumivelmente engraçada, porque a moça deu uma risadinha e lançou um rápido olhar para as duas figuras do sofá. Avançaram um pouco mais, até uma natureza morta de faisões e frutas.

— Nã-não devíamos sair? — perguntou Richard.

— Não — disse Rubachov.

Receava que, quando se levantassem, Richard, na sua agitação, se comportasse de modo a chamar a atenção.

— Eles não se demoram. Estamos de costas para a luz; não podem ver-nos direito. Respire fundo, lentamente, várias vezes. Isso ajuda.

A moça continuava dando risadinhas; o casal dirigiu-se, devagar, para a saída. De passagem, ambos voltaram a cabeça para Rubachov e Richard. Estavam prestes a sair da sala, quando a moça apontou para o bico-de-pena, *Pietà*; pararam para vê-lo.

— É muito in-incômodo quando eu gaguejo? — perguntou Richard em voz baixa, olhos fitos no chão.

— A gente deve dominar-se — respondeu Rubachov, ríspido. Agora não podia permitir que qualquer sentimento de intimidade se infiltrasse na conversa.

— Não de-demora a me-melhorar — disse Richard, e o seu pomo-de-adão mexeu-se convulsivamente para cima e para baixo. — Anny sempre zombava de mim por causa disto, com-compreende?

Enquanto o casal ficou na sala, Rubachov não pôde orientar a conversa. O dorso do homem fardado o mantinha preso no banco, ao lado de Richard. O perigo comum ajudava o jovem a dominar a timidez; chegou mesmo a aproximar-se de Rubachov.

— De qualquer forma ela go-gostava de mim — continuou num sussurro, tomado por outra espécie de perturbação, menos agitada. — Nun-nunca pude compreendê-la bem. Ela não queria filhos, ma-mas não pôde evitar. Ta-talvez não façam nada contra ela por estar gra-grávida. O companheiro entende bem de-dessas coisas. Acha que eles batem em mulher grávida, tam-também?

Com o queixo, indicou o jovem de uniforme. No mesmo instante, subitamente, este voltou a cabeça para Richard. Por um segundo, encararam-se. O jovem de uniforme disse qualquer coisa à moça, em voz baixa; ela também virou a cabeça.

Rubachov tornou a pegar na cigareira, mas desta vez a soltou enquanto ainda estava no bolso. A moça disse algo e arrastou o jovem consigo. O casal saiu vagarosamente da galeria, o rapaz um tanto hesitante. Ouviu-se de novo a risada da moça lá fora, e os passos de ambos afastando-se.

Richard voltara a cabeça e os acompanhara com o olhar. Graças a esse movimento, Rubachov conseguiu uma vista melhor do desenho; agora via os delgados braços da Virgem até os cotovelos. Eram braços franzinos de menina, erguidos com leveza para a invisível haste da cruz.

Rubachov olhou o relógio. O jovem afastou-se um pouco dele, no sofá.

— Temos de chegar a uma conclusão — continuou Rubachov. — Se o compreendi bem, o companheiro disse que propositadamente não distribuiu o nosso material porque não concordou com o seu conteúdo. Mas nós também não concordamos com o conteúdo dos folhetos do organismo local. Há de compreender, camarada, que daí devem seguir-se algumas conseqüências.

Richard voltou os olhos congestionados para ele. Em seguida abaixou a cabeça.

— O camarada sabe, por ter lido, que o material enviado estava cheio de absurdos — disse num tom desanimado, tendo de repente parado de gaguejar.

— Eu não sei disso — retrucou Rubachov, secamente.

— O texto do material estava escrito como se nada houvesse acontecido — explicou-se Richard com a mesma voz cansada. — A reação reduziu o Partido a um matadouro e ali só se falava na nossa inquebrantável determinação de vencer: a mesma espécie de mentira dos comunicados da Grande Guerra. Todos aqueles a quem o mostrávamos se limitavam a bufar. O companheiro deve estar bem a par disso tudo.

Rubachov olhou para o jovem, que agora estava inclinado para diante, cotovelos fincados nos joelhos, o queixo apoiado nos punhos vermelhos. Respondeu, com sequidão:

— Pela segunda vez me atribui um ponto de vista que não tenho. Peço-lhe que acabe com isso.

Richard pousou nele, incrédulo, os olhos inflamados. Rubachov prosseguiu.

— O Partido está passando por uma prova dura. Outros partidos revolucionários sofreram provas ainda mais difíceis. O fator decisivo é a nossa vontade inquebrantável. Quem quer que, agora, amoleça e fraqueje não pertence às nossas fileiras. Quem quer que espalhe uma atmosfera de pânico faz o jogo do inimigo. Sejam quais forem os motivos que os levem a proceder assim é coisa que não faz nenhuma diferença. Com essa atitude, transformam-se num perigo para o movimento, e serão tratados como tal.

Richard continuava apoiando o queixo nas mãos, o rosto voltado para Rubachov.

— Então eu sou um perigo para o movimento — disse. — Faço o jogo do inimigo. Provavelmente sou pago para isso. E Anny também...

— Nos panfletos do organismo local — continuou Rubachov com o mesmo tom de voz seco —, cuja autoria o companheiro admite, freqüentemente aparecem frases como estas: que sofremos uma derrota, que uma catástrofe se abateu sobre o Partido, e que temos de recomeçar, mudando fundamentalmente a nossa linha política. Isso é derrotismo. É desmoralizante e debilita o espírito de luta do Partido.

— Eu só sei — observou Richard — que se deve dizer ao povo a verdade, como, aliás, ele já a conhece. É ridículo fingir diante dele.

— O último congresso do Partido — continuou Rubachov — declarou, numa resolução, que o Partido não sofreu uma derrota e apenas realizou uma retirada estratégica; e que não há qualquer razão para alterar sua linha política anterior.

— Mas isso é besteira.

— Se o companheiro prosseguir nesse estilo, acho que teremos de terminar com a nossa discussão.

Por um momento, Richard se manteve em silêncio. A sala começava a escurecer, os contornos dos anjos e das mulheres nas paredes se tornavam ainda mais vagos e nebulosos.

— Desculpe — retrucou Richard. — Eu quero dizer que a direção do Partido está equivocada. Fala-se em “derrota estratégica” enquanto a metade dos militantes são assassinados e aqueles que sobram ficam tão contentes por ainda estarem vivos que passam em massa para o outro lado. Essas resoluções capciosas fabricadas de cima não são entendidas aqui...

Suas feições iam-se tornando indistintas, no crepúsculo que avançava. Fez uma pausa, depois acrescentou:

— Suponho que Anny também fez uma “retirada estratégica” ontem à noite. Entenda, por favor. Aqui estamos todos vivendo na selva...

Rubachov esperou para ver se ele ainda tinha o que alegar, mas Richard nada mais disse. O crepúsculo agora se fechava, rápido. Rubachov tirou o pincenê e o esfregou na manga.

— O Partido nunca pode errar — disse. — Eu e o camarada podemos cometer um erro. O Partido não. O Partido, camarada, é mais do que você e eu e milhares de outros como você e eu. O Partido é a corporificação da idéia revolucionária da história. A história não conhece escrúpulos nem vacilações. Inerte e infalível, ela marcha para o seu alvo. Em cada curva do seu percurso deixa a lama que arrasta e os cadáveres dos afogados. A história conhece o caminho. Não erra. Quem não tem fé absoluta na história não pertence às fileiras do Partido.

Richard permaneceu calado, a cabeça apoiada nos punhos, o rosto imutável voltado para Rubachov. Como continuasse em silêncio, Rubachov prosseguiu:

— O camarada impediu a distribuição de nosso material; suprimiu a voz do Partido. Difundiu propaganda onde cada palavra era nociva e falsa. Escreveu: “Os remanescentes do movimento revolucionário devem cerrar fileiras e todas as forças hostis à tirania devem unir-se; cumpre-nos cessar as nossas velhas lutas internas e reiniciar a luta comum”. Isso está errado. O Partido não deve unir-se aos moderados. Foram eles que, com toda a boa fé, traíram vezes sem conta o movimento, e tornarão a fazê-lo na próxima vez, e na seguinte. Quem se compromete com eles enterra a revolução. O camarada escreveu: “Quando a casa está pegando fogo, todos devem ajudar a apa-

gar o incêndio; se continuarmos a desentender-nos por causa de pontos de doutrina, todos seremos reduzidos a cinzas”. Está errado. Nós combatemos o incêndio com água; os outros, com gasolina. Portanto, devemos primeiramente determinar qual é o método certo, água ou gasolina, antes de unir os bombeiros. Não se pode fazer política dessa maneira. É impossível construir uma linha política com paixão e desespero. O caminho do Partido é muito bem definido, como uma passagem estreita nas montanhas. O menor passo em falso, para a direita ou para a esquerda, leva ao precipício. O ar é rarefeito; quem ficar tonto estará perdido.

Agora o crepúsculo avançara tanto, que Rubachov já não distinguia as mãos do desenho. Uma campainha soou duas vezes, estrídula e penetrante; dentro de um quarto de hora o museu seria fechado. Rubachov consultou o relógio; ainda lhe restava dizer a palavra decisiva, depois tudo estaria terminado. Richard continuava imóvel ao seu lado, cotovelos fincados nos joelhos.

— Sim, para isso não tenho resposta — disse finalmente, e sua voz de novo demonstrava desânimo e grande cansaço. — O que o camarada diz é sem dúvida exato. E o que disse a respeito daquela passagem na montanha é muito bonito. Mas tudo o que eu sei é que estamos vencidos. Os que ainda não caíram nos abandonam. Talvez porque seja muito frio lá no alto do caminho da montanha. Os outros... esses têm música e bandeiras resplandcentes, e todos estão sentados ao calor de uma bela fogueira. Talvez seja por isso que venceram; enquanto ficamos aqui, lutando com tanto desatino.

Rubachov escutou calado. Queria ver se o jovem tinha mais o que dizer, antes de ele próprio pronunciar a sentença decisiva. Não importava o que Richard dissesse; agora já não poderia de modo algum mudar aquela sentença; no entanto, Rubachov esperava.

A figura pesada de Richard ia-se dissolvendo na escuridão do crepúsculo. Encolhera-se ainda mais no sofá redondo; tinha os ombros curvados e o rosto quase enterrado nas mãos. Rubachov, tronco ereto, esperava. Sentia uma leve contração dolo-

rosa no maxilar superior; provavelmente era o canino quebrado. Um momento depois, ouviu a voz de Richard:

— E agora, o que vai acontecer comigo?

Rubachov procurou com a língua o lugar que doía. Sentiu vontade de tocá-lo com o dedo antes de pronunciar a palavra decisiva, mas conteve-se. Disse calmamente:

— Devo informá-lo, de acordo com resolução do Comitê Central, de que não é mais membro do Partido, Richard.

Richard não se mexeu. Novamente Rubachov esperou um pouco, antes de se levantar. Richard continuou sentado. Apenas levantou a cabeça, olhou para Rubachov e perguntou:

— Foi para isso que você veio aqui?

— Principalmente — disse Rubachov. Desejava ir embora, mas permaneceu diante de Richard, esperando.

— Agora que vai ser de mim? — perguntou este. Rubachov ficou calado. Depois de alguns instantes, Richard continuou:

— Agora suponho que também não possa morar na cabina do meu amigo?

Depois de rápida hesitação, Rubachov disse:

— Não convém.

Imediatamente se sentiu contrariado por tê-lo dito, sem saber ao certo se Richard compreendera o alcance da frase. Abaixou os olhos para a figura sentada:

— É melhor sairmos do museu separados. Adeus.

Richard endireitou o corpo, mas continuou sentado. Sob o crepúsculo, Rubachov podia apenas supor qual seria a expressão dos seus olhos congestionados, um tanto salientes; contudo, foi exatamente esta imagem indistinta da figura sem graça, ali sentada, que para sempre estampou na sua memória.

Saiu e atravessou a sala contígua, que estava igualmente vazia e escura. Seus passos rangiam no assoalho. Só quando atingira a saída foi que lhe ocorreu haver-se esquecido de olhar para a tela da *Pietà*; agora ficaria conhecendo apenas o detalhe das mãos em concha e parte dos braços finos, até os cotovelos.

Na escada que conduzia à rua, parou. O maxilar lhe doía um pouco mais; fora, fazia frio. Chegou ao pescoço a manta desbotada, de lâ cor de cinza. As lâmpadas da rua já estavam acesas na praça tranqüila e grande, diante da galeria; àquela hora, havia poucas pessoas por ali; um bonde estreito, com a campainha a soar, rangia ao subir a avenida orlada de olmos. Rubachov perguntava a si mesmo se ali seria possível arranjar um táxi.

No último degrau, Richard, quase sem fôlego, emparelhou com ele. Rubachov continuou avançando, sem apressar nem moderar o passo, e sem voltar o rosto. Richard era meia cabeça mais alto do que ele, e tinha mais corpo; conservava, porém, os ombros encurvados, o que lhe reduzia a estatura, e encurtava-lhe o passo. Depois de andar um pouco, disse:

— Houve intenção de ameaça, quando lhe perguntei se podia continuar morando com meu amigo e você respondeu: "Não convém"?

Rubachov viu um táxi com os faróis acesos rodando pela avenida, na sua direção. Deteve-se no meio-fio e esperou que se aproximasse. Richard parara ao seu lado. — Não tenho mais nada a lhe dizer, Richard — respondeu Rubachov e acenou para o carro.

— Camarada... mas vo-você não pode me de-denunciar, camarada... — disse Richard.

O carro reduziu a velocidade, não estava mais que a vinte passos deles. Richard mantinha-se curvado diante de Rubachov; agarrara a manga de seu casaco e falava-lhe cara a cara; Rubachov sentia o hálito úmido borrifar-lhe a testa.

— Eu não sou um inimigo do Partido — disse Richard. — Não po-pode me atirar aos lobos, ca-camarada...

O carro parou junto ao meio-fio; o motorista, com certeza, ouvira a última palavra. Rubachov refletiu rapidamente que era inútil mandar Richard embora; havia um policial postado cem metros além. O motorista, um velhinho de blusão de couro, olhava-os inexpressivamente.

— Para a estação — disse Rubachov, e embarcou.

O motorista estendeu o braço direito para trás e bateu com a porta. Richard ficou parado na beira da calçada, boné na mão; seu pomo-de-adão subia e descia rapidamente. O carro partiu; avançou em direção ao policial; passou pelo policial; Rubachov preferiu não olhar para trás, mas sabia que Richard ainda estava parado na beira da calçada, de olhos fitos no farol traseiro do carro.

Durante alguns minutos, percorreram ruas movimentadas; o motorista por várias vezes voltou a cabeça, como se quisesse certificar-se de que o passageiro ainda estava ali. Rubachov conhecia tão pouco a cidade que lhe era impossível concluir se de fato iam a caminho da estação. As ruas estavam mais sossegadas; no fim de uma avenida apareceu um sólido edifício com um relógio grande, iluminado; pararam diante da estação.

Rubachov saiu; os táxis daquela cidade ainda não dispunham de taxímetros.

— Quanto é? — perguntou.

— Nada — disse o motorista. Seu rosto era velho e enrugado; tirou do bolso do blusão de couro um trapo vermelho e sujo, e assoou-se com cerimônia.

Rubachov olhou-o atentamente através do pincenê. Tinha certeza de nunca ter visto aquele rosto. O motorista guardou o lenço.

— Para pessoas como o senhor é sempre grátis — disse e ocupou-se com o freio manual.

De repente estendeu a mão para fora. Era a mão de um velho, de veias endurecidas e unhas negras.

— Felicidade, senhor — disse, sorrindo um pouco timidamente para Rubachov. — Se o seu jovem amigo vier a precisar de alguma coisa... o meu ponto é em frente do museu. Pode mandar dizer a ele o número de minha placa.

Rubachov viu à direita um carregador encostado num poste, a olhá-los. Não pegou na mão estendida do motorista; pôs nela uma moeda e, sem uma palavra, entrou na estação.

Tinha de esperar uma hora pela partida do trem. Tomou café de má qualidade no balcão; a nevralgia o atormentava. No trem, caiu num sono leve e sonhou que tinha de correr à

frente da locomotiva. Richard e o motorista do táxi iam nela; queriam atropelá-lo porque os lesara no pagamento do frete. As rodas se aproximavam cada vez mais, matraqueando, e seus pés se recusavam a correr. Acordou com enjôo e sentiu um suor frio na testa; os outros passageiros, no compartimento do carro, olhavam-no levemente espantados. Fora, a escuridão da noite; o trem investia através de um sombrio país inimigo, era preciso encerrar o caso de Richard, doía-lhe o maxilar. Uma semana depois estava preso.

10

Rubachov encostou a testa à janela e olhou o pátio. Tinha as pernas cansadas e a cabeça tonta de andar de um lado a outro. Consultou o relógio; um quarto para as doze; passeara pela cela quase quatro horas a fio, desde que a *Pietà* lhe viera à memória pela primeira vez. Não se surpreendeu; estava bastante familiarizado com o sonhar acordado dos presídios, com a intoxicação que emana das paredes caiadas. Lembrou-se de um militante mais moço, de profissão auxiliar de cabeleireiro, o qual lhe contara que, no seu segundo e pior ano de prisão incomunicável, sonhara de olhos abertos durante sete horas consecutivas; assim fazendo, andara vinte e oito quilômetros numa cela de cinco passos de comprimento; e seus pés criaram bolhas sem que ele sentisse.

Desta vez, contudo, o vício viera demasiado depressa; já no primeiro dia o assaltava, enquanto nas experiências anteriores só se apresentara depois de várias semanas. Outra coisa estranha era que ele se voltara para o passado; os sonhadores crônicos das prisões quase sempre sonham com o futuro — e, quando o fazem com o passado, este é representado como poderia ter sido, nunca como efetivamente fora. Rubachov perguntava a si mesmo que outras surpresas o seu sistema psíquico lhe reservaria. Sabia por experiência que, quando se enfrenta a morte, o mecanismo do pensamento sempre se altera e causa

as reações mais surpreendentes — como os movimentos da bússola perto do pólo magnético.

O céu continuava sombrio, na iminência de uma nevada; no pátio, dois homens faziam o seu passeio diário no caminho escavado. Um deles olhava repetidamente para a janela de Rubachov: sem dúvida a notícia de sua prisão já se difundira. Era um homem emagrecido, de pele amarela e lábio leporino; usava um tênuê impermeável nos ombros, ao qual se agarrava com tanta força como se estivesse enregelado. O outro homem era mais velho e enrolara um cobertor no corpo. Não conversavam durante o passeio, e depois de dez minutos foram devolvidos ao presídio por um funcionário uniformizado, de cassetete de borracha e revólver. A porta onde o funcionário os esperou ficava exatamente em frente da janela de Rubachov; o homem de lábio leporino, antes que ela se fechasse atrás de si, olhou uma vez mais para cima, na direção de Rubachov. Com certeza não podia vê-lo; do pátio, a janela devia ficar inteiramente escura; no entanto, o homem fitava nela, com insistência, o olhar indagador. “Vejo-te e não sei quem és; não podes ver-me e, contudo, é evidente que me conheces”, pensou Rubachov. Sentou-se na cama e pôs-se a bater na parede, perguntando ao 402:

QUEM SÃO ELES?

Achou que o 402 provavelmente estava ofendido e não responderia. Mas o oficial parecia não guardar rancor; respondeu logo:

POLÍTICOS.

Rubachov se surpreendeu; tomara o magro de lábio leporino por um criminoso comum.

DA SUA LAIA?, perguntou.

NÃO — DA SUA, percutiu o 402, talvez com um sorriso largo, de certa satisfação. A frase seguinte veio mais alta — batida com o monóculo.

BEIÇO DE LEBRE, O 400, FOI TORTURADO ONTEM.

Rubachov ficou um minuto em silêncio e esfregou as lentes do pincenê na manga, embora o estivesse usando apenas para

percutir. Primeiro quis perguntar “Por quê?” mas, em vez disso, bateu:

COMO?

O 402 respondeu friamente:

BANHO DE VAPOR.

Rubachov fora espancado várias vezes durante sua última prisão, mas desse método só tinha conhecimento por ouvir. Aprendera que toda dor física conhecida era suportável; quem conhecesse exatamente, de antemão, aquilo por que ia passar suportava-o como a uma operação cirúrgica: por exemplo, a extração de um dente. Ruim mesmo era apenas o desconhecido, que não permitia à vítima nenhuma oportunidade para prever as próprias reações e nenhuma escala para calcular sua capacidade de resistência. E o pior era o temor de fazer ou dizer, na ocasião, alguma coisa de que não pudesse lembrar-se.

POR QUÊ?, perguntou Rubachov.

DIVERGÊNCIAS POLÍTICAS, bateu o 402, irônico.

Rubachov recolocou o pincenê e enfiou os dedos no bolso, em busca da cigarreira. Restavam-lhe apenas dois cigarros. Depois, bateu:

E COMO VÃO AS COISAS POR AÍ?

MUITO BEM OBRIGADO... , bateu o 402 e encerrou a conversa.

Rubachov deu de ombros; acendeu o penúltimo cigarro e retomou o passeio para cá, para lá. Era estranho, mas aquilo que lhe estava reservado quase o tornava feliz. Sentiu que sua viciosa melancolia o abandonava, sua cabeça se tornava mais lúcida, seus nervos se retesavam. Lavou o rosto, os braços e o tórax no lavatório, com água fria, lavou a boca, e enxugou-se com o lenço. Assobiou alguns compassos musicais e sorriu; sempre desafinava muito e, apenas alguns dias atrás, haviam-lhe dito: “Se o N.º 1 entendesse de música, há muito teria achado um pretexto para mandar matar você”.

“De qualquer forma há de achar”, respondera, sem acreditar seriamente nisso.

Acendeu o último cigarro e, com perspicácia, se pôs a refletir na orientação a seguir quando fosse chamado para os

interrogatórios. Sentia-se penetrado pela mesma confiança tranqüila e serena em si próprio que experimentava, quando estudante, num exame particularmente difícil. Evocou todos os dados que conhecia sobre o assunto "banho de vapor". Imaginou em detalhes a situação e procurou analisar as possíveis sensações físicas, a fim de privá-las de qualquer aspecto fantástico. O importante era não se deixar pegar desprevenido. Tinha agora por certo que não o conseguiriam, tal como não o haviam conseguido os outros, no estrangeiro; sabia que nada havia de dizer que não fosse de sua vontade. Só desejava que começassem logo.

Recordou-se de seu sonho: Richard e o velho motorista do táxi a persegui-lo, porque se julgavam fraudados e traídos por ele.

"Pagarei o meu frete", pensou com um sorriso contrafeito.

O seu último cigarro estava quase no fim; queimava-lhe a ponta dos dedos; soltou-o. Ia apagá-lo apertando-o com o pé, mas reconsiderou; abaixou-se, apanhou-o e lentamente despreendeu a brasa sobre o dorso da mão, entre as sinuosas veias azuis. Prolongou esta operação por meio minuto exatamente, verificando-o pelo ponteiro dos segundos do relógio. Ficou satisfeito consigo mesmo: a mão não se contraíra uma só vez durante os trinta segundos. Em seguida, continuou o passeio.

O olho que o estivera observando durante vários minutos, através da vigia, retirou-se.

11

O cortejo do almoço passou pelo corredor; a cela de Rubachov tornou a ser omitida. Este quis poupar-se à humilhação de espiar pela vigia, e assim não descobriu de que constava a refeição; mas o cheiro dos pratos encheu a cela, e era bom.

Sentia um forte desejo de fumar. Teria de arranjar cigarros de algum modo, a fim de poder concentrar-se; eram mais impor-

tantes do que a alimentação. Esperou meia hora após a distribuição da comida, depois se pôs a bater na porta. Passou-se outro quarto de hora antes que o velho carcereiro viesse, arrastando os pés.

— Que deseja? — perguntou, no seu tom ríspido de hábito.

— Que me tragam cigarros da cantina — disse Rubachov.

— Tem vales da penitenciária?

— Tiraram-me o dinheiro quando cheguei — disse Rubachov.

— Então tem de esperar que seja trocado por vales.

— Quanto tempo será preciso para isso, neste estabelecimento modelo? — perguntou Rubachov.

— Pode escrever uma carta reclamando — disse o velho.

— Você sabe muito bem que não tenho nem papel nem lápis — disse Rubachov.

— Para comprar material de escritório precisa ter vales — disse o carcereiro.

Rubachov sentiu uma onda de irritação subindo, o conhecido aperto no peito, e, na garganta, uma impressão de asfixia; mas conteve-se. O velho percebeu a ardente cintilação das pupilas de Rubachov, através do pincenê; lembrou-se das estampas a cores de Rubachov fardado, que nos velhos tempos se viam por toda a parte; sorriu com um rancor senil e deu um passo para trás.

— Seu montinho de esterco — disse Rubachov, lentamente; deu-lhe as costas e voltou para a janela.

— Vou dar parte por estar usando linguagem desaforada — disse a voz do homem, atrás de Rubachov; depois, bateu a porta.

Rubachov esfregou o pincenê na manga e esperou que sua respiração se acalmasse. Tinha de arranjar cigarros, senão não poderia resistir até o fim. Deixou que se passassem dez minutos. Depois bateu na parede do 402:

TEM FUMO?

Teve de esperar um pouco pela resposta. Depois ela veio, clara e bem espaçada:

PARA VOCÊ, NÃO.

Voltou devagar para a janela. Via o jovem oficial de bigodinho, monóculo entalado, olhando, com um sorriso largo e forçado, a parede que os separava; o olho por trás da lente era vítreo, e a pálpebra avermelhada revirava. Que se passava na sua cabeça? Provavelmente estava pensando: Bem feito, por esta você não esperava. E, talvez: Canalha, quantos dos nossos você não mandou matar? Rubachov olhou para a parede caíada; teve a impressão de que o outro estava parado atrás dela, com o rosto voltado para ele; julgou ouvir-lhe a respiração ofegante. Sim, quantos dos seus não mandei matar, pergunto eu? Realmente não se lembrava: fora muitos e muitos anos antes, na Guerra Civil; seriam entre setenta e uma centena. E daí? Estava certo; o caso situara-se num plano diferente do de Richard, e hoje tornaria a fazê-lo. Mesmo sabendo antecipadamente que, no fim, a revolução colocaria o N.º 1 no comando? Mesmo assim.

“Com você”, pensou Rubachov e olhou para a parede caíada além da qual estava o outro, provavelmente acendendo um cigarro e soprando a fumaça contra a parede, “com você não tenho contas a saldar. Com você não tenho nenhuma dívida. Entre nós e vocês não há moeda corrente nem linguagem comum... Então, que quer agora?”

Porque o 402 recomegara a bater, Rubachov voltou para junto da parede. ...MANDAR FUMO, ouviu. Depois, mais fraco, o martelar do 402 na porta, chamando a atenção do carcereiro.

Rubachov conteve a respiração; depois de alguns minutos, ouviu os passos arrastados do velho aproximando-se. O carcereiro não abriu a porta do 402, mas perguntou pela vigia:

— Que deseja?

Rubachov não pôde ouvir a resposta; gostaria muito de conhecer a voz do 402. Depois o velho falou alto, para que Rubachov o ouvisse:

— Não é permitido; é contra o regulamento.

De novo Rubachov não conseguiu ouvir a resposta. Em seguida o carcereiro disse:

— Vou dar parte por estar usando linguagem desaforada. Seus passos se arrastaram pelo pavimento ladrilhado e perderam-se no corredor.

Durante algum tempo, tudo ficou em silêncio. Depois, o 402 bateu na parede:

MÁS PERSPECTIVAS PARA VOCÊ.

Rubachov não respondeu. Pôs-se a passear pela cela, sentindo a sede de cigarro coçar-lhe as membranas secas da garganta. Pensava no 402. “Contudo, eu tornaria a agir da mesma forma”, disse consigo. “Era necessário e certo. Mas, quem sabe, mesmo assim tenho uma dívida com você? Deve-se pagar também por atos que foram certos e necessários?”

A segura na garganta aumentava. Sentia uma pressão na testa; andava inquietamente para cá e para lá, e enquanto pensava, seus lábios começaram a mover-se.

Devia-se pagar também por atos que tinham sido certos? Haveria outra medida além da medida da razão?

Recairia porventura sobre o homem que tinha razão a mais pesada dívida, quando medida por esta outra dimensão? Seria acaso sua dívida contada em dobro — por não saberem os outros o que faziam?...

Rubachov estacou no terceiro ladrilho preto a contar da janela.

Que era isto? Um sopro de loucura religiosa? Tomou consciência de que durante vários minutos estivera falando quase em voz alta. E mesmo quando estava se observando, seus lábios, independentemente de sua vontade, se moveram, dizendo:

— Pagarei.

Pela primeira vez desde sua prisão, Rubachov sentiu medo. Apalpou o bolso em busca de cigarros. Mas não tinha nenhum.

Depois tornou a ouvir a delicada percussão na parede, acima da armação da cama. O 402 tinha uma mensagem para ele:

BEIÇO DE LEBRE ENVIA-LHE SAUDAÇÕES.

Viu mentalmente o rosto amarelo do homem, voltado para cima: a mensagem causou-lhe uma sensação de mal-estar. Bateu:

COMO SE CHAMA ELE?

O 402 respondeu:

NÃO QUER DIZER. MAS MANDA SAUDAÇÕES.

12

Durante a tarde, Rubachov sentiu-se pior ainda. Tinha acessos periódicos de tremores de frio. A nevralgia também recomeçara — na altura do canino superior direito, estendendo-se ao nervo orbital. Não recebera nada para comer desde que fora preso, mas não sentia fome. Procurava recobrar o domínio próprio, mas os arrepios que lhe percorriam o corpo e os pruridos na garganta o impediam. Seus pensamentos giravam alternadamente em redor de dois pólos: a desesperada vontade de fumar e a palavra “pagarei”.

As recordações o assediavam; sussurravam, zumbiam em surdina em seus ouvidos. Rostos e vozes surgiam e desapareciam; sempre que procurava retê-los, magoavam-no; todo o seu passado era uma ferida que infeccionava ao menor contato. Seu passado era o movimento, o Partido; o presente e o futuro também pertenciam ao Partido, estavam inseparável e intimamente atados ao seu destino; mas o passado era idêntico ao do Partido. E era este passado que de repente entrava em discussão. O corpo animado e quente do Partido parecia-lhe coberto de chagas — purulentas chagas, estigmas sangrentos. Quando e onde, na história, já houvera santos tão falhos? Em que tempo uma boa causa fora pior representada? Se o Partido corporificava a vontade da história, então a própria história estava cheia de falhas.

Rubachov fitou os olhos nas manchas de umidade das paredes da cela. Arrancou o cobertor do beliche e o enrolou nos ombros; acelerando a marcha, pôs-se a andar para cá e para lá com passos curtos e rápidos, dando voltas bruscas diante da porta e da janela; mas os calafrios continuavam a correr-lhe espinha abaixo. O zumbido nos ouvidos persistia, misturado a vozes suaves, confusas; não conseguia reconhecer se partiam

do corredor ou se estava sofrendo de alucinações. “É o nervo orbital”, disse consigo; “tudo é causado pela raiz quebrada do canino superior. Amanhã falarei com o médico a respeito disso, mas até lá há muito que fazer. A origem das falhas do Partido tem de ser encontrada. Todos os nossos princípios estavam certos, mas os nossos resultados estavam errados. Vivemos num século enfermo. Diagnosticávamos o mal e suas causas com exatidão microscópica, mas sempre que aplicávamos o bisturi aparecia uma nova chaga. Nossa vontade era firme e pura, as pessoas deviam ter-nos amado. Mas odeiam-nos. Por que somos tão odiosos e detestados?”

“Trouxemos-lhes a verdade e na nossa boca ela soava falso. Trouxemos-lhes a liberdade e nas nossas mãos ela se assemelhava a um chicote. Trouxemos-lhes a vida viva e onde nossa voz é ouvida as árvores murcham e há um farfalhar de folhas secas. Trouxemos-lhes a promessa do futuro mas nossa língua gaguejava e ladrava...”

Estremeceu. Na sua imaginação apareceu um quadro, uma fotografia grande, com moldura de madeira: os delegados ao primeiro congresso do Partido. Estavam sentados em torno de uma longa mesa de madeira, alguns com os cotovelos apoiados sobre ela, outros com as mãos nos joelhos; sérios, de barba, olhavam para a objetiva do fotógrafo. Acima de cada cabeça havia um círculo pequeno, com um número correspondente a um nome impresso embaixo. Todos estavam solenes, só o velho que presidia apresentava um traço malicioso e divertido nos olhos rasgados, de tártaro. Rubachov, de pincenê, ocupava o segundo lugar à sua direita. O N.º 1, baixo e entroncado, achava-se na outra ponta da mesa. Lembravam uma reunião de conselho municipal do interior, e estavam preparando a maior revolução da história da humanidade. Eram naquela época um punhado de homens de uma espécie inteiramente nova: filósofos militantes. Estavam tão familiarizados com as prisões das cidades da Europa como os caixeiros-viajantes com os hotéis. Sonhavam em conquistar o poder para abolir o poder; em governar o povo para desabitua-lo de ser governado. Todos os seus pensamentos se transformaram em fatos e todos os seus

sonhos foram realizados. Onde estavam eles? Seus cérebros, que tinham mudado o curso do mundo, haviam recebido, cada um deles, uma carga de chumbo. Alguns na testa, outros na nuca. Restavam apenas dois ou três, espalhados pelo mundo, esgotados. E ele próprio; e o N.º 1.

Rubachov, gelado de frio, ansiava por um cigarro. Tornou a ver-se no velho porto belga, acompanhado pelo alegre Loewy, o Baixinho, que era levemente corcunda e fumava cachimbo de marinho. Tornou a sentir o cheiro do porto, uma mistura de algas marinhas em decomposição e gasolina; ouviu o relógio musical da torre da velha prefeitura, e viu as ruas estreitas com suas sacadas salientes, em cujas venezianas as prostitutas do porto penduravam durante o dia a roupa lavada. Havia-se passado dois anos sobre o caso Richard. Contra ele próprio, nada tinham conseguido provar. Mantivera-se calado durante os espancamentos, calado quando lhe partiram os dentes, quando lesaram seu ouvido e lhe quebraram o pincenê. Mantivera-se calado e continuara negando tudo, mentindo com frieza e prudência. Passara pela cela, para cá, para lá, e rastejara nas lajes da escura solitária, sentira medo e continuara trabalhando em sua defesa; e, quando a água fria o despertava da inconsciência, apalpava os bolsos à procura de um cigarro e seguia mentindo. Naqueles dias, não se surpreendia diante do ódio dos que o torturavam, e não indagava por que lhes era tão detestável. Toda a máquina legal da ditadura rangia os dentes, mas nada pudera provar contra ele. Solto, fora levado de avião para seu país — a pátria da Revolução. Houve recepções, festivais comícios, paradas militares. Até o N.º 1 apareceu várias vezes em público com ele.

Havia anos que não punha os olhos na terra natal e notou que muita coisa mudara. A metade dos homens de barba da fotografia já não existia. Seus nomes não podiam ser mencionados, sua memória só era evocada entre palavras — exceto quanto ao velho de olhos oblíquos de tártaro, o chefe de outrora, que morrera a tempo. Era venerado como o Deus Pai, e o N.º 1 como o Filho; mas cochichava-se por toda a parte que este falsificara o testamento do velho a fim de tomar posse

da herança. O restante dos homens barbados da velha fotografia tinham-se tornado irreconhecíveis. Havia rapado a barba, estavam gastos e desiludidos, tomados de cínica melancolia. De vez em quando, o N.º 1 estendia a mão até eles em busca de mais uma vítima. Então, todos batiam no peito e se arrepiavam em coro de seus pecados. Após duas semanas, quando ainda andava de muletas, Rubachov pedira uma nova missão no estrangeiro. — Você parece estar com alguma pressa — disse o N.º 1, olhando-o através de nuvens de fumaça.

Depois de vinte anos na direção do Partido ainda mantinham relações formais um com o outro. Acima da cabeça do N.º 1 pendia o retrato do Velho; ao lado deste, havia uma fotografia com as cabeças numeradas, mas agora desaparecera dali. A entrevista foi curta, durara apenas alguns minutos, mas ao despedirem-se, o N.º 1 sacudira-lhe a mão com ênfase especial. Rubachov, posteriormente, cogitara muito tempo sobre o significado daquele aperto de mão; e sobre o olhar tocado de ironia astuta, que o N.º 1 lhe lançara através de suas bafuradas de fumaça. Em seguida, Rubachov saíra capengando da sala, apoiado nas muletas; e o N.º 1 não o acompanhara até a porta. No dia seguinte, Rubachov partia para a Bélgica.

A bordo, restabeleceu-se um pouco e refletiu na sua missão. Loewy, o Baixinho, com seu cachimbo de marujo, veio recebê-lo no porto. Era o dirigente local da organização do Partido entre os trabalhadores das docas; Rubachov simpatizou logo com ele. Conduziu Rubachov através das docas e das ruas tortuosas do porto com tanto orgulho como se ele próprio tivesse feito tudo aquilo. Em cada bar tinha conhecidos, estivadores, marinhos e prostitutas; em toda a parte lhe ofereciam bebida e ele correspondia às saudações erguendo o cachimbo até a orelha. Até os guardas de trânsito do mercado lhe piscavam um olho enquanto passavam, e os camaradas marinhos de navios estrangeiros, que não se podiam fazer compreender, davam-lhe palmadinhas no ombro deformado. Rubachov olhava para tudo isto com branda surpresa. Não, Loewy, o Baixinho, não era odioso nem detestável. A célula dos portuários desta cidade era uma das mais bem organizadas do mundo.

De noite, Rubachov, Loewy e dois outros foram a um dos bares do porto. Entre eles achava-se um tal Paul, secretário de organização do setor. Ex-lutador, era calvo, marcado de bexigas e tinha as orelhas grandes e salientes. Vestia blusa preta de marinheiro debaixo do casaco e na cabeça levava um chapéu-coco preto. Tinha o dom de mexer com as orelhas, com o que podia erguer o chapéu-coco e deixá-lo cair novamente. Com ele estava um certo Bill, ex-marinheiro que escrevera uma novela acerca da vida no mar, fora famoso durante um ano e depois caíra rapidamente no esquecimento; agora escrevia artigos para os jornais do Partido. Os outros eram trabalhadores da estiva, pesadões e bons bebedores. Havia sempre gente entrando; sentavam-se ou ficavam de pé junto da mesa, pagavam uma rodada e saíam vagarosamente. O gordo botequineiro vinha sentar-se à mesa deles sempre que tinha um momento livre. Tocava gaita. Muitos estavam bêbados.

Rubachov fora apresentado por Loewy como um "camarada de lá", sem mais comentário. Loewy era o único que conhecia sua identidade. Como os participantes da mesa vissem que Rubachov não estava em veia comunicativa ou tinha razões para não estar, não lhe fizeram muitas perguntas; e as que fizeram se referiam às condições materiais de vida "lá" existentes, salários, o problema da terra, o desenvolvimento industrial. Tudo o que diziam revelava um surpreendente conhecimento de minúcias técnicas, unido a uma ignorância igualmente surpreendente da situação geral e da atmosfera política de "lá". Interrogaram-no sobre o progresso da produção na indústria dos metais leves, feito crianças perguntando pelo tamanho exato das uvas de Canaã. Um velho trabalhador das docas, que estivera parado junto do balcão, durante algum tempo, sem nada pedir, até que Loewy o chamou para beber, disse a Rubachov depois de lhe apertar a mão:

— Você é muito parecido com o velho Rubachov.

— É o que tenho ouvido muitas vezes — disse Rubachov.

— O velho Rubachov, aquilo é o que eu chamo de um homem — disse o doqueiro, esvaziando o copo. Não fazia um

mês que Rubachov fora posto em liberdade, e seis semanas antes não sabia que continuaria vivo. O gordo botequineiro soprava na sua gaita. Rubachov acendeu um cigarro e mandou vir uma rodada. Beberam à sua saúde e à saúde do povo de "lá"; servindo-se das orelhas, o secretário Paul ergueu e baixou o chapéu-coco.

Mais tarde, Rubachov e Loewy estiveram algum tempo juntos num café. O proprietário descera as persianas, empilhara as cadeiras sobre as mesas e adormecera debruçado no balcão, enquanto Loewy contava a Rubachov a história de sua vida. Rubachov não o pedira e logo previu complicações para o dia seguinte: não poderia impedir que todos os camaradas se sentissem impelidos a contar-lhe suas histórias pessoais. Tivera realmente vontade de ir embora, mas de repente experimentou um grande cansaço: em suma, superestimara suas forças; ficou, pois, e continuou escutando.

Veio a saber que Loewy não era natural do país, embora falasse a língua da terra como um nativo e conhecesse toda a gente dali. Na verdade, nascera numa cidade da Alemanha meridional, aprendera o ofício de carpinteiro, tocara violão, e fizera conferências sobre darwinismo nas excursões dominicais do clube da juventude revolucionária. Durante os perturbados meses que precederam a ascensão da ditadura, quando o Partido precisava urgentemente de armas, apelou-se naquela dada cidade para um audaz estratagema: numa tarde de domingo, cinquenta fuzis, vinte revólveres e duas metralhadoras leves, mais a munição, foram retirados de um caminhão de mudanças da sede local da polícia, no bairro mais movimentado da cidade. Os encarregados do veículo haviam exibido uma espécie de ordem por escrito, com timbre e carimbos oficiais, e estavam acompanhados por dois pretensos policiais, que vestiam uniformes autênticos. As armas foram encontradas mais tarde noutra cidade, no decurso de uma busca na garagem de um membro do Partido. O caso nunca foi totalmente esclarecido e, no dia seguinte ao da ocorrência, Loewy desapareceu da cidade. O Partido lhe prometera um passaporte e papéis de identidade, mas a combinação frustrou-se. Isto é, o mensageiro das esferas superiores

do Partido, que devia trazer-lhe o passaporte e dinheiro para a viagem, não apareceu no ponto previamente marcado.

— É sempre assim conosco — acrescentou Loewy, filosófico. Rubachov manteve-se calado.

Apesar disso, Loewy conseguiu escapar e, finalmente, cruzar a fronteira. Como fora expedida ordem de prisão contra ele, e sua fotografia com o ombro deformado estivesse afixada em cada posto policial, levou vários meses vagando pelo país. Quando partira ao encontro do camarada das “esferas superiores”, dispunha de dinheiro no bolso para passar apenas três dias.

— Antes eu sempre pensara que só nos livros é que gente mastigava casca de árvore — observou. — Plátano novo tem melhor gosto.

A reminiscência impeliu-o a levantar-se e ir até o balcão buscar duas salsichas. Rubachov lembrou-se da sopa da prisão e das greves de fome, e comeu com ele.

Finalmente, Loewy atravessou a fronteira da França. Como não tivesse passaporte, foi preso depois de alguns dias, aconselhado a dirigir-se para outro país, e libertado.

— Era o mesmo que me aconselhar a subir até a lua — observou.

Voltou-se para o Partido em busca de auxílio; mas neste país o Partido não o conhecia e declarou-lhe que primeiro teriam de fazer indagações na sua terra natal. Continuou vagando; após alguns dias, foi novamente preso e condenado a três meses de detenção. Cumpriu a sentença e deu a seu companheiro de cubículo, um vagabundo, uma série de aulas sobre as resoluções do último congresso do Partido. Em troca, o outro iniciou-o no segredo de ganhar a vida apanhando gatos e vendendo suas peles. Findos os três meses, levaram-no, de noite, a um mato na fronteira com a Bélgica. Os guardas deram-lhe pão, queijo e um maço de cigarros franceses.

— Siga em frente — disseram. — Em meia hora estará na Bélgica. Se tornarmos a pegá-lo do lado de cá, rebentamos sua cabeça.

Durante várias semanas, Loewy andou vagando pela Bélgica. Tornou a voltar-se para o Partido em busca de ajuda, mas recebeu a mesma resposta que na França. Farto de plátanos, tentou o negócio das peles de gato. Era bem fácil apanhá-los e obtinha-se por uma pele, quando nova e isenta de sarna, o equivalente a meio pão e a um pacote de de fumo para cachimbo. Entre a captura e a venda, havia, porém, uma operação algo desagradável. O método mais rápido era agarrar as orelhas do gato com uma mão, a cauda com a outra, e quebrar-lhe a espinha contra o joelho. As primeiras vezes, sofria-se de enjôo: mais tarde, a gente se acostumava. Infelizmente, Loewy foi de novo preso algumas semanas depois, pois também a Bélgica exigia documentos de identidade. Seguiram-se, no devido tempo, expulsão, soltura, segunda prisão, cárcere. Depois, uma noite, dois guardas belgas levaram-no a um mato na fronteira com a França. Deram-lhe pão, queijo e um maço de cigarros belgas.

— Siga em frente — disseram. — Em meia hora estará na França. Se tornamos a pegá-lo do lado de cá, rebentamos sua cabeça.

No decorrer do ano seguinte, Loewy foi contrabandeado três vezes de uma fronteira para a outra, com a cumplicidade das autoridades francesas ou belgas, conforme o caso. Achava que este jogo fora feito anos a fio, com várias centenas de homens de sua espécie. Apelou reiteradamente para o Partido, pois sua principal aflição era perder ligação com o movimento.

— Não recebemos comunicação de sua organização sobre sua chegada — dizia-lhe o Partido. — Temos de esperar a resposta ao nosso pedido de informações. Se é membro do Partido, observe a disciplina do Partido.

Enquanto isso, Loewy continuava no comércio de gatos, deixando-se atirar para lá e para cá através da fronteira. E a ditadura se instalava em seu país. Passou-se mais um ano e Loewy, ressentindo-se de suas viagens, começou a escarrar sangue e a sonhar com gatos. Sofria de um delírio: tudo lhe cheirava a gato, os alimentos, o cachimbo e mesmo as velhas e bondosas prostitutas que às vezes o acolhiam.

— Ainda não recebemos resposta ao nosso pedido de informações — dizia o Partido.

Após outro ano, soube-se que todos aqueles camaradas, que poderiam ter dado as informações pedidas a respeito da situação de Loewy, tinham sido assassinados, ou encarcerados, ou haviam desaparecido. — Infelizmente nada podemos fazer por você — disse o Partido. — Não devia ter vindo sem comunicação oficial. Talvez tenha viajado até sem licença do Partido. Como havemos de saber? Uma porção de espiões e provocadores tenta infiltrar-se nas nossas fileiras. O Partido precisa manter-se em guarda.

— Por que está me contando isso? — perguntou Rubachov. Desejava ter-se retirado antes.

Loewy serviu-se de chope na torneira e fez uma saudação com o cachimbo.

— Porque é instrutivo — disse. — Porque é um exemplo típico. Poderia contar-lhe cem outros casos iguais. Anos a fio, os melhores de nós temos sido esmagados dessa forma. O Partido está se fossilizando cada vez mais. O Partido sofre de reumatismo e varizes em todos os membros. Assim não se pode fazer uma revolução.

“Eu poderia contar mais a você, a propósito desse assunto”, pensou Rubachov mas nada disse.

Contudo, a história de Loewy se encaminhou inesperadamente para um final feliz. Enquanto cumpria uma de suas incontáveis sentenças de prisão, recebeu como companheiro de cela o ex-lutador Paul. Paul era, na época, operário das docas; estava encarcerado porque, num tumulto ocorrido durante uma greve, lembrando-se do seu passado profissional, aplicara num policial o golpe conhecido como *double-Nelson*. Consistia em passar os braços sob as axilas do adversário, por detrás, engatando as mãos sobre a nuca deste e empurrando-lhe a cabeça para baixo até que as vértebras do pescoço comesçassem a estalar. No tablado, isto sempre lhe trouxera aplausos consideráveis, mas aprendera com pesar que, na luta de classes, não se empregava o *double-Nelson*. Loewy e o ex-lutador Paul se tornaram amigos. Revelou-se que Paul era o secretário admi-

nistrativo da célula do Partido nas docas; quando saíram da prisão, arranjou documentos e trabalho para Loewy e conseguiu sua reintegração no Partido. Assim pôde Loewy fazer preleções aos estivadores sobre darwinismo e sobre o último congresso do Partido como se nada tivesse acontecido. Ficou contente e esqueceu-se dos gatos e de sua raiva contra os burocratas do Partido. Meio ano depois, tornou-se secretário político do organismo local. Bem está o que bem acaba.

E Rubachov, por mais velho e cansado que se sentisse, desejou de todo o coração que acabasse bem. Mas sabia qual a missão que lhe haviam confiado aqui, e só havia uma virtude revolucionária que não aprendera, a virtude do auto-engano. Através do pincenê olhou serenamente para Loewy, o Baixinho. E enquanto Loewy, que não compreendeu a significação daquele olhar, se tornava um tanto embaraçado e fazia, sorridente, uma saudação com o cachimbo, Rubachov pensava nos gatos. Notou com horror que os seus nervos estavam comportando-se mal e que talvez tivesse bebido demais, pois não podia livrar-se da obsessão de que devia agarrar Loewy pelas orelhas e pelas pernas e quebrá-lo de encontro ao joelho, com ombro deformado e tudo. Estava se sentindo mal e ergueu-se para sair. Loewy o acompanhou até seus aposentos; concluiu que Rubachov fora tomado por um súbito acesso de depressão e se manteve respeitosa e calado. Uma semana depois, Loewy enforcava-se.

Entre aquela noite e o suicídio de Loewy mediarão diversas e tranqüilas reuniões da célula do Partido. Os fatos eram simples.

Dois anos antes, o Partido chamara os trabalhadores do mundo para a luta, por meio de um boicote político e econômico, contra a ditadura recém-estabelecida no coração da Europa. Não comprar mercadorias procedentes do país inimigo, não permitir a passagem de remessas para sua enorme indústria de armamento. As células do Partido executaram estas ordens com entusiasmo. Os estivadores do pequeno porto se recusaram a carregar ou descarregar os navios vindos daquele país ou a ele destinados. Diversos sindicatos os acompanharam. A greve foi

difícil de sustentar; conflitos com a polícia redundavam em mortos e feridos. O resultado final da luta ainda estava incerto quando uma flotilha de cinco estranhos e antiquados barcos de carga, pintados de preto, atracou no porto. Cada um deles levava o nome de um grande dirigente da Revolução inscrito na popa, no esquisito alfabeto usado "lá", e em suas proas ondulava a bandeira da Revolução. Os operários grevistas os acolheram com entusiasmo. Imediatamente, começaram o serviço de descarga. Depois de várias horas, veio a saber-se que a carga constava de certos minerais raros e se destinava à indústria de guerra do país boicotado.

A célula do Partido entre os estivadores logo convocou uma reunião do comitê, em que houve troca de murros. A disputa espalhou-se pelo movimento, através de todo o país. A imprensa reacionária, fazendo irrisão, explorou o acontecimento. A polícia cessou suas tentativas para dominar a greve, proclamou-se neutra, e deixou os portuários decidirem sozinhos se descarregavam ou não os barcos da curiosa frota negra. A direção do Partido fez cessar a greve e ordenou à estiva que fizesse a descarga. Apresentou explicações razoáveis e argumentos engenhosos sobre o comportamento da Pátria da Revolução, mas poucos se convenceram. A célula fendeu-se; a maioria dos velhos membros abandonou-a. Durante meses, o Partido existiu apenas como uma sombra; mas gradativamente, à medida que a crise industrial crescia, retomou sua popularidade e poderio.

Dois anos se haviam passado. Outra ditadura faminta, no sul da Europa, lançava-se numa guerra de rapina e conquista na África. Novamente o Partido apelou para o boicote. Recebeu um apoio ainda mais entusiástico do que na ocasião anterior. Pois desta vez os próprios governos de quase todos os países do mundo tinham decidido cortar o suprimento de matérias-primas ao agressor.

Sem matérias-primas e especialmente sem gasolina, o agressor estaria perdido. Tal era a situação, quando de novo a curiosa flotilha negra se pusera a caminho. O maior dos seus navios levava o nome de um homem que levantara a voz contra a

guerra e fora assassinado; no topo de seus mastros flutuava a bandeira da Revolução e nos seus porões transportavam a gasolina para o agressor. Estavam apenas a um dia de viagem daquele porto, mas Loewy e seus amigos ainda nada sabiam de sua aproximação. Coube a Rubachov a missão de prepará-los para isso.

No primeiro dia nada dissera: limitara-se a sondar o terreno. Na manhã do segundo dia, começou a discussão na sala de reuniões do Partido.

A sala era grande, desmazelada, e vagamente mobiliada com a falta de cuidado que tornava os escritórios do Partido, em todas as cidades do mundo, exatamente iguais. Assim era, em parte, por causa da pobreza, mas principalmente por causa de uma sombria tradição de ascetismo. Cartazes eleitorais sem atualidade, lemas políticos e avisos datilografados cobriam as paredes. A um canto, um velho e empoeirado mimeógrafo. Noutro, um monte de roupas usadas, a serem distribuídas entre as famílias dos grevistas; adiante, pilhas de folhetos e brochuras amareladas. A longa mesa era formada por duas pranchas paralelas, sustentadas por dois cavaletes. As vidraças estavam besuntadas de tinta, como numa casa inacabada. Acima da mesa, suspensos do teto, uma lâmpada elétrica sem quebra-luz e um viscoso papel pega-moscas. Em torno, estavam sentados o corcunda Loewy, o ex-lutador Paul, o escritor Bill, e três outros.

Rubachov falou durante algum tempo. O ambiente lhe era familiar; aquela feiúra tradicional o punha à vontade. E, ali, sentia-se de novo totalmente convencido da necessidade e da utilidade de sua missão, e não podia entender por que na véspera, naquele botequim barulhento, tivera aquela sensação de ansiedade. Expos objetivamente, e não sem entusiasmo, a verdadeira situação, não mencionando, contudo, o propósito prático de sua vinda. O boicote mundial contra o agressor malograra-se por causa da hipocrisia e ganância dos governos europeus. Alguns deles ainda guardavam uma aparência de apoio ao boicote, os outros nem isso. O agressor precisava de gasolina. No passado, a Pátria da Revolução supria uma parte considerável de tal necessidade. Se agora cessasse o suprimento, outros

países saltariam avidamente para a brecha: na verdade, não desejavam nada melhor do que expulsar a Pátria da Revolução do mercado mundial. Gestos românticos daquela espécie só entravariam o desenvolvimento da indústria na Pátria da Revolução, e com isso o movimento revolucionário de todo o mundo. Assim, a inferência era clara.

Paul e os três estivadores aquiesceram com um aceno de cabeça. Eram lerdos de pensamento; tudo o que o camarada de "lá" lhes estava dizendo parecia totalmente convincente; era apenas um discurso teórico, para eles sem conseqüências imediatas. Não viam o ponto real que Rubachov tinha em mira; nenhum pensou na flotilha negra que se aproximava do porto. Só Loewy, o Baixinho, e Bill, o escritor, trocaram um rápido olhar. Rubachov notou-o. Concluiu com um pouco mais de seqüência, sem calor na voz:

— Era realmente tudo o que eu tinha a dizer no que toca a princípios. Cumpre aos camaradas executar as resoluções do C. C.¹ e explicar as particularidades da questão aos companheiros politicamente menos desenvolvidos, se algum deles tiver qualquer dúvida. No momento, nada mais tenho a dizer.

Durante um minuto, reinou o silêncio. Rubachov tirou o pincenê e acendeu um cigarro. Loewy disse em tom despreocupado:

— Obrigado. Alguém deseja fazer alguma pergunta?

Ninguém se manifestou. Depois de alguns instantes, um dos três estivadores disse, constrangido:

— Eu não acho muita coisa para acrescentar. Os camaradas de "lá" devem saber o que estão fazendo. Nós, naturalmente, temos de continuar lutando pelo boicote. Podem confiar em nós. Aqui no porto nada passa para aqueles porcos.

Seus dois colegas concordaram com um aceno de cabeça. O lutador Paul ratificou:

— Por aqui, não. — Fez uma careta belicosa e sacudiu as orelhas, por brincadeira.

1 Comitê Central (do Partido). (N. do T.)

Durante um momento, Rubachov julgou-se em face de um grupo de oposição: só aos poucos entendeu que os outros realmente não tinham percebido o ponto principal. Olhou para Loewy, na esperança de que este desfizesse a incompreensão. Mas Loewy conservava os olhos baixos e se manteve em silêncio. De repente, o escritor disse com uma cristação nervosa:

— Não podiam desta vez escolher outro porto para essas pequenas transações? É preciso que sempre sejamos nós?

Os estivadores olharam-no, surpresos; não compreenderam o que ele pretendia dizer com a palavra "transação"; a idéia da flotilha negra, que se aproximava da costa por entre bruma e fumaça, estava mais longe do que nunca de seus pensamentos. Rubachov, porém, esperara por esta pergunta:

— É aconselhável, tanto política como geograficamente — disse. — A mercadoria será transportada daqui por via terrestre. Não temos, naturalmente, nenhuma razão para manter qualquer coisa em segredo: no entanto, é mais prudente evitar o sensacionalismo que a imprensa reacionária poderia fazer.

O escritor tornou a trocar um olhar com Loewy. Os estivadores olhavam para Rubachov sem entender; era perceptível que remoíam lentamente a questão em suas cabeças. De repente, Paul disse com voz alterada, rouca:

— A que coisa estão se referindo, concretamente?

Todos o encararam. Tinha o pescoço vermelho e fitava em Rubachov os olhos arregalados. Loewy interferiu, reservado:

— Só agora perceberam?

Rubachov olhou de um para outro e depois disse, calmamente:

— Deixei de falar nos detalhes. Os cinco navios de carga do Comissariado do Comércio Exterior devem chegar amanhã de manhã, se o tempo permitir.

Ainda assim foram necessários vários minutos para que todos compreendessem. Ninguém disse uma só palavra. Todos olhavam para Rubachov. Depois, Paul se ergueu lentamente, atirou o boné no chão e se retirou. Dois de seus colegas seguiram-

no com a cabeça. Ninguém falou. Então Loewy pigarreou e disse:

— O camarada assistente nos explicou há pouco as razões deste negócio: se não fizerem o fornecimento, outros farão. Alguém mais deseja falar?

O estivador que já se fizera ouvir mexeu-se na cadeira e tornou a falar:

— Conhecemos essa música. Numa greve sempre há gente que diz: se eu não fizer o serviço, alguém mais fará. Já ouvimos isso bastante. É assim que os fura-greves falam.

Seguiu-se outra pausa. De fora, veio o estrondo da porta, batida por Paul. Depois, Rubachov disse:

— Camaradas, os interesses do progresso industrial no país do socialismo têm precedência sobre tudo o mais. O sentimentalismo não nos leva para a frente. Reflitam bem nisso.

O trabalhador das docas fincou o queixo para diante e observou:

— Já refletimos bem nisso. Já ouvimos o bastante. Os companheiros de "lá" devem dar o exemplo. Todo mundo conta com vocês. Vocês falam de solidariedade, sacrifício, disciplina, e ao mesmo tempo usam a marinha mercante sem mais nem menos para furar a greve.

Nesse instante, de repente, Loewy ergueu a cabeça; estava pálido; saudou Rubachov com o cachimbo, e disse em voz baixa e com muita rapidez:

— O que o camarada disse é também a minha opinião. Alguém mais deseja falar? A reunião está encerrada.

Rubachov saiu capengando da sala, apoiado nas muletas. Os acontecimentos seguiram o curso prescrito e inevitável. Enquanto a pequena e antiquada frota entrava no porto, Rubachov trocava alguns telegramas com as autoridades competentes de "lá". Três dias mais tarde, os dirigentes da célula do porto eram expulsos do Partido e Loewy era denunciado, no órgão oficial do Partido, como agente provocador. Mais três dias, e Loewy, o Baixinho, se havia enforcado.

A noite foi pior ainda. Rubachov não pôde dormir antes da alvorada. A intervalos regulares, calafrios lhe percorriam o corpo; o maxilar superior latejava. Tinha a impressão de que todos os centros de associação de seu cérebro estavam doloridos e inflamados; contudo, sentia uma penosa compulsão que o levava a recordar cenas e vozes. Pensava no jovem Richard de roupa preta domingueira, com os olhos congestionados: "Não pode me atirar aos lobos, camarada..." Pensava no deformado Loewy, o Baixinho: "Alguém mais deseja falar?" Eram tantos os que queriam falar. Porque o movimento não tinha escrúpulos; rolava para o alvo impassivelmente, jogando fora, nas curvas de sua rota, os cadáveres dos afogados. Sua rota apresentava muitas dobras e curvas; tal era a lei de sua existência. E quem quer que não pudesse seguir essa tortuosa rota ia dar à costa, pois essa era a lei. Os motivos do indivíduo não lhe importavam. Sua consciência não lhe importava, nem lhe importava o que se passava em sua cabeça e em seu coração. O Partido só conhecia um crime: desviar-se do curso traçado; e um castigo só: a morte. A morte não era mistério no movimento: nela nada havia de elevado — era a solução lógica para divergências políticas.

Só às primeiras horas do amanhecer Rubachov, exausto, adormeceu em seu beliche. Tornou a acordar ao som da corneta, que anunciava um novo dia; logo depois, vieram buscá-lo o velho carcereiro e dois funcionários uniformizados, para levá-lo ao médico.

Rubachov esperava ler os nomes nos cartões das portas das celas de Beijo de Lebre e do 402, mas seguiram a direção contrária. A cela à sua direita estava desocupada. Era uma das últimas daquela extremidade do corredor; a ala das celas de isolamento estava separada por uma pesada porta de concreto, que o velho abriu, meio atrapalhado. Percorriam agora uma extensa galeria; Rubachov tinha a sua frente o velho carcereiro, e à retaguarda os dois funcionários de uniforme. Aqui, todos os cartões afixados nas portas das celas tinham vá-

rios nomes; do interior delas vinham vozes, risos e até cantigas; Rubachov compreendeu imediatamente que estavam na seção dos autores de pequenos delitos. Passaram pela barbearia, cuja porta estava aberta; um preso com a pontuda cara de ave dos velhos sentenciados estava sendo barbeado; rapavam os cabelos de dois camponeses; os três voltaram a cabeça, curiosos, quando Rubachov e sua escolta desfilarão diante da barbearia. Chegaram a uma porta assinalada por uma cruz vermelha. O carcereiro bateu respeitosamente e entrou com Rubachov; os dois homens de uniforme ficaram esperando do lado de fora.

O ambulatório era pequeno e abafado; cheirava a ácido fênico e a fumo. Um balde e duas bacias estavam cheias, até a borda, de mechas de algodão e pedaços de gaze suja. O médico, sentado junto de uma mesa, estava de costas para eles, lendo um jornal e comendo pão com banha. O jornal descansava sobre um monte de instrumentos, pinças e seringas. Depois que o carcereiro fechou a porta, o médico voltou-se devagar. Era calvo e tinha o crânio extraordinariamente pequeno, coberto por uma penugem branca, lembrando a Rubachov um avestruz.

— Ele diz que está com dor de dentes — explicou o velho.

— Dor de dentes? — disse o médico, olhando para Rubachov sem o ver. — Abra a boca e vamos depressa com isso.

Rubachov o encarou através do pincenê.

— Permita-me frisar — disse, calmo — que sou um preso político, com direito a um tratamento correto.

O médico voltou a cabeça para o carcereiro:

— Quem é esta ave?

O carcereiro deu o nome de Rubachov. Por um segundo, Rubachov sentiu os olhos redondos de avestruz fitos nele. Depois, o médico continuou:

— Sua bochecha está inchada. Abra a boca.

Rubachov, no momento, não sentia dor. Abriu a boca.

— Não lhe resta nenhum dente no lado esquerdo do maxilar superior — disse o médico, tateando com o dedo a boca

de Rubachov. Subitamente Rubachov empalideceu e teve de encostar-se à parede.

— Aqui está! — concluiu o médico. — A raiz do canino superior direito se quebrou, ficando no maxilar.

Rubachov respirou fundo várias vezes. A dor, latejando, ia do maxilar até o olho e direto ao dorso da cabeça. Sentia cada pulsação do sangue isoladamente, a intervalos regulares. O médico tornara a sentar-se, abrindo o jornal. — Se quiser extraia essa raiz — disse e mordeu o pão com banha. — Naturalmente, aqui não temos anestésico. A intervenção dura de meia a uma hora.

Rubachov ouviu a voz do médico através de uma névoa. Estava encostado à parede e respirava fundo.

— Obrigado — respondeu. — Agora não.

Pensou em Beijo de Lebre, no “banho de vapor” e no ridículo gesto da véspera, quando apagara a brasa do cigarro nas costas da mão. As coisas vão correr mal, pensou.

Quando voltou para a cela, atirou-se no beliche e logo adormeceu.

Ao meio-dia, quando veio a sopa, ele não foi omitido; a partir daí, passou a receber as rações com regularidade. A nevralgia diminuiu, permanecendo dentro de limites suportáveis. Rubachov esperava que o abscesso na raiz se houvesse aberto espontaneamente.

Três dias depois, foi levado para interrogatório, pela primeira vez.

14

Eram onze horas da manhã quando vieram buscá-lo. Pela expressão solene do carcereiro, Rubachov logo presumiu para onde o levariam. Seguiu-o com a serena indiferença que, como uma inesperada graça, sempre lhe acudia em momentos de perigo.

Percorreram o mesmo caminho de três dias antes, quando foram ao médico. A porta de concreto tornou a abrir-se, fechando-se logo com estrondo; estranha coisa que a gente se acostume depressa a um ambiente cheio de tensão, pensou Rubachov; tinha a impressão de que, havia anos, respirava o ar daquele corredor, como se a atmosfera viciada de todas as prisões que conhecera se tivesse armazenado ali.

Passaram pela frente da barbearia e da porta do ambulatório, que estava fechada; do lado de fora, três presos, guardados por um carcereiro sonolento, esperavam sua vez.

Além da porta do ambulatório, o terreno era novo para Rubachov. Passaram por uma escada em caracol, que descia para as profundezas do presídio. Que haveria lá embaixo — depósito de gêneros, solitárias? Rubachov tentava adivinhar, com o interesse de entendido. Não lhe agradou o aspecto da escada.

Atravessaram um pátio estreito, fechado; era um poço sem janelas, sombrio, mas lá no alto se abria uma nesga do céu. No outro lado do poço, os corredores eram mais claros; as portas já não eram de concreto, mas de madeira pintada, com maçanetas de latão; atravessavam-nas funcionários apressados; atrás de uma delas havia um rádio ligado; atrás de outra, alguém batia numa máquina de escrever. Estavam no departamento de administração.

Pararam diante da última porta, no fim do corredor; o carcereiro bateu. Dentro, alguém telefonava; uma voz calma gritou para fora:

— Um momento, faça o favor — e continuou pacientemente dizendo, ao telefone, “Sim” e “De acordo”. A voz parecia conhecida de Rubachov, mas não conseguia identificá-la. Era um tanto rouca e agradavelmente masculina; com certeza já a ouvira em algum lugar.

— Entre — disse a voz; o carcereiro abriu a porta e fechou-a imediatamente à passagem de Rubachov.

Este viu uma escrivaninha, e, atrás dela, sentado, Ivanov, o seu velho amigo do tempo de estudante e antigo comandante

de batalhão; Ivanov olhou-o sorridente, enquanto descansava o fone.

— Então, eis-nos de novo juntos — comentou.

Rubachov ficara parado junto da porta.

— Que agradável surpresa — disse, secamente.

— Sente-se — disse Ivanov com um gesto cortês.

Erguera-se; de pé, era cerca de meia cabeça mais alto do que Rubachov. Continuava olhando-o, risonho. Ambos sentaram-se, Ivanov atrás da escrivaninha, Rubachov diante dela. Contemplaram-se durante algum tempo e sem refrear a curiosidade; Ivanov com um sorriso quase de ternura, Rubachov cauteloso, na expectativa. Seu olhar deslizou para baixo da mesa, visando a perna direita de Ivanov.

— Ah, isso está muito bem — disse Ivanov. — Perna artificial com articulações automáticas e revestimento inoxidável de cromo; posso nadar, montar, guiar automóvel e dançar. Aceita um cigarro?

Estendeu para Rubachov uma cigareira de madeira.

Rubachov olhou para os cigarros e pensou na sua primeira visita ao hospital militar, depois que a perna de Ivanov fora amputada. Ivanov lhe pedira que arranjasse Veronal, e, numa discussão que durou toda a tarde, tentara demonstrar que todo homem tem o direito de se suicidar. Rubachov finalmente pedira tempo para refletir e, à noite do mesmo dia, fora transferido para outro setor da frente de batalha. Só anos depois tornara a encontrar-se com Ivanov. Olhou para os cigarros. Eram feitos a mão, fofos, de louro fumo americano.

— Ainda é um prelúdio não-oficial, ou as hostilidades já começaram? — perguntou Rubachov. — Neste último caso, não aceito. Conhece a etiqueta.

— Bobagem — disse Ivanov.

— Bom, vá lá — consentiu Rubachov e acendeu um dos cigarros de Ivanov. Tragou fundo, procurando não demonstrar o prazer que sentia. — E como vai o reumatismo dos ombros? — perguntou.

— Muito bem, obrigado — disse Ivanov. — E a tua queimadura?

Sorrindo, indicou com simplicidade a mão esquerda de Rubachov. No dorso desta, entre as veias azuis, no lugar onde, três dias antes, deixara a brasa do cigarro extinguir-se, havia uma bolha do tamanho de uma moeda de cobre. Durante um minuto ambos ficaram a olhar para a mão de Rubachov, que a descansara sobre as pernas. "Como sabe disto?", pensou Rubachov. "Mandou espionar-me". Sentiu mais vergonha do que raiva; deu mais uma tragada grande e pôs fora o cigarro.

— Pelo que me toca, a parte não-oficial terminou — concluiu.

Ivanov soprava anéis de fumaça e o observava com o mesmo sorriso suavemente irônico.

— Não fique tão ouriçado.

— Leve em conta as circunstâncias — continuou Rubachov. — Fui eu que prendi você ou foram vocês que me prenderam?

— Nós o prendemos — disse Ivanov.

Apagou o cigarro, acendeu outro e estendeu a cigareira para Rubachov, que se manteve imóvel.

— Vá para o diabo — praguejou Ivanov. — Lembra da história do Veronal? — Inclinou-se para diante e soprou a fumaça do cigarro no rosto de Rubachov.

— Não desejo que você seja executado — disse, lentamente. Tornou a recostar-se na cadeira. — O diabo te carregue — repetiu, voltando a sorrir.

— É comovente de sua parte — disse Rubachov. — Por que mesmo vocês pretendem me dar um tiro?

Ivanov deixou escoarem-se alguns segundos. Fumando, desenhava figuras no mata-borrão, com o lápis. Parecia estar à cata das palavras exatas.

— Escute, Rubachov — disse, finalmente. — Há uma coisa que eu queria frisar. Por várias vezes mencionou "vocês", referindo-se ao Estado e ao Partido, por oposição a "eu", isto é, Nicolau Salmanovitch Rubachov. Para o público, é necessário, naturalmente, um julgamento e uma justificação legal. Para nós, o que eu acabo de dizer devia bastar.

Rubachov pôs-se a refletir sobre isto; ficara um pouco surpreendido. Por um momento, fora como se Ivanov tivesse ferido o diapasão, ao qual o seu espírito correspondera espontaneamente. Tudo aquilo em que acreditara, pelo qual lutara e que pregara durante os últimos quarenta anos, deslizou-lhe pela mente numa onda irresistível. O indivíduo não era nada, o Partido era tudo; o ramo que se quebrava na árvore tinha de secar. . . Rubachov esfregou o pincenê na manga. Ivanov estava recostado na cadeira, fumando; já não sorria. De repente, os olhos de Rubachov foram atraídos por uma mancha quadrada na parede, mancha mais clara do que o resto do forro de papel. Compreendeu logo que ali estivera pendurada a fotografia dos homens de cavanhaque e nomes numerados; Ivanov observou seu olhar sem mudar de expressão.

— Seu argumento é um pouco anacrônico — disse Rubachov. — Como observou, com toda a razão, estávamos acostumados a usar sempre o plural "nós" e a evitar tanto quanto possível a primeira pessoa do singular. Eu perdi muito do hábito dessa forma de falar: você continuou com ela. Mas quem é este "nós" em cujo nome você fala hoje? É preciso redefini-lo. Eis a questão.

— Exatamente a minha opinião. Fica satisfeito por termos atingido tão depressa o centro da questão. Em outras palavras: está convencido de que "nós", isto é, o Partido, o Estado e as massas que estão atrás destes não mais representam os interesses da Revolução.

— Eu deixaria as massas fora daí — disse Rubachov.

— Desde quando você tem esse supremo desprezo pela plebe? — perguntou Ivanov. — Isso também está relacionado com a mudança gramatical para a primeira pessoa do singular?

Inclinou-se por cima da escrivaninha, com uma benevolente expressão de escárnio. Sua cabeça agora escondia a mancha clara na parede e, subitamente, ocorreu a Rubachov a cena na galeria de pintura, quando a cabeça de Richard se interpusera entre ele e as mãos em taça da *Pietà*. No mesmo instante, um espasmo de dor latejante subiu-lhe do maxilar à testa e ao ouvido. Durante um segundo, fechou os olhos. "Agora

estou pagando”, pensou. Um instante depois, não sabia se falara alto, ou não.

— Que quer dizer?

A voz de Ivanov soou-lhe junto do ouvido, zombeteira e levemente surpresa.

A dor se desvaneceu; uma plácida quietude lhe invadiu o espírito.

— Deixa as massas fora daí — repetiu. — Você não entende delas. E tampouco eu, provavelmente. Antes, quando o grande “nós” ainda existia, nós as compreendíamos como ninguém jamais as compreendera. Tínhamos penetrado nas suas profundezas, trabalhávamos a matéria-prima amorfa da própria história...

Sem se dar conta, tirara um cigarro da cigarreira de Ivanov, que continuava aberta em cima da mesa. Ivanov inclinou-se para diante e acendeu-o.

— Naquela época — prosseguiu Rubachov — éramos chamados o Partido da Plebe. Que sabiam os outros de história? Que as águas se encrespam, que há pequenos redemoinhos, que as ondas rebentam. Espantavam-se diante das formas mutáveis da superfície e não sabiam explicá-las. Mas nós tínhamos descido até o fundo, até as massas informes, anônimas, que em todos os tempos constituem a substância da história; e fomos os primeiros a descobrir suas leis de movimento. Tínhamos descoberto as leis de sua inércia, da lenta mutação de sua estrutura molecular, e de suas súbitas erupções. Era essa a grandeza de nossa doutrina. Os jacobinos eram moralistas; nós éramos empíricos. Cavamos no lodo primitivo da história e ali achamos suas leis. Sabíamos mais, a respeito da humanidade, do que jamais os homens souberam; foi por isso que a nossa revolução vingou. E agora tornamos a enterrar tudo isso...

Ivanov estava recostado na cadeira, pernas estendidas, escutando e desenhando figuras no mata-borrão.

— Continue — disse. — Estou curioso por saber onde quer chegar.

Rubachov fumava com volúpia. Sentia que a nicotina o deixava levemente aturdido, depois da longa abstinência.

— Como vê, estou falando o bastante para que me cortem a cabeça — disse e olhou sorridente para a mancha desbotada na parede, de onde um dia pendera a fotografia da velha guarda. Desta vez Ivanov não lhe acompanhou o olhar.

— Bem — continuou Rubachov —, mais um não faz diferença. Tudo está enterrado; os homens, sua sabedoria e suas esperanças. Vocês mataram o “nós”; destruíram-no. Vocês sustentam sinceramente que as massas ainda continuam a segui-los? Outros usurpadores, na Europa, fazem o mesmo com tanto direito quanto vocês...

Serviu-se de outro cigarro, que ele próprio acendeu, pois Ivanov não se mexera.

— Perdoe a minha pretensão — prosseguiu —, mas realmente acredita que o povo ainda segue vocês? Ele os suporta, mudo e resignado, como suporta a outros, em outros países, mas no íntimo é indiferente. As massas estão de novo surdas e mudas, o grande e calado x da história, indiferentes como o mar levando os navios. Todo lampejo se reflete na superfície, mas debaixo há escuridão e silêncio. Há muito tempo, agitamos suas profundezas, mas isso terminou. Em outras palavras — fez uma pausa e colocou o pincenê —, naquele tempo nós fazíamos história; agora vocês fazem política. Eis toda a diferença.

Ivanov, recostado na cadeira, soprava espirais de fumaça. — Desculpe-me, mas a diferença não está bem clara, para mim — disse. — Talvez possa fazer o favor de me explicar.

— Certamente — respondeu Rubachov. — Um matemático disse, uma vez, que a álgebra era a ciência dos preguiçosos: não se conhece o valor de x , mas opera-se com ele como se o conhecêssemos. No nosso caso, x representa as massas anônimas, o povo. A política significa operar com este x sem se preocupar com sua natureza real. Fazer história é reconhecer o x pelo que representa na equação.

— Bonito — disse Ivanov. — Mas, infelizmente, um pouco abstrato. Voltando a coisas mais tangíveis: quer dizer, portanto, que “nós”, a saber, o Partido e o Estado, não mais representa-

mos os interesses da Revolução, das massas ou, se quiser, do progresso da humanidade.

— Desta vez você apanhou a coisa — afirmou Rubachov, sorrindo. Ivanov não correspondeu ao sorriso.

— Quando adotou essa opinião?

— Muito aos poucos: no decurso destes últimos anos — respondeu Rubachov.

— Não pode precisar mais? Um ano? Dois? Três anos?

— É uma pergunta tola — disse Rubachov. — Com que idade ficou adulto? Com dezessete anos? Com dezessete e meio? Com dezenove?

— Você é que está se fingindo de tolo. Cada passo no desenvolvimento espiritual é o resultado de experiências definidas. Se de fato quer saber: tornei-me homem com dezessete anos, quando fui exilado a primeira vez.

— Naquela época você era um homem decente — continuou Rubachov. — Mas esqueça isso. — Tornou a olhar para a mancha clara na parede e pôs fora o cigarro.

— Repito a pergunta — disse Ivanov, e inclinou-se levemente para diante. — Durante quanto tempo pertenceu à oposição organizada?

O telefone tocou. Ivanov atendeu:

— Estou ocupado — e desligou. Recostou-se na cadeira, perna estendida, e esperou pela resposta de Rubachov.

— Você sabe tanto quanto eu que nunca participei de uma organização oposicionista.

— Como quiser — disse Ivanov. — Você me coloca na penosa posição de ter de fazer o papel do burocrata. — Levou a mão a uma gaveta e dali retirou uma coleção de documentos.

— Começamos por 1933 — continuou, espalhando os papéis diante de si. — Irrompe a ditadura e é esmagado o Partido no próprio país onde a vitória parecia mais próxima. Você é enviado para lá, ilegalmente, com a tarefa de realizar um expurgo e a reorganização das fileiras...

Rubachov acomodara-se na cadeira e escutava sua biografia. Pensou em Richard, e no crepúsculo na avenida em frente ao museu, onde fizera parar o táxi.

— ... Três meses depois: é preso. Dois anos de cadeia. Comportamento exemplar, nada pode ser provado contra você. Libertação e volta triunfal...

Ivanov fez uma pausa, lançou-lhe um olhar rápido e continuou:

— Foi muito homenageado na volta. Na ocasião não nos encontramos; provavelmente você estava ocupado demais... A propósito: não o levei a mal. Afinal, não era de esperar que reverenciasse todos os seus velhos amigos. Mas eu o vi duas vezes nos comícios, no alto do palanque. Ainda andava de muletas e parecia muito abatido. O lógico, para você, teria sido a internação num sanatório por alguns meses, e, depois, algum posto no governo: tinha passado quatro anos em missão no estrangeiro. Mas depois de duas semanas, já se candidatava a outra...

Subitamente inclinou-se para a frente, aproximando seu rosto de Rubachov.

— Por quê?... — perguntou, e pela primeira vez sua voz se tornara áspera. — Não se sentia à vontade aqui, devo presumir? Durante sua ausência, haviam-se realizado certas mudanças no país, que evidentemente não lhe agradaram.

Ficou esperando que Rubachov dissesse alguma coisa; Rubachov, porém, continuou quieto na cadeira, limpando o pincenê na manga, e não respondeu.

— Foi logo depois que a primeira leva do grupo de oposição fora condenada e liquidada. Você tinha amigos íntimos entre eles. Quando se soube o grau de apodrecimento que a oposição atingira, houve um surto de indignação pelo país afora. Você não disse nada. Depois de duas semanas, partiu para o exterior, embora ainda não pudesse andar sem as muletas...

Rubachov tinha a impressão de que tornava a sentir o cheiro das docas do pequeno porto, uma mistura de algas e gasolina; Paul, o lutador, sacudia as orelhas; Loewy, o Baixinho, fazia um cumprimento com o cachimbo... Enforcara-se numa viga da água-furtada onde morava. A velha casa arruinada estremecia cada vez que passava um caminhão; tinham contado a Rubachov que de manhã, quando Loewy fora encontrado

morto, o corpo girava lentamente em seu próprio eixo, de tal modo que no primeiro instante julgaram que ainda se mexesse...

— A missão foi concluída com êxito, você foi nomeado chefe da nossa Delegação Comercial em B. Dessa vez, também desempenhou suas obrigações irrepreensivelmente. O novo tratado de comércio com B. é um legítimo sucesso. Na aparência, seu comportamento continua exemplar e imaculado. Mas seis meses depois que assumiu esse posto, dois de seus colaboradores mais chegados, um deles sua secretária, Arlova, tiveram de ser chamados sob suspeita de conspiração oposicionista. Esta suspeita é confirmada pelo inquérito. Espera-se que você os condene publicamente. Permanece calado... Mais seis meses e também você é chamado. Os preparativos para o segundo processo da oposição estão em andamento. Seu nome vem à tona várias vezes, durante o julgamento; Arlova reporta-se a você para se justificar. Nestas circunstâncias, manter silêncio pareceria uma confissão de culpa. Você sabe disso e, no entanto, recusa-se a fazer uma declaração pública até que o Partido lhe envie um ultimato. Só então, quando sua cabeça está em jogo, você condescende em fazer uma declaração de lealdade, que automaticamente liquida com Arlova. O destino dela você sabe...

Rubachov se conservava em silêncio, notando que a nevrálgia voltava. Sabia do destino dela. O de Richard também. O de Loewy, o Baixinho, também. E também o seu próprio destino. Olhou para a mancha clara na parede, o único vestígio deixado pelos homens de cabeças numeradas. O destino deles também lhe era conhecido. Por uma única vez, a história seguiu um rumo que pelo menos prometia uma forma mais digna de vida para a humanidade; agora isso passara. Por quê, pois, toda esta conversa e toda esta cerimônia? Se, no ser humano, algo pudesse sobreviver à destruição, a jovem Arlova jazia em alguma parte do grande vazio, ainda a fitar seus olhos bondosos de vaca no camarada Rubachov, que fora seu ídolo e que a enviara para a morte... A nevrálgia era cada vez mais forte.

— Quer que leia a declaração pública que você fez naquela ocasião? — perguntou Ivanov.

— Não, obrigado — disse Rubachov e observou que sua voz tinha um tom áspero.

— Como deve se lembrar, sua declaração, que também poderia ser classificada como uma confissão, terminava com uma nítida condenação do grupo oposicionista e com uma afirmação de fidelidade incondicional tanto à linha política do Partido quanto à pessoa do N.º 1.

— Acabe com isso — retrucou Rubachov com voz monótona. — Você sabe como esta espécie de declaração é fabricada. Se não sabe, tanto melhor para você. Por favor, acabe com esta comédia.

— Chegamos quase ao fim — disse Ivanov. — Estamos agora a apenas dois anos do presente. Durante esses dois anos, você foi chefe do Truste Estatal do Alumínio. Um ano atrás, por ocasião do terceiro processo da oposição, o réu principal mencionou repetidamente seu nome em algumas passagens um tanto obscuras. Nada de tangível é revelado, mas a suspeita cresce nas fileiras do Partido. Você faz nova declaração pública, onde torna a proclamar sua devoção à linha política da direção e condena o caráter criminoso da oposição em termos ainda mais violentos... Isso foi há seis meses. E hoje você admite que, durante anos, já considerava errada e nociva a linha política da Direção...

Fez uma pausa e tornou a reclinar-se comodamente na cadeira.

— Suas primeiras declarações de lealdade — continuou — foram portanto apenas um meio de alcançar um fim definido. Note uma coisa, peço-lhe: não estou moralizando. Ambos nos tornamos adultos dentro da mesma tradição e temos nestas questões a mesma concepção. Você se convencerá de que nossa linha política estava errada e de que a sua era justa. Dizê-lo abertamente naquela época teria significado sua expulsão do Partido, com a conseqüente impossibilidade de continuar o trabalho em prol de suas próprias idéias. Teve, assim, de jogar fora o lastro, a fim de poder servir à linha política que, na sua

opinião, era a única justa. No seu lugar, eu teria agido, naturalmente, da mesma forma. Até aqui, tudo está em ordem.

— E o que se segue? — perguntou Rubachov.

Ivanov mostrava outra vez seu sorriso amável.

— O que não compreendo — disse — é o seguinte. Agora você admite abertamente que durante anos alimentou a convicção de que estávamos arruinando a Revolução; e simultaneamente nega que pertence à oposição e que conspira contra nós. Espera mesmo que eu acredite que estava sentado, a observarnos, com as mãos sobre as pernas, enquanto, de acordo com sua convicção, levávamos país e Partido à ruína?

Rubachov deu de ombros.

— Talvez eu estivesse demasiado velho e gasto... Mas acredite no que quiser — disse.

Ivanov acendeu outro cigarro. Sua voz tornou-se calma e penetrante:

— Quer mesmo que eu acredite que sacrificou Arlova e negou aqueles — acenou com o queixo na direção da mancha clara na parede — apenas a fim de salvar sua própria cabeça?

Rubachov continuou calado. Decorreu uma longa pausa. Ivanov aproximou dele mais ainda sua cabeça, por cima da escrivania.

— Não compreendo você — disse. — Há meia hora me fez um discurso crivado dos ataques mais apaixonados contra nossa linha política, do qual uma parcela qualquer teria bastado para sua liquidação. E agora nega uma dedução lógica tão simples como essa de que pertencia a um grupo de oposição, e disto, de qualquer modo, temos em nosso poder todas as provas.

— É? — disse Rubachov. — Se vocês têm todas as provas, por que precisa da minha confissão? Provas de quê, a propósito?

— Entre outras — respondeu Ivanov, lentamente —, provas de um atentado projetado contra a vida do N.º 1.

Tornou a reinar silêncio. Rubachov colocou o pincenê.

— Permita-me que por minha vez faça uma pergunta — disse. — Acredita mesmo nesta idiotice ou só está simulando?

No canto dos olhos de Ivanov, apareceu o mesmo sorriso de antes, um sorriso quase terno.

— Já lhe disse. Temos provas. Para ser mais exato: confissões. Para ser ainda mais exato: a confissão do homem que ia efetivamente cometer o atentado por instigação sua.

— Parabéns — disse Rubachov. — Como se chama ele? Ivanov continuava sorrindo.

— Uma pergunta indiscreta.

— Posso ler essa confissão? Ou ficar frente a frente com o homem?

Ivanov sorriu. Soprou a fumaça do cigarro com amistoso escárnio no rosto de Rubachov. Para este, era uma coisa desagradável; mas não moveu a cabeça.

— Lembra do Veronal? — disse Ivanov, devagar. — Penso que já lhe perguntei isso. Agora os papéis estão trocados: hoje é você quem está tratando de se atirar de cabeça no precipício. Mas com o meu auxílio, não. Naquela ocasião me convenceu de que o suicídio era romantismo pequeno-burguês. Providenciarei para que você não consiga se matar. Ficaremos, então, quites.

Rubachov permaneceu calado. Refletia, perguntando a si próprio se Ivanov mentia ou era sincero; e ao mesmo tempo sentia o estranho desejo, quase um impulso físico, de tocar com os dedos na mancha clara da parede. “Nervos”, pensou. “Obsessões. Pisar unicamente nos ladrilhos pretos, murmurar frases absurdas, limpar o pincenê na manga: vejam só, estou fazendo essas coisas outra vez...”

— Estou curioso por saber — disse em voz alta — que plano tem para minha salvação. O modo como encaminhou o interrogatório até aqui parece ter exatamente o alvo oposto.

O sorriso de Ivanov se alargou, tornou-se radiante.

— Seu velho idiota — disse e, estendendo a mão por cima da mesa, agarrou o botão do casaco de Rubachov. — Uma vez fui obrigado a deixar você explodir, senão explodiria no momento impróprio. Não reparou nem mesmo que não tenho estenógrafa, aqui?

Tirou um cigarro da cigareira e o introduziu na boca de Rubachov, sem soltar o botão do paletó.

— Está se portando como uma criança. Como uma criança romântica — acrescentou. — Agora vamos manipular uma bonita confissãozinha e por hoje chega.

Rubachov finalmente conseguiu livrar-se da mão de Ivanov. Encarou-o agudamente através do pincenê.

— E de que constaria essa confissão? — perguntou.

Ivanov olhava-o, radiante, sempre a sorrir.

— Da confissão constará — disse — que você admite, desde tal e tal ano, ter pertencido a tal e tal grupo de oposição; mas que enfaticamente nega ter organizado ou planejado um atentado; que, pelo contrário, se retirou do grupo quando soube dos planos criminosos e terroristas da oposição.

Pela primeira vez durante a discussão, Rubachov também sorriu.

— Se esse é o fim de toda esta conversa — disse — podemos encerrá-la imediatamente.

— Deixe-me concluir o que ia dizer — insistiu Ivanov, sem nenhuma impaciência. — Eu sabia, naturalmente, que você discordaria. Consideremos primeiro o lado moral ou sentimental da questão. Não delata ninguém com o que admite. O grupo todo foi preso muito antes de você, e a metade já foi liquidada; sabe disso muito bem. Quanto ao resto, podemos obter outras confissões que não sejam esta coisa inócua: de fato, quaisquer confissões que desejarmos... Suponho que me compreende e que minha franqueza lhe convence.

— Em outras palavras: você mesmo não acredita na história da conspiração contra o N.º 1 — disse Rubachov. — Então por que não confronta a mim e a esse misterioso X, que fez essa pretensa confissão?

— Reflita um pouco — disse Ivanov. — Coloque-se no meu lugar; afinal de contas, nossas posições muito bem poderiam estar invertidas. Descubra a resposta sozinho.

Rubachov pensou e disse:

— Recebeu instruções precisas de cima sobre como tratar do meu caso.

Ivanov sorriu.

— Assim é apresentar a questão de maneira um tanto crua demais. O que há de certo é que ainda não está decidido se o seu caso deve enquadrar-se na categoria "A" ou na categoria "P". Conhece as expressões?

Rubachov sacudiu a cabeça afirmativamente; conhecia-as.

— Começa a compreender — disse Ivanov. — "A" significa: casos administrativos; "P" significa: julgamento público. A grande maioria dos casos políticos são julgados administrativamente; quer dizer, aqueles que não seriam úteis num julgamento público... Se você cair na categoria "A", será retirado da minha alçada. O julgamento pelo Tribunal Administrativo é secreto e, como sabe, um pouco sumário. Não há oportunidade para acareações e coisas assim. Pense em...

Ivanov citou três ou quatro nomes, e lançou um fugaz olhar à mancha clara da parede. Quando tornou a voltar-se para Rubachov, este percebeu, pela primeira vez, uma expressão atormentada em seu rosto, um jeito parado no olhar, como se Ivanov não estivesse fitando a ele, Rubachov, mas um ponto situado a alguma distância dali.

Ivanov tornou a repetir, em voz mais baixa, os nomes de seus antigos amigos.

— Conheci-os tão bem quanto você — continuou. — Mas tem de admitir que nós estamos tão convencidos de que você e eles significariam o fim da Revolução como você o está do contrário. Esse é o ponto essencial. Os métodos seguem-se por dedução lógica. Não podemos dar-nos ao luxo de perder-nos em sutilezas jurídicas. Fazia isso, no seu tempo?

Rubachov não respondeu.

— Tudo depende — continuou Ivanov — de você ser classificado na categoria "P" e de o caso permanecer em minhas mãos. Sabe de que ponto de vista são escolhidos os casos para julgamento público. Terei de demonstrar que há certa boa vontade de sua parte. Para isso preciso de seu depoimento com uma confissão parcial. Se fizer o papel de herói, e insistir em dar a impressão de que nada há a fazer com você, será despachado com fundamento na confissão de X. Por outro lado, se

fizer uma confissão parcial, temos margem para um exame mais atento de seu caso. Nessa base, poderei obter uma acareação; refutaremos os pontos mais graves da acusação e sua culpabilidade será confessada dentro de certos limites cuidadosamente fixados. Mesmo assim, não poderemos deixar isso por menos de vinte anos; quer dizer, de fato, dois ou três anos, e depois, anistia; e dentro de cinco anos voltará novamente à arena. Agora faça o favor de refletir com calma nisso tudo, antes de responder.

— Já refleti — disse Rubachov. — Rejeito sua proposta. Logicamente, você pode ter razão. Mas estou farto desta espécie de lógica. Estou cansado e não quero mais participar deste jogo. Faça-me o favor de me mandar de volta para a cela.

— Como quiser — disse Ivanov. — Eu não esperava que concordasse imediatamente. Esta espécie de conversa geralmente tem um efeito retardado. Terá um prazo de quinze dias. Peça para lhe trazerem novamente à minha presença depois que tiver pensado no assunto; ou mande-me uma declaração escrita. Porque não tenho dúvidas de que me mandará uma declaração.

Rubachov levantou-se; Ivanov também se levantou; sua estatura de novo alcançava meia cabeça a mais que Rubachov. Apertou uma campainha elétrica junto da escrivaninha. Enquanto esperavam que o carcereiro viesse buscar Rubachov, Ivanov disse:

— No seu último artigo, há alguns meses, você escreveu que a próxima década decidirá o destino do mundo na nossa era. Não quer estar aqui para isso?

Sorriu para Rubachov. Ouviram-se passos no corredor; a porta abriu-se. Dois carcereiros entraram e fizeram continência. Sem uma palavra, Rubachov se colocou entre ambos; e o grupo se pôs a caminho da cela. Nos corredores, os ruídos agora se haviam extinguido; de algumas celas vinha um ressonar abafado, que se assemelhava a um queixume. Por todo o presídio, a luz amarela, baça, das lâmpadas elétricas.

O SEGUNDO INTERROGATÓRIO

“Quando sua existência está ameaçada, a Igreja é dispensada dos mandamentos da moral. Tendo como objetivo a unidade, o uso de todos os meios é santificado, mesmo a astúcia, a traição, a violência, a simonia, a prisão, a morte. Porque toda a ordem é em benefício da comunidade, e o indivíduo deve ser sacrificado ao bem comum.”

DIETRICH VON NIEHEIM,

Bispo de Verden:

De schismate libri III, A. D. 1411

Trecho do diário de N. S. Rubachov, no quinto dia de prisão:

"... A verdade definitiva é sempre, no fim das contas, uma falsidade. Quem consegue provar que tem razão revela que antes era errado e pernicioso.

Mas quem provará que tem razão? Só se saberá mais tarde. Enquanto isso, somos forçados a agir a crédito e a vender a alma ao diabo, na esperança da absolvição da história.

Dizem que o N.º 1 conserva O príncipe, de Maquiavel, permanentemente à sua cabeceira. Tem de fazer assim: desde Maquiavel, nada de realmente importante se disse a respeito das regras da ética política. Fomos os primeiros a substituir a ética liberal do "jogo limpo" do século XIX pela ética revolucionária do século XX. Nisso também estávamos certos: uma revolução dirigida segundo as regras do críquete é um absurdo. A política pode ser relativamente limpa nos espaços em que a história toma fôlego; nas curvas críticas não há outra regra possível além da velha: o fim justifica os meios. Introduzimos o neomaquiavelismo neste país; os outros, as ditaduras contra-revolucionárias, nos imitaram canhesticamente. Fomos neomaquiavélicos em nome da razão universal — essa foi a nossa

grandeza; os outros, em nome do romantismo nacional, que é o seu anacronismo. Eis por que no fim seremos absolvidos pela história: mas eles, não. . .

Contudo, no momento, estamos pensando e agindo a crédito. Como lançamos ao mar todas as convenções e regras da moralidade tipo críquete, o nosso único princípio diretor é o da lógica conseqüente. Encontramo-nos sob a terrível compulsão que nos leva a aprofundar o nosso pensamento até sua conseqüência final e a agir de acordo com ele. Navegamos sem lastro; portanto, qualquer toque no leme é uma questão de vida ou de morte.

Pouco tempo atrás, o nosso principal agrônomo, B., foi executado com trinta de seus colaboradores porque sustentava a opinião de que o adubo artificial de nitrato era superior ao carbonato de potássio. O N.º 1 é inteiramente pró carbonato de potássio; portanto B. e os outros trinta tinham de ser liquidados como sabotadores. Numa agricultura centralizada nacionalmente, a alternativa nitrato ou carbonato é de enorme importância; pode decidir o desfecho da próxima guerra. Se o N.º 1 estava com a razão, a história o absolverá, e a execução dos trinta e um homens será uma simples ninharia. Se estava errado. . .

É apenas isso que importa: quem objetivamente está certo. Os moralistas à críquete agitam-se diante de um problema muito diferente: estava B. subjetivamente de boa fé quando recomendou o nitrogênio? Se não estava, de acordo com a ética deles devia ser executado, ainda que depois ficasse demonstrada a superioridade do nitrogênio. Se estava de boa fé, então devia ser absolvido e ter permissão para continuar fazendo a propaganda do nitrato, ainda que o país viesse a arruinar-se em conseqüência disso. . .

O que é, naturalmente, um cabal absurdo. Para nós a questão da boa fé subjetiva não tem interesse. Quem não tiver razão deve pagar; quem tiver razão será absolvido. Essa é a lei do crédito histórico; era a nossa lei.

A história nos ensinou que freqüentemente a mentira lhe serve melhor do que a verdade; porque o homem é preguiçoso,

tem de ser conduzido pelo deserto durante quarenta anos, antes de qualquer passo em seu desenvolvimento. E tem de ser levado pelo deserto com ameaças e promessas, com terrores imaginários e consolações imaginárias, a fim de que não se assente prematuramente para descansar e distrair-se adorando bezerros de ouro.

Aprendemos a história melhor do que os outros. Diferenciamos-nos de todos os outros na nossa coerência lógica. Sabemos que a virtude não importa à história, e que os crimes ficam impunes; mas que todo erro tem suas conseqüências e vinga-se até a sétima geração. Por isso concentrávamos todos os nossos esforços na prevenção do erro e na destruição de suas próprias sementes. Jamais na história, como no nosso caso, tanto poder sobre o futuro da humanidade se concentrou em tão poucas mãos. Toda idéia errônea que seguimos é um crime cometido contra as gerações futuras. Portanto, temos de punir as idéias erradas como os outros punem os crimes: com a morte. Fomos tidos por loucos porque levávamos cada pensamento até sua conseqüência final e agíamos de acordo com isso. Fomos comparados com a Inquisição porque, como ela, constantemente sentíamos em nós mesmos todo o peso da responsabilidade pela vida superindividual futura. Assemelhávamo-nos aos grandes inquisidores porque perseguíamos as sementes do mal não só nas ações dos homens, como também nos seus pensamentos. Não admitíamos esfera privada, nem mesmo dentro do crânio do homem. Vivíamos sob uma compulsão, elaborar as coisas até suas conclusões finais. Nossos espíritos estavam tão carregados e tensos que a mais leve colisão causava um curto-circuito mortal. Estávamos fadados, assim, à destruição mútua.

Fui um desses. Pensei e agi como devia; destruí pessoas das quais gostava, e dei o poder a outros de quem não gostava. A história me pôs onde estive; esgotei o crédito que me concedeu; se estava com a razão, nada tenho de que me arrependei; se estava em erro, pagarei.

Mas como pode o presente determinar o que será considerado verdade, no futuro? Estamos fazendo obra de profetas sem ter esse dom. Substituímos a visão pela dedução lógica; mas em-

bora todos partíssemos do mesmo ponto, chegamos a resultados divergentes. A prova refutou a prova, e finalmente tivemos de recorrer à fé — à fé axiomática na justeza do próprio raciocínio. Eis o ponto crucial. Jogamos todo o lastro ao mar; só uma âncora nos segura: a fé no próprio eu. A geometria é a realização mais pura da razão humana; mas os axiomas de Euclides não podem provar-se. Quem não acreditar neles verá todo o edifício desmoronar.

O N.º 1, tenaz, pachorrento, taciturno, inabalável, tem fé em si próprio. Sua âncora tem a corrente mais sólida de todas. A minha desgastou-se nestes últimos anos. . .

O fato é este: não acredito mais na minha infalibilidade. É por isso que estou perdido."

2

No dia seguinte ao do primeiro interrogatório de Rubachov, o magistrado de Instrução Criminal, Ivanov, e seu colega Gletkin estavam sentados na cantina, depois do jantar. Ivanov, cansado, apoiara a perna artificial numa segunda cadeira e abrira a gola do uniforme. Servira-se do vinho barato de que a cantina dispunha e, em silêncio, admirado, olhava para Gletkin empertigado na cadeira, de uniforme engomado, que a cada momento farfalhava. Gletkin não tirara nem mesmo o cinturão do revólver, embora também devesse estar bastante fatigado. Esvaziou o copo; a ostensiva cicatriz de sua cabeça rapada se avermelhara um pouco. Além deles, só três outros funcionários estavam na cantina, numa mesa distante; dois jogavam xadrez, o terceiro assistia à partida.

— Que vai haver com Rubachov? — perguntou Gletkin.

— Ele está enveredando por um caminho meio ruim — respondeu Ivanov. — Mas continua tão lógico como sempre. Portanto, deve render-se.

— Não acredito — disse Gletkin.

— Rende-se — repetiu Ivanov. — Quando tiver refletido maduramente em tudo, até sua conclusão lógica, fraquejará.

Portanto, o essencial é deixá-lo em paz e não perturbá-lo. Concedi-lhe papel, lápis e cigarros, a fim de acelerar a marcha de seu pensamento.

— Acho errado — disse Gletkin.

— Você não gosta dele — disse Ivanov. — Teve uma cena com ele há dias, não foi?

Gletkin pensou na cena, quando Rubachov, sentado no beliche, calçava o sapato por cima da meia furada.

— Isso não tem importância — disse. — Sua personalidade não tem importância. É o método, que eu não considero justo. Nunca o levará a ceder.

— Quando Rubachov se render — disse Ivanov — não o fará por covardia, mas pela lógica. Com ele, é inútil tentar o método duro. Rubachov é construído de certo material que se torna tanto mais duro quanto mais batido.

— Isso é conversa — disse Gletkin. — Não existem seres humanos capazes de resistir a qualquer soma de pressão física. Nunca vi nenhum. A experiência mostra-me que a resistência do sistema nervoso humano é limitada pela natureza.

— Eu não queria cair em suas mãos — disse Ivanov sorrindo, mas com um traço de ansiedade. — De qualquer forma, você é uma refutação viva de sua própria teoria.

Seu olhar sorridente pousou por um segundo na cicatriz do crânio de Gletkin. A história daquela cicatriz era conhecida. Durante a Guerra Civil, quando Gletkin caíra nas mãos do inimigo, haviam-lhe atado à cabeça rapada um pavio aceso, a fim de arrancar dele certa informação. Algumas horas depois, seus próprios soldados retomaram a posição e o encontraram inconsciente. O pavio ardera até o fim; Gletkin nada revelara.

Encarou Ivanov com seus olhos sem expressão.

— Isso também não passa de conversa — disse. — Não cedi porque desmaiei. Se continuasse consciente mais outro minuto, teria falado. É um problema de constituição física.

Esvaziou o copo, num gesto calculado; ao pousá-lo novamente em cima da mesa, o punho da camisa rangiu.

— Quando recuperei os sentidos, estava convencido, a princípio, de que *tinha* falado. Mas os dois subalternos libertados juntamente comigo afirmaram o contrário. Por isso fui condecorado. Tudo não passa de um problema de constituição física; o resto é apenas história da carochinha.

Ivanov também estava bebendo. Já havia ingerido uma boa dose do vinho ordinário. Deu de ombros.

— Desde quando adotou essa notável teoria sobre a constituição física? Afinal de contas, durante os primeiros anos estes métodos não existiam. Naquele tempo ainda estávamos cheios de ilusões. Abolição do castigo e da retaliação contra o crime; sanatórios com jardins para os elementos anti-sociais. Tudo fraude.

— Não penso assim — disse Gletkin. — Você é um cínico. Dentro de cem anos teremos tudo isso. Mas primeiro é preciso chegar lá. Quanto mais depressa tanto melhor. A única ilusão era acreditar que já era tempo. Logo que vim para aqui, também alimentava aquela ilusão. Na maioria, nós a alimentávamos: de fato, todo o aparelho do Partido, de cima a baixo. Queríamos começar logo com os jardins. Era um erro. Dentro de cem anos poderemos apelar para a razão e os instintos sociais do criminoso. Hoje ainda é preciso agir sobre sua constituição e esmagá-lo, física e mentalmente, se necessário.

Ivanov perguntava a si mesmo se Gletkin não estaria bêbado. Mas, pelos seus olhos calmos, inexpressivos, percebeu que não estava. Ivanov sorriu-lhe vagamente. — Em resumo, eu sou o cínico e você é o moralista.

Gletkin nada disse. Continuava de tronco teso, no uniforme engomado; o cinto do revólver cheirava a couro novo.

— Há vários anos — disse Gletkin, após uma pausa — trouxeram-me um camponesinho para interrogatório. Era nas províncias, no tempo em que ainda acreditávamos na teoria dos jardins, como você diz. Os interrogatórios eram conduzidos de um modo muito cavalheiresco. O camponês enterrara a colheita; estávamos no começo da coletivização da terra. Mantive-me estritamente dentro da etiqueta prescrita. Expliquei-lhe, amigável, que precisávamos do trigo para alimentar a crescente popu-

lação urbana, e para exportação, a fim de reconstruir as nossas indústrias; tivesse ele, pois, a bondade de me dizer onde escondera a colheita. O camponês vinha de cabeça encolhida, quando foi trazido à minha sala, na expectativa de um espancamento. Eu conhecia seu tipo; eu mesmo nasci no campo. Quando, em vez de bater-lhe, comecei a argumentar, a falar-lhe de igual para igual e a tratá-lo por "cidadão", ele me tomou por um idiota. Vi-o nos seus olhos. Falei-lhe durante uma meia hora. Não abriu a boca uma só vez e alternadamente fuçava o nariz e os ouvidos. Continuei falando, embora percebesse que ele tomava toda a coisa por uma formidável pilhéria e nem mesmo estivesse escutando. Os argumentos simplesmente não entravam em seus ouvidos. Ele os tinha bloqueados pela cera de séculos da paralisia mental do patriarcalismo. Apeguei-me rigorosamente aos preceitos; nem mesmo me ocorreu que houvesse outros métodos. . . . Naquela época, eu examinava de vinte a trinta casos por dia. Os meus colegas, outro tanto. A Revolução corria o risco de ir a pique por causa desses camponesinhos gordos. Os operários estavam subnutridos; distritos inteiros eram assolados pela febre da inanição; não tínhamos crédito com que criar nossa indústria de armamentos, e esperávamos um ataque de mês para mês. Dois milhões em ouro permaneciam ocultos nas meias de lã daqueles sujeitos e a metade das colheitas estava enterrada no chão. E, ao interrogá-los, nós os tratávamos por "cidadãos", enquanto eles piscavam os olhos, meio tolos, meio maliciosos, tomavam tudo por uma pilhéria formidável e fuçavam o nariz. O terceiro interrogatório do homem se realizou às duas horas daquela noite; eu já havia trabalhado dezoito horas consecutivas. Ele fora acordado; estava bêbado de sono e assustado; traiu-se. A partir de então, passei a interrogar os meus presos principalmente à noite. . . . Certa vez, uma mulher se queixou de que ficara de pé do lado de fora da minha sala a noite inteira, esperando sua vez. As pernas dela tremiam e estava completamente esgotada; no meio do interrogatório, adormeceu. Acordei-a; continuou falando com voz sonolenta, balbuciante, sem compreender bem o que estava dizendo, e tornou a adormecer. Acordei-a uma vez mais e ela confessou

tudo e assinou o depoimento sem lê-lo, a fim de que a deixasse dormir. Seu marido escondera duas metralhadoras no celeiro e convencera os agricultores da aldeia a queimar a colheita porque o anticristo lhe aparecera em sonho. A circunstância de a mulher ter ficado esperando de pé, a noite toda, era devida à negligência de meu sargento; a partir daí, animei as negligências dessa espécie; os casos teimosos tinham de ficar de pé no mesmo lugar durante umas quarenta e oito horas. Depois disso, a cera tinha se derretido em seus ouvidos e era possível falar com eles...

Os dois enxadristas, no outro canto da sala, dispuseram as peças e começaram uma nova partida. O terceiro homem já saíra. Ivanov se mantinha atento a Gletkin enquanto este falava. Sua voz era tão moderada e inexpressiva como sempre.

— Meus colegas passaram por experiências semelhantes. Era o único meio possível de obter resultados. Cumpriam-se as normas; não se tocava, de fato, em nenhum preso. Mas acontecia que tinham de assistir, por assim dizer, acidentalmente, à execução de seus companheiros de prisão. O efeito de tais cenas é em parte mental, em parte físico. Outro exemplo: há banhos de chuveiro e de imersão por motivos de higiene. Se no inverno os encanamentos de calefação e água quente nem sempre funcionavam, era devido a dificuldades técnicas; e a duração destes banhos dependia dos encarregados. Às vezes, ainda, os aparelhos de calefação e água quente funcionavam otimamente; isso também dependia dos encarregados. Todos estes eram camaradas nossos; não era preciso dar-lhes instruções detalhadas; compreendiam o que estava em jogo.

— Vamos ficar por aqui — disse Ivanov.

— Você me perguntou como cheguei a descobrir minha teoria e eu estou explicando — disse Gletkin. — O que importa é que se tenha na cabeça a necessidade lógica de tudo isso; senão o homem se torna cínico, como você. Está ficando tarde e eu tenho de me mexer.

Ivanov esvaziou o copo e acomodou a perna artificial na cadeira; ainda sentia dores reumáticas no coto. Estava aborrecido consigo mesmo por ter provocado esta conversa.

Gletkin pagou. Depois que o garçom da cantina se afastara, perguntou:

— Que vai ser feito com Rubachov?

— Já dei minha opinião — disse Ivanov. — Ele deve ser deixado em paz.

Gletkin se levantou. Suas botas chiaram. Ficou parado junto da cadeira onde a perna de Ivanov descansava.

— Reconheço os méritos passados dele — disse. — Mas, hoje, Rubachov se tornou tão nocivo como era o meu campo-nês gordo; com uma diferença, mais perigoso.

Ivanov encarou os olhos inexpressivos de Gletkin.

— Dei-lhe um prazo de duas semanas para reflexão — disse. — Até lá, quero que o deixem em paz.

Ivanov falara em tom oficial. Gletkin era seu subordinado. Fez continência e saiu da cantina, rangendo as botas.

Ivanov continuou sentado. Bebeu outro copo, acendeu um cigarro e soprou a fumaça para diante. Ao fim de algum tempo, ergueu-se e, capengando, aproximou-se dos dois funcionários para observar a partida de xadrez.

3

A partir do primeiro interrogatório, o tratamento de Rubachov melhorou miraculosamente. Já na manhã seguinte o velho carcereiro lhe trouxera papel, lápis, sabão e uma toalha. Ao mesmo tempo deu a Rubachov vales da prisão no valor do dinheiro que trazia consigo quando fora preso, e explicou-lhe que agora tinha o direito de mandar vir fumo e extraordinários da cantina dos presos.

Rubachov pediu cigarros e comestíveis. O velho conservava-se tão intratável e monossilábico como de costume, mas atendeu prontamente a encomenda. Por um instante Rubachov pensou em pedir um médico de fora da prisão, mas esqueceu-se disso. No momento, a nevralgia não o incomodava e, depois de se lavar e comer, sentiu-se muito melhor.

A neve fora retirada do pátio e grupos de presos passeavam em torno, no exercício diário. Este fora interrompido por causa da neve; só Beijo de Lebre e seu companheiro haviam tido permissão para um giro diário de dez minutos, talvez em razão de ordem especial do médico; todas as vezes que entravam ou saíam do pátio, Beijo de Lebre erguia a cabeça, olhando para a janela de Rubachov. O gesto era tão claro que excluía qualquer possibilidade de dúvida.

Quando Rubachov não estava trabalhando em suas notas ou percorrendo a cela de um para outro lado, parava junto da janela, com a testa apoiada na vidraça, observando os presos na hora do exercício. Revezavam-se em grupos de doze, e circulavam em redor do pátio aos pares, a uma distância de dez passos uns dos outros. No meio do pátio, havia quatro funcionários uniformizados que tinham a seu cargo evitar que os presos conversassem; formavam o eixo do carrossel, que girava lenta e firmemente durante vinte minutos exatos. Em seguida, os homens eram reconduzidos para o interior do presídio, pela porta da direita, enquanto ao mesmo tempo um novo grupo penetrava no pátio pela porta da esquerda, e começava o mesmo e monótono carrossel, até que o viesse render o grupo seguinte.

Durante os primeiros dias Rubachov procurara rostos conhecidos, mas não os achara. Isto o aliviou: por enquanto queria evitar qualquer lembrete possível do mundo exterior, tudo que pudesse distraí-lo de seu trabalho. Este consistia em levar os seus pensamentos a uma conclusão, em chegar a um acordo com o passado e o futuro, com os vivos e com os mortos. Dispunha ainda de dez dias do período fixado por Ivanov.

Só podia reter seus pensamentos registrando-os por escrito; mas escrever esgotava-o tanto que ele conseguia no máximo forçar-se a isso durante uma ou duas horas por dia. No resto do tempo, seu cérebro trabalhava por sua conta e risco.

Rubachov sempre julgara que se conhecia bastante bem. Isento de preconceitos morais, não tinha ilusões sobre o fenômeno chamado a "primeira pessoa do singular" e aceitara, sem emoção especial, que este fenômeno era dotado de certos impulsos que geralmente se reluta em admitir. Agora, quando en-

costava a testa na vidraça, ou subitamente parava no terceiro ladrilho preto, fazia descobertas inesperadas. Descobriu que aqueles processos erroneamente conhecidos como "monólogos" são na verdade diálogos de tipo especial; diálogos em que um interlocutor permanece calado enquanto o outro, contra todas as regras gramaticais, dirige-se àquele tratando-o por "eu" em vez de "você", a fim de se insinuar em sua confiança e sondar-lhe as intenções; mas o interlocutor calado limita-se a continuar em silêncio, esquivando-se de observação e mesmo recusa-se a ser localizado no tempo e no espaço.

Agora, no entanto, parecia a Rubachov que o interlocutor habitualmente calado falava às vezes, sem ser interpelado e sem pretexto visível: sua voz não tinha qualquer entonação familiar a Rubachov, que o escutava com legítima admiração, notando que seus próprios lábios se moviam. Estas experiências nada tinham nem de místico nem de misterioso: eram de caráter bastante concreto: e, por meio de suas observações, Rubachov se foi convencendo de que havia um componente inteiramente tangível nesta primeira pessoa do singular, a qual permanecera muda através de todos aqueles anos e agora começava a falar.

Esta descoberta preocupou Rubachov muito mais do que os detalhes da entrevista com Ivanov. Tinha por assentado que não aceitaria as propostas de Ivanov, e que se recusaria a continuar com o jogo; em consequência, só lhe restava um tempo limitado para viver: e esta convicção formava a base de suas reflexões.

Absolutamente não acreditava na absurda história de uma conspiração contra a vida do N.º 1; estava muito mais interessado na personalidade do próprio Ivanov. Este havia dito que seus papéis podiam muito bem estar invertidos; nisso, sem dúvida, tinha razão. Ele próprio e Ivanov eram gêmeos em formação; não procediam do mesmo ovo, mas eram alimentados pelo mesmo cordão umbilical de uma convicção comum; o intenso meio do Partido gravara e modelara o caráter de ambos durante os anos decisivos de formação. Tinham o mesmo padrão moral, a mesma filosofia, pensavam segundo os mesmos termos. Suas posições bem poderiam ter sido trocadas. Então, Rubachov

estaria sentado atrás da escrivadinha e Ivanov diante dela; e, dessa posição, Rubachov provavelmente teria usado os mesmos argumentos de Ivanov. As regras do jogo eram fixas. Só admitiam variantes em detalhes.

A velha compulsão que o levava a pensar através do cérebro alheio novamente se apoderara dele; sentado no lugar de Ivanov, via-se através dos olhos de Ivanov, na posição do acusado, como antes vira Richard, e Loewy, o Baixinho. Viu este Rubachov degradado, sombra do antigo companheiro, e compreendeu a mistura de ternura e desprezo com que Ivanov o tratara. Durante sua discussão, a si mesmo perguntara e re-perguntara se Ivanov era sincero ou hipócrita: se lhe estava armando ciladas ou se realmente queria indicar-lhe uma saída. Agora, pondo-se na posição de Ivanov, compreendeu que este era sincero — tanto, ou tão pouco, como ele próprio o fora com Richard ou Loewy.

Estas reflexões também assumiam a forma de monólogo, mas segundo linhas conhecidas: aquela entidade recém-descoberta, o interlocutor calado, não participava delas. Embora fosse considerada a pessoa a quem se dirigiam todos os monólogos, permanecia muda, e sua existência se limitava a uma abstração gramatical chamada a “primeira pessoa do singular”. Perguntas diretas e meditações lógicas não a induziam a falar; suas manifestações orais ocorriam sem causa visível e, curioso, sempre eram acompanhadas por um acesso agudo de dor de dentes. Sua esfera mental parecia compor-se de partes tão diversas e desconexas como as mãos em concha da *Pietà*, os gatos de Loewy, a música da cantiga cujo estribilho falava em “ir ter ao pó” ou uma frase específica que Arlova uma vez dissera em certa ocasião. Seus meios de expressão eram igualmente fragmentários; por exemplo, a compulsão que o levava a esfregar as lentes do pincenê na manga, o impulso para tocar a mancha clara na parede da sala de Ivanov, os movimentos irrefreáveis dos lábios que murmuravam orações tão tolas como “eu pagarei”, e o estado de atordoamento provocado por devaneios em torno de episódios passados da vida.

Rubachov procurava estudar em detalhes esta entidade recém-descoberta, durante os passeios pela cela; com a reserva habitual do Partido para com a ênfase encerrada na primeira pessoa do singular, batizara-a com o nome de “ficção gramatical”. Provavelmente lhe restavam apenas algumas semanas de vida, e ele sentia uma constrangedora ânsia de elucidar esta questão, de “levá-la até uma conclusão lógica.” Mas o reino da “ficção gramatical” parecia começar precisamente onde terminava a “busca de uma conclusão”. Era evidentemente parte essencial da natureza de tal entidade colocar-se fora do alcance do pensamento lógico e depois apanhar-nos desprevenidos, como numa emboscada, e assaltar-nos com devaneios e nevralgias. Assim, Rubachov passou todo o sétimo dia de prisão, o terceiro depois do primeiro interrogatório, vivendo outra vez um período passado de sua existência, isto é, suas relações com a jovem Arlova, que fora executada.

O momento exato em que, apesar de suas resoluções, começara a sonhar acordado foi, posteriormente, tão impossível de determinar quanto o momento em que se adormece. Na manhã deste sétimo dia, pusera-se a trabalhar com suas notas, depois, talvez, erguera-se para estender as pernas — e só quando ouviu ranger a chave na fechadura deu-se conta de que já era meio-dia, e que andara para diante e para trás, na cela, horas a fio. Chegara mesmo a enrolar o cobertor nos ombros porque, presumivelmente também por várias horas, fora sacudido por uma espécie de sezão e sentira o nervo do dente a latejar nas têmporas. Distraindo foi comendo, às colheradas, o alimento que os serventes, com suas conchas, haviam posto na tigela, e continuou a andar. O carcereiro, que a intervalos o observava pela vigia, viu que, tiritando, encurvara os ombros e que seus lábios se moviam.

Uma vez mais, Rubachov respirava o ar de seu antigo escritório na Delegação Comercial, saturado pelo odor singularmente familiar do corpo grande, bem-feito e indolente de Arlova; uma vez mais viu, saindo da blusa branca, a curva de seu pescoço inclinado para o caderno enquanto ele ditava, e seus olhos redondos acompanhando-lhe os passos através da sala,

nos intervalos das frases. Arlova sempre usava blusas brancas, da mesma espécie que as irmãs dele haviam usado em casa, com florzinhas bordadas na gola alta, e sempre os mesmos brincos baratos, que sobressaíam um pouco em suas faces, quando se curvava para o caderno. Com seu jeito vagaroso, passivo, era como que talhada para este trabalho, e exercia um efeito extraordinariamente sedativo sobre os nervos de Rubachov, quando estava superexcitado. Rubachov assumira seu novo posto como chefe da Delegação Comercial em B., logo depois do caso Loewy, e jogara-se de corpo inteiro no trabalho; sentia-se grato ao C. C. por lhe ter destinado esta atividade burocrática. Era raríssimo que dirigentes da Internacional fossem transferidos para o serviço diplomático. O N.º 1 talvez tivesse propósitos especiais com relação a ele, pois geralmente as duas hierarquias se conservavam em estrita separação, não eram autorizadas a manter contato entre si e às vezes chegavam a seguir uma orientação oposta. Só quando vistas do ângulo superior dos círculos reunidos em torno do N.º 1, as contradições aparentes se resolviam e os motivos se tornavam claros.

Rubachov precisou de algum tempo para se acostumar com este novo sistema de vida; divertia-o dispor agora de passaporte diplomático, que até era autêntico e levava seu nome real; participar de recepções, em traje de cerimônia; ver policiais perfilando-se por sua causa; e notar que os homens de chapéu-coco preto, trajados com discrição, que às vezes o seguiam assim se comportavam apenas por zeloso cuidado para com sua segurança.

A princípio sentiu-se levemente deslocado na atmosfera das salas da Delegação Comercial, que funcionava junto da Legação. Compreendia que no mundo burguês era preciso ser formal e observar as regras de seu jogo, mas achava que as regras, aqui, eram seguidas com algum excesso, de tal modo que mal se podia distinguir a aparência da realidade. Quando o primeiro-secretário da Legação chamou a atenção de Rubachov para certas mudanças necessárias em sua indumentária e em seu estilo de vida — o primeiro-secretário, antes da Revolução, falsificara dinheiro a serviço do Partido — não o fez com humor e camara-

dagem, mas com uma solenidade e uma finura diplomática que a cena se tornou constrangedora, e buliu com os nervos de Rubachov.

Rubachov tinha doze subordinados, cada um deles com uma posição claramente definida; havia o primeiro e o segundo-assistente, o primeiro e o segundo-guarda-livros, secretários e secretários-assistentes. Rubachov tinha a impressão de que a turma toda o considerava como algo entre um herói nacional e um chefe de salteadores. Tratavam-no com respeito exagerado e uma tolerância indulgentemente superior. Quando o secretário da Legação tinha de informá-lo a respeito de um documento, fazia um esforço para se expressar nos termos singelos que se empregariam para um selvagem ou uma criança. A secretária particular de Rubachov, Arlova, era a que menos o irritava; ele só não conseguia compreender por que usava sapatos de verniz, de saltos tão ridiculamente altos, com suas blusas e saias agradáveis e simples.

Passou-se quase um mês antes que Rubachov lhe falasse em tom de conversa. Cansado de ditar, passeava de um lado para outro, quando subitamente reparou no silêncio que enchia a sala.

— Por que nunca diz nada, camarada Arlova? — perguntou, e sentou-se na cômoda cadeira de sua escrivania.

— Se quiser — respondeu ela, com sua voz sonolenta — sempre repetirei a última palavra da frase.

Todos os dias, sentava-se diante da escrivania, com sua blusa bordada, o busto forte e torneado pendendo sobre o caderno, a cabeça curvada e os brincos caindo paralelos às faces. O único elemento destoante eram os sapatos de verniz e saltos pontudos, mas ela jamais cruzava as pernas, como o faziam, na maior parte, as mulheres que Rubachov conhecia. Como ele sempre andava de um lado para outro enquanto ditava, geralmente a via por detrás ou de meio perfil, e o que recordava dela com maior clareza era a curva do pescoço inclinado. Arlova não passava a navalha na nuca, nem ali havia penugem; sobre as vértebras, a pele era branca e retesada; abaixo, as flores bordadas na gola da blusa branca.

Rubachov, na juventude, não perdera muito tempo com mulheres; estas quase sempre eram militantes, e quase sempre o começo do caso fora um debate prolongado noite adentro; e, então, quem estivesse de visita acabava perdendo o último bonde para casa.

Depois daquela tentativa frustrada de conversa, haviam-se passado mais duas semanas. A princípio Arlova efetivamente repetira com sua voz indolente a última palavra da frase dita; depois, desistira disso, e quando Rubachov fazia uma pausa, a sala de novo ficava quieta e saturada de seu perfume de irmã. Uma tarde, surpreso de si mesmo, Rubachov parou atrás da cadeira de Arlova, pousou levemente as mãos sobre os ombros dela, e perguntou-lhe se não queria sair com ele de noite. Arlova não se sobressaltou e seus ombros permaneceram imóveis, sob o contato das mãos de Rubachov; em silêncio, inclinou a cabeça, aquiescendo, sem voltá-la sequer. Os gracejos frívolos não eram um hábito de Rubachov, mas na mesma noite, mais tarde, não pôde deixar de dizer, sorrindo:

— Eu era capaz de pensar que você estava fazendo um ditado.

O contorno de seus seios grandes e bem-feitos parecia tão familiar contra a penumbra do quarto como se ela sempre tivesse estado ali. Agora só os brincos perdiam o relevo, no travesseiro. Seus olhos tinham a mesma expressão de sempre, quando pronunciou aquela frase que, tal como as mãos em concha da *Pietà* e o cheiro de algas do porto, não mais pudera soltar-se da memória de Rubachov:

— Sempre poderá fazer o que quiser de mim.

— Mas por quê? — perguntou ele, espantado e com vaga surpresa.

Arlova não respondeu. Provavelmente já adormecera. Dormindo, sua respiração era tão inaudível como se estivesse acordada. Ele nem mesmo notara, alguma vez, que respirava. Nunca a vira de olhos fechados. Para Rubachov, isto dava um ar estranho ao seu rosto; era muito mais expressivo assim do que de olhos abertos. Estranhas, para ele, eram também as sombras escuras de suas axilas; o queixo, noutras ocasiões descido sobre

o peito, empinava-se como o de uma mulher morta. Mas o leve perfume de irmã, que vinha de seu corpo, era-lhe familiar, mesmo quando dormia.

No dia imediato e em todos os que se seguiram, Arlova tornou a sentar-se na sua cadeira, de blusa branca, inclinada sobre a escrivaninha; na noite seguinte e em todas as que se seguiram a silhueta mais pálida de seus seios se ergueu contra a cortina do quarto em meia luz. Rubachov vivia, dia e noite, na atmosfera de seu corpo grande e indolente. O comportamento dela, durante o trabalho, continuava inalterado, era a mesma a expressão de sua voz e dos olhos; jamais apontava nela o menor lampejo de uma alusão. Por vezes, quando Rubachov estava cansado de ditar, parava atrás da cadeira dela e apoiava as mãos em seus ombros; Arlova nada dizia, e debaixo da blusa seus cálidos ombros não se moviam; então ele encontrava a frase que estivera procurando e, retomando o passeio pela sala, continuava o ditado.

De quando em quando, acrescentava comentários sarcásticos ao que estava ditando; então ela parava de escrever e esperava, lápis na mão, que os concluísse; mas nunca ria de seus sarcasmos e Rubachov nunca descobriu em que opinião os tinha. Uma única vez, depois de uma piada particularmente perigosa de Rubachov, referente a certos hábitos pessoais do N.º 1, advertiu de repente, com sua voz sonolenta:

— Não deve dizer essas coisas diante de outras pessoas; de um modo geral, precisa ser mais cauteloso. . .

Mas de vez em quando, especialmente quando chegavam instruções e circulares superiores, Rubachov sentia necessidade de dar vazão a seu humorismo herético.

Era o período de preparação do segundo grande processo da oposição. Na Legação, a atmosfera se tornara caracteristicamente rarefeita. Fotografias e retratos desapareciam das paredes durante a noite, mas agora as manchas claras saltavam aos olhos. O pessoal restringia suas conversas a assuntos de serviço; falavam entre si com uma polidez reservada, circunspecta. Às refeições, na cantina da Legação, quando a conversa era inevitável, agarravam-se às frases feitas da terminologia oficial, as quais,

Rubachov, na juventude, não perdera muito tempo com mulheres; estas quase sempre eram militantes, e quase sempre o começo do caso fora um debate prolongado noite adentro; e, então, quem estivesse de visita acabava perdendo o último bonde para casa.

Depois daquela tentativa frustrada de conversa, haviam-se passado mais duas semanas. A princípio Arlova efetivamente repetira com sua voz indolente a última palavra da frase dita; depois, desistira disso, e quando Rubachov fazia uma pausa, a sala de novo ficava quieta e saturada de seu perfume de irmã. Uma tarde, surpreso de si mesmo, Rubachov parou atrás da cadeira de Arlova, pousou levemente as mãos sobre os ombros dela, e perguntou-lhe se não queria sair com ele de noite. Arlova não se sobressaltou e seus ombros permaneceram imóveis, sob o contato das mãos de Rubachov; em silêncio, inclinou a cabeça, aquiescendo, sem voltá-la sequer. Os gracejos frívolos não eram um hábito de Rubachov, mas na mesma noite, mais tarde, não pôde deixar de dizer, sorrindo:

— Eu era capaz de pensar que você estava fazendo um ditado.

O contorno de seus seios grandes e bem-feitos parecia tão familiar contra a penumbra do quarto como se ela sempre tivesse estado ali. Agora só os brincos perdiam o relevo, no travesseiro. Seus olhos tinham a mesma expressão de sempre, quando pronunciou aquela frase que, tal como as mãos em concha da *Pietà* e o cheiro de algas do porto, não mais pudera soltar-se da memória de Rubachov:

— Sempre poderá fazer o que quiser de mim.

— Mas por quê? — perguntou ele, espantado e com vaga surpresa.

Arlova não respondeu. Provavelmente já adormecera. Dormindo, sua respiração era tão inaudível como se estivesse acordada. Ele nem mesmo notara, alguma vez, que respirava. Nunca a vira de olhos fechados. Para Rubachov, isto dava um ar estranho ao seu rosto; era muito mais expressivo assim do que de olhos abertos. Estranhas, para ele, eram também as sombras escuras de suas axilas; o queixo, noutras ocasiões descido sobre

o peito, empinava-se como o de uma mulher morta. Mas o leve perfume de irmã, que vinha de seu corpo, era-lhe familiar, mesmo quando dormia.

No dia imediato e em todos os que se seguiram, Arlova tornou a sentar-se na sua cadeira, de blusa branca, inclinada sobre a escrivaninha; na noite seguinte e em todas as que se seguiram a silhueta mais pálida de seus seios se ergueu contra a cortina do quarto em meia luz. Rubachov vivia, dia e noite, na atmosfera de seu corpo grande e indolente. O comportamento dela, durante o trabalho, continuava inalterado, era a mesma a expressão de sua voz e dos olhos; jamais apontava nela o menor lampejo de uma alusão. Por vezes, quando Rubachov estava cansado de ditar, parava atrás da cadeira dela e apoiava as mãos em seus ombros; Arlova nada dizia, e debaixo da blusa seus cálidos ombros não se moviam; então ele encontrava a frase que estivera procurando e, retomando o passeio pela sala, continuava o ditado.

De quando em quando, acrescentava comentários sarcásticos ao que estava ditando; então ela parava de escrever e esperava, lápis na mão, que os concluísse; mas nunca ria de seus sarcasmos e Rubachov nunca descobriu em que opinião os tinha. Uma única vez, depois de uma piada particularmente perigosa de Rubachov, referente a certos hábitos pessoais do N.º 1, advertiu de repente, com sua voz sonolenta:

— Não deve dizer essas coisas diante de outras pessoas; de um modo geral, precisa ser mais cauteloso. . .

Mas de vez em quando, especialmente quando chegavam instruções e circulares superiores, Rubachov sentia necessidade de dar vazão a seu humorismo herético.

Era o período de preparação do segundo grande processo da oposição. Na Legação, a atmosfera se tornara caracteristicamente rarefeita. Fotografias e retratos desapareciam das paredes durante a noite, mas agora as manchas claras saltavam aos olhos. O pessoal restringia suas conversas a assuntos de serviço; falavam entre si com uma polidez reservada, circunspecta. Às refeições, na cantina da Legação, quando a conversa era inevitável, agarravam-se às frases feitas da terminologia oficial, as quais,

no ambiente familiar, se tornavam grotescas e forçadas; era como se, entre pedidos para passar o saleiro e o pote de mostarda, gritassem uns para os outros as palavras de ordem do manifesto do último Congresso. Com frequência, acontecia que alguém protestava contra uma interpretação supostamente falsa do que acabara de dizer, invocando o testemunho dos vizinhos, com exclamações precipitadas, como: "Eu não disse isso"; ou "Não foi isso que eu quis dizer". A cena toda dava a Rubachov a impressão de um estranho e cerimonioso espetáculo de fantoches, os bonecos movendo-se em seus cordéis e dizendo suas partes já preparadas. Só Arlova, com seu jeito calado e indolente, parecia continuar sem alteração.

Não só os retratos nas paredes, mas também os volumes, nas estantes da biblioteca, se rarefizeram. O desaparecimento de certos livros e brochuras aconteceu discretamente, em geral no dia seguinte ao da chegada de uma nova mensagem superior. Rubachov fez seus comentários sarcásticos sobre isso enquanto ditava para Arlova, que os recebeu em silêncio. A maior parte das obras sobre comércio exterior e meio circulante desapareceu das estantes: seu autor, o comissário do Povo para a Fazenda, acabava de ser preso; desapareceram igualmente quase todos os informes dos velhos congressos do Partido que tratavam do mesmo tema; a maioria dos livros e obras de consulta sobre a história e antecedentes da Revolução; a maioria das obras de autores vivos sobre jurisprudência e filosofia; todos os folhetos que tratavam de limitação da natalidade; os manuais sobre a estrutura do Exército Popular; tratados sobre sindicalismo e o direito de greve no estado popular; praticamente todos os estudos sobre os problemas de constituição política com mais de dois anos de publicação, e, finalmente, até os volumes da *Enciclopédia* editada pela Academia — prometia-se para breve uma nova edição revista.

Também chegavam novos livros; os clássicos de ciências sociais apareciam com novos comentários e notas de rodapé de página, as velhas histórias eram substituídas por novas, as velhas memórias de dirigentes revolucionários mortos eram substituídas por novas memórias do mesmo defunto. Rubachov

comentou para Arlova, gracejando, que a única coisa que restava fazer era publicar uma edição nova e revista dos números atrasados de todos os jornais.

Algumas semanas antes, chegara uma ordem "de cima" para ser designado um bibliotecário que assumisse a responsabilidade política do conteúdo da biblioteca da Legação. Tinha nomeado Arlova para o posto. Murmurando a princípio qualquer coisa a respeito de um "jardim de infância", Rubachov tomou a coisa toda por uma imbecilidade até a noite em que, na reunião semanal da célula do Partido na Legação, Arlova foi asperamente criticada de diversos lados. Três ou quatro membros da célula, entre os quais o primeiro-secretário, ergueram-se e queixaram-se de que alguns dos discursos mais importantes do N.º 1 não se encontravam na biblioteca, de que por outro lado estava repleta de obras de oposição, e de que livros de políticos que já haviam sido desmascarados como espíões, traidores e agentes de potências estrangeiras até pouco tempo ocupavam posições proeminentes nas estantes; desta forma, era difícil fugir à suspeita de um ato intencional. Os autores das intervenções eram desapaixonados e incisivamente práticos; recorriam cuidadosos a frases escolhidas. Dir-se-ia que estavam dando uns aos outros as deixas de um texto prearranjado. Todas as intervenções terminavam com uma conclusão de que o dever fundamental do Partido era estar vigilante, denunciar os abusos implacavelmente, e de que todo aquele que não cumprisse com este dever tornava-se cúmplice dos vis sabotadores. Arlova, chamada a fazer uma declaração, disse, com seu comedimento habitual, que estava longe de abrigar qualquer má intenção, e que obedecera a todas as instruções recebidas por ela; mas enquanto estava falando, com sua voz grave, quase indistinta, pousou demoradamente o olhar em Rubachov, o que jamais fazia na presença de outras pessoas. Ao encerrar-se a reunião foi aprovada uma resolução que constituía uma "séria advertência" a Arlova.

Rubachov, que conhecia até demais os métodos recentemente adotados no Partido, ficou inquieto. Presumiu que havia alguma coisa reservada para Arlova e sentiu-se impotente, porque não havia nada de tangível contra o que lutar.

A atmosfera da Legação se tornou ainda mais rarefeita. Rubachov cessou de fazer comentários pessoais enquanto ditava, o que lhe deu um estranho sentimento de culpa. Aparentemente, não houve mudanças em suas relações com Arlova, mas este curioso sentimento de culpa, devido apenas ao fato de já não sentir-se capaz de fazer observações espirituosas durante o ditado, impedia-o de parar atrás da cadeira dela e descansar as mãos em seus ombros, como costumava fazer. Uma semana depois, Arlova não veio a seu quarto; e tampouco o fez nas noites seguintes. Passaram-se três dias antes que Rubachov pudesse forçar-se a perguntar-lhe a razão disso. Com sua voz sonolenta, Arlova referiu-se a uma enxaqueca e Rubachov não insistiu. A partir de então, não tornou a vir, com uma exceção.

Fora três semanas depois da reunião da célula, que se encerrara com a "séria advertência", e uma quinzena depois que, pela primeira vez, cessara de visitá-lo. Seu comportamento fora quase o habitual, mas durante toda a noite Rubachov teve a impressão de que ela esperava ouvir dele algo decisivo. Limitou-se a dizer, no entanto, que se sentia contente por tê-la de novo ali, e que estava superexcitado e cansado, o que realmente era o caso. Durante a noite notou várias vezes que estava acordada, de olhos fitos no escuro. Não pôde libertar-se deste atormentador sentimento de culpa; sua nevrálgia recomeçara. Foi a última visita de Arlova.

No dia seguinte, antes que Arlova aparecesse no escritório, o secretário comunicou a Rubachov, de um modo que devia ser tomado como confidencial, mas formulando cuidadosamente cada frase, que o irmão e a cunhada de Arlova tinham sido presos uma semana atrás, "lá". O irmão de Arlova casara com uma estrangeira; ambos eram acusados de manterem ligações desleais com o país de origem da moça, a serviço da oposição.

Alguns minutos depois, Arlova chegou para o trabalho. Vestia sua blusa bordada e sentou-se, como sempre, na cadeira colocada à frente da escrivaninha, inclinando-se um pouco para diante. Rubachov caminhava para um e outro lado, atrás dela, e durante todo o tempo tinha diante dos olhos o leve arco de seu pescoço, com a pele um pouco retesada sobre as vértebras. Não

conseguia afastar os olhos desta nesga de epiderme, e sentia um desassossego que beirava o desconforto físico. Não o soltava a idéia de que "lá" os condenados eram executados com um tiro na nuca.

Na reunião seguinte da célula do Partido, Arlova foi destituída do posto de bibliotecária por deslealdade política, por proposta do primeiro-secretário. Não houve discussão nem foram feitos comentários. Rubachov, que estava sofrendo de uma nevrálgia quase intolerável, escusara-se de comparecer à reunião. Alguns dias depois, Arlova e outro membro do pessoal foram chamados de volta. Seus nomes nunca foram mencionados pelos antigos colegas; mas, durante os meses em que Rubachov continuou na Legação, antes de também ser chamado de volta, o perfume de irmã do corpo grande e indolente de Arlova aderiu às paredes do quarto ocupado por ele e nunca mais o deixou.

4

DE PÉ, VÍTIMAS DA FOME.

Desde a manhã do décimo dia da prisão de Rubachov, seu novo vizinho da esquerda, o ocupante da cela 406, transmitia o mesmo verso a intervalos regulares, sempre com a mesma falha: "VÍTIMAS" em vez de "Ó VÍTIMAS". Rubachov por várias vezes tentara iniciar uma conversa com o 406. Enquanto percutia, o novo vizinho escutava em silêncio; mas a única resposta que sempre recebia era uma confusão de letras sem nexos e, como conclusão, sempre o mesmo verso mutilado:

DE PÉ, VÍTIMAS DA FOME.

O novo prisioneiro ali fora encerrado durante a noite anterior. Rubachov acordara, mas só ouvira sons abafados e o ruído da chave fechando a cela 406. De manhã, depois do primeiro toque de corneta, o 406 começara imediatamente a bater: DE PÉ, VÍTIMAS DA FOME. Percutia rápida e destramente, com a técnica de um virtuose, de modo que a falha do verso e a falta de sentido das outras mensagens não deviam ter causas técnicas, mas

mentais. Talvez, o novo prisioneiro estivesse com a razão perturbada.

Depois do chá da manhã, o jovem oficial da cela 402 deu sinal avisando que desejava conversar. Entre Rubachov e o 402 formara-se algo parecido com amizade. O oficial de monóculo e bigode de pontas viradas devia estar vivendo num estado de aborrecimento crônico, pois sempre se mostrava grato a Rubachov pelas menores migalhas de conversa. Cinco ou seis vezes por dia, solicitava-lhe humilde:

FALE COMIGO, SIM?

Rubachov raramente estava com disposição para isso; aliás, não sabia bem de que assuntos falar com o 402. Em geral, o 402 transmitia anedotas clássicas, correntes na mesa dos oficiais. Quando terminava a história, seguia-se um penoso silêncio. Só conhecia velhas, poeirentas anedotas, de uma obscenidade patriarcal; era de imaginar que, depois de transmitido o desfecho, o 402 esperasse ouvir urros de riso e ficasse olhando, desesperado, a parede caiada e muda. Por solidariedade e polidez, Rubachov às vezes percutia forte na parede um AH, AH, AH! usando o pincenê como um sucedâneo da gargalhada. Então o 402 não se continha; imitava uma explosão de hilariedade, martelando na parede, com os punhos e as botas: AH, AH, AH! e fazendo de vez em quando uma pausa, a fim de se certificar de que Rubachov o acompanhava. Se Rubachov continuasse em silêncio, censurava-o: VOCÊ NÃO RIU... Se Rubachov, a fim de ser deixado em paz, soltava um ou dois AH, AH, AH! o 402 informava-o então: DIVERTIMO-NOS A VALER.

Às vezes, insultava Rubachov. Outras vezes, se não obtinha resposta, batia toda uma canção militar, com um interminável número de versos. Ocasionalmente, quando estava passando de um lado para outro, mergulhado em meditação ou sonhando desperto, acontecia que Rubachov começava a entoar de boca fechada o estribilho de uma velha marcha, cuja repetição seu ouvido registrara inconscientemente.

E, contudo, o 402 era útil. Já estava preso havia mais de dois anos; entendia daquele presídio, estava em ligação com

diversos vizinhos de cela e sabia de todas as conversas; parecia informado de tudo que acontecia na penitenciária.

Na manhã que se seguiu à chegada do 406, quando o oficial iniciou a palestra de hábito, Rubachov perguntou-lhe se sabia quem era o novo vizinho. O 402 respondeu:

RIP VAN WINKLE.

Adorava falar por enigmas, a fim de introduzir um elemento de excitação na conversa. Rubachov vasculhou a memória. Lembrou-se da história do homem que dormira durante vinte e cinco anos, topando, ao acordar, com um mundo irreconhecível.

ELE PERDEU A MEMÓRIA?, perguntou.

O 402, satisfeito com o efeito causado, contou a Rubachov o que sabia. O 406 fora, noutros tempos, professor de sociologia num pequeno estado do sudeste europeu. No fim da última guerra, participara da revolução que havia estalado em seu país, como em muitos outros países da Europa, naquela época. Criou-se uma "comuna", que durante algumas semanas viveu uma existência romântica, e teve o habitual desfecho sangrento. Os chefes da revolução tinham-se comportado como amadores, mas a repressão que se seguiu foi realizada com perfeição profissional; o 406, a quem a Comuna dera o sonoro título de "secretário de Estado do Esclarecimento do Povo", foi sentenciado à morte pela força. Esperou um ano pela execução, depois a sentença foi comutada em prisão perpétua. Cumpriu vinte anos de pena.

Vinte anos, a maioria deles em confinamento solitário, sem comunicação com o mundo exterior, e sem jornais. Estava, para todos os fins e propósitos, esquecido; a administração da justiça naquele país do sudeste ainda era de tipo um tanto patriarcal. Um mês antes, fora subitamente libertado por uma anistia: Rip Van Winkle, após mais de vinte anos de sono e treva, vê-se novamente no mundo.

Embarcou no primeiro trem para cá, a terra de seus sonhos. Catorze dias depois de chegar, era preso. Após vinte anos de prisão solitária, talvez se houvesse tornado demasiado loquaz. Talvez tivesse contado como imaginara a vida por aqui — du-

rante dias e noites de cela. Talvez tivesse perguntado pelos endereços de velhos amigos, os heróis da Revolução, ignorando que não passavam de traidores e espiões. Talvez houvesse depositado uma coroa na sepultura indevida, ou tivesse desejado fazer uma visita ao seu ilustre vizinho, o camarada Rubachov.

Agora podia indagar de si mesmo o que era preferível: duas décadas de sonhos sobre um colchão de palha numa cela escura ou duas semanas de realidade à luz do dia. Talvez já não estivesse inteiramente lúcido. Era esta a história de Rip Van Winkle...

Algum tempo depois que o 402 transmitira sua longa informação, Rip Van Winkle recomeçou a percutir; cinco ou seis vezes repetiu o verso mutilado, DE PÉ, VÍTIMAS DA FOME, e em seguida recaiu no silêncio.

Rubachov estava deitado no beliche, olhos fechados. A "ficção gramatical" tornava a fazer-se sentir; não se expressava por meio de palavras, mas apenas por um vago mal-estar que significava:

"Por esse também pagarás, por esse também és responsável; porque tu agias enquanto ele sonhava."

Na mesma tarde, Rubachov foi levado à barbearia.

Desta vez a escolta era formada pelo velho carcereiro e um guarda uniformizado; o velho arrastava-se dois passos à frente de Rubachov, o soldado marchava dois passos atrás. Passaram pela cela 406; mas na porta ainda não havia cartão com o nome de seu ocupante. Na barbearia estava apenas um dos dois presos que ali trabalhavam; evidentemente, providenciava-se para que Rubachov não tivesse demasiadas ligações.

Sentou-se na cadeira de braços. A barbearia estava relativamente limpa; tinha até espelho. Tirou o pincenê e contemplou o reflexo de seu rosto; não viu mudança, exceto, nas faces, a barba crescida.

O barbeiro trabalhava em silêncio, com rapidez e cuidado. A porta da sala permanecia aberta; o carcereiro fora-se; o guarda fardado encostara-se à ombreira da porta e observava o trabalho. O contato da espuma tépida no rosto causava satisfação

a Rubachov; sentiu uma leve tendência para ansiar pelos pequenos prazeres da vida. Teria gostado de conversar com o barbeiro; mas sabia que era proibido e não queria causar incômodo ao homem, de cujo rosto largo e aberto gostara. Pela sua fisionomia, Rubachov se inclinava a pensar que fosse mecânico ou serralheiro. Ensaboado o rosto e depois do primeiro deslizar da navalha, o barbeiro perguntou se a lâmina não estava arranhando, tratando-o por "cidadão Rubachov".

Era a primeira frase pronunciada desde que Rubachov ali entrara, e apesar do tom prático do barbeiro, adquiria uma significação especial. Depois, recaiu o silêncio; no vão da porta, o guarda acendeu um cigarro; o barbeiro aparou o cavanhaque e os cabelos com movimentos rápidos, precisos. Enquanto estava inclinado para Rubachov, este o encarou, por um instante; e no mesmo momento o barbeiro introduziu dois dedos sob o colarinho de Rubachov, como se quisesse chegar mais facilmente aos pêlos do pescoço; quando retirou os dedos, Rubachov sentiu a aspereza de uma bolinha de papel debaixo do colarinho. Alguns minutos mais tarde, corte e barba estavam terminados e Rubachov foi reconduzido à cela. Sentou-se na cama, de olhos fitos na vigia a fim de não ser surpreendido pela espionagem, retirou o pedaço de papel, estendeu-o e leu a mensagem. Constava apenas de três palavras, aparentemente rabiscadas com grande pressa:

"Morra em silêncio".

Rubachov jogou o fragmento de papel no balde e recomeçou o passeio. Era a primeira mensagem que lhe chegava de fora. No país inimigo, com freqüência as recebera de contrabando, na prisão; incitavam-no a erguer a voz em protesto, a arrojá-la a acusação de volta contra os acusadores. Haveria também momentos na história em que o revolucionário tinha de se manter calado? No caminho da história existiriam voltas em que só uma coisa era exigida, só uma coisa era certa: morrer em silêncio?

Estes pensamentos foram interrompidos pelo 402, que logo depois da volta de Rubachov pusera-se a transmitir seus sinais; ardia de curiosidade e queria saber aonde fora levado o vizinho.

À BARBEARIA, explicou Rubachov.

EU JÁ TEMIA O PIOR, percutiu o 402, afetuoso.

DEPOIS DE VOCÊ, bateu em resposta Rubachov.

Como de hábito, o 402 era uma platéia amena.

AH, AH, AH!, percutiu ele. VOCÊ É UM SUJEITO INFERNAL...

Curioso: este velho cumprimento encheu a Rubachov de algo parecido com satisfação. Invejava o 402, cuja casta possuía um rígido código de honra, que prescrevia como viver e como morrer. A isso a gente podia agarrar-se. Para a sua própria espécie não havia manual; tudo tinha de ser inventado.

Nem para morrer havia uma etiqueta. Que era mais honroso: morrer em silêncio — ou degradar-se publicamente, a fim de poder continuar em busca dos fins? Sacrificara Arlova porque sua própria existência era mais valiosa para a Revolução. Fora esse o argumento decisivo a que seus amigos tinham recorrido para convencê-lo; o dever de se reservar para mais tarde era mais importante do que os mandamentos da moralidade pequeno-burguesa. Para aqueles que tinham mudado a face da história, não havia outro dever senão ficar aqui e estar preparado. “Sempre poderá fazer o que quiser de mim”, dissera Arlova, e assim procedera. Por que tratar a si mesmo com mais consideração? “A próxima década decidirá o destino do mundo na nossa era”, citara Ivanov. Poderia acaso furtar-se à simples náusea pessoal, ao cansaço, à vaidade? E se, afinal, o N.º 1 estivesse com a razão? Se aqui, por entre sujeira, sangue e mentira, no fim de contas e apesar de tudo estivessem lançando os grandiosos alicerces do futuro? Não fora sempre a história um arquiteto desumano e sem escrúpulos, a misturar sua argamassa de mentiras, sangue e lama?

Morra em silêncio, suma-se na escuridão — era fácil dizer...

Rubachov estacou no terceiro ladrilho preto a contar da janela; surpreendera-se repetindo em voz alta, várias vezes, as palavras “morra em silêncio” num tom ironicamente desaprovador, como se quisesse frisar todo seu absurdo...

E só agora percebeu que sua decisão de recusar a oferta de Ivanov não era, nem pela metade, tão inabalável como julgara. Agora lhe parecia discutível, até, que tivesse abrigado seriamente o propósito de rejeitar o oferecimento e sair do palco sem uma palavra.

5

A melhoria de tratamento continuava para Rubachov. Na manhã do décimo primeiro dia, foi levado pela primeira vez ao pátio, para exercício.

O velho carcereiro veio buscá-lo pouco depois do chá da manhã, acompanhado pelo mesmo guarda que o escoltara por ocasião da visita ao barbeiro. Informou-o de que, a partir daquele dia, lhe seriam concedidos vinte minutos diários de exercício no pátio. Em seguida, recitou o regulamento: proibido conversar durante o passeio com o companheiro ou qualquer outro preso; e fazer sinais a estes, trocar mensagens escritas ou sair da fileira; toda infração do regulamento seria punida com o cancelamento imediato do privilégio da hora de exercício; e as infrações graves da disciplina, com isolamento na solitária escura até quatro semanas. Depois, do lado de fora, o carcereiro bateu com a porta da cela, e os três se puseram a caminho. Após alguns passos, o carcereiro parou e abriu a porta do 406.

Rubachov, que vinha à frente do guarda de uniforme, a alguma distância da porta, viu no interior da cela as pernas de Rip Van Winkle, que estava deitado no beliche. Calçava botinas pretas, abotoadas; sua calça xadrez, puída na bainha, dava, contudo, a impressão de ter sido laboriosamente escovada. Uma vez mais o carcereiro desfiou o regulamento; as pernas da cela deslizaram do beliche, um tanto vacilantes, e um velhinho apareceu no vão da porta, pestanejando. Tinha o rosto coberto de barba grisalha; com a ostensiva calça xadrez usava colete preto, no qual se via uma corrente de relógio, e paletó de pano preto. Ficou parado na porta, examinando Rubachov com inten-

sa curiosidade; depois fez-lhe um leve aceno amigável com a cabeça, e os quatro se puseram em marcha. Rubachov esperava topar-se com uma pessoa mentalmente desequilibrada; agora, mudou de opinião. Apesar de um cacoete nervoso da sobrançelha, causado talvez por muitos anos de prisão em cela escura, os olhos de Rip Van Winkle eram límpidos e de uma cordialidade infantil. Andava com alguma dificuldade, mas seus passos eram curtos e decididos; e, a intervalos, lançava a Rubachov um olhar amigo. Ao descer a escada, o velhinho de repente tropeçou e teria caído se o guarda não lhe segurasse o braço a tempo. Rip Van Winkle murmurou algumas palavras em voz tão sumida que Rubachov não as ouviu; mas, evidentemente, exprimiam um cortês agradecimento; o guarda mostrou os dentes, num sorriso estúpido. Depois, atravessando um portão aberto, entraram no pátio, onde os outros prisioneiros já estavam dispostos aos pares. Do centro do pátio, onde estavam os guardas, soaram dois curtos apitos e começou o giro.

O céu estava claro, de um azul singularmente pálido, e o ar impregnado do travo dos cristais de neve. Rubachov esquecera-se de trazer o cobertor e tiritava. Rip Van Winkle enrolara nos ombros um agasalho cinzento, gasto, que o carcereiro lhe entregara ao entrarem no pátio. Marchava em silêncio ao lado de Rubachov, com passinhos firmes, pestanejando de vez em quando ao contemplar o azul-pálido, acima de suas cabeças; o cobertor cinzento lhe caía até os joelhos, circundando-o como um sino. Rubachov calculou qual das janelas pertencia à sua cela; a vidraça era escura e suja, como todas as outras; nada se podia ver atrás dela. Olhou um pouco para a janela do 402, mas ali também só conseguia ver os vidros baços, gradeados. O 402 não tinha permissão para participar do passeio; tampouco era levado à barbearia ou ao ambulatório; Rubachov nunca ouvira ruídos indicativos de que o retiravam da cela.

Marchavam calados, em círculos lentos em redor do pátio. Por entre a crescida barba grisalha, os lábios de Rip Van Winkle mexiam-se de modo quase imperceptível; murmurava para si mesmo algo que Rubachov, a princípio não entendeu; depois, percebeu que o velho entoava a música de "De pé, ó

vítimas da fome". Louco ele não estava, mas decorridos sete mil dias e noites de cárcere tornara-se evidentemente um pouco esquisito. Rubachov observava-o de esguelha e procurava imaginar o que significava ser excluído do mundo durante dois decênios. Vinte anos atrás, os automóveis eram raros e de formas grotescas; não havia rádio e eram desconhecidos os nomes dos dirigentes políticos da atualidade. Ninguém previa os novos movimentos de massas, os grandes desmoronamentos políticos, nem os caminhos tortuosos, as desnorteantes fases que o Estado Revolucionário ia atravessar; naquela época, acreditava-se que os portões da Utopia estavam abertos, e que a humanidade se achava no seu limiar. . .

Rubachov percebeu que não poderia, com nenhum esforço de imaginação, adivinhar o estado de espírito do companheiro de passeio, apesar de toda a sua prática na arte de "pensar através da cabeça dos outros". Podia fazê-lo sem muito trabalho com relação a Ivanov, ou ao N.º 1, ou mesmo ao oficial do monóculo; mas com Rip Van Winkle fracassava. Olhou-o de lado; o velho acabava de voltar a cabeça para ele; sorria; segurando o cobertor em torno dos ombros com ambas as mãos, ia andando junto dele com seus passos curtos, entoando de boca fechada, quase inaudivelmente, os compassos de "De pé, ó vítimas da fome".

Quando foram reconduzidos para o interior do presídio, o velho, à porta de sua cela, voltou-se uma vez mais e inclinou a cabeça para Rubachov; pestanejou, com uma expressão subitamente alterada no olhar: uma expressão de terror e desespero; Rubachov julgou que ele ia gritar-lhe, mas o carcereiro já batia com a porta da cela n.º 406. Quando Rubachov foi encerrado em seu cubículo, aproximou-se logo da parede; mas Rip Van Winkle estava em silêncio e não respondeu à sua percussão.

O 402, de seu lado, tendo-os visto da janela, queria saber tudo a respeito do passeio, até o mínimo detalhe. Rubachov teve de informar-lhe que cheiro tinha o ar, se estava frio ou apenas fresco, se encontrara com outros presos no corredor, e se pudera, enfim, trocar algumas palavras com Rip Van

Winkle. Rubachov respondeu paciente a cada pergunta; comparado com o 402, que não tinha permissão para ir ao pátio, sentia-se um privilegiado; lamentava-o, e experimentava quase que um sentimento de culpa.

Nos dois dias seguintes, Rubachov foi levado para o passeio à mesma hora, depois do chá da manhã. Rip Van Winkle era sempre seu companheiro de giro. Circulavam devagar lado a lado, cada qual com seu cobertor sobre os ombros, ambos em silêncio: Rubachov imerso em seus pensamentos, de quando em quando olhando atentamente através do pincenê para os outros presos ou para as janelas do presídio; o velho, com a barba cada vez mais crescida e o branco sorriso de criança, entoando sua eterna canção.

Antes do terceiro passeio comum não haviam trocado nenhuma palavra, embora Rubachov visse que os funcionários não se empenhavam em forçar o cumprimento da regra do silêncio, e que os outros pares do círculo falavam quase sem parar; faziam-no olhando firme para diante e exprimindo-se quase sem mover os lábios, segundo a técnica da prisão, familiar para Rubachov.

No terceiro dia, Rubachov levava consigo o lápis e o caderno de notas; este sobressaía do bolso exterior esquerdo. Passados dez minutos, o velho percebeu-o; seus olhos acenderam-se. Olhou dissimulado para os guardas no centro do círculo, que travavam uma animada conversa e não pareciam interessados nos presos; depois, rápido, tirou o lápis e o caderno do bolso de Rubachov e começou a rabiscar alguma coisa, sob a proteção do cobertor aberto à semelhança de um sino. Terminou logo, arrancou a folha e meteu-a na mão de Rubachov; conservou consigo, no entanto, caderno e papel, e continuou a rabiscar. Rubachov certificou-se de que os guardas não lhe estavam prestando atenção e olhou para o papel. Nada havia escrito ali, era um desenho; um esboço geográfico do país onde se achavam, traçado com espantosa precisão. Indicava as principais cidades, montanhas e rios, e tinha uma bandeira plantada no meio, com o símbolo da Revolução.

Quando haviam percorrido outra vez a metade do círculo, o 406 arrancou uma segunda folha e meteu-a na mão de Rubachov. Continha outra vez o mesmo desenho, um mapa exatamente idêntico da Pátria da Revolução. O 406 olhava para Rubachov, esperando, sorridente, o efeito. Rubachov ficou meio embaraçado sob aquele olhar fixo e murmurou qualquer coisa indicando sua admiração. O velho, pestanejando, disse:

— Também posso fazer isso de olhos fechados.

Rubachov sacudiu a cabeça afirmativamente.

— Não vai acreditar — disse o velho, sorrindo — mas eu me exercitei nisso durante vinte anos.

Olhou rápido para os guardas, fechou os olhos e, sem alterar a marcha, pôs-se a desenhar noutra folha, debaixo do sino formado pelo cobertor. Mantinha os olhos apertados e levava o queixo erguido, firme, feito um cego. Rubachov olhou, aflito, para o guarda; receava que o velho tropeçasse ou saísse da fila. Mas, percorrido outro meio círculo, o desenho estava concluído, um pouquinho mais trêmulo do que os outros, mas igualmente exato; só o símbolo da bandeira, no meio do país, crescera desproporcional.

— Acredita agora? — sussurrou o 406, e sorriu-lhe, contente.

Rubachov concordou com a cabeça. Então uma sombra cobriu o rosto do velho; Rubachov reconheceu a expressão do medo, que se abatia sobre ele toda vez que era encerrado na cela.

— Não tem remédio — cochichou para Rubachov. — Eles erraram o trem, ao embarcar-me.

— Como assim? — perguntou Rubachov.

Rip Van Winkle sorriu-lhe, com mansidão e tristeza.

— Trocaram a estação ferroviária, na minha partida — esclareceu — e pensaram que não notei. Não diga a ninguém que sei — sussurrou e, piscando-lhe, indicou os guardas.

Rubachov sacudiu a cabeça, concordando. Logo depois trilou o apito, que anunciava o fim do passeio.

Ao atravessarem o portão, estiveram mais um instante fora de observação. Os olhos do 406 haviam recuperado a limpidez e a cordialidade:

— Talvez lhe tenha sucedido a mesma coisa? — perguntou, enternecido, a Rubachov.

Rubachov anuiu.

— Não se deve perder a esperança. Algum dia lá havemos de chegar, de qualquer forma... — disse Rip Van Winkle, apontando para o mapa amarrotado que Rubachov tinha na mão.

Em seguida empurrou lápis e caderno no bolso de Rubachov. Na escada, voltou à sua eterna canção.

6

Na véspera do dia em que expirava o prazo estabelecido por Ivanov, quando era servido o jantar, Rubachov teve a impressão de que havia no ar qualquer coisa de extraordinário. Não sabia explicar por quê; o rancho foi distribuído de acordo com a rotina, o melancólico toque de corneta soou pontualmente à hora prescrita; no entanto, parecia a Rubachov que havia algo de tenso na atmosfera. Talvez um dos serventes o tivesse olhado um pouquinho mais expressivamente do que de costume; talvez na meia voz do velho carcereiro houvesse apontado uma inflexão diferente. Rubachov não o sabia; mas não pôde trabalhar; sentia a tensão nos nervos, como os reumáticos sentem a tempestade.

Depois que o toque de silêncio se desvanecera no ar, espiou o corredor; as lâmpadas elétricas, por falha da corrente, tinham sua luz reduzida à metade e espalhavam no pavimento uma claridade suja; o silêncio do corredor parecia mais definitivo e desesperado do que nunca. Deitou-se no beliche, tornou a levantar-se, forçou-se a escrever algumas linhas, apagou o cigarro, acendeu outro. Olhou o pátio: a neve degeleva, estava suja e lisa, o céu cobrira-se de nuvens; junto do parapeito oposto, a sentinela com seu fuzil marchava para um lado e para outro.

Uma vez mais, Rubachov espiou o corredor pela vigia: silêncio, desolação e luz elétrica.

Contra seu costume, e apesar do avançado da hora, puxou conversa com o 402. ESTÁ DORMINDO?, percutiu.

Por alguns momentos não veio resposta e Rubachov ficou esperando, com uma ponta de decepção. Depois, o outro bateu — mais baixo e mais lento que habitualmente:

NÃO. TAMBÉM PRESENTIU?

PRESENTIU... O QUÊ?, perguntou Rubachov. Respirava ofegante; deitado no beliche, batia com o pincenê.

De novo o 402 hesitou um momento. Depois bateu tão baixo que o som repercutia como se ele estivesse falando com voz muito sumida:

É MELHOR VOCÊ DORMIR...

Rubachov, quieto no beliche, sentiu-se vexado diante do tom paternal com que o 402 lhe falara. Deitado de costas, no escuro, olhava na direção do pincenê, que conservava encostado à parede, na mão soerguida. Fora, o silêncio era tão denso que ele o ouvia zumbir. De repente a parede tornou a transmitir sinais:

CURIOSO... QUE VOCÊ PRESENTISSE LOGO...

PRESENTISSE O QUÊ? EXPLIQUE!, bateu Rubachov, sentando-se na cama.

O 402 parecia estar refletindo. Depois de curta hesitação percutiu:

ESTA NOITE ESTÃO AJUSTANDO DIFERENÇAS POLÍTICAS...

Rubachov compreendeu. Encostou-se à parede, no escuro, esperando ouvir mais. O 402, porém, nada mais disse. Depois de uma pausa, Rubachov percutiu:

EXECUÇÕES?

SIM, respondeu lacônico o 402.

COMO SABE?, perguntou Rubachov.

PELO BEIÇO DE LEBRE.

A QUE HORAS?

NÃO SEI. E após um momento: NÃO TARDA.

SABE OS NOMES?, perguntou Rubachov.

NÃO, respondeu o 402. Depois de outra pausa, acrescentou: DE SUA ESPÉCIE. DIVERGÊNCIAS POLÍTICAS.

Rubachov tornou a deitar-se e pôs-se à espera. Depois de algum tempo, colocou o pincenê e, passando um braço por debaixo do pescoço, ficou quieto. De fora não vinha nenhum ruído. Todos os movimentos, no presídio, morriam, se congelavam na escuridão.

Rubachov nunca assistira a uma execução — exceto à sua, que por pouco não se consumara; mas isso fora durante a Guerra Civil. Não conseguia imaginar direito que aspecto teria a mesma coisa em circunstâncias normais, como parte de uma rotina bem organizada. Sabia vagamente que as execuções eram feitas de noite, nos porões, e que o delinqüente era morto com um tiro na nuca; mas os detalhes não os conhecia. No Partido, a morte não constituía um mistério, não tinha aspecto romântico. Era uma consequência lógica, um fator com que se contava e que apresentava um caráter algo abstrato. Também raras vezes se falava em morte, e a palavra “execução” quase nunca se usava; a expressão habitual era “liquidação física”. As palavras “liquidação física”, ademais, evocavam só uma idéia concreta: a cessação da atividade política. O ato de morrer, em si, era um detalhe técnico, que não merecia atenção; a morte, como fator de uma equação lógica, perdera toda feição corporal íntima.

Rubachov olhava em frente, na penumbra, através do pincenê. A operação já teria começado? Ainda estava por começar? Rubachov tirara os sapatos e as meias; os pés nus, na outra extremidade do cobertor, erguiam-se, pálidos, na meia-luz. O silêncio tornava-se ainda mais estranho. Não era a habitual e sedativa ausência de ruído; era um silêncio que tragava todo o som e o amortecia, um silêncio vibrante como a pele retesada de um tambor. Rubachov, de olhos fitos nos pés nus, lentamente mexeu com os dedos. Era grotesco e fantástico, como se aqueles pés brancos tivessem vida própria. Com insólita intensidade, tomava consciência de seu próprio corpo, sentia o contato morno do cobertor nas pernas e a pressão da palma da mão debaixo do pescoço. Onde se realizava a “liquidação fí-

sica?” Tinha a vaga idéia de que devia ser lá embaixo, sob a escada, além da barbearia. Sentiu o cheiro do cinto de couro do revólver de Gletkin e ouviu crepitar seu uniforme. Que dizia ele à vítima? “Fique de frente para a parede?” Acrescentaria “faça o favor?” Ou diria: “Não tenha medo. Não vai doer...?” Talvez desse o tiro sem qualquer aviso, por detrás, enquanto iam caminhando — mas a vítima estaria constantemente voltando a cabeça. Talvez escondesse o revólver na manga, como faz o dentista com o fórceps. Talvez houvesse também outras pessoas presentes. Que aspecto teriam estas? O homem caía para diante ou para trás? Gritaria? Talvez fosse preciso dar-lhe um segundo tiro para acabar de matá-lo.

Fumando, Rubachov olhava para os dedos do pé. Era tamanho o silêncio que ouvia os estalidos da mortalha do cigarro. Deu uma tragada grande. Bobagem, disse consigo. Romancezinho barato. Na verdade, nunca acreditara na realidade técnica da “liquidação física”. A morte era uma abstração, especialmente a da gente. Talvez agora tudo estivesse acabado, e o que passava não tinha realidade. Reinavam as sombras e o silêncio, e o 402 cessara de percutir.

Desejou que alguém gritasse, do lado de fora, para romper este silêncio fora do natural. Fungou e notou que, havia já algum tempo, tinha o cheiro de Arlova nas narinas. Até seus cigarros traziam o cheiro dela; Arlova levava na bolsa uma cigarreira e todos os cigarros dali retirados tinham o perfume de seu pó de arroz... O silêncio persistia. Só o beliche rangia de leve, quando ele se mexia.

Rubachov estava exatamente pensando em levantar-se e acender outro cigarro quando recomeçaram as batidas na parede. ELES VÊM VINDO, diziam os sinais.

Rubachov aguçou o ouvido. Porém nada mais ouviu que sua pulsação martelando nas fontes. Esperou. O silêncio se adensava. Tirou o pincenê e percutiu:

NADA OUÇO...

Durante um bom intervalo o 402 não respondeu. De repente bateu, alto e nitidamente:

O 380. PASSE ADIANTE.

Rubachov sentou-se, rápido. Compreendeu: a notícia havia sido transmitida sucessivamente por onze celas, pelos vizinhos do 380. Os ocupantes das celas situadas entre as de números 380 e 402 formavam uma cadeia acústica através da escuridão e do silêncio. Indefesos, trancados entre quatro paredes, esta era sua forma de solidariedade. Rubachov saltou do beliche, precipitou-se, descalço, para a outra parede, postou-se junto do balde e bateu para o 406:

ATENÇÃO. O 380 VAI SER EXECUTADO AGORA. PASSE ADIANTE.

Ficou escutando. O balde exalava mau cheiro; seus vapores tinham substituído o cheiro de Arlova. Não veio resposta. Rubachov voltou depressa para o beliche. Desta vez não bateu com o pincenê, mas com as juntas dos dedos:

QUEM É O 380?

Outra vez ficou sem resposta. Rubachov calculou que, como ele próprio, o 402 movia-se à maneira de pêndulo, entre as duas paredes da cela. Além, os ocupantes das outras onze celas estavam se movendo sem ruído, descalços, para cá e para lá, entre as paredes. Agora o 402 voltara à sua parede; anunciou:

ESTÃO LENDO A SENTENÇA PARA ELE. PASSE ADIANTE.

Rubachov repetiu a pergunta anterior:

QUEM É ELE?

Mas o 402 já se fora. Era inútil passar a mensagem a Rip Van Winkle; Rubachov, contudo, lançou-se até o lado da cela onde estava o balde e transmitiu-a; era impelido por um obscuro sentimento de dever, o sentimento de que a cadeia não devia ser interrompida. A proximidade do balde causou-lhe náusea. Voltou para a cama e ficou esperando. De fora, ainda não vinha o mínimo som. Só a parede continuava palpitando:

ELE ESTÁ GRITANDO POR SOCORRO.

ELE ESTÁ GRITANDO POR SOCORRO, bateu Rubachov para o 406. Aguçou o ouvido. Nada. Rubachov temia vomitar na próxima vez que se aproximasse do balde.

ESTÃO TRAZENDO-O. ELE BERRA E DÁ SOCOS. PASSE, bateu o 402.

COMO É O NOME DELE?, percutiu Rubachov rapidamente, antes que o 402 tivesse acabado a mensagem. Desta vez, obteve resposta:

BOGROV. DA OPOSIÇÃO. PASSE.

De repente, Rubachov sentiu um peso nas pernas. Encostou-se à parede e transmitiu ao 406:

MIGUEL BOGROV, EX-MARINHEIRO DO ENCOURAÇADO POTEKIN, COMANDANTE DA ESQUADRA DO ORIENTE, CONDECORADO COM A PRIMEIRA ORDEM REVOLUCIONÁRIA, A CAMINHO DA EXECUÇÃO.

Enxugou o suor da testa, vomitou no balde e terminou a mensagem:

PASSE.

Não conseguia evocar a imagem visual de Bogrov, mas via os contornos de sua figura de gigante, seus braços caindo desajeitados, as sardas do rosto largo e achatado, o nariz levemente arrebitado. Haviam sido companheiros de quarto no exílio, depois de 1905; Rubachov ensinara-o a ler, a escrever, e o iniciara nos fundamentos do pensamento histórico; desde então, onde quer que Rubachov estivesse, recebia duas vezes por ano uma carta manuscrita que sempre terminava com as palavras: "Teu camarada, fiel até o túmulo, Bogrov."

ELES VÊM VINDO, bateu o 402 às pressas, e tão alto que Rubachov, parado ainda junto do balde, a cabeça apoiada à parede, ouviu através da cela. FIQUE JUNTO DA VIGIA. RUFO DE TAMBOR. PASSE.

Rubachov aprumou-se. Transmitiu a mensagem para o 406: FIQUE JUNTO DA VIGIA. RUFO DE TAMBOR. PASSE. Atravessou a cela no escuro, rápido, e parou junto da porta, à espera. Tudo estava em silêncio, como antes.

Dentro de poucos segundos, ouviu de novo a percussão na parede: AGORA.

Ao longo do corredor veio o som grave, surdo, de um rufar abafado. Não eram batidas leves, nem fortes: os homens das celas de números 380 a 402, que formavam a cadeia acústica e estavam postados atrás de suas portas, como uma guarda de honra nas trevas, reproduziam com enganosa semelhança o

som cavo, solene, de um rufo de tambor trazido de longe pelo vento. Rubachov, olho colado à vigia, juntou-se ao coro batendo com ambas as mãos, ritmicamente, na parede de concreto. Com espanto, percebeu que a cavernosa onda sonora avançava para a direita, através da cela 406, e além. Rip Van Winkle finalmente devia ter compreendido; ele também rufava. Ao mesmo tempo, Rubachov ouviu à esquerda, ainda a alguma distância dos limites de sua área de visão, o ranger de portas de ferro deslizando nos encaixes. Para a esquerda, o rufar se tornou um pouco mais alto; Rubachov compreendeu que a porta, que separava as celas de isolamento das comuns, se abriria. Um molho de chaves tilintou, agora a porta tornou a fechar-se; logo ouviu passos aproximando-se, por entre um ruído de algo que, deslizando ou arrastando-se, rangia no chão de ladrilhos. Para a esquerda, o rufar se ergueu em onda, num crescendo firme, afogado. O campo de visão de Rubachov, limitado pelas celas de números 401 a 407, permanecia vazio. O agudo ranger se aproximava rápido, agora Rubachov distinguia também um soluçar, semelhante ao pranto de uma criança. O tropel se acelerou; para a esquerda o rufo descaiu um pouco, para a direita engrossou.

Rubachov rufava. Gradualmente, perdia o sentido de tempo e espaço, ouvia apenas o surdo batucar, como de tambores na selva; dir-se-iam macacos de pé atrás das grades de suas jaulas, batendo no peito e rufando; colado o olho à vigia, Rubachov erguia-se e abaixava-se ritmicamente sobre os dedos dos pés, enquanto rufava. Como antes, percebia apenas a luz amarelada, mortiça, das lâmpadas elétricas do corredor; nada havia ali para ver, afora as portas de ferro das celas de números 401 a 407, mas o rufar se erguera, os lamentos e o choramingar se aproximavam. De repente, vagas figuras entraram em seu campo de visão: ali estavam eles. Rubachov cessou de bater e aguçou o olhar. Um segundo depois, tinham passado.

O que viu, nestes poucos instantes, gravou-se na memória de Rubachov. Duas figuras mal iluminadas, grandes e indistintas, arrastando entre si uma terceira, que seguravam por debaixo dos braços. O homem do centro pendia largado entre os

outros dois, estendido, e no entanto com uma rigidez de boneco, o rosto voltado para o chão, o ventre arqueado para baixo. As pernas se arrastavam, os bicos dos sapatos patinavam, produzindo o agudo ranger que Rubachov ouvira de longe. Cabelos esbranquiçados caíam-lhe em torno do rosto voltado para baixo, de boca escancarada. Gotas de suor aderiam à pele; pelo queixo escorria-lhe um fio de baba. Depois que o haviam arrastado para fora do campo de visão de Rubachov, para a direita do corredor, o choramingar aos poucos se foi apagando; chegava-lhe apenas como um eco distante, formado por três plangentes vogais: "u-a-o". Mas antes de dobrarem a esquina do fundo do corredor, junto da barbearia, Bogrov por duas vezes gritou forte, e agora Rubachov ouviu não só as vogais, como também a palavra toda; era seu próprio nome, ouviu-o claramente: Rubachov.

Depois, como se obedecesse a um sinal, desceu o silêncio. As lâmpadas elétricas permaneciam acesas como de costume, o corredor estava livre como de costume. Somente a parede do 406 palpitava.

DE PÉ, VÍTIMAS DA FOME.

Rubachov estava outra vez estendido no beliche, sem notar que se havia deitado. Tinha ainda nos ouvidos o rufo de tambor, mas o silêncio era agora um silêncio autêntico, vazio e livre de tensão. O 402 dormia, talvez Bogrov, ou o que restava dele, a esta hora estaria morto.

"Rubachov, Rubachov..." Aquele último grito estava gravado indelevelmente em sua memória acústica. A imagem visual era menos intensa. Ainda lhe era difícil identificar Bogrov naquela figura de rosto molhado e pernas soltas, um boneco arrastado através de seu campo de visão, naqueles poucos segundos. Só agora se lembrou dos cabelos brancos. Que teriam feito com Bogrov? Que teriam feito com este marinheiro vigoroso, para arrancar de sua garganta aquele choramingar infantil? Teria Arlova chorado do mesmo modo, quando arrastada ao longo do corredor?

Rubachov sentou-se na cama e encostou a testa à parede atrás da qual dormia o 402; receava ter de vomitar outra vez. Até agora, jamais imaginara a morte de Arlova com tais detalhes. Sempre constituíra, para ele, uma ocorrência abstrata; causara-lhe um forte sentimento de mal-estar, mas nunca duvidara da certeza lógica de seu procedimento. Agora, sob as náuseas que lhe revolviavam o estômago e cobriam a testa de suor, sua antiga maneira de pensar lhe parecia loucura. O choramingar de Bogrov desequilibrava a equação lógica. Até agora Arlova havia sido um fator desta equação, um pequeno fator comparado com aquilo que estava em jogo. Mas a equação não mais se sustentava. A visão das pernas de Arlova, e de seus sapatos de salto alto a arrastarem-se corredor a fora, desfazia o equilíbrio matemático. O fator sem importância crescera até o incommensurável, o absoluto; o queixume de Bogrov, o som inumano da voz que gritara seu nome, o surdo ruído de tambor, enchiam-lhe os ouvidos; sufocavam a débil voz da razão, cobriam-na como a rebentação cobre o gorgolejar do afogado.

Exausto, Rubachov mergulhou no sono, sentado, a cabeça contra a parede, o pincenê diante dos olhos fechados.

7

Durante o sono, gemia; o sonho de sua primeira prisão voltara; sua mão, pendendo da cama, crispava-se em busca da manga do chambre; esperava o golpe que finalmente o atingiria, mas o golpe não vinha.

Em vez disso, despertou, porque a luz elétrica da cela de repente se acendeu. De pé, junto de sua cama, alguém o olhava. Rubachov mal teria dormido um quarto de hora, mas depois daquele sonho sempre necessitava de vários minutos para se refazer. Pestanejava por causa do brilho da luz, seu espírito remoía as hipóteses habituais, como se estivesse cumprindo um ritual inconsciente. Estava numa cela; não, porém, no país inimigo — era apenas sonho. Estava livre, portanto — mas faltava o cromo do N.º 1 pendurado acima da cama, e ali via o balde.

Via, também, Ivanov parado à beira da cama, a soprar-lhe no rosto fumaça de cigarro. Seria sonho? Não, Ivanov era real, o balde era real. Ele estava em seu próprio país, mas este se transformara num país inimigo; e Ivanov, que fora seu amigo, também agora se transformara em inimigo; e tampouco o choramingar de Arlova era sonho. Mas não; não fora Arlova, e sim Bogrov, fiel até o túmulo; e gritara seu nome; isso não fora sonho. Arlova, por outro lado, dissera: “Sempre poderá fazer o que quiser de mim...”

— Está se sentindo mal? — perguntou Ivanov.

Ofuscado pela luz, Rubachov pestanejava.

— Passe o meu chambre — disse.

Ivanov observava-o. A face direita de Rubachov estava inchada.

— Quer um pouco de conhaque? — perguntou Ivanov.

Sem esperar resposta, capengou até a vigia e gritou qualquer coisa para o corredor. Os olhos de Rubachov o acompanharam, piscando. O atordoamento não o deixava. Estava acordado, mas via, ouvia e pensava no meio de uma névoa.

— Também foi preso? — perguntou.

— Não — disse Ivanov sem se alterar. — Vim apenas lhe visitar. Acho que está com febre.

— Me dê um cigarro — disse Rubachov.

Aspirou fundo uma ou duas vezes e sua visão se tornou mais limpa. Tornou a deitar-se, fumando e olhando para o teto. A porta da cela se abriu; o carcereiro trazia uma garrafa de conhaque e um cálice. Desta vez não era o velho, mas um delgado jovem uniformizado, de óculos de aro de aço. Fez continência para Ivanov, passou-lhe o conhaque e o cálice, e fechou a porta, de fora. Ouviram-se seus passos retrocedendo pelo corredor.

Ivanov sentou na beira do beliche de Rubachov e encheu o cálice.

— Tome — disse.

Rubachov esvaziou o cálice. A bruma que lhe envolvia o pensamento se desfez: acontecimentos e pessoas, sua primeira e

segunda prisão, Arlova, Bogrov, Ivanov, arranjaram-se no tempo e no espaço.

— Está com alguma dor? — perguntou Ivanov.

— Não — disse Rubachov. A única coisa que ainda não entendia era o que Ivanov estava fazendo em sua cela.

— Sua bochecha está inchadíssima. Talvez esteja com febre, também.

Rubachov saiu do beliche, espreitou pela vigia o corredor, que estava vazio, e deu uma ou duas voltas pela cela, até ficar com as idéias bem lúcidas. Parou então diante de Ivanov, que estava sentado na ponta do beliche, soprando pacientemente espirais de fumaça.

— Que está fazendo aqui? — perguntou.

— Quero conversar com você — disse Ivanov. — Volte a se deitar e beba mais um pouco de conhaque.

Rubachov piscou-lhe um olho, ironicamente, atrás do pincenê.

— Até agora — disse — eu me sentia tentado a acreditar que você estava agindo de boa fé. Agora vejo que é um porco. Vá embora.

Ivanov não se mexeu.

— Faça o favor de dar as razões dessa declaração — disse.

Rubachov encostou-se à parede contígua à cela 406 e encarou Ivanov. Este, sereno, continuava fumando.

— Em primeiro lugar — disse Rubachov — sabe de minha amizade com Bogrov. Por isso, providencia para que Bogrov, ou o que resta dele, passe pela minha cela em sua última viagem, como um lembrete. Para ter a certeza de que não perco a cena, a execução de Bogrov é discretamente anunciada de antemão, no pressuposto de que a notícia me será transmitida por meio de percussão pelos meus vizinhos de cela, o que, de fato, acontece. Outra sutileza do encenador é informar Bogrov de minha presença aqui, logo antes de ele ser arrastado por aí, no pressuposto adicional de que esse choque final lhe arrancará alguma manifestação audível; o que também acontece. Toda a coisa é calculada para me lançar num estado de depressão. Nessa hora mais sombria, o camarada Ivanov aparece como um

salvador, com uma garrafa de conhaque debaixo do braço. Segue-se uma cena tocante de reconciliação, caímos um nos braços do outro, trocamos comoventes lembranças da guerra e, de passagem, assina-se o depoimento com minha confissão. Em seguida, o preso mergulha numa suave soneca; o camarada Ivanov retira-se na ponta dos pés com o depoimento no bolso e é promovido alguns dias mais tarde... Agora faça o favor de sair daqui.

Ivanov não se moveu. Soprou no ar a fumaça do cigarro e sorriu, mostrando os dentes de ouro.

— Acha mesmo que tenho um raciocínio tão primitivo? — perguntou. — Ou, para ser mais exato: acredita mesmo que eu seja um psicólogo tão ruim?

Rubachov deu de ombros.

— Suas artimanhas me causam nojo — disse. — Não posso pôr você para fora daqui. Se tiver lhe sobrado um traço de dignidade, agora me deixará sozinho. Não pode imaginar como toda a sua pessoa me enoja.

Ivanov levantou o cálice do chão, encheu-o e bebeu.

— Proponho o seguinte acordo — disse. — Você deixa que eu fale durante cinco minutos sem me interromper, escutando de cabeça serena o que eu estiver dizendo. Se depois disso ainda insistir em que eu vá embora, eu vou.

— Estou escutando — disse Rubachov. Encostado à parede oposta a Ivanov, lançou um olhar para seu relógio.

— Em primeiro lugar — disse Ivanov —, a fim de afastar quaisquer dúvidas ou ilusões que você possa ter: Bogrov foi executado, de fato. Em segundo lugar, esteve preso durante vários meses, e no fim foi torturado durante vários dias. Se mencionar isto no julgamento público, ou ainda que apenas o comunique a seus vizinhos, eu estarei liquidado. Quanto às razões pelas quais Bogrov foi tratado assim, falaremos depois. Terceiro, foi intencional fazê-lo passar por sua cela, e intencional que fosse informado de sua presença aqui. Quarto, esta artimanha nojenta, como você diz, não foi posta em prática por mim, mas pelo meu colega Gletkin, contra expressas instruções minhas.

Fez uma pausa. Rubachov continuou encostado à parede e nada disse.

— Eu nunca teria cometido um erro desses — continuou Ivanov —, não em consideração a seus sentimentos, mas porque é contra minha tática e meu conhecimento de sua psicologia. Ultimamente você vem dando mostras de uma tendência para escrúpulos humanitários e outros sentimentalismos desse tipo. Além disso, a história de Arlova ainda lhe pesa no estômago. A cena com Bogrov deve ter apenas intensificado sua depressão e inclinações moralistas: isso podia ser previsto; só um errado em psicologia, como Gletkin, poderia ter cometido um erro desses. Gletkin, nestes últimos dez dias, vem azucrinando meus ouvidos com a tese de que devemos recorrer a “métodos duros” com você. Por um lado, ele não gosta de você porque mostrou os furos de suas meias; por outro, está acostumado a tratar com camponeses... Isto, quanto à elucidação da cena com Bogrov. O conhaque, naturalmente, mandei buscar porque você não estava com todo o domínio de seus sentidos quando entrei. Não me interessa embebedá-lo. Não me interessa deixá-lo à mercê de choques mentais. Tudo isso só serve para lhe afundar em sua exaltação moral. Preciso que esteja lúcido e lógico. Só o que me interessa é que medite com calma em seu caso, chegando a uma conclusão. Porque, só quando tiver levado todo esse problema a uma conclusão, e só então, você se renderá...

Rubachov deu de ombros; mas antes que pudesse dizer qualquer coisa, Ivanov se adiantou:

— Sei que está convencido de que não se renderá. Responda-me só uma coisa: se se convencesse da necessidade lógica e da legitimidade objetiva de se render, nessa hipótese não se renderia?

Rubachov não respondeu logo. Melancolicamente, sentia que a conversa tomara um rumo que ele não devia ter permitido. Os cinco minutos se haviam passado e não expulsara Ivanov dali. Só isso já lhe parecia uma traição a Bogrov; e a Arlova, e a Richard, e a Loewy, o Baixinho.

— Vá embora — disse a Ivanov. — É inútil. — Só agora notou que durante algum tempo estivera andando de um lado para outro, em frente de Ivanov.

Ivanov estava sentado no beliche.

— Pelo seu tom de voz, percebo — disse — que reconhece seu erro com relação à minha participação no caso Bogrov. Por que, então, quer que eu vá embora? Por que não responde à pergunta que fiz?...

Inclinou-se um pouco para diante e encarou Rubachov zombeteiramente; depois, disse devagar, escandindo cada palavra:

— *Porque está com medo de mim.* Porque o meu modo de pensar e de raciocinar é igual ao seu, e você teme o eco em sua própria cabeça. Dentro de um momento estará gritando: Afasta-te de mim, Satanás...

Rubachov não respondeu. Passeava diante da janela, de um lado para outro, na frente de Ivanov. Sentia-se indefeso e incapaz de raciocínio lúcido. O sentimento de culpa, a que Ivanov chamava “exaltação moral”, não podia ser expresso em fórmulas lógicas: situava-se no reino da “ficção gramatical”. Ao mesmo tempo, cada frase pronunciada por Ivanov realmente provocava nele um eco. Tinha consciência de que nunca devia ter-se deixado envolver nesta discussão. Tinha a impressão de estar num suave plano inclinado, pelo qual escorregava irresistivelmente.

— *Apaga Satanás!* — repetiu Ivanov e serviu-se de outro cálice de conhaque. — Nos velhos tempos, a tentação era de natureza carnal. Agora assume a forma da razão pura. Os valores mudam. Eu gostaria de escrever uma peça sobre a Paixão, onde Deus e o Diabo disputam a alma de São Rubachov. Após uma vida de pecado, ele se volta para Deus, um Deus com a papada do liberalismo industrial e a caridade das sopas do Exército da Salvação. Satanás, pelo contrário, é magro, ascético, um devoto fanático da lógica. Lê Maquiavel, Inácio de Loyola, Marx e Hegel; é frio e inclemente com a humanidade, em função de uma espécie de clemência matemática. Está sempre condenado a fazer aquilo que lhe é mais repugnante: tornar-se um

chacinador a fim de abolir a chacina, sacrificar cordeiros a fim de que os cordeiros não mais sejam sacrificados, açoitar as pessoas com o coute a fim de que aprendam a não se deixar açoitar, livrar-se de todo escrúpulo em nome de uma escrupulosidade superior e desafiar o ódio da humanidade por causa do amor que lhe dedica: um amor abstrato e geométrico. *Apaga Satanas!* O camarada Rubachov prefere transformar-se em mártir. Os comentaristas da imprensa liberal, que o odiaram durante sua vida, o santificarão depois de morto. Ele descobriu uma consciência, e uma consciência nos torna tão ineptos para a revolução como uma papada. A consciência rói o cérebro como um câncer, até devorar toda a matéria cinzenta. Satanás é batido e se retira: mas não imagine que, de raiva, range os dentes e cospe fogo. Dá de ombros; é magro, ascético; viu muitos que afrouxaram e se esgueiraram de suas fileiras com pretextos pomposos...

Ivanov fez uma pausa e serviu-se de outro cálice de conhaque. Rubachov andava de um lado para outro, diante da janela. Depois de uns instantes, disse:

— Por que executaram Bogrov?

— Por quê? Por causa da questão dos submarinos — disse Ivanov. — Tratava-se do problema da tonelagem; uma velha disputa, cujo começo você deve conhecer bem. Bogrov era pela construção de submarinos de grande tonelagem e longo raio de ação. O Partido defende os submarinos pequenos, com curto raio de ação. Com o mesmo dinheiro, podem-se construir submarinos pequenos em número três vezes maior do que os grandes. Ambas as facções tinham argumentos técnicos válidos. Os peritos fizeram uma enorme exibição de desenhos técnicos e fórmulas algébricas; mas o problema real estava numa esfera totalmente diferente. Submarinos grandes significam adotar uma política de agressão, promover a revolução mundial. Submarinos pequenos significam defesa costeira, isto é, autodefesa e protelamento da revolução mundial. O último ponto de vista é o do N.º 1, e do Partido. Bogrov tinha uma forte base de adeptos no Estado-Maior da Armada e entre os oficiais da velha guarda. Não teria bastado afastá-lo do caminho; era preciso

também desacreditá-lo. Foi planejado um julgamento para desmascarar os partidários da grande tonelagem como sabotadores e traidores. Já tínhamos levado diversos engenheiros de menor importância ao ponto de se disporem a confessar publicamente qualquer coisa que quiséssemos. Mas Bogrov não quis submeter-se. Bateu-se até o fim pela grande tonelagem e pela revolução mundial. Atrasara-se duas décadas. Não quis compreender que a época estava contra nós que a Europa atravessa um período de reação, que estamos na depressão de uma onda e temos de esperar até sermos erguidos pela onda seguinte. Num julgamento público, Bogrov teria apenas gerado confusão entre o povo. Não restava outro caminho possível senão liquidá-lo administrativamente. Você não teria feito o mesmo em nosso lugar?

Rubachov não respondeu. Parou de andar e tornou a encostar-se à parede contígua à cela 406, perto do balde. Deste se erguia uma nuvem de repugnante mau cheiro. Tirou o pincenê e fitou em Ivanov os olhos congestionados, com uma expressão perscrutadora.

— Você não ouviu Bogrov choramingando — disse.

Ivanov acendeu um cigarro na ponta do outro; também achava opressiva a fétida exalação do balde.

— Não — disse ele —, não ouvi. Mas tenho ouvido e visto coisas semelhantes. Que tem isso?

Rubachov ficou calado. Era inútil tentar explicá-lo. O choraminger e o rufo abafado voltaram a penetrar em seus ouvidos, como um eco. Isto não se podia comunicar. Nem a curva dos seios de Arlova, com seus cálidos bicos erguidos. Nada se podia exprimir. "Morra em silêncio", haviam escrito na mensagem entregue a ele pelo barbeiro.

— Que tem isso? — repetiu Ivanov. Estendeu a perna e ficou esperando. Como não recebesse resposta, prosseguiu:

— Se eu tivesse uma faísca de compaixão por você, agora lhe deixaria sozinho. Mas não tenho uma faísca de compaixão. Eu bebo; durante algum tempo, como sabe, usei entorpecentes; mas o vício da compaixão até agora eu consegui evitar. A menor dose dele e estamos perdidos. Chorar por causa da humanidade e lamentar-se a si próprio: conhece essa inclinação pato-

lógica de nossa raça. Nossos maiores poetas se destruíram a si mesmos com esse veneno. Até os quarenta, cinqüenta anos, foram revolucionários; depois se consumiram na comiseração e o mundo os declarou santos. Você parece ter a mesma ambição e acreditar que se trata de um processo individual, de sua pessoa, algo sem precedente. . . — Falava um pouco mais alto e soprava baforadas de fumaça. — Cuidado com esses êxtases — disse. — Cada garrafa de álcool contém uma quantidade ponderável de êxtase. Infelizmente, só poucas pessoas, em particular entre nossos compatriotas, chegam um dia a compreender que os êxtases da humildade e do sofrimento são tão baratos como os produzidos quimicamente. No tempo em que eu despertava da narcose e verificava que meu corpo parava no joelho esquerdo, também experimentava uma espécie de êxtase absoluto da infelicidade. Lembra dos discursos que você me fazia na época?

Encheu outra vez o cálice e bebeu de um trago.

— A minha opinião é a seguinte — disse ele. — Não se deve considerar o mundo como uma espécie de bordel metafísico das emoções. Esse é nosso primeiro mandamento. Comiseração, consciência, repulsa, desespero, arrependimento e expiação constituem para nós uma repugnante sensualidade. Sentar-se e deixar-se hipnotizar pelo próprio umbigo, pôr os olhos em branco e humildemente oferecer a nuca para o revólver de Gletkin, eis uma solução fácil. A maior tentação para gente como nós é: renunciar à violência, arrepender-se, pôr-se em paz consigo mesmo. Muitos grandes revolucionários renderam-se a esta tentação, de Espártaco a Danton e Dostoiêwski; são a forma clássica de traição da causa. As tentações de Deus sempre foram mais perigosas para a humanidade do que as de Satanás. Enquanto o caos dominar o mundo, Deus é um anacronismo; e toda transigência com nossa própria consciência, uma perfídia. Quando fala a malfadada voz interior, é preciso tapar os ouvidos com as mãos. . .

Tateou em busca da garrafa que estava atrás dele e outra vez encheu o cálice. Rubachov notou que a garrafa estava quase vazia. “Bem que você também gostaria de um pequeno consolo”, pensou.

— Os maiores criminosos da História — continuou Ivanov — não são do tipo de Nero e Fouché, mas do tipo de Gandhi e Tolstoi. A voz interior de Gandhi fez mais para impedir a libertação da Índia do que os canhões ingleses. Vender-se por trinta moedas de prata é uma transação honesta; mas vender-se à própria consciência é abandonar a humanidade. A história é amoral *a priori*; não tem consciência. Querer conduzir a história de acordo com as máximas da aula de catecismo significa deixar tudo como está. Sabe disso tão bem quanto eu. Conhece as paradas que estão neste jogo e fica aí falando de choramingar de Bogrov. . .

Esvaziou o cálice e acrescentou:

— Ou alimentando casos de consciência por causa de sua gorda Arlova.

Rubachov já sabia que Ivanov tinha grande resistência para o álcool; não se percebia nenhuma mudança em seu comportamento além de um jeito de falar levemente mais enfático do que de costume. “Bem que você precisa de consolo”, pensou de novo Rubachov, “e talvez mais do que eu.” Sentou-se no estreito banquinho, de frente para Ivanov, e ficou escutando. Nada disto era novo para ele; defendera o mesmo ponto de vista anos a fio, com palavras iguais ou semelhantes. A diferença era que, naquele tempo, conhecia apenas como abstração aqueles processos interiores dos quais Ivanov falava com tamanho desprezo; depois, entretanto, experimentara a “ficção gramatical” como uma realidade física, em seu próprio corpo. Mas porventura estes processos irracionais se haviam tornado mais admissíveis apenas porque agora os conhecia diretamente? Já não era tão necessário combater a “intoxicação mística” apenas porque nos havia contagiado? Quando, um ano atrás, enviara Arlova para a morte, não tivera imaginação suficiente para fazer uma idéia dos detalhes da execução. Comportar-se-ia diferente, agora, apenas porque hoje conhecia alguns de seus aspectos? Ou estava certo, ou estava errado sacrificar Richard, Arlova e Loewy, o Baixinho. Mas que relação tinha a gaguez de Richard, a forma dos seios de Arlova ou o choramingar de Bogrov com a legiti-

midade ou a ilegitimidade objetivas da medida tomada contra eles?

Rubachov começou a andar de um lado para outro. Tinha a impressão de que tudo que experimentara desde sua prisão fora apenas um prelúdio; que suas cogitações o haviam conduzido a um beco sem saída — ao limiar do que Ivanov chamava de “bordel metafísico” — e que era preciso recomeçar pelo começo. Mas quanto tempo lhe restava? Parou, tirou o cálice da mão de Ivanov e o esvaziou. Ivanov o observava.

— Muito bem — continuou este com um sorriso fugaz. — Os monólogos em forma de diálogo são uma instituição útil. Espero ter reproduzido a voz do tentador com eficiência. Uma pena que a parte oposta não esteja representada. Mas consta de suas artimanhas nunca se deixar arrastar numa discussão racional. Sempre ataca o homem nos momentos em que se vê indefeso, quando está só e numa encenação de efeitos: espinheiros ardentes ou cumes de montes cobertos de nuvens; e tem preferência especial pela vítima adormecida. Os métodos do grande moralista são um tanto desonestos e teatrais. . .

Rubachov já não estava escutando. Enquanto percorria a cela, a si mesmo perguntava se hoje, na hipótese de Arlova ainda estar viva, tornaria a sacrificá-la. Este problema fascinava-o; parecia conter a resposta para todas as outras questões. . . Parou diante de Ivanov e perguntou-lhe:

— Lembra de Raskolnikov?

Ivanov sorriu-lhe com ironia.

— Era de esperar que mais cedo ou mais tarde você chegasse a isso. *Crime e castigo*. . . De fato está ficando infantil ou senil. . .

— Espere um pouco. Espere um pouco — disse Rubachov, caminhando agitado. — Tudo isto é apenas uma conversa, mas agora estamos nos aproximando do ponto. Pelo que me lembro o problema é o seguinte: o estudante Raskolnikov tem o direito de matar a velha? É jovem e talentoso; traz no bolso, por assim dizer, um compromisso não resgatado com a vida; ela é velha e extremamente inútil para o mundo. Mas a equação não se sustenta. Em primeiro lugar, as circunstâncias o obrigam a

assassinar uma segunda pessoa; essa é a consequência imprevisível e ilógica de uma ação aparentemente simples e lógica. Em segundo lugar, a equação desmorona de qualquer forma, porque Raskolnikov descobre que dois e dois não somam quatro quando as unidades matemáticas são seres humanos. . .

— Se de fato quer minha opinião — disse Ivanov —, todos os exemplares do livro deviam ser queimados. Pensa por um momento aonde essa nebulosa filosofia humanitária nos conduziria se fôssemos tomá-la ao pé da letra; se fôssemos nos apegar ao preceito de que o indivíduo é sacrossanto, e que não devemos tratar vidas humanas segundo as regras da aritmética. Significaria que o comandante de um batalhão não poderia sacrificar uma patrulha para salvar o regimento. Que não poderíamos sacrificar loucos como Bogrov, e deveríamos correr o risco de ver nossas cidades do litoral reduzidas a cacos dentro de dois anos. . .

Rubachov sacudiu a cabeça:

— Seus exemplos são todos tirados da guerra, isto é, de circunstâncias anormais.

— Desde a invenção da máquina a vapor — replicou Ivanov — o mundo se encontra numa situação anormal; as guerras e as revoluções são justamente as expressões visíveis desse estado. Seu Raskolnikov é, contudo, um louco e um criminoso; não porque se comporte logicamente ao matar a velha, mas porque está fazendo isso por interesse pessoal. O princípio de que o fim justifica os meios é e continua sendo a única regra da ética política; tudo mais é apenas conversa fiada e se derrete, escorrendo por entre os dedos. . . Se Raskolnikov tivesse matado a velha por ordem do Partido (por exemplo, para aumentar os fundos de auxílio às greves ou para instalar uma imprensa clandestina), então a equação ficaria de pé, e o romance, com seu problema ilusório, nunca teria sido escrito; e tanto melhor para a humanidade.

Rubachov não respondeu. Continuava fascinado pelo problema de saber se hoje, depois das experiências dos últimos meses e dias, voltaria a enviar Arlova para a morte. Ignorava-o. Logicamente, Ivanov tinha razão em tudo quanto dizia; o anta-

gonista invisível se mantinha em silêncio, e só indicava sua existência por um vago sentimento de mal-estar. E nisso, também, Ivanov tinha razão: o comportamento do “antagonista invisível”, que nunca se expunha à discussão e só atacava as pessoas nos momentos em que estavam indefesas, apresentava-o sob uma voz muito equívoca. . .

— Não aprovo a mistura de ideologias — continuou Ivanov. — Só há duas concepções de ética humana, e estão em pólos opostos. Uma delas é cristã e humana, declara o indivíduo inviolável e afirma que as regras da aritmética não se devem aplicar a unidades humanas. A outra parte do princípio básico de que um alvo coletivo justifica todos os meios, e não apenas permite, mas exige, que o indivíduo, sob quaisquer condições, se subordine e sacrifique ao bem da comunidade, que pode dispor dele como de um coelho de laboratório ou de um cordeiro imolado em holocausto. A primeira concepção poderia ser chamada moralidade antivisseccionista; a segunda, moralidade visseccionista. Os embusteiros e os diletantes sempre procuraram associar as duas concepções; na prática, é impossível. Quem quer que arque com o poder e a responsabilidade descobre, na primeira ocasião, que tem de escolher; e é fatalmente levado para a segunda proposição da alternativa. A partir do estabelecimento do cristianismo como religião de estado, você conhece um único exemplo de estado que realmente tenha seguido uma política cristã? Não pode apontar um só. Em tempo de crise (e a política está cronicamente em tempo de crise) os governantes sempre puderam invocar “circunstâncias excepcionais”, que exigiam medidas excepcionais de defesa. Desde a existência de nações e classes, vivem num estado permanente de autodefesa, que os força a adiar para outra ocasião a aplicação prática do humanismo. . .

Rubachov olhou pela janela. A neve derretida tornara a congelar-se e faiscava, numa superfície irregular de cristais de um branco amarelado. A sentinela, lá no muro, marchava e contramarchava, de arma no ombro. O céu estava claro, mas sem lua; acima da torre da metralhadora tremeluzia a Via-láctea.

Rubachov deu de ombros.

— Admito — disse — que o humanismo e a política, em relação com o progresso individual e social, são incompatíveis. Admito que Gandhi é uma catástrofe para a Índia; que a castidade na escolha dos meios conduz à impotência política. Nas negativas, concordamos. Mas repare para onde nos tem levado a alternativa. . .

— Vamos ver — disse Ivanov. — Para onde?

Rubachov esfregou as lentes do pincenê na manga e fitou-o apertando os olhos.

— Que confusão — disse ele —, que grande confusão fizemos com a nossa idade de ouro.

Ivanov sorriu.

— Talvez — disse, satisfeito. — Olha para os Gracos, para Saint-Just, para a Comuna de Paris. Até agora, todas as revoluções foram feitas por amadores moralizantes. Estavam sempre de boa fé e pereceram por causa de seu amadorismo. Nós, pela primeira vez, somos conseqüentes. . .

— Sim — disse Rubachov. — Tão conseqüentes que, no interesse de uma distribuição justa da terra, deixamos deliberadamente, em um ano, morrer de fome cinco milhões de agricultores e suas famílias. Tão conseqüentes fomos na libertação dos seres humanos dos grilhões da exploração industrial que enviamos cerca de dez milhões deles para os trabalhos forçados, nas regiões árticas e nas selvas orientais, em condições semelhantes às dos galés antigos. Tão conseqüentes que, para decidir uma diferença de opinião, só conhecemos um argumento: a morte, quer se trate de uma questão de submarinos, de adubo, quer da linha política do Partido a ser aplicada na Indochina. Nossos engenheiros trabalham com o conhecimento constante de que um erro de cálculo pode levá-los à prisão ou ao cadafalso; os funcionários superiores da nossa administração transtornam e destroem os seus subordinados porque sabem que serão responsabilizados pelo menor deslize, e, eles próprios, destruídos: os nossos poetas resolvem discussões sobre questões de estilo com denúncias à Polícia Secreta, porque os expressionistas consideram o estilo naturalista contra-revolucionário, e vice-versa. Agindo conseqüentemente nos interesses das gerações vindou-

ras, lançamos privações tão terríveis sobre a presente que sua média de duração de vida diminuiu de um quarto. A fim de defender a existência do país, temos de tomar medidas excepcionais e fazer leis de transição, que são em todos os sentidos contrárias aos fins da Revolução. O nível de vida do povo é inferior ao de antes da Revolução; as condições de trabalho são mais duras, a disciplina é mais desumana, a escravidão do trabalho por empreitada pior do que nos países coloniais dos cules; descemos o limite de idade para a pena capital até os doze anos; nossas leis relativas às questões sexuais são mais tacanhas do que as da Inglaterra; nosso culto dos chefes, mais bizantino do que o das ditaduras reacionárias. Nossa imprensa e nossas escolas cultivam o ufanismo, o militarismo, o dogmatismo, o conformismo e a ignorância. O poder arbitrário do governo é ilimitado e sem precedente na história; as liberdades de imprensa, de opinião e de locomoção foram exterminadas tão completamente como se a proclamação dos Direitos do Homem nunca tivesse existido. Construímos o mais gigantesco aparelho policial, com os delatores transformados em instituição nacional, e com o sistema científico mais requintado de tortura física e mental. Fustigamos as massas sofredoras do país no rumo de uma teórica felicidade futura, que só nós podemos enxergar. Porque as energias desta geração estão esgotadas; foram gastas na Revolução; porque esta geração está exangue e lívida, e nada restou dela senão um monte entorpecido, apático, de carne imolada, a gemer... São essas as conseqüências de nosso pensamento conseqüente. Você chama a isso moralidade vivisseccionista. Para mim, às vezes parece que os experimentadores esfolaram a vítima e a deixaram de pé, com os tecidos, os músculos e os nervos nus...

— Sim, e daí? — disse Ivanov, radiante. — Não acha maravilhoso? Alguma vez já aconteceu alguma coisa mais prodigiosa na história? Estamos tirando a pele velha da humanidade e dando-lhe uma nova. Não é uma ocupação para gente de nervos fracos; mas houve um tempo em que isso enchia você de entusiasmo. Que é que mudou tanto que agora está tão melindroso como uma velha solteirona?

Rubachov teve vontade de responder: "Depois disso eu ouvi Bogrov gritar meu nome". Mas sabia que esta resposta era incompreensível. Em vez dela, respondeu:

— Para continuar com a mesma metáfora: eu vejo o corpo esfolado desta geração; mas não vejo nenhum traço da pele nova. Todos julgávamos que se pudesse tratar a história como se experimenta em física. A diferença é que, em física, pode-se repetir a experiência mil vezes, mas em história apenas uma vez. Danton e Saint-Just só podem ser enviados ao cadafalso uma vez; e se vier afinal a revelar-se que os submarinos de grande porte teriam sido a medida certa, o camarada Bogrov não tornará a voltar à vida.

— E que se segue? — perguntou Ivanov. — Devemos ficar sentados de mãos inativas porque as conseqüências de um ato nunca serão inteiramente previstas e porque, portanto, toda ação é má? Respondemos por todos os nossos atos com nossas cabeças: mais não pode ser esperado de nós. No campo oposto não há tanto escrúpulo. Qualquer general velho e idiota pode fazer ensaios com milhares de corpos vivos; e se cometer um erro, será no máximo reformado. As forças da reação e da contra-revolução não têm escrúpulos ou problemas éticos. Imagina um Sila, um Galliffet, um Koltshak, lendo Raskolnikov. Aves esquisitas como você só se encontram nas árvores da revolução. Para os outros, é mais fácil...

Consultou o relógio. A vidraça da janela assumira um tom cinzento-sujo; o jornal que fora posto no lugar do vidro quebrado enfunava-se, sussurrando, à brisa da manhã. Do outro lado do pátio, no caminho de ronda, a sentinela continuava dando cem passos para cada lado.

— Para um homem com seu passado — prosseguiu Ivanov — esta súbita reviravolta contra a experimentação é um pouco ingênua. Todos os anos, vários milhões de homens são mortos sem qualquer propósito por epidemias e outras catástrofes naturais. E havíamos de esquivar-nos de sacrificar algumas centenas de milhares em benefício da mais promissora experiência da história? Para não mencionarmos as legiões dos que morrem de subnutrição e tuberculose nas minas de carvão e mercúrio,

nas lavouras de arroz e nas fazendas de algodão. Ninguém toma conhecimento deles; ninguém pergunta por que, ou para quê; mas se aqui executamos alguns milhares de pessoas objetivamente nocivas, os humanitários de todo o mundo ficam com a boca espumando. Sim, liquidamos a camada parasítica dos agricultores e deixamos que morressem à míngua. Foi uma operação cirúrgica que tinha de ser feita de uma vez por todas; mas, nos bons tempos de antes da Revolução, morriam outros tantos em qualquer ano de seca, com uma só diferença: de forma mais absurda e despropositada. As vítimas das cheias do rio Amarelo na China sobem às vezes a centenas de milhares. A natureza é pródiga em suas absurdas experiências com a humanidade. Por que não deve a humanidade ter o direito de fazer experiências com ela mesma?

Fez uma pausa; Rubachov não respondeu. Continuou:

— Nunca leu nenhuma brochura de alguma sociedade antivitivisseccionista? São aflitivas, esmagadoras; quando a gente lê que um pobre cachorro, do qual cortaram o fígado, gane e lambe as mãos do algoz, fica-se com tanta náusea quanto você estava esta noite. Mas se essa gente tivesse voz ativa, não disporíamos de soros contra a cólera, a febre tifóide ou o crupe...

Bebeu o resto da garrafa, bocejou, espreguiçou-se e ergueu-se. Claudicando, juntou-se a Rubachov, na janela, e olhou para fora.

— Está clareando — disse. — Não seja tolo, Rubachov. Tudo o que eu expus esta noite é conhecimento elementar, que você sabe tão bem quanto eu. Estava num estado de depressão nervosa, mas agora acabou-se. — Ficou junto de Rubachov, diante da janela, envolvendo-lhe os ombros com o braço; sua voz era quase terna. — Agora vá dormir que o sono apaga tudo isso, veterano velho; amanhã expira o prazo e nós dois precisamos de idéias claras para preparar seu depoimento. Não encolha os ombros: você está pelo menos meio convencido de que assinará. Se negar, é apenas covardia moral. A covardia moral levou muita gente ao martírio.

Rubachov olhava a claridade cinzenta, lá fora. Nesse momento, a sentinela dava meia volta. Acima da torre da metra-

lhadora o céu apresentava uma tonalidade cinza-pálido, com manchas vermelhas.

— Vou pensar nisso de novo — disse Rubachov, depois de uns instantes.

Quando a porta se fechara atrás do visitante, Rubachov compreendeu que já estava a meio caminho da capitulação. Atirou-se no beliche, exausto e, no entanto, singularmente aliviado. Sentia-se esvaziado e ressequido, e ao mesmo tempo como se lhe houvessem tirado uma carga. O patético apelo de Bogrov perdera, em sua memória, um pouco daquela intensidade acústica. Quem poderia falar em traição se uma pessoa, em vez de ter fé nos mortos, tinha fé nos vivos?

Enquanto Rubachov dormia tranqüilamente e sem sonhos — a nevralgia também se aquietara — Ivanov, a caminho de seu quarto, fez uma visita a Gletkin. Sentado à escrivaninha, inteiramente uniformizado, Gletkin examinava autos processuais. Durante anos cultivara o hábito de, três ou quatro vezes por semana, continuar trabalhando noite adentro. Quando Ivanov entrou na sala, ergueu-se, ficando na posição de sentido.

— Tudo em ordem — disse Ivanov. — Amanhã ele assinará. Mas tive de suar para consertar sua asneira.

Gletkin não respondeu; continuava perfilado, diante da escrivaninha. Ivanov, lembrando-se da áspera cena que tivera com ele antes de ir à cela de Rubachov e sabendo que para Gletkin não era fácil esquecer uma objeção, deu de ombros e soprou-lhe no rosto a fumaça do cigarro.

— Não seja tolo — disse. — Ainda padece de melindres pessoais. No lugar dele, você seria mais obstinado.

— Eu tenho espinha dorsal e ele não — disse Gletkin.

— Mas você é um idiota — disse Ivanov. — Por causa dessa resposta, devia ser executado antes dele.

Dirigiu-se para a porta, manquejando, e bateu com ela, do lado de fora.

Gletkin tornou a sentar-se à escrivaninha. Não acreditava que Ivanov se saísse bem, e ao mesmo tempo temia que tal

acontecesse. A última frase de Ivanov parecera-lhe uma ameaça, e nunca se sabia o que era um gracejo da parte dele, e o que era sério. Talvez não se conhecesse a si próprio — como todos estes cínicos intelectuais...

Gletkin deu de ombros, ajustou o colarinho e os punhos, que estalaram, e voltou a ocupar-se com a pilha de documentos.

O TERCEIRO INTERROGATÓRIO

"De vez em quando as palavras devem servir para velar os fatos. Mas é preciso que isto aconteça de tal modo que ninguém perceba; ou, se perceberem, deve-se ter à mão uma desculpa que se possa apresentar imediatamente."

MAQUIAVEL:

Instruções para Raffaello Girolami

"Seja, porém, o vosso falar: Sim, sim; Não, não; porque o que passa disto é de procedência maligna."

Mateus, v. 37

O TERCEIRO INTERROGATÓRIO

1

Trecho do diário de N. S. Rubachov. 20.º dia de prisão.

“... Vladimir Bogrov caiu do balanço. Há cento e cinquenta anos, no dia da queda da Bastilha, o balanço europeu, depois de longa inação, começou a mover-se. Desprendera-se da tirania com prazer; com um ímpeto aparentemente irreprimível, subira para o céu azul da liberdade. Durante cem anos, erguera-se cada vez mais nas esferas do liberalismo e da democracia. Mas, note-se, gradualmente a velocidade diminuiu, o balanço se aproximou do ápice e do momento de decisão de seu curso; então, depois de um segundo de imobilidade, iniciou o movimento para trás, com velocidade sempre crescente. Com o mesmo ímpeto que mostrara na ascensão, o balanço levou seus passageiros para trás, novamente da liberdade à tirania. Quem ficara contemplando as alturas, em vez de se agarrar, entonteceu e caiu.

Quem quer que queira evitar a vertigem tem de procurar descobrir a lei de movimento do balanço. Parece que estamos diante de um movimento de pêndulo na história, que oscila do absolutismo para a democracia, da democracia para a ditadura absolutista.

A quantidade de liberdade individual que um povo conquistar e conservar depende do grau de sua madureza política. O mencionado movimento de pêndulo parece indicar que o amadurecimento político das massas não segue uma curva ascendente contínua, como acontece no crescimento de um indivíduo, mas é regido por leis mais complicadas.

A maturidade das massas está na sua capacidade de reconhecer seus próprios interesses. Isto, contudo, pressupõe certa compreensão do processo de produção e distribuição das mercadorias. A capacidade de um povo de governar-se democraticamente é, assim, proporcional ao grau de sua compreensão da estrutura e do funcionamento de todo o organismo social.

Ora, cada melhoria técnica cria uma nova complicação para o aparelho econômico, causa o aparecimento de novos fatores e combinações, que as massas não podem penetrar durante algum tempo. Cada salto do progresso técnico deixa o desenvolvimento intelectual relativo das massas um passo atrás, e assim causa uma baixa no termômetro da maturidade política. Às vezes são necessárias dezenas de anos, às vezes muitas gerações, para que o nível de compreensão do povo se adapte aos poucos ao estado de coisas que se alterou, até que recobre a mesma capacidade de autogoverno que já possuía numa fase inferior de civilização. Portanto, a maturidade política das massas não pode medir-se por um número absoluto, mas apenas relativamente, isto é, em comparação com a fase de civilização naquele momento.

Quando o nível de consciência das massas se põe a par do estado de coisas objetivo, segue-se inevitavelmente a conquista da democracia, quer de forma pacífica, quer pela força. Até que o próximo salto de civilização técnica — o descobrimento do tear mecânico, por exemplo — venha a devolver as massas a um estado de relativa imaturidade, e torne possível ou mesmo necessário o estabelecimento de alguma forma de governo absolutista.

Este processo poderia ser comparado à elevação de um navio através de um canal com vários compartimentos. Quando entra na primeira eclusa, o navio está em um nível baixo em

relação com a capacidade da eclusa; é erguido lentamente até que o nível da água alcance o ponto mais alto. Mas esta grandeza é ilusória, a eclusa seguinte é ainda mais alta, o processo de elevação tem de recomeçar. As paredes das eclusas representam o estado objetivo do domínio das forças naturais, da civilização técnica; o nível da água no compartimento representa a maturidade política das massas. Seria futilidade medir esta como uma altitude absoluta acima do nível do mar; o que importa é a altura relativa do nível no compartimento.

A invenção da máquina a vapor iniciou um período de rápido progresso objetivo, e, conseqüentemente, de retrocesso político subjetivo igualmente rápido. A era industrial ainda é nova na história, a disparidade ainda é grande entre sua estrutura econômica complicadíssima e a compreensão disso pelas massas. Assim é compreensível que a maturidade política relativa das nações, na primeira metade do século XX, seja menor do que era em 200 a.C. ou no fim da época do feudalismo.

O erro da teoria socialista foi acreditar que o nível de consciência das massas se erguesse constante e firmemente. Daí sua falta de amparo diante da última oscilação do pêndulo, a automitulação ideológica dos povos. Acreditávamos que a adaptação, a circunstâncias mudadas, da concepção que as massas tinham do mundo fosse um processo simples, que se pudesse medir por anos; quando, segundo toda experiência histórica, teria sido mais apropriado medi-lo por séculos. Os povos da Europa ainda estão longe de ter digerido mentalmente as conseqüências da máquina a vapor. O sistema capitalista cairá antes que as massas o tenham compreendido.

Quanto à Pátria da Revolução, ali as massas são governadas pelas mesmas leis de pensamento como em qualquer outra parte. Alcançaram a eclusa superior seguinte, mas ainda se encontram no nível mais baixo da nova bacia. O novo sistema econômico que tomou o lugar do velho lhes é ainda mais incompreensível. A laboriosa, árdua elevação tem de recomeçar. Provavelmente passarão várias gerações antes que o povo consiga entender o novo estado de coisas, que ele próprio criou com a Revolução.

Até lá, contudo, é impossível uma forma democrática de governo, e a quantidade de liberdade individual que pode ser concedida é ainda menor do que noutros países. Até lá, nossos dirigentes estão obrigados a governar como se estivessem no espaço vazio. Medido pelo padrão liberal clássico, o espetáculo não é agradável. Entretanto, todo o horror, a hipocrisia e a degradação que saltam aos olhos são meramente a expressão visível e inevitável da lei acima exposta. Ai dos loucos e dos estetas que só perguntam como, e não por quê. Mas ai também da oposição num período de relativa falta de maturidade das massas, como este.

Em períodos de maturidade é dever e função da oposição apelar para as massas. Em períodos de imaturidade mental, só os demagogos invocam o 'superior julgamento do povo'. Neste caso a oposição tem estas alternativas: tomar o poder por um golpe de Estado, sem contar com o apoio das massas; ou, em mudo desespero, jogar-se do balanço: 'morrer em silêncio'.

Há uma terceira opção que não é menos coerente, e que no nosso país foi convertida em sistema: a negação e a supressão da própria covicção de cada um quando não houver perspectiva de materializá-la. Como o único critério moral que reconhecemos é o da utilidade social, a rejeição pública de tal convicção, visando à permanência nas fileiras do Partido, é evidentemente mais honrosa do que o quixotismo de prosseguir numa luta sem esperança.

Questões de orgulho pessoal; preconceitos, como os que existem noutros lugares, contra certas formas de rebaixamento; sentimentos pessoais de cansaço, repulsa e vergonha — devem ser cortados pela raiz...

2

Rubachov começara a escrever suas meditações sobre o "balanço" logo depois do primeiro toque de corneta, na manhã que se seguiu à execução de Bogrov e à visita de Ivanov. Quando lhe trouxeram a primeira refeição, tomou um gole de café

e deixou o resto esfriar. Sua caligrafia, que nos últimos dias apresentara um caráter algo frouxo e inseguro, readquirira a firmeza e a disciplina; as letras se tornaram menores, os arcos abertos e flutuantes cederam lugar a ângulos bem definidos. Quando fez uma leitura, notou a mudança.

Às onze horas da manhã foi levado para o exercício, como de costume, e teve de parar de escrever. Chegando ao pátio, não recebeu como companheiro o velho Rip Van Winkle, mas um camponês magro, de sapatos de fibras. Rip Van Winkle não seria visto no pátio, e Rubachov só agora se lembrou de que, na hora do chá, notara a falta do habitual "De pé, vítimas da fome". Aparentemente, o velho fora levado sabia Deus para onde; pobre, esquelética mariposa do ano passado, que milagrosa e inutilmente sobrevivera a seu tempo estabelecido de vida, reaparecera na estação imprópria, para esvoaçar em redor, às cegas, uma ou duas vezes, e cair num canto, desfazendo-se em pó.

O camponês, a princípio, marchou em silêncio ao lado de Rubachov, observando-o de esguelha. Depois da primeira volta, pigarreou várias vezes, e após outra volta disse:

— Sou da região de D. Já estive alguma vez por lá, Excelência?

Rubachov respondeu com uma negativa. D. era uma deslocada região oriental, da qual tinha apenas uma idéia bastante vaga.

— Sei, até lá é uma viagem bem demorada — disse o camponês. — A gente tem de andar de camelo. É político, Excelência?

Rubachov admitiu que sim. Os sapatos de fibra do camponês tinham as solas quase arrancadas; marchava de dedos nus sobre a neve trilhada. Seu pescoço era fino; e constantemente, enquanto falava, ele inclinava a cabeça, como se repetisse o amém de uma ladainha.

— Eu também sou político — disse —, isto é, um reacionário. Eles dizem que todos os reacionários precisam ser afastados durante dez anos. Acha que vão me afastar durante dez anos, Excelência?

Fez seu aceno de cabeça e olhou de lado, ansioso, para os guardas, no centro do carrossel, reunidos num pequeno grupo batendo com os pés, sem prestarem nenhuma atenção aos presos.

— Que fez para vir para cá? — perguntou Rubachov.

— Fui desmascarado como reacionário por ocasião das picadas nas crianças — disse o camponês. — Todos os anos o Governo manda uma comissão até lá. Há dois anos, remeteu-nos papéis para ler e uma porção de figuras dele mesmo. No ano passado, mandou uma máquina de debulhar e escovas de dentes. Este ano mandou uns tubinhos de vidro com agulhas para picar as crianças. Vinha uma mulher de calças de homem; queria picar todas as crianças uma depois da outra. Quando foi à minha casa, eu e minha mulher impedimos a entrada e nos desmascaramos como reacionários. Aí, todos nós, juntos, queimamos os papéis e as figuras, e rebentamos a máquina de debulhar; e então, passado um mês, foram buscar-nos.

Rubachov murmurou qualquer coisa e passou a refletir na continuação do seu ensaio sobre autogoverno. Ocorreu-lhe que certa vez lera algo sobre os indígenas da Nova Guiné, que estavam intelectualmente nivelados com este camponês e, no entanto, viviam em completa harmonia social e possuíam instituições democráticas surpreendentemente avançadas. Tinham alcançado o mais alto nível de uma eclusa inferior...

O camponês que acompanhava Rubachov tomou o silêncio deste como sinal de desaprovação e retraiu-se mais ainda. Os dedos de seus pés estavam enregelados, azuis; de vez em quando, suspirava; resignado com seu destino, marchava ao lado de Rubachov.

Logo que voltou à cela, Rubachov continuou suas notas. Acreditava ter feito uma descoberta na "lei da maturidade relativa" e escrevia num estado de extrema tensão. Quando trouxeram o almoço, acabava de chegar ao fim. Comeu sua ração e deitou-se no beliche, satisfeito.

Dormiu durante uma hora, placidamente e sem sonhos, e ao acordar sentiu-se refeito. O 402 estivera fazendo sinais na parede durante algum tempo; evidentemente, sentira-se esquecido. Inquiriu Rubachov sobre seu novo companheiro de exer-

cício, a quem observara pela janela, mas Rubachov o interrompeu. Sorrindo para si mesmo, percutiu com o princenê:

ESTOU ME RENDENDO.

Esperou, curioso, pelo efeito.

Durante um longo intervalo, nada; o 402 se mantinha em silêncio. A resposta veio bem um minuto depois:

PREFIRO A FORÇA...

Rubachov sorriu. Bateu:

CADA QUAL CONFORME SUA ESPÉCIE.

Esperava uma explosão de cólera do 402; em vez disso, suas batidas vieram enfraquecidas — resignadas, dir-se-iam.

EU JÁ PENSAVA EM CONSIDERÁ-LO UMA EXCEÇÃO. NÃO LHE RESTA UM PINGO DE VERGONHA?

Rubachov estava deitado de costas, princenê na mão. Sentia-se contente e tranqüilo. Bateu:

NOSSAS IDÉIAS DE HONRA DIFEREM.

O 402 percutiu com rapidez e precisão:

HONRA É VIVER E MORRER POR NOSSA CRENÇA.

Rubachov respondeu com igual rapidez:

HONRA É SER ÚTIL SEM VAIDADE.

O 402, desta vez, respondeu com mais força e veemência:

HONRA É DECÊNCIA E NÃO UTILIDADE.

QUE É DECÊNCIA?, perguntou Rubachov, espaçando, calmo, as letras. Quanto mais calmamente percutia, tanto mais furiosas se tornavam as batidas do outro.

ALGO QUE A SUA ESPÉCIE NUNCA ENTENDERÁ, respondeu o 402 à pergunta de Rubachov. Rubachov deu de ombros:

NÓS SUBSTITUÍMOS A DECÊNCIA PELA RAZÃO, retrucou.

O 402 não respondeu mais.

Antes do jantar, Rubachov tornou a ler o que escrevera. Fez uma ou duas correções, e tirou uma cópia de todo o texto em forma de carta, dirigida ao promotor público. Sublinhou os últimos parágrafos que tratavam dos cursos alternativos de ação abertos à oposição, e encerrou o documento com estas palavras incisivas:

“O abaixo assinado, N. S. Rubachov, ex-membro do Comitê Central do Partido, ex-comissário do Povo, ex-comandante da 2.ª Divisão do Exército Revolucionário, condecorado com a Ordem Revolucionária do Destemor Diante do Inimigo do Povo, resolveu, considerando as razões acima expostas, renunciar categoricamente à sua atitude de oposição e denunciar publicamente seus erros.”

3

Rubachov estivera esperando dois dias para ser levado à presença de Ivanov. Julgara que isto viesse a acontecer logo após a entrega, ao velho carcereiro, do documento comunicando sua rendição; nesse dia, aliás, expirara o prazo fixado por Ivanov. Mas, aparentemente, Ivanov já não estava com muita pressa a seu respeito. Talvez estudasse sua “Teoria da maturidade relativa”; mais provavelmente, o documento já fora remetido às superiores autoridades competentes.

Rubachov sorriu à idéia da consternação que devia ter causado entre os “teóricos” do Comitê Central. Antes da Revolução e também durante pouco tempo depois, em vida do velho chefe, não existira diferença entre “teóricos” e “políticos”. A tática a ser adotada, em qualquer momento dado, era deduzida diretamente da doutrina revolucionária, em discussão aberta; os movimentos estratégicos durante a Guerra Civil, a requisição das colheitas, a divisão e distribuição da terra, a introdução da nova moeda, a reorganização das fábricas — de fato, todas as medidas administrativas — representavam um ato de filosofia aplicada. Cada um dos homens de cabeças numeradas da velha fotografia, que antes decorara as paredes do gabinete de Ivanov, conhecia mais a filosofia do direito, a economia política e a ciência do governo do que todos os luminares das cátedras das universidades européias. Durante a Guerra Civil, as discussões nos congressos haviam alcançado um nível jamais atingido na história por um organismo político; assemelhavam-se aos estudos publicados pelas revistas científicas — com a diferença que dos

resultados da discussão dependiam a vida e o bem-estar de milhões de homens e o futuro da Revolução.

Agora, a velha guarda estava esgotada; a lógica da história dispunha que, quanto mais estável se fazia o regime, tanto mais rígido tinha de se tornar, a fim de impedir que as enormes forças dinâmicas libertadas pela Revolução se voltassem contra si mesmas e levassem pelos ares a própria Revolução. O tempo dos congressos que filosofavam passara; em vez dos velhos retratos, uma mancha clara sobressaía no forro da parede da sala de Ivanov; o incendiário filósofo cedera lugar a um período de robusta esterilidade. A teoria revolucionária se congelara num culto dogmático, com um catecismo simplificado, facilmente compreensível, e com o N.º 1 feito sumo sacerdote celebrando a missa. Seus discursos e artigos tinham, mesmo como estilo, um caráter de catecismo infalível; eram divididos em perguntas e respostas, com uma coesão maravilhosa na grosseira simplificação dos fatos e dos problemas reais. O N.º 1 sem dúvida aplicava instintivamente a “lei da maturidade relativa das massas”. . . Os diletantes em tirania tinham forçado os seus súditos a agir sob comando; o N.º 1 ensinara-os a pensar sob comando.

Rubachov divertia-se pensando no que os atuais “teóricos” do Partido diriam de sua carta. Nas presentes condições, ela representava a mais desenfreada heresia; os pais da doutrina, cuja palavra era tabu, eram criticados; o pão era chamado pão, e o queijo, queijo; e até a sacrossanta pessoa do N.º 1 era tratada objetivamente em seu contexto histórico. Estariam estorcendo-se de aflição esses infelizes teóricos do dia, cuja única tarefa era apresentar aparatosamente os saltos e súbitas mudanças de curso do N.º 1 como as últimas revelações da filosofia.

O N.º 1 às vezes pregava estranhas peças a seus teóricos. Certa vez, pedira uma análise da crise industrial norte-americana à comissão de técnicos que dirigiam o jornal de economia do Partido. O trabalho levou alguns meses para ser concluído: finalmente apareceu o número especial em que — baseado na tese exposta pelo N.º 1 no discurso que pronunciara no último congresso — era provado, em cerca de trezentas páginas, que a prosperidade americana não passava de uma falsa prosperidade,

e que na realidade os Estados Unidos se achavam no fundo de uma depressão, a qual só seria sobrepujada pela vitória da revolução. No próprio dia em que apareceu a edição especial, o N.º 1 recebia um jornalista norte-americano e atordoava a este e ao mundo, entre duas cachimbadas, com esta frase incisiva:

“A crise nos Estados Unidos terminou e os negócios voltaram à normalidade.”

Os membros da Comissão de Técnicos, esperando sua demissão e possível prisão, na mesma noite redigiram cartas onde se confessavam “culpados de haverem divulgado teorias contra-revolucionárias e análises ilusórias”, e apresentavam com ênfase seu arrependimento, prometendo reparação pública. Somente Isakovitch, contemporâneo de Rubachov, e o único da Comissão de Redação que pertencia à velha guarda, preferiu o suicídio. Posteriormente, os iniciados afirmaram que o N.º 1 armara toda a situação com o exclusivo propósito de destruir Isakovitch, a quem suspeitava de tendências de oposição.

O caso, do começo ao fim, era uma comédia bem grotesca, pensou Rubachov; no fundo, toda esta prestidigitação com a “filosofia revolucionária” não passava de um meio de consolidar a ditadura, que, sendo embora um fenômeno tão deprimente, parecia no entanto representar uma necessidade histórica. Tanto pior para quem levava a comédia a sério, vendo apenas o que ocorria no palco e não o maquinismo que estava lá atrás. Antes, a política revolucionária era decidida em congressos abertos; agora, traçavam-na por detrás da cena — o que também era uma consequência lógica da lei da maturidade relativa das massas...

Rubachov almejava trabalhar de novo numa biblioteca tranqüila, com lâmpadas verdes, e levantar sua nova teoria sobre uma base histórica. O tempo mais produtivo para a filosofia revolucionária sempre fora o do exílio, dos repousos forçados entre períodos de atividade política. Andava pela cela para cá e para lá e deixava a imaginação brincar com a idéia de passar os dois próximos anos, quando estivesse politicamente excomungado, numa espécie de exílio interior; a sua retratação pública lhe compraria o espaço necessário para respirar. A forma exterior da rendição não importava muito; eles teriam tantos mea-culpas

e declarações de fé na infalibilidade do N.º 1 quantos o papel suportasse. Era apenas uma questão de etiqueta — um cerimonial bizantino criado pela necessidade de incutir nas massas cada sentença através da vulgarização e das intermináveis repetições; o que era apresentado como certo devia brilhar feito ouro, o que era apontado como errado devia ser escuro como piche; as declarações políticas tinham de ser coloridas como figuras de massa doce numa feira.

Eram questões das quais o 402 nada entendia, refletiu Rubachov. Sua concepção estreita de honra pertencia a outra época. Que era a decência? Certa forma de convenção, ainda ligada às tradições e regras das justas da cavalaria. A nova concepção de honra devia ser formulada de modo diferente: servir sem vaidade e até a última consequência...

“É preferível a morte à desonra”, anunciara o 402, e, podia-se imaginar, torcera o bigode. Era essa a expressão clássica da vaidade pessoal. O 402 percutia suas frases com o monóculo; ele, Rubachov, com o pincenê; isso constituía toda a diferença. A única coisa que agora lhe importava era trabalhar em sossego numa biblioteca e fundamentar suas novas idéias. Levaria muitos anos e daria origem a um volume maciço; mas seria a primeira pista útil para a compreensão da história das instituições democráticas e lançaria luz nos movimentos de pêndulo da psicologia das massas, os quais atualmente adquiriam uma evidência especial e que a teoria clássica da luta de classes não conseguia explicar.

Rubachov caminhava rápido ao longo da cela, para cá e para lá, sorrindo. Nada importava enquanto lhe dessem tempo para criar sua nova teoria. A nevralgia fora-se; sentia-se lúcido, dinâmico, cheio de nervosa impaciência. Haviam-se passado dois dias sobre a conversa noturna com Ivanov e a entrega de sua declaração, e ainda nada acontecera. O tempo, que decorreria com tamanha rapidez nas primeiras duas semanas de prisão, agora se arrastava. As horas se desintegravam em minutos e segundos. Trabalhava intermitentemente, mas a cada momento era obrigado a fazer pausas por falta de documentação histórica. Detinha-se colado à vigia, durante longos quartos de hora, na espe-

rança de enxergar o carcereiro que o levaria à presença de Ivanov. Mas o corredor permanecia deserto, as lâmpadas elétricas acesas, como sempre.

As vezes esperava que viesse o próprio Ivanov, e que todas as formalidades de seu depoimento fossem acertadas ali na cela; seria bem mais agradável. Desta vez nem sequer faria restrições à garrafa de conhaque. Imaginava a conversa em detalhes; como armariam juntos a fraseologia da “confissão” e os cínicos ditos de espírito de Ivanov enquanto trabalhavam nela. Sorrindo, Rubachov passeava pela cela e consultava o relógio de dez em dez minutos. Ivanov não lhe prometera, naquela noite, mandar buscá-lo logo no dia seguinte?

A impaciência de Rubachov se tornava cada vez mais febril; na terceira noite que se seguira à conversa com Ivanov, não pôde dormir. Deitado no beliche, no escuro, escutava os ruídos do presídio, sons débeis, abafados, virava-se e revirava-se na cama; e pela primeira vez, depois de sua prisão, desejou a presença de um cálido corpo de mulher. Experimentou respirar metodicamente a fim de facilitar o sono, mas ficava cada vez mais impaciente. Combateu durante muito tempo a vontade de puxar conversa com o 402, que depois da pergunta “Que é decência?” não mais se manifestara.

Por volta da meia-noite, quando já havia três horas que estava acordado, na cama, de olhos fitos no jornal posto no lugar da vidraça quebrada, não pôde mais resistir e bateu na parede com o nó dos dedos. Esperou, ansioso; a parede continuou em silêncio. Tornou a bater e a esperar, sentindo uma onda quente de humilhação subir-lhe à cabeça. O 402 continuou mudo. E, no entanto, certamente estava acordado na cama, do outro lado da parede, matando o tempo a ruminar velhas aventuras; confessara a Rubachov que jamais conseguia adormecer antes de uma ou duas horas da madrugada, e que retornara aos hábitos de infância.

Rubachov estava deitado de costas, olhos abertos para a escuridão. O colchão era achatado e duro; o cobertor, quente demais, provocava uma transpiração desagradável, e no entanto ele sentia arrepios quando se descobria. Fumava o sétimo ou

oitavo cigarro de uma série; as pontas estavam espalhadas em redor da cama, pelo chão de ladrilho. Todo som morrera; o tempo parara; convertera-se em treva informe. Rubachov fechou os olhos e imaginou Arlova deitada a seu lado, a curva familiar de seus seios erguendo-se contra a obscuridade. Esqueceu-se de que ela fora arrastada pelo corredor, como Bogrov; o silêncio se tornava tão intenso que parecia zumbir e oscilar. Que estavam fazendo os dois mil homens emparedados nas células desta colmeia? O silêncio era enfunado pela inaudível respiração deles, por seus sonhos invisíveis, pelo arquejar sufocado de seus temores e desejos. Se a história era uma questão de cálculo, quanto pesava a soma de dois mil pesadelos, a pressão de um impotente anseio multiplicado por dois mil? Agora aspirava realmente o fraterno perfume de Arlova; debaixo do cobertor de lã, Rubachov sentiu seu próprio corpo todo úmido de suor... A porta da cela se escancarou, com um ruído áspero; a luz do corredor feriu-lhe os olhos.

Viu entrarem dois funcionários uniformizados, de cintos e coldres, até então desconhecidos dele. Um dos dois homens se aproximou do beliche; era de grande estatura, tinha a cara brutal e uma voz rude que a Rubachov pareceu estentórea. Ordenou-lhe que o acompanhasse, sem explicar para onde.

Rubachov apalpou a cama por baixo do cobertor, em busca do pincenê, colocou-o, e se levantou. Sentiu um cansaço de chumbo ao percorrer o corredor, ao lado do gigante de uniforme, cuja cabeça ficava acima da sua. O outro homem os seguia.

Rubachov olhou o relógio; eram duas horas da madrugada, afinal teria dormido, portanto. Tomaram a direção da barbearia — a mesma de Bogrov. O segundo funcionário se conservava três passos atrás de Rubachov. Este sentia-se impelido a voltar a cabeça, como sob o efeito de um prurido na nuca, mas dominou-se. “Afinal de contas, não podem matar-me tão sem cerimônia”, pensou, sem estar de todo convencido. No momento, não lhe importava muito; só desejava acabar rapidamente com tudo aquilo. Procurou descobrir se estava ou não com medo, mas notou apenas o mal-estar físico causado pelo esforço de não virar a cabeça para o homem que o seguia.

Quando dobraram o corredor além da barbearia, apareceu a escada estreita que descia para o porão. Rubachov observava o gigante, a seu lado, para ver se ele afrouxava o passo. Ainda não sentia medo, apenas curiosidade e inquietação; mas depois que haviam passado da escada reparou com surpresa que suas pernas estavam trêmulas, e teve de fazer um esforço para se recompor. Ao mesmo tempo, viu-se esfregando maquinalmente o pincenê na manga; aparentemente, deveria tê-los tirado antes de alcançarem a barbearia, sem o perceber. "Tudo é fraude", pensou. "Acima do estômago podemos burlar-nos, mas, daí para baixo, nós sabemos. Se agora me baterem, assinarei tudo o que quiserem; mas amanhã me desdarei..."

Alguns passos além, a "teoria da maturidade relativa" voltou-lhe ao pensamento, e com ela a decisão já tomada de assinar sua rendição. Uma grande sensação de alívio o envolveu; mas ao mesmo tempo perguntou-se, espantado, como era possível que se tivesse esquecido tão completamente de suas resoluções dos últimos dias. O gigante parou, abriu uma porta e ficou parado ao lado. Rubachov viu à sua frente uma sala semelhante à de Ivanov, mas com uma iluminação brilhante, desagradável, que lhe feria os olhos. Do lado oposto ao da porta, atrás da escrivaninha, estava sentado Gletkin.

A porta fechou-se atrás de Rubachov e Gletkin levantou os olhos de uma pilha de documentos.

— Sente-se, faça o favor — disse naquele tom seco, incolor, de que Rubachov se lembrava da primeira cena em seu cubículo.

Reconheceu também a larga cicatriz no crânio de Gletkin; tinha o rosto na sombra, pois que a única luz da sala vinha de uma lâmpada de suporte alto, atrás da poltrona de Gletkin. A forte luz branca que brotava da lâmpada muito potente cegava Rubachov, de modo que só depois de alguns segundos percebeu a presença de uma terceira pessoa: uma secretária sentada atrás de um biombo, a uma mesinha, de costas para o centro da sala.

Rubachov sentou-se em frente de Gletkin, diante da escrivaninha, na única cadeira restante. Era uma cadeira incômoda, sem braços.

— Estou encarregado de inquiri-lo na ausência do Comissário Ivanov — disse Gletkin.

A luz da lâmpada doía nos olhos de Rubachov; mas, se ficava de perfil para Gletkin, o efeito da luz no canto do olho era quase tão desagradável como antes. Além disso, falar de cabeça desviada parecia-lhe absurdo e embaraçador.

— Prefiro ser inquirido por Ivanov — disse Rubachov.

— O magistrado de instrução criminal é designado pela autoridade — disse Gletkin. — O acusado tem o direito de prestar depoimento ou de se recusar. No seu caso, uma recusa equivaleria a um repúdio da declaração de que está disposto a fazer uma confissão, que escreveu há dois dias, e automaticamente levaria a investigação a um fim. Nessa eventualidade, tenho a ordem de devolver seu caso à autoridade competente, que pronunciaria a sentença administrativamente.

Rubachov refletiu, rápido. Com certeza algum contratempo sucedera a Ivanov. Afastado de repente com uma licença, ou demitido, ou preso. Talvez porque se lembrassem de sua antiga amizade com Rubachov; talvez porque fosse mentalmente superior e demasiado espirituoso, e porque sua lealdade ao N.º 1 se baseasse em considerações lógicas e não em uma fé cega. Era demasiado inteligente; pertencia à velha escola: a nova escola era Gletkin com seus métodos... Vai em paz, Ivanov. Rubachov não tinha tempo para sentir compaixão; era preciso pensar rapidamente e a luz o estorvava. Tirou o pincenê e ficou pestanejando; sabia que sem pincenê parecia nu e inerte, e que os olhos inexpressivos de Gletkin registravam todas as particularidades de seu rosto. Se agora permanecesse calado, estaria perdido; impossível desandar, agora. Gletkin era uma criatura repulsiva; mas representava a nova geração; os velhos tinham de entender-se com ela ou seriam esmagados; não havia outra opção. Rubachov subitamente se sentiu velho; até aqui não conhecera esta sensação. Nunca levara em conta que andava na casa dos cinquenta. Pôs o pincenê e tentou encarar Gletkin, mas a luz brilhante o fez lacrimejar; tornou a tirá-lo.

— Estou pronto a fazer uma declaração — disse, procurando dominar a irritação da voz. — Mas com a condição de que você acabe com seus artificios. Apague essa luz ofus-

cante e reserve esses métodos para os gatunos e os contrarrevolucionários.

— Você não está em situação de apresentar condições — disse Gletkin com sua voz calma. — Não posso mudar a iluminação de meu gabinete por sua causa. Você não parece compreender bem a sua situação, e em especial o fato de que você mesmo é acusado de atividades contrarrevolucionárias, e que no curso destes últimos anos por duas vezes as admitiu em declarações públicas. Está enganado se pensa que vai safar-se tão facilmente desta vez.

Porco, pensou Rubachov. Porco sujo de farda. Corou. Sentiu que corava e sabia que Gletkin o notara. Que idade poderia ter esse Gletkin? Trinta e seis ou trinta e sete anos, no máximo; devia ter tomado parte na Guerra Civil, em sua juventude, e visto o alvorecer da Revolução como simples menino. Era essa a geração que começara a pensar depois da inundação. Não tinha tradições, nem memórias que a ligassem ao velho mundo desaparecido. Era uma geração nascida sem cordão umbilical. . . E, no entanto, tinha a razão de seu lado. Era preciso romper o cordão umbilical, negar o último laço que prendia um homem às vãs concepções de honra e à decência hipócrita do velho mundo. Honra era servir sem vaidade, sem poupar-se, e até a última consequência.

A irritação de Rubachov gradualmente se aplacou. Tinha o pincenê na mão, e o rosto voltado para Gletkin. Forçado a conservar os olhos fechados, sentia-se ainda mais nu, mas isto já não o perturbava. Através de suas pálpebras descidas se filtrava uma claridade avermelhada. Nunca experimentara um sentimento tão agudo de solidão.

— Farei tudo o que possa servir ao Partido — disse. Sua voz perdera a tonalidade áspera; mantinha os olhos fechados. — Peço-lhe que exponha a acusação detalhadamente. Até agora isso não foi feito.

Ouviu, mais do que viu com os olhos a piscar, que um breve movimento percorria na figura empertigada de Gletkin. Nos braços da poltrona seus punhos crepitaram, ele respirou um pouquinho mais fundo, como se por um instante todo o seu corpo se tivesse relaxado. Rubachov presumiu que Gletkin ex-

perimentava o momento triunfal de sua vida. Ter posto fora de combate um Rubachov significava o começo de uma grande carreira; e, ainda um minuto antes, para Gletkin tudo permanecia em suspenso — com o destino de Ivanov feito um lembrete diante de seus olhos.

Dé repente, Rubachov compreendeu que tinha precisamente tanto poder sobre este Gletkin como Gletkin sobre ele. Tenho você seguro pela garganta, rapaz, pensou com uma careta irônica; nós ambos nos temos seguros pela garganta, e se me atiro do balanço, lhe arrasto comigo. Por um momento, Rubachov brincou com esta idéia, enquanto Gletkin, de novo teso e exato, remexia seus documentos; depois rejeitou a tentação e lentamente fechou os olhos doídos. Devemos queimar até o fim os últimos vestígios da vaidade — e que mais era o suicídio senão uma forma invertida de vaidade? Este Gletkin, naturalmente, acreditava que tinham sido seus artifícios, e não os argumentos de Ivanov, que o haviam induzido a capitular; provavelmente Gletkin também conseguira convencer disto as autoridades superiores, acarretando assim a queda de Ivanov. Porco, pensou Rubachov, mas desta vez sem raiva. Bruto conseqüente que veste o uniforme que criamos — bárbaro da nova era que agora está começando. Você não compreende a questão; mas, se compreendesse, seria inútil para nós. . . Notou que a intensidade da luz da lâmpada crescera mais um grau: Rubachov sabia que havia um dispositivo para aumentar ou diminuir a potência destes refletores durante o interrogatório. Foi forçado a desviar completamente a cabeça e enxugar os olhos lacrimejantes. Besta, pensou de novo. No entanto, é exatamente dessa geração de bestas que agora precisamos. . .

Gletkin começara a ler a acusação. Sua voz monótona estava mais irritante do que nunca. Rubachov escutava de cabeça virada e olhos fechados. Estava resolvido a considerar sua "confissão" como uma formalidade, uma comédia absurda, mas necessária, cujo sentido tortuoso só podia ser entendido pelos iniciados; mas o teor do que Gletkin estava lendo ultrapassava suas piores expectativas em matéria de absurdo. Acreditava Gletkin, mesmo, que ele, Rubachov, planejara estas maquinações infantis? Que anos a fio não pensara em nada mais

que despedaçar o edifício cujos alicerces ele e a velha guarda tinham lançado? Acreditaria Gletkin que todos eles, os homens de cabeças numeradas, os heróis da sua infância, subitamente haviam caído vítimas de uma epidemia que os tornava a todos venais e corruptíveis e só lhes dava um desejo: desmanchar a Revolução? E isso por meio de métodos que estes grandes tácticos políticos pareciam ter ido buscar numa história policial barata?

Gletkin lia monotonamente, sem qualquer entonação, com a voz incolor, vazia, das pessoas que aprenderam tarde o alfabeto, quando já adultos. Lia justamente algo sobre as pretensas negociações com o representante de uma potência estrangeira, as quais, segundo se pretendia, Rubachov iniciara durante sua estada em B., com o fim de restabelecer o velho regime pela força. O nome do diplomata estrangeiro era mencionado, também o tempo e o lugar do encontro. Rubachov agora escutava com mais atenção. Em sua memória lampejou uma pequena cena sem importância, da qual logo se esquecera na época e em que nunca mais tornara a pensar. Calculou rapidamente a data aproximada; parecia enquadrar-se. Então ia ser essa a corda que o enforcaria? Rubachov sorriu e passou o lenço nos olhos lacrimejantes...

Gletkin lia sem parar, friamente, com uma monotonia mortal. Acreditava ele, de fato, no que estava lendo? Não percebia o absurdo grotesco do texto? Agora estava no período da atividade de Rubachov à frente do truste estatal do alumínio. Lia de ponta a ponta estatísticas que mostravam a assustadora desorganização reinante naquele ramo industrial, desenvolvido às pressas; o número de operários vítimas de acidentes, as séries de aviões acidentados em função do material defeituoso. Tudo isto era conseqüência da diabólica sabotagem dele, Rubachov. A palavra "diabólica" aparecia mesmo várias vezes no texto, entre termos técnicos e colunas de números. Por alguns segundos Rubachov alimentou a hipótese de que Gletkin houvesse enlouquecido; esta mistura de lógica e absurdo lembrava a demência metódica dos esquizofrênicos. Mas a acusação não fora redigida por Gletkin; este se limitava a lê-la — e de fato cria nela, ou de qualquer forma a considerava crível...

Rubachov voltou a cabeça para a estenógrafa, lá no seu canto sombrio. Era pequena, delgada e usava óculos. Calmamente fazia ponta no lápis e nenhuma vez voltava a cabeça para ele. Com certeza, também ela considerava as coisas monstruosas que Gletkin lia como totalmente convincentes. Ainda era jovem, talvez tivesse vinte e cinco ou vinte e seis anos; também se fizera adulta depois da inundação. Que significava o nome Rubachov para esta geração de modernos homens de Neanderthal? Ali estava ele sentado diante do refletor deslumbrante, não podia conservar abertos os olhos cheios de lágrimas, enquanto eles liam com suas vozes incolores e o olhavam com seus olhos inexpressivos, indiferentes como se se tratasse de um objeto colocado sobre a mesa de dissecação.

Gletkin estava no último parágrafo da acusação. Continha a parte culminante: a conspiração contra a vida do N.º 1. O misterioso X, mencionado por Ivanov no curso do primeiro interrogatório, reaparecera. Vinha-se a saber que era subgerente de um restaurante de onde o N.º 1 mandava vir seu almoço frio nos dias de muito trabalho. Este almoço frio era um aspecto do sistema de vida espartano do N.º 1, acalentado com muito cuidado pela propaganda; e era justamente por meio desta notória refeição fria que X, por instigação de Rubachov, devia preparar um fim prematuro para o N.º 1. Rubachov sorriu para si mesmo, olhos cerrados; quando os abriu, Gletkin cessara de ler e olhava para ele. Após alguns segundos de silêncio, Gletkin disse, com seu tom invariável de costume, mais como uma declaração do que como uma pergunta:

— Ouviu a acusação e confessa-se culpado.

Rubachov tentou encará-lo. Não o pôde e teve de fechar novamente os olhos. Tinha uma resposta cortante na ponta da língua; em vez dela, disse com tanta moderação que a delgada secretária teve de aproximar a cabeça para ouvir:

— Confesso-me culpado de não ter compreendido a compulsão fatal que determina a política do governo, e de ter em conseqüência sustentado concepções de oposição. Confesso-me culpado de haver cedido a impulsos sentimentais e, assim fazendo, de ter sido levado a contradições com a necessidade histórica. Dei ouvidos aos lamentos dos sacrificados, e assim

me tornei surdo aos argumentos que provavam a necessidade de sacrificá-los. Confesso-me culpado de haver cotado a questão de culpa e inocência acima da questão de utilidade e nocividade. Finalmente, confesso-me culpado de haver colocado a idéia do homem acima da idéia de humanidade...

Fez uma pausa e outra vez tentou abrir os olhos. Pestanejando, desviou o rosto da luz na direção do canto ocupado pela secretária. Esta acabava de registrar o que ele dissera; Rubachov acreditou surpreender um sorriso irônico em seu perfil pontudo.

— Eu sei — prosseguiu Rubachov — que meu desvio, se tivesse efeito, teria constituído um perigo mortal para a Revolução. Toda oposição, nas viradas críticas da história, leva em si o germe de uma cisão do Partido, e portanto o germe da guerra civil. A debilidade humanitarista e a democracia liberal, quando as massas não estão maduras, é o suicídio da Revolução. E, no entanto, minha atitude de oposição se baseava precisamente em ansiar por tais métodos, na aparência tão desejáveis, na realidade tão fatais. Aspirando a uma reforma liberal da ditadura; a uma democracia mais ampla, à abolição do Terror e ao relaxamento da rígida organização do Partido, eu admito que estas aspirações, na atual situação, são objetivamente nocivas e portanto de caráter contra-revolucionário...

Fez outra pausa, pois tinha a garganta seca e a voz rouca. Ouviu, no silêncio, o arranhar do lápis da secretária; ergueu um pouco a cabeça, de olhos fechados, e continuou:

— Neste sentido, e só neste sentido, pode chamar-me de contra-revolucionário. Quanto às absurdas acusações criminais feitas na acusação, nada tenho a ver com elas.

— Terminou? — disse Gletkin.

Sua voz tinha um som tão áspero que Rubachov olhou para ele, surpreso. A silhueta de Gletkin, brilhantemente iluminada, aparecia atrás da escrivaninha em sua posição impecável, como de hábito. Rubachov havia muito buscava uma caracterização simples para Gletkin: "brutalidade impecável" — era isto.

— Essa declaração não é nova — continuou Gletkin, com sua voz seca, dissonante. — Em ambas as suas confissões

anteriores, a primeira dois anos atrás, a segunda há doze meses, já admitiu publicamente que a sua atitude fora "objetivamente contra-revolucionária e oposta aos interesses do povo". Ambas as vezes pediu humildemente o perdão do Partido, e jurou lealdade à linha política da direção. Agora espera repetir o jogo uma terceira vez. A declaração que acaba de fazer é apenas um engodo. Admite sua "atitude de oposição", mas nega os atos que são a sua consequência lógica. Já lhe disse que desta vez não se safará com tanta facilidade.

Gletkin se interrompeu tão de repente como começara. No silêncio que se seguiu, Rubachov ouviu o débil zunir da corrente elétrica na lâmpada, atrás da escrivaninha. Ao mesmo tempo, a intensidade da luz subira mais um grau.

— As declarações feitas naquela ocasião — disse Rubachov em voz baixa —, eu as fiz por motivos táticos. Você certamente sabe que toda uma série de militantes de oposição foram obrigados a pagar com tais declarações o privilégio de permanecer no Partido. Mas, desta vez, meu pensamento é diferente...

— Quer dizer que desta vez é sincero? — perguntou Gletkin. Fez a pergunta rapidamente, e sua voz incolor não demonstrava ironia.

— Sim — disse Rubachov, calmo.

— E antes mentiu?

— Diga assim, se quiser — respondeu Rubachov.

— Para salvar o pescoço?

— Para poder continuar trabalhando.

— Sem pescoço não se pode trabalhar. Portanto, para salvar o pescoço?

— Se quiser...

Rubachov, nos pequenos intervalos entre as perguntas arremessadas por Gletkin e suas próprias respostas, ouvia apenas o lápis da secretária arranhando o papel e o ronronar da lâmpada. A lâmpada despejava um jorro de luz branca, e irradiava um calor constante que obrigava Rubachov a enxugar o suor que lhe escorria da testa. Esforçava-se por manter abertos os olhos doloridos, mas as vezes em que o fazia se tornavam cada vez mais raras; sentia uma sonolência crescente, e quando Gletkin, depois de sua última série de

perguntas rápidas, deixou passar vários momentos em silêncio, Rubachov, com uma espécie de interesse distante, sentiu o queixo abater-se sobre o peito. Quando a pergunta seguinte de Gletkin tornou a sacudi-lo, teve a impressão de que havia dormido durante um período impreciso.

— Repito — disse a voz de Gletkin. — Suas declarações anteriores de arrependimento tiveram por fim enganar o Partido quanto às suas verdadeiras opiniões, e salvar seu pescoço.

— Já o admiti — disse Rubachov.

— E a declaração pública repudiando sua secretária Arlova também teve o mesmo fim?

Rubachov respondeu afirmativamente, com um simples aceno. A pressão que sentia nas órbitas oculares se irradiava por todos os nervos da face direita. Sentiu que o maxilar recomeçara a latejar.

— Sabe que a cidadã Arlova sempre se referiu a você como sua principal testemunha de defesa?

— Fui informado — disse Rubachov. O latejar se tornou mais forte.

— Sem dúvida também sabe que a declaração que você fez naquela ocasião, e que acaba de classificar como uma mentira, foi decisiva para a pronúncia da sentença de morte contra Arlova?

— Fui informado.

Rubachov tinha a impressão de que toda a sua face direita estava repuxada numa câibra. Sua consciência se tornava mais nebulosa, a cabeça mais pesada; era com dificuldade que a impedia de cair sobre o peito. A voz de Gletkin traspassou-lhe os ouvidos:

— Então é possível que a cidadã Arlova fosse inocente?

— É possível — disse Rubachov, com um último resto de ironia, que comunicou à sua língua como que um sabor de sangue e fel.

— ... E foi executada como consequência da declaração mentirosa que você fez, com o propósito de salvar sua própria cabeça?

— É isso, aproximadamente — disse Rubachov.

“Patife”, pensou com uma raiva inerte, impotente. “Naturalmente o que você diz é a verdade crua. Seria interessante saber qual de nós dois é o patife maior. Mas ele me agarrou pela garganta e não posso defender-me, porque não é permitido saltar do balanço. Se ao menos me deixasse dormir. Se ele continuar me atormentando por muito tempo, retiro tudo o que disse e me recuso a falar — e aí estou liquidado e ele também.”

— ... E depois de tudo isso, pede para ser tratado com consideração? — continuou a voz de Gletkin, com a mesma brutalidade impecável. — Ainda ousa negar suas atividades criminosas? Depois de tudo isso, pede que acreditemos no que diz?

Rubachov desistiu do esforço para conservar a cabeça erguida. Naturalmente Gletkin tinha razão em não lhe dar crédito. Até ele próprio começava a perder-se no labirinto de mentiras calculadas e escusas dialéticas, na meia-luz entre a verdade e a ilusão. A verdade última sempre estava um passo além; só permanecia visível a penúltima mentira com que tínhamos de servi-la. E a que patéticas contorções e danças de São Guido ela nos compelia! Como poderia convencer a Gletkin de que desta vez estava sendo de fato sincero, de que chegara à última estação? A gente sempre tinha de convencer alguém, falar, discutir — quando desejava mesmo era dormir, desvanecer-se...

— Nada peço — disse Rubachov, e voltou pensamente a cabeça para o rumo de onde viera a voz de Gletkin — a não ser provar uma vez mais a minha dedicação ao Partido.

— Só há uma prova que pode dar — veio a voz de Gletkin —, uma confissão completa. Já ouvimos bastante a propósito de sua “atitude de oposição” e de seus elevados motivos. Do que precisamos é de uma confissão pública completa de suas atividades criminosas, que foram a consequência necessária daquela atitude. O único modo pelo qual pode ainda servir o Partido é um exemplo que valha como uma advertência: demonstrar às massas, na sua própria pessoa, os resultados a que inevitavelmente conduz a oposição à linha política do Partido.

Rubachov pensou na refeição fria do N.º 1. Os nervos faciais inflamados latejavam a toda pressão, mas a dor já não era aguda e ardente; vinha agora em acessos embotados, tórpidos. Pensando na refeição fria do N.º 1, os músculos de seu rosto se contorceram numa careta.

— Não posso confessar crimes que não cometi — disse com desânimo.

— Claro — sou a voz de Gletkin. — Isso certamente você não pode fazer — e pareceu a Rubachov que pela primeira vez surpreendia, naquela voz, algo semelhante a zombaria.

A partir desse momento a lembrança do interrogatório, para Rubachov, se tornou um tanto nebulosa. Depois da frase “isso certamente você não pode fazer”, que lhe ficara nos ouvidos por causa de sua entonação peculiar, havia em sua memória um hiato de extensão incerta. Depois, pareceu-lhe que adormecera e chegou mesmo a lembrar-se de um sonho estranhamente agradável. Devia ter durado apenas alguns segundos: uma sucessão desatada, intemporal, de luminosas paisagens, com os choupos familiares que orlavam a entrada da propriedade de seu pai, e uma dada espécie de nuvens brancas que, em menino, certa vez observara acima deles.

A coisa de que se lembrava a seguir era a presença de uma terceira pessoa na sala, e a voz de Gletkin retumbando sobre ele:

— Peça-lhe que preste atenção... Reconhece este homem?

Rubachov anuiu. Reconhecera imediatamente a Beijo de Lebre, embora não estivesse com o impermeável em que se enrolava, de ombros curvados pelo frio, durante os passeios no pátio. Uma série conhecida de algarismos lampejou no cérebro de Rubachov: 1-2; 1-5; 2-4; 4-4; 4-4; 3-0... “Beijo de Lebre envia-lhe saudações.” Em que ocasião o 402 lhe transmitira esta mensagem?

— Quando e onde o conheceu?

Custou a Rubachov um certo esforço para falar; o gosto amargo permanecia em sua língua ressequida:

— Vi-o repetidas vezes da minha janela, passeando no pátio.

— E não o conhecia antes?

Beijo de Lebre estava parado à porta, um pouco atrás da cadeira de Rubachov; a luz do refletor caía em cheio sobre ele. Seu rosto, geralmente amarelo, estava coberto de um branco de giz, seu nariz era pontudo, o lábio leporino com a estria carnuda tremia sobre a gengiva descoberta. As mãos pendiam-lhe frouxas quase até os joelhos; Rubachov, que agora estava de costas para a lâmpada, via-o como uma aparição na ribalta. Uma nova série de algarismos passou-lhe pela memória: “4-5; 3-5; 4-3...” — “torturado ontem”. Quase simultaneamente, a sombra de uma lembrança que ele não podia clarear cruzou-lhe a mente: a lembrança de uma vez ter visto o original vivo desta ruína humana, muito antes de entrar na cela 404.

— Não sei exatamente — respondeu, hesitante, à pergunta de Gletkin. — Agora que o vejo de mais perto, parece-me que já o vi antes, em algum lugar.

Mesmo antes de haver terminado a frase, Rubachov sentiu que teria sido melhor não tê-la dito. Desejava muito que Gletkin lhe deixasse alguns minutos para se refazer. O sistema, usado por Gletkin, de formular abruptamente as perguntas numa sucessão rápida, sem pausa, evocou-lhe a imagem de uma ave de rapina dando bicadas em sua presa.

— Onde encontrou este homem pela última vez? A exatidão de sua memória era muito famosa no Partido.

Rubachov permaneceu calado. Atormentava a memória, mas não conseguia localizar em parte alguma este fantasma de lábios trêmulos, inundado pela luz ofuscante. Beijo de Lebre não se mexia. Lambeu a estria vermelha, tumefacta, do lábio superior; seu olhar errava de Rubachov para Gletkin.

A secretária parara de escrever; só se ouvia o zumbido invariável da lâmpada e o estalejar dos punhos de Gletkin; inclinara-se para diante, apoiando os cotovelos nos braços da cadeira, para fazer a pergunta imediata:

— Então se recusa a responder?

— Não me lembro — disse Rubachov.

— Bem — disse Gletkin. Dobrou-se mais ainda, como se voltasse para Beijo de Lebre todo o peso de seu corpo:

— Quer ajudar um pouco a memória do cidadão Rubachov? Onde se encontrou com ele pela última vez?

O rosto de Beiço de Lebre se fez, se isto era possível, ainda mais branco. Seus olhos se demoraram alguns segundos na secretária, cuja presença ele parecia só ter descoberto agora, mas logo se puseram a vagar, como se fugissem em busca de um ponto de descanso. Tornou a lamber os lábios e disse apressadamente, de um fôlego:

— Fui instigado pelo cidadão Rubachov a destruir o chefe do Partido por envenenamento.

No primeiro momento, Rubachov ficou apenas surpreso diante da voz grave e melodiosa que inesperadamente soava nesta ruína humana. A voz parecia a única parte que permanecera íntegra nele; formava um contraste fantástico com sua aparência. O que efetivamente ele disse, Rubachov o compreendeu apenas alguns segundos depois. Desde a chegada de Beiço de Lebre, esperava por algo assim, e farejara o perigo; mas agora tinha acima de tudo consciência do grotesco da acusação. Um momento mais tarde tornou a ouvir Gletkin, desta vez à sua retaguarda, pois Rubachov estava voltado para Beiço de Lebre. A voz de Gletkin tinha um tom irritado:

— Ainda não lhe perguntei isso. Perguntei onde se encontrou com o cidadão Rubachov pela última vez.

Errado, pensou Rubachov. Não devia ter acentuado que dera a resposta indevida. Eu não o teria notado. Parecia-lhe que agora tinha o pensamento bastante claro, de uma lucidez febril. Procurou uma comparação. Esta testemunha é um realejo, pensou; e justo agora tocou a música que não devia. A resposta seguinte de Beiço de Lebre soou ainda mais melodiosa:

— Encontrei-me com o cidadão Rubachov depois de uma recepção oferecida pela Delegação Comercial, em B. Lá, ele me incitou à prática de um atentado terrorista contra a vida do chefe do Partido.

Enquanto falava, seu olhar acochado topou com Rubachov, e deteve-se. Rubachov colocou o pincenê e o encarou com aguda curiosidade. Mas nos olhos do moço não leu um apelo de perdão, antes uma confiança fraternal e a muda censura dos

que são atormentados indefesamente. Foi Rubachov quem primeiro desviou o olhar.

Às suas costas, ergueu-se a voz de Gletkin, de novo revestida de segurança e brutalidade:

— Pode lembrar-se da data do encontro?

— Lembro-me bem — disse Beiço de Lebre com sua voz estranhamente agradável. — Foi depois da recepção por motivo do vigésimo aniversário da Revolução.

Seu olhar desprevenido continuava pousado nos olhos de Rubachov, como se nestes houvesse uma última e desesperada probabilidade de resgate. Uma lembrança assomou no pensamento de Rubachov, vaga a princípio, depois mais definida. Agora, afinal, sabia quem era Beiço de Lebre. Mas esta descoberta lhe causou pouco mais que uma sensação de dolorido espanto. Voltou a cabeça para Gletkin e disse sem se alterar, pestanejando sob a luz da lâmpada:

— A data está certa. A princípio não reconheci o filho do Prof. Kieffer, pois só o vi uma vez, antes que ele passasse para suas mãos. Você está de parabéns pelo resultado de seu trabalho.

— Admite então que o conhece, e que se encontrou com ele no dia e na ocasião já mencionadas?

— É o que acabo de lhe afirmar — disse Rubachov, cansado. A lucidez febril desaparecera, e o surdo martelar em sua cabeça recomeçara. — Se tivesse me dito logo que era o filho de meu infeliz amigo Kieffer, eu o teria identificado antes.

— Na acusação está mencionado o nome por extenso — disse Gletkin.

— Eu conhecia o Prof. Kieffer, como todo o mundo, só pelo pseudônimo.

— É um detalhe sem importância — disse Gletkin. Tornou a inclinar todo o corpo para Beiço de Lebre, como se desejasse esmagá-lo com seu peso através do espaço que os separava. — Continue o depoimento. Diga-nos como se deu esse encontro.

Outra vez errado, pensou Rubachov, apesar de sua sonolência. Certamente que não é um detalhe sem importância. Se eu tivesse de fato incitado este homem e essa conspiração idiota,

teria me lembrado dele na primeira alusão, com nome ou não. Mas estava muito cansado para empenhar-se numa explicação tão longa; além disso, teria sido preciso voltar novamente o rosto para a lâmpada. Assim, pelo menos podia ficar de costas para Gletkin.

Enquanto discutiam sua identidade, Beiço de Lebre ficara de cabeça caída sob o fulgor branco, o lábio superior a tremer. Rubachov pensou em seu velho amigo e camarada Kieffer, o grande historiador da Revolução. Na famosa fotografia da mesa do congresso, onde todos usavam barbas e tinham pequenos círculos numerados em redor da cabeça, como auréolas, ele estava sentado à esquerda do antigo chefe. Fora seu colaborador em questões de história; também seu companheiro de jogo de xadrez, e talvez seu único amigo pessoal. Depois da morte do "velho", Kieffer, que o conhecera com mais intimidade do que qualquer outro, fora encarregado de escrever sua biografia. Trabalhou nela por mais de dez anos, mas estava destinada a nunca ser publicada. A versão oficial dos acontecimentos da Revolução passara por uma mudança especial, nestes dez anos; os papéis desempenhados nela pelos atores principais tiveram de ser reescritos, a escala de valores tornou a ser alterada; mas o velho Kieffer era teimoso e nada entendia da dialética interna da nova era sob o N.º 1...

— Meu pai — prosseguiu Beiço de Lebre com sua voz estranhamente musical —, de volta do Congresso Internacional de Etnografia, ao qual eu o acompanhara, passou comigo por B., pois desejava visitar seu amigo, o cidadão Rubachov.

Rubachov escutava com uma esquisita mistura de curiosidade e melancolia. Até aqui, a história estava certa: o velho Kieffer fora vê-lo, levado pela necessidade de desafogar o coração e também para lhe pedir conselho. A noite em que estiveram juntos fora provavelmente o último momento agradável da vida do velho Kieffer.

— Podíamos ficar lá só um dia — prosseguiu Beiço de Lebre, o olhar colado no rosto de Rubachov, como se ali buscasse força e ânimo. — Era justamente o dia da comemoração da Revolução; por isso é que me lembro da data com tanta exatidão. Durante todo o dia, o cidadão Rubachov esteve

ocupado com a recepção, e só pôde falar com meu pai alguns minutos. Mas à noite, depois que terminou a recepção na Legação, convidou meu pai para ir ao apartamento dele e meu pai permitiu que eu o acompanhasse. O cidadão Rubachov estava meio cansado e vestira o chambre, mas nos recebeu muito entusiasmado. Tinha posto a mesa com vinho, conhaque e doces, e saudou meu pai, depois de abraçá-lo, com as palavras: "A festa de despedida do último dos moicanos..."

Atrás de Rubachov a voz de Gletkin o interrompeu:

— Percebeu logo a intenção de Rubachov de levar você a um estado de intoxicação, a fim de o tornar mais dócil a seus planos?

A Rubachov pareceu-lhe que um fugaz sorriso havia aflorado no rosto devastado de Beiço de Lebre; pela primeira vez, notou uma leve semelhança com o jovem que vira naquela noite. Mas a expressão logo se desvanecera; Beiço de Lebre pestanejou e lambeu o lábio fendido.

— Pareceu-me um pouco suspeito, mas eu ainda não tinha percebido seu plano.

Pobre porco, pensou Rubachov, que é que fizeram de você?...

— Continue — ribombou a voz de Gletkin.

Beiço de Lebre levou alguns segundos para tornar a recompor-se da interrupção. Nesse meio tempo, ouvia-se a magra estenógrafa apontando o lápis.

— Rubachov e meu pai trocaram recordações durante muito tempo. Fazia muitos anos que não se viam. Conversavam a respeito do tempo de antes da Revolução, de gente da geração mais velha, que eu só conhecia de nome, e sobre a Guerra Civil. Falavam freqüentemente por alusões que eu não podia alcançar, e riam de lembranças que eu não entendia.

— Seu pai estava muito embriagado? — perguntou Gletkin.

Beiço de Lebre pestanejou desamparadamente sob a luz. Rubachov observou que ele oscilava de leve enquanto falava, como se só pudesse ficar de pé com dificuldade.

— Acho que estava — continuou Beiço de Lebre. — Nos últimos anos nunca o tinha visto assim tão bem-humorado.

— Isso — ressoou a voz de Gletkin — foi três meses antes de descobertas as atividades contra-revolucionárias de seu pai, que causaram sua execução dentro de outros três meses?

Beijo de Lebre lambeu os lábios, olhou estupidamente para a luz e permaneceu em silêncio. Rubachov voltara-se para Gletkin, num súbito impulso, mas, deslumbrado pela luz, fechou os olhos e lentamente tornou a desviar-se, esfregando o pincenê na manga. O lápis da secretária rangeu no papel e parou. Depois, a voz de Gletkin tornou a fazer-se ouvir:

— Naquele período você já estava enfronhado nas atividades contra-revolucionárias de seu pai?

Beijo de Lebre lambeu os lábios.

— Já estava — disse.

— E sabia que Rubachov participava das opiniões de seu pai?

— Sabia.

— Relate as principais frases da conversa. Deixe de lado tudo o que não for fundamental.

Agora Beijo de Lebre entrelaçara as mãos nas costas e encostara o ombro à parede.

— Depois de algum tempo, meu pai e Rubachov passaram a falar do presente. Com frases depreciativas, referiam-se à situação atual do Partido, e aos métodos de direção. Rubachov e meu pai só se referiam ao chefe como o “N.º 1.” Rubachov disse que, desde quando o N.º 1 se sentara em cima do Partido com seu largo traseiro, o ar embaixo já não era respirável. Era essa a razão pela qual preferia missões no estrangeiro.

Gletkin dirigiu-se a Rubachov:

— Isso foi logo antes de sua primeira declaração de lealdade ao chefe do Partido?

Rubachov voltou-se de perfil para a luz.

— Deve ter sido — disse.

— A intenção de Rubachov de fazer essa declaração foi mencionada no decorrer da noite? — perguntou Gletkin a Beijo de Lebre.

— Foi. Meu pai censurou Rubachov por causa disso e afirmou que estava decepcionado com ele. Rubachov deu uma risada, e chamou meu pai de velho louco e de Dom Quixote.

Disse que o importante era agüentar-se o máximo possível e esperar pela hora de ferir.

— Que queria ele fazer com esta expressão: “esperar pela hora”?

O olhar do moço tornou a procurar o rosto de Rubachov com uma expressão de desolação e quase ternura. Ocorreu a Rubachov a absurda idéia de que ele estava a ponto de soltar-se da parede e vir beijá-lo na testa. Sorriu a este pensamento, enquanto ouvia a voz agradável responder:

— A hora em que o chefe do Partido seria removido de seu posto.

Gletkin, que não perdera o sorriso de Rubachov, disse secamente:

— Estas reminiscências parecem diverti-lo?

— Talvez — disse Rubachov, e tornou a cerrar os olhos.

Gletkin ajustou um dos punhos e continuou a interrogar Beijo de Lebre:

— Então Rubachov falava da hora em que o chefe do Partido seria removido de seu posto. Como devia acontecer isto?

— Meu pai achava que algum dia a taça transbordaria e o Partido o deporiam ou o forçaria a resignar; e que a oposição devia propagar esta idéia.

— E Rubachov?

— Rubachov riu-se de meu pai e repetiu que era um louco e um Dom Quixote. Depois declarou que o N.º 1 não era um fenômeno acidental, mas a corporificação de certa característica humana, isto é, de uma crença absoluta na infalibilidade de sua própria convicção, de onde ele retirava a força para sua total falta de escrúpulos. Portanto, nunca renunciaria ao poder de livre e espontânea vontade, e só podia ser afastado pela violência. Também nada se podia esperar do Partido, pois o N.º 1 tinha todos os cordéis na mão, e transformara em seu cúmplice a burocracia do Partido, a qual resistiria e, ela sabia disto, cairia com ele.

A despeito de sua sonolência, chamou a atenção de Rubachov a precisão com que o moço retivera suas palavras.

Ele próprio não mais se lembrava da conversa em detalhes, mas não duvidava que Beijo de Lebre a tivesse reproduzido fielmente. Observou o jovem Kieffer através do pincenê com um interesse renovado.

A voz de Gletkin tornou a trovejar:

— Então Rubachov frisou a necessidade de usar de violência contra o N.º 1, isto é, contra o chefe do Partido?

Beijo de Lebre sacudiu a cabeça afirmativamente.

— E seus argumentos, auxiliados por um consumo liberal de bebidas alcoólicas, causaram forte impressão em você?

O jovem Kieffer não respondeu logo. Depois, num tom um pouco mais baixo do que antes, declarou:

— Eu não tinha bebido quase nada. Mas tudo o que ele disse causou profunda impressão em mim.

Rubachov abaixou a cabeça. Invadira-o uma suspeita, que o atingia quase como uma dor física e o fazia esquecer tudo o mais. Seria possível que este infeliz moço tivesse de fato tirado as conclusões da linha de pensamento dele, Rubachov, que estivesse ali, sob o fulgor da lâmpada, como a conseqüência personificada da própria lógica dele, Rubachov?

Gletkin não o deixou terminar este pensamento. Sua voz ergueu-se, dissonante:

— ... E acompanhando esta introdução teórica veio a instigação direta à ação?

Beijo de Lebre permaneceu calado. Piscava diante do refletor.

Gletkin esperou alguns segundos pela resposta. Rubachov também levantou a cabeça, casualmente. Passaram-se vários segundos, durante os quais só se ouvia o zumbido da lâmpada; depois veio novamente a voz de Gletkin, ainda mais contida e incolor:

— Deseja que sua memória seja ajudada?

Gletkin pronunciou esta frase com manifesta despreocupação, mas Beijo de Lebre estremeceu como se fosse atingido por uma chicotada. Lambeu os lábios e em seus olhos apareceu o lampejo de terror do animal indefeso. Em seguida sua amena voz musical tornou a soar:

— A instigação não aconteceu naquela noite, mas na manhã seguinte, numa conversa particular entre mim e o cidadão Rubachov.

Rubachov sorriu. O adiamento da conversa imaginária para o dia seguinte era com certeza uma finura da encenação de Gletkin; que o velho Kieffer tivesse escutado com prazer, enquanto o filho recebia instruções para matar por envenenamento, era uma história muito improvável mesmo para a psicologia do homem de Neanderthal... Rubachov voltou-se para Gletkin e perguntou, pestanejando sob a luz:

— Creio que o acusado tem o direito de fazer perguntas durante a acareação.

— Tem o direito — disse Gletkin.

Rubachov voltou-se para o moço.

— Pelo que me recordo — disse, olhando-o através do pincenê —, acabava de concluir seus estudos na Universidade quando você e seu pai foram visitar-me?

Agora que pela primeira vez falava direto a Beijo de Lebre, a expressão esperançosa e confiante voltou ao rosto deste. Acenou afirmativamente com a cabeça.

— Confirma, portanto — disse Rubachov. — E se ainda bem me lembro, naquela ocasião estava combinado que você começaria a trabalhar sob as ordens de seu pai, no Instituto de Pesquisas Históricas. Foi o que fez?

— Sim — disse Beijo de Lebre, e acrescentou, depois de curta hesitação: — Até a prisão de meu pai.

— Compreendo — disse Rubachov. — Esse fato o impossibilitou de continuar no Instituto, e você teve de procurar algum outro meio de ganhar a vida... — Fez uma pausa, voltou-se para Gletkin e continuou:

— ... Isto prova que na ocasião de meu encontro com este moço nem ele nem eu poderíamos ter previsto seu futuro emprego; portanto, a instigação ao atentado por envenenamento se torna uma impossibilidade lógica.

O lápis da secretária estacou. Rubachov soube, sem olhá-la, que parara de fazer o apanhado taquigráfico, e voltara para Gletkin o rosto pontudo de camundongo. Beijo de Lebre também fitava Gletkin, lambendo o lábio superior; seu olhar

não manifestava alívio, apenas perplexidade e temor. A momentânea sensação de triunfo experimentada por Rubachov se desvaneceu; assaltou-o a estranha impressão de haver perturbado o suave desenrolar de uma cerimônia solene. A voz de Gletkin de fato soou ainda mais fria e mais impecável do que de costume:

— Tem mais alguma pergunta a fazer?

— É só por ora — disse Rubachov.

— Ninguém afirmou que suas instruções limitassem o assassino ao uso de veneno — disse Gletkin, calmo. — Você deu a ordem para o assassinato; a escolha dos meios você a deixou a seu instrumento. — Voltou-se para Beiço de Lebre. — É exato?

— Sim — disse Beiço de Lebre, e sua voz traía certo alívio.

Rubachov lembrou-se de que a acusação fora formulada nos termos expressos de “instigação ao assassinio por envenenamento”, mas tudo aquilo subitamente se lhe tornara indiferente. Que o jovem Miguel Kieffer tivesse de fato feito a insensata tentativa ou apenas planejado algo assim, que toda a confissão tivesse sido artificialmente introduzida em sua cabeça, ou só partes dela, parecia agora a Rubachov uma questão de interesse meramente legal; não fazia diferença para sua culpa. O ponto essencial era que esta miserável figura representava a consequência de sua lógica feita carne. Os papéis se haviam invertido; não era Gletkin, mas ele, Rubachov, quem tentara turvar um caso claro com sutilezas. A acusação, que até agora lhe parecera tão absurda, de fato apenas intercalava (embora de um modo desajeitado e grosseiro) os elos perdidos de uma cadeia perfeitamente lógica.

E no entanto, em um ponto, parecia a Rubachov que cometiam uma injustiça contra ele. Mas estava muito extenuado para expressá-la.

— Tem mais alguma pergunta a fazer? — perguntou Gletkin.

Rubachov sacudiu negativamente a cabeça.

— Pode retirar-se — disse Gletkin a Beiço de Lebre. Tocou uma campainha; entrou um carcereiro uniformizado e

prende com algemas de metal as mãos do jovem Kieffer. À porta, antes que o levassem, Beiço de Lebre voltou a cabeça uma vez mais para Rubachov, como costumava fazer no fim do passeio no pátio. Rubachov recebeu aquele olhar como uma carga; tirou o pincenê, esfregou-o na manga, e desviou seus próprios olhos.

Quando Beiço de Lebre desaparecera, quase o invejou. A voz de Gletkin arranhou-lhe os ouvidos, distinta e com um viço brutal:

— Admite agora que a confissão de Kieffer concorda com os fatos nos pontos essenciais?

Rubachov teve de se voltar novamente para a lâmpada. Sentiu um zumbido nos ouvidos e a luz ardeu-lhe quente e vermelha através da película das pálpebras. Contudo, a expressão “nos pontos essenciais” não lhe escapou. Com ela Gletkin consertava a fenda da acusação e criava a possibilidade de transformar “instigação ao assassinio por envenenamento” em “instigação ao assassinio”, simplesmente.

— Nos pontos essenciais, sim — disse Rubachov.

Os punhos de Gletkin estalaram, e até a estenógrafa se mexeu em sua cadeira. Rubachov percebeu que agora pronunciara a frase decisiva e selara sua confissão de culpa. Como poderiam estes homens de Neanderthal compreender algum dia o que ele, Rubachov, considerava culpa: o que ele, segundo seus próprios padrões, chamava a verdade?

— A luz o incomoda? — perguntou de repente Gletkin.

Rubachov sorriu. Gletkin pagava à vista. Tal era a mentalidade do homem de Neanderthal. E entretanto, quando a ofuscante luz da lâmpada decresceu de um grau, Rubachov sentiu-se aliviado, sentiu mesmo algo semelhante a gratidão.

Embora só pestanejando, podia agora encarar Gletkin. Tornou a ver a larga cicatriz vermelha no crânio rapado.

— ... excetuando-se apenas um ponto que considero essencial — disse Rubachov.

— Qual é? — perguntou Gletkin, de novo rígido, impecável.

Agora, naturalmente, ele pensa que me refiro à entrevista com o rapaz, que nunca houve, pensou Rubachov. É o que

importa para *ele*: pôr os pontos nos is, ainda que os pontos mais pareçam borrões. Mas, de seu ponto de vista, ele pode ter razão...

— O ponto que importa — disse em voz alta — é o seguinte. É verdade que, de acordo com as convicções que eu tinha na época, falei na necessidade de agir pela violência. Mas com isto queria dizer ação política, e não terrorismo individual.

— Então preferia a guerra civil? — disse Gletkin.

— Não. A ação de massas — disse Rubachov.

— O que, como bem sabe, teria inevitavelmente levado à guerra civil. É essa a distinção a que dá tanto valor?

Rubachov não respondeu. Era esse, na verdade, o ponto que, um momento antes, lhe parecera tão importante; agora, também se lhe tornara indiferente. Na realidade, se a oposição só pudesse alcançar a vitória contra a burocracia do Partido e seu imenso aparelho por meio da guerra civil — por que esta alternativa era melhor do que pôr veneno na refeição fria do N.º 1, cujo desaparecimento talvez levasse o regime a um colapso mais rápido e menos sangrento? Em que sentido era o assassinio político menos honroso do que a morte em massa com fins políticos? Esse infeliz jovem evidentemente compreendera mal sua intenção; mas acaso não havia mais consistência no equívoco do jovem Kieffer do que em seu próprio comportamento nos últimos anos?

Aquele que se opõe a uma ditadura tem de aceitar a guerra civil como meio. Aquele a quem repugna a guerra civil deve desistir da oposição e aceitar a ditadura.

Estas sentenças simples que ele escrevera tanto tempo antes, numa polêmica contra os “moderados”, continha sua própria condenação. Não se sentia em condições de continuar a discussão com Gletkin. A consciência de sua completa derrota enchia-o de uma espécie de alívio; a obrigação de continuar a lutar, o peso da responsabilidade eram-lhe retirados; a sonolência de antes voltou. Sentia o martelar na cabeça apenas com um vago eco, e durante alguns segundos pareceu-lhe que do outro lado da escrivaninha não estava sentado Gletkin, mas o N.º 1, com aquele olhar irônico, singularmente astuto, que pousara em Rubachov quando haviam apertado as mãos na

última despedida de ambos. Ocorreu-lhe uma inscrição que havia lido no portão do cemitério de Errancis, onde jaziam Saint-Just, Robespierre e seus dezesseis companheiros decapitados. Constava de uma palavra:

Dormir

Daquele momento em diante, a memória de Rubachov de novo se tornou nebulosa. Provavelmente adormecera pela segunda vez — durante alguns minutos, ou segundos; mas agora não se lembrava de ter sonhado. Devia ter sido acordado por Gletkin, para assinar o termo de declaração. Gletkin passou-lhe a caneta-tinteiro que, segundo Rubachov notou com leve repugnância, ainda trazia o calor de seu bolso. A estenógrafa cessara de escrever; havia um silêncio total na sala. A lâmpada também deixara de zumbir e difundia uma luz normal, um tanto desbotada, pois a alvorada já aparecia na vidraça.

Rubachov assinou.

A sensação de alívio e irresponsabilidade permaneceu, embora tivesse esquecido a razão disso; depois, ébrio de sono, leu até o fim o termo, onde confessava haver incitado o jovem Kieffer a assassinar o chefe do Partido. Por alguns segundos, teve a impressão de que tudo era um grotesco mal-entendido; sentiu um impulso para cancelar a assinatura e despedaçar o documento; depois, tudo lhe voltou à mente, esfregou o pincenê na manga e entregou o papel a Gletkin por cima da escrivaninha.

A coisa imediata de que depois tomou consciência foi que percorria de novo o corredor, escoltado pelo gigante de uniforme que o conduzira à sala de Gletkin, havia um tempo incomensurável. Meio dormindo, passou pela barbearia e pela escada do porão; lembrou-se de seus temores durante a vinda; surpreendeu-se um pouco de si mesmo e sorriu vagamente. Depois ouviu a porta da cela bater após sua passagem e afundou no beliche com uma sensação de beatitude física; viu a luz cinzenta da manhã na vidraça, o pedaço familiar de jornal pregado no caixilho cujo vidro se partira, e imediatamente adormeceu.

Quando a porta da cela tornou a abrir-se, ainda não era dia, de todo; mal teria dormido uma hora. Pensou a princípio que lhe traziam a primeira refeição; mas do lado de fora reaparecera, em vez do velho carcereiro, o gigante de uniforme. E Rubachov compreendeu que tinha de voltar à presença de Gletkin e que o interrogatório continuaria.

Esfregou a testa e o pescoço com água fria, no lavatório, colocou o pincenê e novamente se pôs a marchar através dos corredores, passando pela barbearia e pela escada do porão, com passos que oscilavam de leve sem que ele o soubesse.

4

A partir de então, o véu de bruma que cobria a memória de Rubachov se espessou. Mais tarde, lembrava-se apenas de fragmentos isolados de seu diálogo com Gletkin, que se estendeu por vários dias e noites, com pequenos intervalos de uma ou duas horas. Não podia sequer dizer exatamente quantos dias e quantas noites tinham sido; deviam espalhar-se por uma semana. Rubachov ouvira falar deste método de esmagamento físico total do acusado, em que geralmente dois ou três magistrados de instrução criminal se revezavam numa inquirição contínua. Mas a diferença do método de Gletkin era que ele nunca se fazia substituir, e exigia tanto de si próprio como de Rubachov. Assim privava a este de seu último recurso psicológico: o patético do maltratado, a superioridade moral da vítima.

Após quarenta e oito horas, Rubachov perdera o sentido do dia e da noite. Quando, depois de uma hora de sono, o gigante o acordava, sacudindo-o, já não podia concluir se a luz cinzenta na vidraça era do alvorecer ou do crepúsculo. O corredor, com a barbearia, a escada do porão, a porta de grade, estava sempre iluminado com a mesma luz cansada das lâmpadas elétricas. Se, durante a inquirição, as vidraças gradualmente clareavam, até que Gletkin acabava apagando a lâmpada, era manhã. Se escureciam, e Gletkin acendia a lâmpada, era noite.

Se Rubachov sentia fome durante o interrogatório, Gletkin mandava buscar chá e sanduíches para ele. Mas raro tinha algum apetite; isto é, experimentava acessos de fome voraz, mas, quando o pão era posto à sua frente, sentia-se nauseado. Gletkin jamais comia em sua presença, e Rubachov, por alguma razão inexplicável, achava humilhante pedir alimento. Tudo o que envolvesse funções físicas era-lhe humilhante na presença de Gletkin, que nunca mostrava sinais de fadiga, nunca bocejava, nunca fumava, parecia não comer nem beber, e sempre estava sentado atrás da escrivaninha na mesma posição impecável, com o mesmo uniforme engomado e os punhos que estalavam. A pior degradação para Rubachov era ter de pedir permissão para fazer uma necessidade. Gletkin mandava-o ao gabinete sanitário com o carcereiro de plantão, geralmente o gigante, que então o esperava do lado de fora. Uma vez, Rubachov adormeceu atrás da porta fechada. A partir de então, a porta sempre ficava entreaberta.

Seu estado, durante o interrogatório, se alternava entre a apatia e uma lucidez cristalina, inatural. Uma única vez ficou efetivamente inconsciente; com freqüência sentia-se à beira da inconsciência, mas um sentimento de orgulho sempre o salvava no último instante. Acendia um cigarro, pestanejava e o interrogatório continuava.

Às vezes surpreendia-se de poder resistir. Mas sabia que a opinião leiga estabelece limites demasiado estreitos para a capacidade humana de resistência física; que não tinha idéia de sua assombrosa elasticidade. Ouvira contar casos de presos impedidos de dormir de quinze a vinte dias, e que o haviam suportado.

Na primeira inquirição com Gletkin, depois que assinara o termo de declaração, julgara que tudo estava terminado. No segundo interrogatório, tornou-se evidente que era apenas o começo. A acusação constava de sete pontos, e ele até agora só admitira um deles. Acreditara haver bebido o cálice da humilhação até a borra. Agora devia descobrir que o não-poder tinha tantos graus como o poder; que a derrota podia tornar-se tão vertiginosa como a vitória, e que suas profundezas não

tinham fundo. E, passo a passo, Gletkin o forçou a descer a escada.

Poderia, naturalmente, tê-la descido de modo mais simples para si mesmo. Bastava-lhe assinar tudo de uma vez, ou tudo negar — e teria paz. Um estranho, complicado sentimento de dever o impedia de ceder a esta tentação. A vida de Rubachov fora tão cheia de uma idéia absoluta que só conhecera o fenômeno “tentação” teoricamente. Agora a tentação o acompanhava através dos dias e das noites indiscrimináveis, no oscilante percurso pelo corredor, na luz branca da lâmpada de Gletkin: a tentação que constava da singela palavra gravada no cemitério dos derrotados: Dormir.

Difícil vencê-la, pois era uma pacata, uma sossegada tentação; não se revestia de tintas vistosas, e não era carnal. Era muda; não usava argumentos. Todos os argumentos estavam do lado de Gletkin; ela apenas repetia as palavras que tinham sido escritas na mensagem do barbeiro: “Morra em silêncio”.

Ocasionalmente, nos momentos de apatia que se alternavam com os de uma transparente vigília, os lábios de Rubachov se moviam, mas Gletkin não podia ouvir as palavras. Então Gletkin compunha a garganta e ajustava os punhos para o lugar; e Rubachov esfregava o pincenê na manga e deixava cair a cabeça, perdido, meio dormindo; pois identificara o tentador com aquele mudo interlocutor que ele já acreditara esquecido, e que de todos os lugares onde menos cabia era nesta sala: a ficção gramatical. . .

— Então nega haver negociado com representantes de uma potência estrangeira, em nome da oposição, a derrubada do atual regime com o auxílio deles? Contesta a acusação de que estava disposto a pagar o apoio direto ou indireto a seus planos com concessões territoriais: isto é, com o sacrifício de certas regiões do nosso país?

Sim, Rubachov contestava isto; e Gletkin repetia-lhe o dia e a ocasião de sua entrevista com o diplomata estrangeiro em questão — e Rubachov tornava a lembrar-se daquela pequena cena despida de importância, que lhe dançara na memória enquanto Gletkin estivera lendo a acusação. Sonolento e confuso, olhava para Gletkin e compreendia que era sem esperança

tentar explicar-lhe aquela cena. Acontecera depois de um almoço diplomático na Legação em B. Rubachov estava sentado ao lado do corpulento Herr von Z., segundo-conselheiro da embaixada do mesmíssimo estado onde, alguns meses antes, lhe haviam quebrado os dentes; e entretinha uma conversa cheia de interesse com ele sobre certa variedade rara de cobaias, que haviam sido criadas tanto na propriedade de Herr von Z. como na do pai de Rubachov; segundo todas as probabilidades, os pais de Rubachov e de von Z. tinham mesmo permutado espécimes, na época.

— E, agora, que foi feito das cobaias de seu pai? — perguntou Herr von Z.

— Foram mortas e comidas durante a Revolução — disse Rubachov.

— As nossas agora são transformadas em gordura *ersatz* — disse Herr von Z. com melancolia. Não fazia nenhum esforço para esconder seu desprezo pelo novo regime reinante em seu país, que talvez só por acaso deixara até aqui de enxotá-lo de seu posto.

— O senhor e eu estamos de fato em situação semelhante — disse tranquilamente e, de um servo, tomou o cálice de licor. — Ambos sobrevivemos ao nosso tempo. A criação de cobaias passou; vivemos no século dos plebeus.

— Mas não se esqueça de que estou do lado dos plebeus — disse Rubachov, sorrindo.

— Não me referia a isso — retrucou Herr von Z. — A propósito, eu também concordo com o programa de nosso manequim de bigode preto, pelo menos se não guinchasse tanto. Afinal, só podemos ser crucificados em nome de nossa própria fé.

Ficaram sentados lado a lado um pouco mais, tomando café, e na segunda xícara Herr von Z. disse:

— Se alguma vez tornarem a fazer uma revolução em seu país, Sr. Rubachov, depondo o seu N.º 1, então trate melhor das cobaias.

— É muito improvável que isso aconteça — disse Rubachov e, depois de uma pausa, acrescentou: — . . . embora entre seus amigos pareça haver quem conte com esta possibilidade?

— Sem nenhuma dúvida — respondeu Herr von Z. no mesmo tom desembaraçado. — Depois do que os últimos julgamentos em seu país nos deixaram ouvir, algo um tanto estranho deve estar se passando lá.

— Então, entre seus amigos, deve também haver alguma idéia de quais os passos que seriam dados por parte de seu país nessa improvabilíssima eventualidade? — perguntou Rubachov.

Ao que Herr von Z. respondeu com muita precisão, quase como se estivesse esperando pela pergunta:

— Aproveitar a vez. Mas há um preço.

Estavam de pé junto da mesa, com as xícaras de café na mão.

— E o preço também já foi decidido? — perguntou Rubachov, sentindo ele próprio que a leveza de seu tom parecia um pouco artificial.

— Certamente — respondeu Herr von Z.; e mencionou certa província de cultura do trigo, habitada por uma minoria nacional. Nesse ponto, tinham-se despedido...

Haviam-se passado anos sem que Rubachov pensasse nesta cena; ou, pelo menos, não a recordara conscientemente. Uma conversa vã ao ser servido o café e o licor: como se poderia explicar a Gletkin sua total insignificância? Rubachov olhava, sonolento, para Gletkin, que permanecia sentado à sua frente, tão pétreo e sem expressão como sempre. Sim, era impossível pôr-se a falar com ele sobre cobaias. Este Gletkin nada entendia de cobaias. Jamais tomara café com os Herren von Z. Rubachov lembrou-se da vacilação com que Gletkin lia, da freqüência com que usava uma entonação imprópria. Era de origem proletária, e aprendera a ler e escrever já adulto. Jamais compreenderia que uma conversa iniciada pelo tema cobaias poderia terminar sabia-se lá onde.

— Então admite que a conversa se realizou? — disse Gletkin.

— Foi totalmente inócua — disse Rubachov, cansado, e compreendeu que Gletkin o fizera descer mais um degrau da escada.

— Tão inócua — disse Gletkin — como sua dissertação puramente teórica ao jovem Kieffer a respeito da necessidade do afastamento do chefe pela violência?

Rubachov esfregou o pincenê na manga. Teria a conversa sido tão inócua como ele procurava convencer-se? Certamente, nem “negociara” nem chegara a nenhum acordo; e o tranqüilo Herr von Z. não tinha nenhuma espécie de autoridade oficial para fazê-lo. Todo o caso podia no máximo ser considerado como aquilo que era conhecido na linguagem diplomática por “sondagens”. Mas esta espécie de sondagem constituíra um elo na cadeia lógica de suas idéias, naquele tempo; além disso, se encaixava com certas tradições do Partido. Não usara o antigo chefe, logo depois da Revolução, os serviços do Estado-Maior do Exército daquele mesmo país a fim de poder voltar do exílio e levar a Revolução à vitória? Posteriormente, no primeiro tratado de paz, não agandonara certos territórios como preço para ser deixado em paz? “O velho sacrifica espaço para ganhar tempo”, observara um espirituoso amigo de Rubachov. A conversa esquecida, “inócua”, tão bem se encaixava na cadeia, que agora, para Rubachov, era difícil vê-la de outro modo que não fosse através dos olhos de Gletkin. Deste mesmo Gletkin que se atrapalhava na leitura, e cujo cérebro, funcionando de maneira igualmente canhestra, chegava a resultados simples, compreensíveis — talvez precisamente porque nada entendesse de cobaias... E, a propósito, como sabia Gletkin desta conversa? Ou alguém a escutara, o que nas circunstâncias era muito improvável; ou então o descansado Herr von Z. agira como agente provocador — só Deus sabia por que complicadas razões. Essas coisas haviam acontecido com muita freqüência, anteriormente. Tinham preparado uma armadilha para Rubachov — uma armadilha planejada segundo a mentalidade primitiva de Gletkin e do N.º 1; e ele, Rubachov, prontamente caíra nela...

— Estando assim tão bem informado de minha conversa com Herr von Z. — disse Rubachov — deve também saber que não teve conseqüências.

— Certamente — disse Gletkin. — Graças ao fato de o havermos prendido a tempo, e destruído a oposição em todo o

país. O resultado da tentativa de traição teria aparecido se não tivéssemos procedido assim.

Que poderia responder a isso? Que de qualquer forma não teria chegado a resultados sérios, quando mais não fosse pela razão de que ele, Rubachov, estava muito velho e gasto para agir tão conseqüentemente como as tradições do Partido exigiam, e como Gletkin teria feito em seu lugar? Que a atividade da chamada oposição fora uma total parolice senil, pois toda a geração da velha guarda estava exatamente tão esgotada como ele próprio? Esgotada pelos anos de luta ilegal, pela umidade das paredes das prisões, entre as quais haviam passado a metade da juventude; espiritualmente ressequida pela contínua tensão nervosa causada pelo domínio do medo físico, do qual nunca se falava, com o qual cada um tinha de haver-se sozinho — durante anos, durante dezenas de anos. Esgotada pelos anos de exílio, pelo áspero atrito entre as facções dentro do Partido, pela falta de escrúpulos com que estas eram combatidas e liquidadas; esgotada pelas intermináveis derrotas e pela desmoralização da vitória final? Devia dizer que uma oposição ativa, organizada, à ditadura do N.º 1, nunca existira realmente; que tudo não passara de conversa, de um impotente brinquedo com fogo, porque esta geração da velha guarda dera tudo o que tinha, fora espremida até a última gota, até a última caloria espiritual; e, como os mortos do cemitério de Errancis, só lhe restava uma coisa pela qual esperar: dormir e confiar que a posteridade lhe fizesse justiça.

Que poderia responder a este impassível homem de Neanderthal? Que tinha razão em tudo, mas cometera um erro fundamental: acreditar que ainda era o velho Rubachov quem estava sentado diante dele, embora fosse apenas a sua sombra? Que tudo se resumia nisto: puni-lo não pelos atos que praticara, mas por aqueles que deixara de praticar? “Só podemos ser crucificados em nome de nossa própria fé”, dissera o repousado Herr von Z...

Antes de assinar o termo de declaração e ser reconduzido à cela, para ficar inconsciente em cima do beliche até que o tormento recomeçasse, Rubachov fez uma pergunta a Gletkin. Não se relacionava com o ponto em discussão, mas Rubachov

sabia que, de cada vez que um novo depoimento ia ser assinado, Gletkin se tornava um pouquinho mais tratável: ele pagava à vista. A pergunta referia-se ao destino de Ivanov.

— O cidadão Ivanov está preso — disse Gletkin.

— Pode-se saber por que motivo? — perguntou Rubachov.

— O cidadão Ivanov dirigiu a instrução de seu caso com negligência, e numa conversa particular exprimiu dúvidas cínicas quanto à justeza das bases da acusação.

— E se de fato não pudesse acreditar nela? — perguntou Rubachov. — Talvez fizesse uma opinião demasiado boa a meu respeito?

— Nesse caso — disse Gletkin — devia ter suspenso o inquérito e informado oficialmente às autoridades competentes que na sua opinião o acusado era inocente.

Estaria Gletkin zombando dele? Parecia tão pétreo e inexpressivo como sempre.

Da próxima vez que tornou a curvar-se para o termo de declaração do dia, tendo na mão a caneta-tinteiro ainda quente de Gletkin e estando a estenógrafa já ausente da sala, Rubachov disse:

— Permite-me outra pergunta?

Falou, olhando para a larga cicatriz no crânio de Gletkin:

— Disseram-me que você era partidário de certos métodos drásticos: o chamado “método duro”. Por que nunca usou a pressão física direta contra mim?

— Refere-se à tortura física — disse Gletkin em tom prático. — Como sabe, é proibida pelo nosso código penal.

Fez uma pausa. Rubachov acabara de assinar o termo.

— Além disso — continuou Gletkin — há um certo tipo de acusado que confessa sob coação, mas se desdiz no julgamento público. Você pertence a essa espécie obstinada. A utilidade política de sua confissão no julgamento estará em seu caráter voluntário.

Era a primeira vez que Gletkin falava em julgamento público. Mas no caminho de volta pelo corredor, marchando atrás do gigante, com passos curtos, cansados, não era esta perspectiva que ocupava Rubachov, mas a frase “você pertence a essa es-

pécie obstinada". Contra sua vontade, esta frase o deixara contente de si.

Estou ficando decrépito e pueril, pensou quando se deitou no beliche. Contudo, a agradável sensação se prolongou até que adormeceu.

De cada vez que, após uma tenaz argumentação, assinava uma nova confissão e se deitava no beliche, exausto e contudo estranhamente satisfeito, apesar de saber que seria acordado dentro de uma ou, no máximo, de duas horas — de cada vez Rubachov tinha um só desejo: que Gletkin, apenas num único intervalo, o deixasse dormir e recuperar a plena lucidez. Sabia que este desejo não seria atendido enquanto o combate não fosse levado até o amargo fim e o último ponto colocado no último "i" — e sabia também que cada novo duelo terminaria em uma nova derrota e que não podia haver nenhuma dúvida possível quanto ao desfecho final. Por que, então, continuava atormentando-se a si mesmo e deixando-se atormentar, em vez de renunciar à batalha perdida, a fim de não mais ser despertado? A idéia da morte despira-se, havia muito, de seu caráter metafísico; tinha uma significação cálida, tentadora, corporal: dormir. E, no entanto, um singular, tortuoso sentimento de dever forçava-o a permanecer acordado e a continuar a batalha perdida até o fim — ainda que fosse apenas uma batalha contra moinhos de vento. Continuar até a hora em que Gletkin o tivesse forçado a descer o último degrau da escada, até ver, pestanejando, o último e desastrado borrão do libelo ser transformado num "i" com seu ponto lógico: Era preciso percorrer a estrada até o fim. Só depois, quando de olhos abertos entrasse na escuridão, tinha o vencido o direito de dormir e de não mais ser despertado.

Em Gletkin, também, ocorrera certa mudança no decurso desta cadeia ininterrupta de dias e de noites. Não era muito, mas não escapou aos olhos febris de Rubachov. Até o fim, Gletkin continuou sentado rigidamente atrás da escrivaninha, sob a luz da lâmpada, o rosto inalterável, os punhos a estalar; mas pouco a pouco a brutalidade se dissipou de sua voz, da mesma maneira que, aos poucos, fora reduzindo a luz aguda da

lâmpada, até que se tornara quase normal. Nunca sorria, e Rubachov a si mesmo perguntava se os homens de Neanderthal eram capazes de chegar ao sorriso; nem sua voz era bastante flexível para exprimir quaisquer matizes de sentimento. Mas uma vez, quando os cigarros de Rubachov se acabaram depois de um diálogo de várias horas, Gletkin, que quanto a si não fumava, tirou um maço de cigarros do bolso e passou-o a Rubachov, por cima da escrivaninha.

Num ponto, Rubachov conseguiu mesmo alcançar uma vitória; era a parte da acusação referente à sua alegada sabotagem no truste do alumínio. A acusação não pesava muito na soma total dos crimes que ele já confessara, mas Rubachov a combateu com a mesma obstinação que empregara nos pontos decisivos. Ficaram sentados um diante do outro quase toda a noite. Rubachov refutara item por item as estatísticas unilaterais e todas as provas com que procuravam incriminá-lo; com uma voz que a fadiga tornava espessa, citara números e datas, que como por milagre lhe acudiam à mente entorpecida nos momentos exatos; e durante todo o tempo Gletkin não conseguira descobrir o ponto de partida de onde pudesse desdobrar a cadeia lógica. Porque já em seu segundo ou terceiro encontro, por assim dizer, entrara em vigor entre ambos um acordo tácito: se Gletkin pudesse provar que a raiz da acusação era justa — ainda quando tal raiz fosse apenas de natureza lógica, abstrata — tinha mão livre para ali entremear os detalhes que faltavam; "pôr os pontos nos is", como Rubachov chamava a isso. Sem o perceber, haviam-se acostumado a estas regras de seu jogo, e nenhum deles continuara então a distinguir as ações que Rubachov de fato praticara daquelas que apenas teria praticado como conseqüência de suas opiniões; haviam perdido gradativamente o sentido de aparência e realidade, ficção lógica e fato. Ocasionalmente Rubachov tomava consciência disto em seus raros momentos de lucidez, e tinha, aí, a sensação de despertar de um estranho estado de intoxicação; Gletkin, por outro lado, nunca parecia percebê-lo.

Perto da manhã, quando Rubachov ainda não cedera na questão da sabotagem no truste do alumínio, a voz de Gletkin apresentava um toque de nervosismo — exatamente como no

princípio, quando Beicho de Lebre dera a resposta que não devia. Acentuou a intensidade da luz da lâmpada, o que não acontecia já havia muito tempo; mas tornou a reduzi-la quando viu o sorriso irônico de Rubachov. Fez mais algumas perguntas, que não tinham efeito, e disse, terminante:

— Então nega definitivamente haver causado quaisquer danos ou ter cometido atos subversivos na indústria que lhe foi confiada, ou mesmo ter planejado tais atos?

Rubachov confirmou de cabeça — com uma curiosidade sonolenta quanto ao que aconteceria. Gletkin voltou-se para a estenógrafa:

— Escreva: o magistrado de Instrução Criminal recomenda que esta acusação seja cancelada por falta de provas.

Rubachov rapidamente acendeu um cigarro para esconder o movimento de pueril triunfo que o dominava. Pela primeira vez, conquistara uma vitória sobre Gletkin. Certamente era uma patética e pequena vitória local numa batalha perdida, mas era uma vitória; e haviam-se passado tantos meses, anos até, desde que pela última vez experimentara esta sensação... Gletkin recebeu da secretária o termo de declaração e mandou que se retirasse, de acordo com o ritual que ultimamente se criara entre eles.

Quando estavam a sós, e Rubachov se erguera para assinar o termo, Gletkin disse, passando-lhe a caneta-tinteiro:

— A sabotagem industrial é, segundo a experiência, o meio mais eficiente para a oposição criar dificuldades ao Governo e para produzir descontentamento entre os operários. Por que sustenta com tamanha obstinação que não usou nem pretendeu usar justamente este método?

— Porque é um absurdo técnico — disse Rubachov. — E essa eterna cantiga que apresenta o sabotador como um bicho-papão produz uma epidemia de denúncias que me revolta.

A sensação de triunfo, por tanto tempo esquecida, levou Rubachov a sentir-se mais leve e a falar mais alto do que habitualmente.

— Se considera a sabotagem uma simples ficção, quais são, na sua opinião, as causas reais do estado insatisfatório de nossas indústrias?

— Preços demasiado baixos do trabalho por empreitada, métodos escravocráticos de direção e medidas disciplinares bárbaras — disse Rubachov. — Sei de vários casos em meu truste em que operários foram executados como sabotadores por causa de alguma negligência insignificante causada por estafa. Se um homem se atrasa dois minutos ao marcar o relógio de ponto, é despedido, e seus papéis de identidade recebem um carimbo que o impossibilita de encontrar trabalho em qualquer outro lugar.

Gletkin pousou em Rubachov o olhar inexpressivo habitual e, com a voz inexpressiva habitual, perguntou-lhe:

— Ganhou um relógio quando era menino?

Rubachov olhou-o, espantado. O traço mais patente do caráter do homem de Neanderthal era sua falta absoluta de humorismo ou, mais exatamente, sua falta de frivolidade.

— Não quer responder à minha pergunta? — perguntou Gletkin.

— Ganhei — disse Rubachov, cada vez mais espantado.

— Que idade tinha quando ganhou o relógio?

— Não me lembro bem — disse Rubachov —, talvez oito ou nove anos.

— Pois eu — disse Gletkin com sua voz impassível de sempre — tinha dezesseis anos quando aprendi que a hora se divide em minutos. Na minha aldeia, quando o camponês precisava viajar para a cidade, ia para a estação da estrada de ferro ao sair do sol e se deitava a dormir na sala de espera até a chegada do trem, o que geralmente acontecia lá pelo meio-dia; às vezes, só vinha à noite ou na manhã seguinte. Esses são os camponeses que agora trabalham em nossas fábricas. Por exemplo, em minha aldeia existe agora a maior forja de trilhos de aço do mundo. No primeiro ano, os contramestres se deitavam para dormir entre duas descargas do alto-forno, até que foram executados. Em outros países, os camponeses tiveram cem ou duzentos anos para adquirir o hábito da exatidão industrial e do manejo das máquinas. Aqui tiveram só dez anos. Se não os botássemos na rua nem os executássemos por qualquer insignificância, o país inteiro iria dar na estagnação, e os camponeses se deitariam a dormir nos pátios das fábricas até que nascesse

erva nas chaminés e tudo se tornasse como era antes. No ano passado uma delegação de mulheres veio até aqui, de Manchester, na Inglaterra. Mostramo-lhes tudo e posteriormente elas escreveram artigos indignados dizendo que os tecelões de Manchester jamais suportariam semelhante tratamento. Li que a indústria do algodão em Manchester tem duzentos anos. Li também sobre qual era o tratamento dos operários de lá, há cem anos, quando a indústria começou. Você, camarada Rubachov, acabou de usar os mesmos argumentos dessa delegação de mulheres de Manchester. Você, naturalmente, sabe mais do que essas mulheres. Pode-se, pois, estranhar que use os mesmos argumentos. Mas também você tem algo de comum com elas; ganhou um relógio de presente quando era criança. . .

Rubachov nada disse e olhou para Gletkin com novo interesse. Que era isto? Estaria o homem de Neanderthal saindo da concha? Gletkin, porém, continuava teso em sua cadeira, tão sem expressão como sempre.

— Você pode ter razão em alguns aspectos — disse finalmente Rubachov. — Mas foi você quem provocou esta questão. Para que inventar bodes expiatórios para as dificuldades cujas causas naturais acaba de descrever de forma tão convincente?

— A experiência ensina — disse Gletkin — que se deve dar às massas, para todos os processos difíceis e complicados, uma explicação simples, de compreensão fácil. Pelo que sei de história, vejo que a humanidade nunca pôde passar sem bodes expiatórios. Acho que foi em todas as épocas uma instituição indispensável; seu amigo Ivanov me informou que ela era de origem religiosa. Segundo me lembro, explicou que a própria palavra veio de um costume dos hebreus, que, uma vez por ano, sacrificavam a seu deus um bode carregado com todos os pecados deles. — Gletkin fez uma pausa e ajustou os punhos. — Além disso, também há exemplos, na história, de bodes expiatórios voluntários. Na idade em que você ganhou o relógio, o sacerdote da aldeia me ensinava que Jesus Cristo se chamava a si mesmo de cordeiro, que tomara sobre seus ombros todos os pecados. Nunca compreendi de que modo alguém poderia ajudar a humanidade declarando que está sendo sacrificado por amor

dela. Mas, durante dois mil anos, o povo parece que achou isso muito natural.

Rubachov olhou para Gletkin. Que tinha ele em mira? Qual era o propósito desta conversa? Em que labirinto andava perdido o homem de Neanderthal?

— Seja como for — disse Rubachov — estaria mais de acordo com nossas idéias dizer a verdade ao povo, em vez de povoar o mundo de sabotadores e de diabos.

— Se se dissesse a verdade — retrucou Gletkin — ao povo de minha aldeia, que ainda era lerdo e atrasado apesar da Revolução e das fábricas, ela não causaria impressão. Se a gente lhes diz que são heróis do trabalho, mais eficientes do que os norte-americanos, e que todo o mal vem dos diabos e dos sabotadores, causa pelo menos *algum* efeito neles. Verdade é aquilo que é útil à humanidade, mentira o que é pernicioso. No compêndio de história publicado pelo Partido para os cursos noturnos para adultos, está acentuado que durante os primeiros séculos a religião cristã realizou um progresso objetivo para a humanidade. Quer Jesus falasse a verdade, quer não, quando afirmava que era o filho de Deus e de uma virgem, isso não interessa a nenhuma pessoa sensata. Dizem que é simbólico, mas os camponeses o tomam ao pé da letra. Temos o mesmo direito de inventar símbolos úteis, que os camponeses tomem ao pé da letra.

— Seu raciocínio — disse Rubachov — às vezes me lembra o de Ivanov.

— O cidadão Ivanov — disse Gletkin — pertencia, como você, à velha *intelligentsia*; conversando com ele, podia-se adquirir um pouco desse conhecimento de história que nos faltava devido a uma instrução escolar insuficiente. A diferença é que eu procuro usar esse conhecimento a serviço do Partido; mas o cidadão Ivanov era um cínico.

— Era? . . . — perguntou Rubachov, tirando o pincenê.

— O cidadão Ivanov — disse Gletkin, encarando-o com os mesmos olhos inexpressivos — foi executado ontem à noite, em cumprimento de uma decisão administrativa.

Depois desta conversa, Gletkin deixou Rubachov dormir duas horas completas. No caminho de volta para a cela, Rubachov indagava de si mesmo por que a notícia da morte de Ivanov não lhe provocara uma impressão mais profunda. Limita-se a desfazer o efeito animador causado por sua pequena vitória, deixando-o de novo cansado e sonolento. Aparentemente, alcançara um estado que prevenia qualquer emoção mais funda. De qualquer forma, mesmo antes de ter sabido da morte de Ivanov, sentira vergonha daquele frívolo sentimento de triunfo. A personalidade de Gletkin atingiria tal poder sobre ele que até seus triunfos eram transformados em derrotas. Maciço e sem expressão, lá estava ele sentado, a brutal encarnação do estado que devia sua própria existência aos Rubachovs e aos Ivanovs. Carne de suas carnes, que se tornara independente e insensível. O próprio Gletkin não se declarara herdeiro espiritual de Ivanov e da velha *intelligentsia*? Pela centésima vez, Rubachov repetiu para si mesmo que Gletkin e os novos homens de Neanderthal estavam simplesmente completando a obra da geração de cabeças numeradas. Se a mesma doutrina se tornara tão desumana em suas bocas, isso era devido, por assim dizer, a simples razões de clímax. Quando Ivanov usara os mesmos argumentos, houvera no entanto em sua voz um toque ali deixado pelo passado, pela lembrança de um mundo que desvanecera. Podemos negar nossa infância, mas não apagá-la. Ivanov arrastara seu passado, atrás de si, até o fim; era isso que dava a tudo que ele dizia aquele matiz de frívola melancolia; era por isso que Gletkin o chamara de cínico. Os Gletkins nada tinham que apagar; não precisavam negar seu passado, porque não tinham nenhum. Havia nascido sem cordão umbilical, sem frivolidade, sem melancolia.

5

Fragmento do diário de N. S. Rubachov.

"... Com que direito nós que estamos deixando a cena olhamos de cima, com tanta superioridade, para os Gletkins? Deve ter havido hilaridade entre os macacos quando o homem

de Neanderthal fez seu aparecimento na terra. Os macacos altamente civilizados se balançavam graciosamente de galho em galho; o homem de Neanderthal era tosco e grudado à terra. Os macacos, saciados e pacíficos, viviam num folguedo requintado, ou catavam pulgas em contemplações filosóficas; o homem de Neanderthal, pesado e taciturno, cruzava o mundo, distribuindo pancadas com sua clava. Os macacos, da copa da árvore, desciam o olhar divertido sobre ele, atirando-lhe costanhas. Às vezes, ficavam horrorizados: eles comiam frutas e plantas tenras com grande refinamento; o homem de Neanderthal devorava o alimento cru, abatia os animais e seus semelhantes. Derrubava árvores que sempre haviam estado de pé, removia rochas do lugar consagrado pelo tempo, transgredia todas as leis e tradições da selva. Era gosseiro, cruel, destituído de dignidade animal: do ponto de vista dos macacos altamente cultivados, uma recáida bárbara da história. Os últimos chimpanzés sobreviventes ainda torcem o nariz à vista de um ser humano..."

6

Após cinco ou seis dias, ocorreu um incidente: Rubachov desmaiou durante o interrogatório. Havia chegado precisamente à questão final da acusação: o motivo de seus atos. A acusação definia o motivo simplesmente como "mentalidade contra-revolucionária", e mencionava de passagem, como se fosse evidente, que ele estivera a serviço de uma potência estrangeira hostil. Rubachov travou sua última batalha contra essa formulação. O debate durara da madrugada até o meio da manhã, quando Rubachov, num momento inteiramente destituído de dramaticidade, escorregou da cadeira para um lado e ficou estendido no chão...

Quando voltou a si, alguns minutos depois, viu, dobrado sobre ele, o crânio pequeno e penugento do médico, que lhe derramava no rosto água de uma garrafa, e lhe esfregava as têmporas. Rubachov sentiu o hálito do médico, que cheirava a hortelã-pimenta e pão com banha, e vomitou. O médico esbravejou com voz estridente e aconselhou que levassem Rubachov

para o ar fresco, durante um minuto. Gletkin contemplava a cena com seus olhos sem expressão. Tocou a campainha e mandou limpar o tapete; depois deixou que Rubachov fosse reconduzido para a cela. Alguns minutos mais tarde, o velho carcereiro veio buscá-lo para um passeio pelo pátio.

Durante os primeiros minutos, Rubachov sentiu-se como que intoxicado pela ríspida frescura do ar. Descobriu que tinha pulmões que absorviam oxigênio como o paladar saboreia uma agradável bebida reconfortante. O sol brilhava com uma luz pálida e clara; eram onze horas em ponto — a hora em que geralmente o retiravam para este passeio, incomensuráveis tempos atrás, antes que esta longa, nebulosa seqüência de dias e noites tivesse começado. Que tolo havia sido por não apreciar esta bênção. Por que não se podia apenas viver, respirar e passear pela neve, sentir a tepidez do sol no rosto? Livrar-se do pesadelo da sala de Gletkin, do deslumbramento da lâmpada, de toda aquela encenação espectral — e viver como os outros viviam?

Como era a hora habitual de seu exercício, tornou a receber como companheiro de giro o camponês magro de sapatos de fibra. Olhou de viés para Rubachov, que caminhava a seu lado com passos levemente oscilantes, pigarreou uma ou duas vezes, e disse com um olhar de esguelha para os carcereiros:

— Há bastante tempo que não nos vemos, Excelência. Parece que está doente, como se não fosse durar muito. Dizem que vai haver guerra.

Rubachov permaneceu calado. Resistia à tentação de apagar um punhado de neve e fazer uma bola. O carrossel movia-se devagar em redor do pátio. Vinte passos adiante, o par imediato marchava batendo com os pés no chão, entre os taludes baixos formados pela neve: dois homens aproximadamente da mesma altura, de casacos cinzentos, com nuvenzinhas de vapor diante da boca.

— O tempo da sementeira não demora a vir — disse o camponês. — Depois do degelo as ovelhas vão para os montes. Levam três dias subindo. Antes todas as aldeias do distrito mandavam as ovelhas para a viagem no mesmo dia. Ao amanhecer a coisa começava, ovelha por toda a parte, por todas as

estradas e campos, a aldeia inteira acompanhava o rebanho no primeiro dia. Vossa Excelência durante toda a vida talvez nunca tenha visto tanta ovelha junta nem tanto cachorro e tanta poeira e tanto latido e tanto balido... Mãe de Deus, que alegria era aquilo...

Rubachov mantinha a cabeça erguida para o sol; sua luz ainda era pálida, mas já emprestava ao ar uma doce tepidez. Rubachov seguia o errante, brincalhão deslizar dos pássaros, muito acima da torre da metralhadora.

A voz lamurienta do camponês prosseguiu:

— Um dia como o de hoje, quando a gente fareja degelo no ar, me emociona. Nenhum de nós vai viver muito mais do que isto, Excelência. Eles nos esmagaram porque a gente é reacionário, e porque o tempo antigo, quando a gente era feliz, não deve voltar...

— Era mesmo tão feliz naquele tempo? — perguntou Rubachov; mas o camponês se limitou a murmurar algo ininteligível, enquanto seu pomo-de-adão subia e descia várias vezes. Rubachov olhava-o de lado; depois de um intervalo, disse:

— Lembra da parte da Bíblia em que as tribos no deserto se põem a gritar: "Levantemos um capitão, e voltemos ao Egito"?

O camponês, ansioso e sem entender, acenou afirmativamente com a cabeça... Depois, foram reintroduzidos no presídio.

Dissipou-se o efeito do ar fresco, voltaram a letargia, a tontura e as náuseas. Ao entrar, Rubachov, curvando-se, apagara um punhado de neve, e esfregara na testa e nos olhos ardentes.

Não foi reconduzido à cela, como esperava, mas diretamente à sala de Gletkin. Sentado à sua escrivaninha, estava Gletkin na mesma posição em que Rubachov o deixara — quanto tempo antes? Dir-se-ia que nem sequer se mexera durante a ausência dele. As cortinas, corridas; a lâmpada, acesa; o tempo parara nesta sala, como num charco em decomposição. Ao sentar-se novamente diante de Gletkin, o olhar de Rubachov topou com uma mancha de umidade no tapete. Lembrou-se

de que vomitara. Então, afinal de contas, passara-se apenas uma hora desde que saíra da sala.

— Suponho que se sente melhor agora — disse Gletkin.

— Paramos na questão final do motivo de suas atividades contra-revolucionárias.

Com leve surpresa, fitou os olhos na mão direita de Rubachov, a qual descansava no braço da cadeira e apertava ainda um grumo de neve. Rubachov seguiu o olhar; sorriu e ergueu a mão para o projetor. Ambos viram o torrãozinho de neve derreter-se em sua mão, ao calor da lâmpada.

— A questão do motivo é a última — disse Gletkin. — Depois de assinar a declaração, ficamos livres um do outro.

Havia muito tempo que a lâmpada não emitia uma luz tão forte. Rubachov era forçado a pestanejar.

— ... E então você poderá descansar — concluiu Gletkin.

Rubachov passou a mão pelas fontes, mas a frescura da neve se dissipara. A palavra “descansar”, com a qual Gletkin terminara a frase, ficou suspensa no silêncio. Descansar e dormir. Levantemos um capitão, e voltemos ao Egito... Batia vivamente as pestanas ao olhar para Gletkin, através do pincenê:

— Conhece meus motivos tanto quanto eu — disse. — Sabe que não agi nem em virtude de uma “mentalidade contra-revolucionária” nem estava a serviço de uma potência estrangeira. O que pensava e o que fazia, eu o pensava e fazia de acordo com minha própria convicção e consciência.

Gletkin tirara uma pasta da gaveta. Compulsou-a, retirou uma folha e leu com sua voz monótona:

— “... Para nós a questão de boa fé subjetiva não tem interesse. Quem não tiver razão deve pagar; quem tiver razão será absolvido. Essa é a lei...” Escreveu isso em seu diário, logo depois de sua prisão.

Rubachov sentiu atrás das pálpebras a vibração do refletor, tão sua conhecida. Na boca de Gletkin a frase que ele pensara e escrevera adquiria um som extravagante, um toque de nudez — como se uma confissão, reservada apenas para o padre anônimo, tivesse sido registrada num disco de fonógrafo, que agora a repetia com sua voz dissonante.

Gletkin retirara outra folha da pasta, da qual, porém, leu apenas uma frase, com seu olhar inexpressivo fito em Rubachov:

— “Honra é: servir sem vaidade, e até a última consequência.”

Rubachov tentou resistir a seu olhar.

— Não vejo — disse — como pode servir ao Partido o fato de seus membros rastejarem no pó diante de todo mundo. Assinei tudo o que você quis que eu assinasse. Confessei-me culpado de haver seguido uma linha política falsa e objetivamente perniciosa. Isso não lhe basta?

Pôs o pincenê, pestanejou desanimado olhando para além da lâmpada, e terminou com uma voz cansada e rouca:

— Afinal o nome N. S. Rubachov é um pedaço da história do Partido. Arrastando-o pelo chão, você mancha a história da Revolução.

Gletkin folheou a pasta:

— A isso posso também responder com uma citação de seus próprios escritos. Você escreveu:

“É necessário incutir cada sentença nas massas pela repetição e pela simplificação. O que é apresentado como certo deve brilhar feito ouro; o que é apontado como errado deve ser escuro como piche. Para o consumo das massas, os processos políticos devem ser coloridos como figuras de massa doce numa feira.”

Rubachov ficou em silêncio. Depois disse:

— Então é isso o que você está visando: tenho de fazer o papel do Diabo no *Punch and Judy show** armado por vocês: uivar, ranger os dentes e pôr a língua de fora; e, além disso, voluntariamente. Danton e seus amigos foram poupados a isso, pelo menos.

Gletkin fechou a pasta. Inclinou-se um pouco para diante e ajeitou os punhos:

— Seu testemunho no julgamento será o último serviço que pode prestar ao Partido.

* Espetáculo de fantoches. (N. do T.)

Rubachov não respondeu. De olhos fechados, repousava sob os raios da lâmpada como quem dorme, cansado, ao sol; mas não era possível fugir à voz de Gletkin.

— O seu Danton e a Convenção — dizia a voz — eram apenas um espetáculo de bravura comparado com o que está em jogo aqui. Li alguns livros sobre isso; aquela gente usava rabicho empoadado e declamava a respeito de sua honra pessoal. Para eles só interessava morrer com um gesto nobre, sem se importarem em saber se esse gesto causava bem ou mal.

Rubachov nada disse. Sentia um sussurro, um zumbir nos ouvidos; a voz de Gletkin estava acima dele; vinha de todos os lados; martelava impiedosamente em sua cabeça dolorida.

— Você sabe o que está em jogo, aqui — prosseguiu Gletkin. — Pela primeira vez na história, uma revolução não só conquistou o poder, como também o conservou. Fizemos de nosso país um baluarte da nova era. Abrange a sexta parte do mundo e contém um décimo da população mundial.

A voz de Gletkin agora soava atrás de Rubachov. Ele se levantara e andava pela sala, de um lado para outro. Era a primeira vez que isto acontecia. Suas botas rangiam a cada passo, o uniforme engomado estalava e Rubachov sentia um cheiro meio azedo de suor e couro.

— Quando nossa Revolução saiu vitoriosa em nosso país, acreditamos que o resto do mundo seguiria nosso exemplo. Em vez disso, veio uma onda de reação, que ameaçava tragar-nos. Havia duas correntes no Partido. Uma era formada por aventureiros, que desejavam arriscar o que alcançáramos promovendo a revolução no estrangeiro. Você pertencia a estes. Reconhecemos que esta corrente era perigosa e a liquidamos.

Rubachov queria levantar a cabeça e dizer alguma coisa. Os passos de Gletkin ressoavam em sua cabeça. Estava exausto. Encostou-se no espaldar da cadeira e conservou os olhos fechados.

— O chefe do Partido — prosseguiu a voz de Gletkin — tinha a perspectiva mais ampla e a tática mais tenaz. Compreendeu que tudo dependia de sobrevivermos ao período de reação mundial e manter o baluarte. Compreendera que poderiam passar-se dez anos, talvez vinte, talvez cinquenta, até que

o mundo ficasse maduro para uma nova onda revolucionária. Até lá, estamos sós. Até lá, só temos um dever: não perecer.

Uma frase flutuou vagamente na memória de Rubachov: “É dever do revolucionário preservar a própria vida”. Quem a dissera? Ele próprio? Ivanov? Fora em nome desse princípio que sacrificara Arlova. E aonde o conduzira?

— . . . Não perecer — soava a voz de Gletkin. — O bastião deve ser mantido, a qualquer preço e com qualquer sacrifício. O chefe do Partido reconheceu este princípio com uma lucidez sem rival, e o tem aplicado de maneira consistente. A linha política da Internacional tinha de subordinar-se à nossa linha política nacional. Quem quer que não compreendesse esta necessidade tinha de ser destruído. Grupos inteiros de nossos melhores funcionários na Europa tiveram de ser fisicamente liquidados. Não vacilamos em esmagar nossa própria organização no estrangeiro quando os interesses do baluarte o exigiram. Não vacilamos em cooperar com a polícia dos países reacionários a fim de suprimir movimentos revolucionários que se fizeram no momento impróprio. Não vacilamos em trair nossos amigos e transigir com nossos inimigos, a fim de preservar o baluarte. Essa era a missão que a história dera a nós, os representantes da primeira revolução vitoriosa. Os míopes, os estetas, os moralistas não compreenderam. Mas o guia da Revolução compreendeu que tudo dependia de uma coisa: preservar-se mais do que os outros.

Gletkin interrompeu o passeio pela sala. Deteve-se atrás da cadeira de Rubachov. A cicatriz de seu crânio rapado brilhava por entre gotas de suor. Respirou fundo, enxugou o crânio com o lenço; parecia embaraçado por ter quebrado sua reserva habitual. Tornou a sentar-se atrás da escrivaninha e ajeitou os punhos. Abaixo um pouco a intensidade da luz e continuou com sua habitual voz inexpressiva:

— A linha do Partido foi definida com precisão. Sua tática era determinada pelo princípio de que o fim justifica os meios: todos os meios, sem exceção. No espírito deste princípio, o promotor público pedirá sua vida, cidadão Rubachov. Sua facção, cidadão Rubachov, está derrotada e destruída. Queriam cindir o Partido, embora devessem saber que uma cisão no

Partido significava a guerra civil. Você conhece o descontentamento entre os camponeses, que ainda não chegaram a compreender o sentido dos sacrifícios que lhes são impostos. Numa guerra que talvez esteja a apenas alguns meses de nós, essas correntes podem acarretar uma catástrofe. Daí a imperiosa necessidade de o Partido manter-se unido. Ele deve ser como que fundido num só molde: cheio de disciplina cega e confiança absoluta. Você e seus amigos, cidadão Rubachov, abriram uma fenda no Partido. Se seu arrependimento é verdadeiro, então você deve nos ajudar a consertar essa fenda. Já lhe disse, é o último serviço que o Partido lhe pedirá. Sua tarefa é simples. Você mesmo a definiu: dourar o que está certo, enegrecer o que está errado. A linha política da oposição está errada. Sua tarefa é, portanto, tornar a oposição desprezível; levar as massas a compreenderem que a oposição é um crime e que os chefes da oposição são criminosos. Essa é a linguagem simples que as massas compreendem. Se você começar a falar em seus motivos complicados, só criará confusão entre elas. Sua tarefa, cidadão Rubachov, é esquivar-se de despertar solidariedade e compaixão. A solidariedade e a compaixão pela oposição constituem um perigo para o país. Camarada Rubachov, eu espero que tenha compreendido a tarefa que o Partido lhe destinou.

Era a primeira vez, desde que se conheciam, que Gletkin tratava Rubachov por "camarada". Rubachov levantou a cabeça, rápido. Sentiu uma onda de calor elevando-se de seu corpo, contra a qual era impotente. Seu queixo estremeceu levemente enquanto colocava o pincenê.

— Compreendo.

— Note — prosseguiu Gletkin — que o Partido não lhe oferece nenhuma perspectiva de recompensa. Alguns dos acusados tornaram-se dóceis mediante pressão física. Outros, pela promessa de lhes ser poupada a cabeça; ou a cabeça de seus parentes que tinham caído em nossas mãos como reféns. A você, camarada Rubachov, não propomos nenhuma transação, não prometemos nada.

— Compreendo — repetiu Rubachov.

Gletkin lançou um olhar à pasta.

— Seu diário tem um trecho que me impressionou — prosseguiu. — Você escreveu: "Pensei e agi como devia. Se estava com a razão, nada tenho de que me arrepender; se estava em erro, pagarei".

Desviou os olhos da pasta e fitou-os em cheio no rosto de Rubachov:

— Você estava em erro e pagará, camarada Rubachov. O Partido só promete uma coisa: depois da vitória, um dia, quando isso não puder mais causar mal, o material dos arquivos secretos será publicado. Então o mundo saberá o que estava no fundo deste *Punch and Judy show*, como você diz, e que tivemos de apresentar de acordo com o manual da história...

Hesitou alguns segundos, arrumou os punhos e terminou um tanto desajeitadamente, enquanto a cicatriz de seu crânio se avermelhava:

— E então você, e alguns de seus amigos da geração mais velha, receberão a solidariedade e a compaixão que hoje lhes são negadas.

Enquanto falava, empurrava a declaração já preparada para a frente de Rubachov, colocando sua caneta-tinteiro ao lado dela. Rubachov ergueu-se e disse, com um sorriso tenso:

— Sempre perguntei a mim mesmo que jeito teriam os homens de Neanderthal quando ficavam sentimentais. Agora sei.

— Não compreendo — disse Gletkin, que também se levantara.

Rubachov assinou a declaração, onde confessava ter cometido seus crimes por motivos contra-revolucionários e a serviço de uma potência estrangeira. Ao erguer a cabeça, seus olhos toparam com o retrato do N.º 1 pendurado na parede, e uma vez mais reconheceu a expressão de sagaz ironia com que anos antes o N.º 1 se despedira dele — um cinismo melancólico que, lá do retrato onipresente, contemplava a humanidade.

— Não tem importância que você não compreenda — disse Rubachov. — Há coisas que só essa geração mais velha, os Ivanovs, os Rubachovs e os Kieffers compreenderam. Agora ela está acabada.

— Darei ordens para que você não seja incomodado até o julgamento — disse Gletkin após uma curta pausa, de novo

teso e exato. O sorriso de Rubachov irritava-o. — Tem algum outro desejo particular?

— Dormir — disse Rubachov. Parado no vão da porta, ao lado do carcereiro gigante, era apenas um homenzinho idoso e insignificante, de pincenê e cavanhaque.

— Darei ordens para que seu sono não seja perturbado — disse Gletkin.

Quando a porta se fechara atrás de Rubachov, Gletkin dirigiu-se para trás da escrivaninha. Durante alguns segundos, ficou sentado, imóvel. Depois tocou a campainha, chamando a secretária.

Esta sentou-se em seu lugar habitual, no canto.

— Parabéns pelo seu sucesso, camarada Gletkin — disse.

Gletkin abaixou a intensidade da lâmpada para o normal.

— Isto — disse, lançando um olhar à lâmpada — mais privação de sono, mais exaustão física. Tudo é um problema de constituição.

A FICÇÃO GRAMATICAL

*“Não nos mostres o fim sem o caminho.
Na terra, meio e fim tanto se enredam
Que mudando um, muda o outro.
Cada caminho a um fim põe em mira.”*

FERDINAND LASSALLE:

Franz von Sickingen

tigação preliminar. Em resposta a uma pergunta do presidente do tribunal sobre se tinha alguma queixa a apresentar contra a forma como havia sido encaminhada a investigação preliminar, o acusado respondeu pela negativa, e acrescentou que fizera sua confissão de livre e espontânea vontade, com sincero arrependimento de seus crimes contra-revolucionários...

O porteiro Vassili não se mexia. Acima da cama, diretamente sobre sua cabeça, estava pendurado o retrato do N.º 1. Perto dele, um prego enferrujado sobressaía da parede: até pouco tempo atrás, dele pendera a fotografia de Rubachov como comandante dos guerrilheiros. Vassili tateou maquinalmente o colchão à procura do buraco onde costumava esconder da filha sua Bíblia sebosa; mas logo depois da prisão de Rubachov a filha a descobrira e pusera fora, por motivos educacionais.

— "... Por solicitação do promotor, o acusado Rubachov passou agora a descrever sua evolução de oposição à linha política do Partido ao papel de contra-revolucionário e traidor da Pátria. Na presença de um auditório tenso, o acusado começou sua declaração nos seguintes termos: 'Cidadãos juízes, explicarei o que me levou a capitular diante do magistrado de instrução criminal e de vós, os representantes da justiça em nosso país. Minha história demonstrar-vos-á que o mais leve desvio da linha do Partido termina inevitavelmente no banditismo contra-revolucionário. O resultado necessário de nossa luta de oposição foi sermos empurrados cada vez mais para dentro do charco. Descreverei para vós a minha queda, a fim de que constitua uma advertência para aqueles que nesta hora decisiva ainda vacilam, e alimentam dúvidas ocultas quando à direção do Partido e a justiça da linha do Partido. Coberto de vergonha, calcado no pó, prestes a morrer, descrever-vos-ei a triste carreira de um traidor, para que possa servir de lição e aterrador exemplo aos milhões de habitantes de nosso país'..."

O porteiro Vassili voltou-se na cama e apertou o rosto contra o colchão. Diante de seus olhos estava a figura do barbudo comandante dos guerrilheiros, Rubachov, que na pior das confusões sabia blasfemar de um jeito tão simpático que era uma alegria para Deus e para o homem. "Calcado no pó,

prestes a morrer... ", gemeu Vassili. A Bíblia desaparecera, mas ele sabia muitos trechos de cor.

— "... Neste ponto o promotor público interrompeu o relatório do réu para fazer algumas perguntas relativas ao destino de uma antiga secretária sua, a cidadã Arlova, que fora executada sob a acusação de atividades sediciosas. Pelas respostas do acusado Rubachov, verifica-se que este, encurralado naquela época pela vigilância do Partido, lançara a responsabilidade de seus próprios crimes nos ombros de Arlova, a fim de salvar a cabeça e poder continuar com suas vergonhosas atividades. N. S. Rubachov confessa seu monstruoso crime com uma franqueza impudente e cínica. À observação do cidadão promotor: 'O réu é, aparentemente, destituído de qualquer senso moral', Rubachov responde, com um sorriso sarcástico: 'Aparentemente'. Seu comportamento provocou entre o auditório demonstrações repetidas e espontâneas de cólera e desprezo, que foram, contudo, rapidamente suprimidas pelo cidadão presidente do tribunal. Numa ocasião, estas expressões do sentimento revolucionário de justiça deram lugar a uma onda de hilaridade; foi quando, tendo o acusado interrompido a descrição de seus crimes com uma petição para que os trabalhos fossem suspensos por alguns minutos, pois ele estava sofrendo de uma 'neuralgia facial intolerável'. Numa atitude típica do procedimento correto da justiça revolucionária, o presidente imediatamente atendeu a esse desejo e, dando de ombros desdenhosamente, mandou que a sessão fosse interrompida por cinco minutos."

O porteiro Vassili deitou-se de costas e pensou no tempo em que Rubachov fora levado em triunfo durante os comícios, depois de libertado dos estrangeiros; e em que permanecera apoiado em suas muletas, lá no estrado, debaixo das bandeiras vermelhas e da ornamentação, esfregando, sorridente, os óculos na manga, enquanto os aplausos e os gritos nunca cessavam.

— "E os soldados o levaram para dentro da sala, que é o pretório, e convocaram toda a corte; e vestiram-no de púrpura e feriram-no na cabeça com uma cana, e cuspiram nele; e, postos de joelho, o adoraram."

— Que é que está resmungando aí? — perguntou a filha.

— Não lhe importa — disse o velho Vassili e voltou-se para a parede. Tateou o buraco do colchão, mas nada havia ali. Acima de sua cabeça também nada havia no prego. Quando a filha tirara o retrato de Rubachov da parede e o jogara na lata do lixo, ele não protestara — agora estava muito velho para agüentar a vergonha da prisão.

A filha interrompera a leitura e pusera o fogareiro Primus em cima da mesa para preparar chá. Um odor acre de gasolina espalhou-se pelo alojamento do porteiro.

— Estava ouvindo a leitura? — perguntou a filha.

Vassili obedientemente voltou a cabeça para ela.

— Ouvi tudo — disse.

— Então agora está vendo — disse Vera Vassiliovna, bombeando gasolina no aparelho, que começou a sibilar. — Ele mesmo diz que é um traidor. Se não fosse verdade, ele mesmo não ia dizer isso. Na reunião em nossa fábrica já tiramos uma resolução que todos têm de assinar.

— Você entende bastante disso — suspirou Vassili.

Vera Vassiliovna lançou-lhe um rápido olhar que teve como efeito fazê-lo voltar de novo a cabeça para a parede. Cada vez que o olhava daquele jeito especial, Vassili se lembrava de que estava atravessado no caminho de Vera Vassiliovna, que queria o alojamento do porteiro para si própria. Três semanas atrás, ela e um mecânico subordinado, lá da fábrica, haviam posto seus nomes juntos no registro de casamentos, mas o casal não tinha onde morar; o jovem ocupava um quarto com dois colegas, e atualmente acontecia com frequência passarem-se anos antes que o candidato a um apartamento fosse atendido pelo trustee da habitação.

O fogareiro Primus finalmente se acendera. Vera Vassiliovna pôs a chaleira na chama.

— O secretário da célula nos leu a resolução. Nela está escrito que exigimos que os traidores sejam exterminados implacavelmente. Quem quer que mostrar piedade por eles é também traidor e deve ser denunciado — explicou em tom intencionalmente positivo. — Os operários precisam estar vigilantes. Cada um de nós recebeu uma cópia da resolução para angariar assinaturas.

Vera Vassiliovna tirou da blusa uma folha de papel levemente amarrotada e alisou-a em cima da mesa. Vassili agora estava deitado de costas; o prego enferrujado sobressaía da parede diretamente acima de sua cabeça. Olhou obliquamente para o papel, estendido perto do fogareiro. Em seguida, virou, rápido, a cabeça.

— *“Mas ele disse: Digo-te, Pedro, que não cantará hoje o galo antes que três vezes negues que me conheces”.*

A água começou a sussurrar na chaleira. O velho Vassili assumiu uma expressão manhosa:

— Os que estiveram na Guerra Civil também precisam assinar?

A filha estava de pé, inclinada para a chaleira, com o lenço estampado na cabeça.

— Ninguém é obrigado — disse com o mesmo olhar especial de antes. — Lá na fábrica se sabe, naturalmente, que ele morou neste edifício. O secretário da célula me perguntou, depois da reunião, se vocês foram amigos até o fim, e se conversavam muito um com o outro.

O velho Vassili sentou-se no colchão, de um salto. O esforço obrigou-o a tossir, e as veias de seu pescoço magro, doentio, se intumesceram.

A filha colocou dois copos na beira da mesa e derramou um pouco de pó de chá, de um saco de papel, dentro de cada copo.

— Que está resmungando de novo? — perguntou.

— Me dê o diabo desse papel — disse o velho Vassili.

A filha obedeceu.

— Quer que o leia, para que fique sabendo exatamente o que está escrito?

— Não — disse o velho, assinando. — Não quero saber. Agora me dá um pouco de chá.

A filha passou-lhe o copo. Os lábios de Vassili se mexiam; cochichava consigo mesmo enquanto bebia, em pequenos goles, o líquido amarelo pálido.

Depois que haviam tomado o chá, a filha continuou a leitura do jornal. O julgamento do acusado Rubachov e de Kieffer estava no fim. O debate em torno da acusação sobre o

atentado que haviam projetado contra o guia do Partido provocara tempestades de indignação no auditório; brados de "Fuzilemos os cachorros loucos!" ouviam-se repetidamente. À pergunta final do promotor público, relativa ao motivo de suas ações, o acusado Rubachov, que parecia sucumbido, respondeu com voz cansada, lerda:

— "Só posso dizer que nós, a oposição, uma vez assentado o nosso propósito criminoso de derrubar o governo da Pátria da Revolução, usamos métodos que pareciam adequados ao nosso fim, e que eram exatamente tão baixos e vis como aquele fim."

Vera Vassiliovna empurrou sua cadeira para trás.

— Isso é repugnante — disse. — Dá nojo a maneira como ele rasteja.

Afastou o jornal e se pôs a retirar, ruidosamente, o fogareiro e os copos. Vassili a observava. O chá quente lhe dera coragem. Sentou-se na cama.

— Não pense que você compreende isso — disse. — Só Deus sabe o que ele tinha na cabeça quando falou desse jeito. O Partido ensinou vocês todos a serem espertos, e todo aquele que fica esperto demais perde toda a decência. Não adianta sacudir os ombros — disse com raiva. — É isto mesmo: no mundo de hoje a esperteza e a decência estão de mal e aquele que adere a um lado tem de passar sem o outro. Não presta preparar demais as coisas. É por isso que está escrito: "Seja, porém, o vosso falar: Sim, sim; Não, não; porque o que passa disto é de procedência maligna".

Afundou-se no colchão, virando a cabeça para não ver a cara que a filha ia fazer. Havia muito tempo que não a contradizia com tanta bravura. Poderia dar resultado, visto que ela metera na cabeça que precisava do quarto para si e seu marido. A gente tinha de ser esperto nesta vida, afinal de contas; senão a gente podia, na velhice, ir para a cadeia ou ter de dormir debaixo das pontes, no frio. Assim era a realidade: ou a gente procedia com esperteza ou a gente procedia com decência, as duas coisas não andavam juntas.

— Agora vou ler o fim — anunciou a filha.

O promotor público terminara a inquirição de Rubachov. Em seguida, o acusado Kieffer foi interrogado uma vez mais; repetiu sua declaração anterior sobre o assassinio planejado com todos os detalhes.

— "... Perguntado pelo presidente se desejava fazer perguntas a Kieffer, às quais tivesse direito, o acusado Rubachov respondeu que renunciava a esse direito. Isto encerrou a apresentação das provas e a audiência foi suspensa. Após a reabertura dos trabalhos, o cidadão promotor público passa a recapitular o libelo..."

O velho Vassili não escutava a oração do promotor. Voltara-se para a parede e adormecera. Depois do sono, não sabia quanto tempo dormira, com que frequência a filha reencher a lâmpada de querosene, nem quantas vezes o seu indicador tocara o pé da página e começara a marcar uma nova coluna. Só acordara quando o promotor público, perorando, pedira a pena de morte. Talvez para o fim a filha tivesse mudado de tom de voz, talvez feito uma pausa; fosse como fosse, Vassili de novo despertara quando ela havia chegado à última frase do discurso do promotor público, impresso em negrito:

— "Reclamo a execução destes cães hidrófobos."

Então os acusados tiveram permissão para pronunciar suas últimas palavras.

— "... O réu Kieffer voltou-se para os juízes e solicitou que, em consideração à sua juventude, lhe fosse poupada a vida. Uma vez mais admitiu a baixeza de seu crime e procurou lançar toda a responsabilidade sobre o instigador Rubachov. Assim fazendo, começou a gaguejar agitado, provocando desta forma hilaridade entre a assistência, o que foi, porém, rapidamente contido pelo cidadão presidente. Após, foi concedida a palavra a Rubachov..."

Aqui, o repórter do jornal dizia com vivacidade que o acusado Rubachov "examinou o auditório com um olhar ansioso e, não descobrindo compaixão em nenhum rosto, deixou cair a cabeça, desesperado".

O discurso final de Rubachov foi curto. Acentuou a impressão desagradável que seu comportamento no tribunal já causara.

— “Cidadão Presidente”, declarou o acusado Rubachov, “falo aqui pela última vez em minha vida. A oposição está derrotada e destruída. Se hoje me pergunto: ‘Por que estou morrendo?’, vejo-me diante do vazio absoluto. Não há coisa alguma pela qual um homem possa morrer, se morrer sem se ter arrependido nem reconciliado com o Partido e o Movimento. Por isso, no limiar de minha última hora, dobro os joelhos diante da nação, diante das massas e diante de todo o povo. A mascarada política, a pantomima das discussões e a conspiração passaram. Estávamos politicamente mortos muito antes que o cidadão promotor exigisse nossas cabeças. Ai dos derrotados, que a história calca no pó. Só tenho uma justificação diante de vós, cidadãos juizes: eu não facilitei o caminho para mim mesmo. A vaidade e um último resto de orgulho murmuravam a meus ouvidos: Morra em silêncio, cale-se; ou morra com um nobre gesto, com um comovente canto de cisne nos lábios; desafogue seu coração e desafie seus acusadores. Isso teria sido mais fácil para um velho rebelde, mas venci a tentação. Com isso, minha missão está terminada. Paguei; minha conta com a história está saldada. Pedir-vos clemência seria irrisão. Nada mais tenho a dizer”.

— “... Após breve deliberação, o presidente leu a sentença. O Conselho do Supremo Tribunal Revolucionário de Justiça condena os acusados, em cada caso, à pena máxima: morte por fuzilamento e confisco de todas as suas propriedades pessoais.”

O velho Vassili fitou o olhar no prego enferrujado, acima de sua cabeça. Murmurou:

— “Seja feita a sua vontade, Amém,” e voltou-se para a parede.

2

Agora, pois, tudo estava consumado. Rubachov sabia que antes da meia-noite teria cessado de existir.

Vagava pela cela, para onde voltara depois do alvoreço do julgamento; seis passos e meio até a janela, seis passos e meio até a porta. Quando estacava, à escuta, no terceiro ladrilho

preto a contar da janela, o silêncio entre as paredes caiadas vinha a seu encontro, como do fundo de um poço. Ainda não compreendia por que tudo estava tão quieto, do lado de dentro e do lado de fora. Mas sabia que agora nada mais podia perturbar esta paz.

Num retrospecto, lembrou-se mesmo do momento em que esta abençoada quietude o envolvera. Fora no julgamento, antes de iniciar seu último discurso. Acreditara haver apagado os últimos vestígios do egotismo e vaidade que restavam em sua consciência, mas naquele momento, quando seus olhos esquadrinhavam as fisionomias dos presentes no auditório, encontrando apenas indiferença e irrisão, fora pela última vez arrebatado pela fome de um osso de piedade; trespassado de frio, desejara aquecer-se em suas próprias palavras. Empolgara-o a tentação de falar de seu passado, de apenas uma vez mais empinar-se e rasgar a rede onde Ivanov e Gletkin o haviam enredado, para gritar a seus acusadores, como Danton: “Vós deitastes a mão na minha vida inteira. Que ela se erga e vos desafie...” Oh, conhecia muito bem aquele discurso de Danton diante do Tribunal Revolucionário. Era capaz de repetilo palavra por palavra. Quando menino, aprendera-o de cor: “Quereis afogar a República em sangue. Até quando os passos da liberdade serão lousas tumulares? A tirania está de pé; ela despedaçou seu véu, levanta a cabeça, pisa sobre nossos cadáveres”.

As palavras tinham ardido em sua língua. Mas a tentação só durara um momento; depois, quando começou a pronunciar seu discurso final, o sino do silêncio descera sobre ele. Reconhecera que era tarde demais.

Tarde demais para retroceder novamente pelo mesmo caminho, para andar uma vez mais sobre os túmulos de suas próprias pegadas. As palavras nada podiam desfazer.

Tarde demais para todos eles. Quando chegasse a hora de fazerem seu último aparecimento diante do mundo, nenhum poderia transformar o banco dos réus em tribuna, nenhum poderia desvelar a verdade para o mundo e arrojá-la a acusação a seus juizes, como Danton.

Uns, o medo físico os calava, como Beijo de Lebre; outros esperavam salvar a cabeça; alguns queriam salvar pelo menos suas mulheres e filhos das garras dos Gletkins. Os melhores dentre eles se mantinham calados para prestar um último serviço ao Partido, deixando-se sacrificar como bodes expiatórios — aliás, até os melhores tinham cada um a sua Arlova na consciência. Estavam demasiadamente emaranhados em seu próprio passado, eram presa da teia que eles mesmos tinham tecido segundo as leis de sua própria ética tortuosa, e de sua tortuosa lógica; eram todos culpados, embora não daqueles atos de que eles mesmos se acusavam. Para eles não havia caminho de volta. Sua saída do palco acontecia estritamente de acordo com as regras de seu estranho jogo. O público não esperava cantos de cisne. Tinham de portar-se de acordo com o manual, e seu papel era o uivar dos lobos durante a noite...

Estava, pois, consumado. Nada mais tinha com isso. Não mais era preciso uivar com os lobos. Pagara, sua conta estava saldada. Era um homem que perdera a sombra, que se libertara de todo vínculo. Seguiria cada pensamento até sua última conclusão e agiria de acordo com ele até o próprio fim; as horas que lhe restavam pertenciam ao interlocutor calado, cujo reino começava onde se detinha o pensamento lógico. Dera-lhe o nome de “ficção gramatical”, com este pudor da primeira pessoa do singular que o Partido inculcava em seus discípulos.

Rubachov parou junto da parede que o separava do 406. A cela estava desocupada, desde a saída de Rip Van Winkle. Tirou o pincenê, olhou em redor furtivamente e percutiu:

1-5; 5-1...

Escutou com uma sensação de vergonha infantil e depois tornou a percutir:

1-5; 5-1...

Escutou, e tornou a repetir a mesma seqüência de sinais. A parede permaneceu muda. Ele nunca transmitira, conscientemente, a palavra “Eu”. Talvez nunca, absolutamente. As batidas morreram sem ressonância.

Continuou o passeio pela cela. Desde que o sino do silêncio se abatera sobre ele, embaraçavam-no certas perguntas para as quais teria gostado de encontrar uma resposta antes que

fosse demasiado tarde. Eram perguntas um pouco ingênuas; referiam-se à significação do sofrimento, ou, mais exatamente, à diferença entre o sofrimento compreensível e o sofrimento sem sentido. Evidentemente, só o sofrimento inevitável era compreensível; isto é, aquele que estava enraizado na fatalidade biológica. Por outro lado, todo sofrimento com origem social era acidental, portanto despropositado, sem sentido. O único propósito da revolução era a abolição do sofrimento sem sentido. Mas o que se via era que a remoção desta segunda espécie de sofrimento só se tornava possível ao preço de um enorme aumento temporário da soma total do primeiro. Agora, pois, a pergunta assumia estes termos: Justificava-se essa operação? Evidentemente que sim, quando se falava da “humanidade” abstratamente; mas, aplicada ao “homem” no singular, à expressão numérica 1-5; 5-1, ao ser humano real de osso, carne, sangue e pele, o princípio levava ao absurdo. Quando jovem, acreditara que, a serviço do Partido, encontraria uma resposta para todas as perguntas desta espécie. O serviço se prolongara por quarenta anos, e logo no começo esquecera-se da pergunta pela qual se empenhara nele. Agora os quarenta anos estavam para trás e ele voltava à perplexidade original do moço. O Partido tomara tudo o que ele tinha para dar, e nunca o compensara com a resposta. E tampouco o fizera o interlocutor calado, cujo nome mágico batera na parede da cela desocupada. Era surdo às perguntas diretas, por mais urgentes e desesperadas que fossem.

E, no entanto, havia meios de chegar até ele. Às vezes, reagia inesperadamente a um trecho musical, ou mesmo à lembrança deste, ou das mãos em concha da *Pietà*, ou de certas cenas de infância. Como quando se fere um diapasão, haveria uma resposta em vibrações, e, uma vez iniciadas, produzia-se um estado a que os místicos chamavam “êxtase”, e os santos “contemplação”; os maiores e mais lúcidos psicólogos modernos tinham reconhecido este estado como um fato, e chamavam-no de “sentimento oceânico”. E, na verdade, a personalidade do indivíduo se dissolvia como um grão de sal no mar; ao mesmo tempo, porém, o mar infinito parecia estar contido no grão de sal. O grão já não podia ser localizado no tempo e no espaço.

Era um estado em que o pensamento perdia sua direção e se punha a circular, como a bússola no pólo magnético; até finalmente se desprender do eixo e viajar livremente pelo espaço, como um feixe de luz na noite; e até parecer que todos os pensamentos e todas as sensações, mesmo a dor e a própria alegria, eram apenas as linhas do espectro do mesmo raio de luz, desintegrando-se no prisma da consciência.

Lentamente, Rubachov ia e vinha ao longo da cela. Nos velhos tempos, ter-se-ia negado, cheio de pudor, esta espécie de meditação pueril. Agora, não estava envergonhado. Na morte, o metafísico se tornava real. Parou junto da janela e encostou a testa na vidraça. Acima da torre da metralhadora viu uma mancha de azul. Tinha um tom pálido, lembrou-lhe aquele azul especial que vira no alto quando, na meninice, se deitara na grama do parque de seu pai, a olhar para os ramos dos choupos lentamente balançando-se contra o céu. Aparentemente, até uma mancha de azul bastava para causar o “sentimento oceânico”. Lera que, segundo as últimas descobertas da astrofísica, o volume do mundo era finito: embora o espaço não tivesse limites, era autônomo, à semelhança da superfície de uma esfera. Nunca pudera compreendê-lo; mas agora sentia um desejo urgente de compreender. Lembrou-se também de onde o lera: durante a primeira prisão na Alemanha, alguns camaradas haviam contrabandeado para a sua cela uma folha do órgão do Partido impresso ilegalmente; no alto havia três colunas sobre uma greve numa fiação; ao pé de uma coluna, como calhau, estava impressa em letras miúdas a notícia da descoberta de que o universo era finito, mas uma parte rasgada da página truncara a notícia pelo meio. Nunca descobriria o que havia no fragmento que faltava.

Parado junto da janela, Rubachov percutiu a parede da cela vazia com o pincenê. Na adolescência, tivera realmente a intenção de estudar astronomia, e depois, durante quarenta anos, estivera fazendo outra coisa. Por que o promotor público não lhe perguntara: “Acusado Rubachov, que me diz do infinito?” Ele não poderia ter respondido — e eis que era esta a fonte verdadeira de sua culpa... Poderia haver outra maior?

Quando lera aquela nota no jornal, então sozinho também em sua cela, com as articulações ainda doendo da última sessão de tortura, caíra num singular estado de exaltação: o “sentimento oceânico” o havia arrebatado. Posteriormente, sentira vergonha de si mesmo. O Partido condenava tais estados. Chamava-lhes misticismo pequeno-burguês, fuga para a torre de marfim. Chamava-lhes “diversionismo”, “deserção da luta de classes”. O “sentimento oceânico” era contra-revolucionário.

Porque na luta devem-se ter ambas as pernas firmemente plantadas na terra. O Partido ensinava a fazê-lo. O infinito era uma quantidade politicamente suspeita, o “Eu” uma qualidade suspeita. O Partido não reconhecia sua existência. A definição do indivíduo era: uma multidão de um milhão dividida por um milhão.

O Partido negava o livre-arbítrio do indivíduo e ao mesmo tempo exigia seu sacrifício voluntário. Negava sua capacidade de escolha diante de uma alternativa — e ao mesmo tempo exigia que escolhesse constantemente a alternativa certa. Negava-lhe capacidade para distinguir o bem do mal — e ao mesmo tempo falava pateticamente em culpa e traição. O indivíduo vivia debaixo do signo da fatalidade econômica, uma roda de um mecanismo de relógio a que haviam dado corda para toda a eternidade e não podia parar nem ser influenciada — e o Partido exigia que a roda se revoltasse contra o mecanismo de relógio e mudasse seu curso. Em algum lugar havia um erro de cálculo; a equação era absurda.

Durante quarenta anos, lutara contra a fatalidade econômica. Era a moléstia central da humanidade, o câncer que lhe roía as entranhas. Era ali que se devia operar; o resto do processo de cura se seguiria. Tudo o mais era diletantismo, romantismo, charlatanice. Não se pode curar uma pessoa mortalmente doente com exortações piedosas. A única solução era o bisturi do cirurgião e seu cálculo frio. Mas onde quer que o bisturi fora aplicado, uma nova chaga aparecera no lugar da velha. E novamente a equação era absurda.

Durante quarenta anos vivera estritamente de acordo com os votos de sua ordem, o Partido. Mantivera-se fiel às regras do cálculo lógico. Queimara os restos da velha moralidade ilógica

de sua consciência com o ácido da razão. Desviara-se das tentações do interlocutor calado, e combatera com todo o seu poder o "sentimento oceânico". E aonde isto o conduzira? As premissas de uma verdade inquestionável tinham chegado a um resultado que era totalmente absurdo; as irrefutáveis deduções de Ivanov e de Gletkin tinham-no levado diretamente para o fatídico, macabro jogo do julgamento público. Talvez não fosse conveniente ao homem meditar em cada pensamento até sua conclusão lógica.

Rubachov fitou os olhos, através das grades da janela, na mancha azul, acima da torre da metralhadora. Olhando para seu passado, parecia-lhe agora que durante quarenta anos estivera atacado de fúria homicida — a fúria homicida da razão pura. Talvez não conviesse ao homem livrar-se completamente de todos os velhos laços, dos freios moderadores do "não faças" e do "não farás", e tampouco ter permissão para se arremessar diretamente em busca do alvo.

O azul começara a nacarar-se, descia o crepúsculo; em redor da torre um bando de pássaros escuros girava, batendo as asas lenta, friamente. Sim, a equação era absurda. Evidentemente não bastava dirigir os olhos do homem para o alvo e pôr-lhe uma faca na mão; era-lhe inconveniente experimentar com uma faca. Talvez mais tarde, um dia. No momento, ainda era demasiado jovem e desajeitado. Como se enfurecera no grande campo de experiência, a Pátria da Revolução, o Baluarte da Liberdade! Gletkin justificava tudo o que acontecia com o princípio de que o baluarte devia ser mantido. Mas que havia lá dentro? Não; com concreto não se pode construir o paraíso. O baluarte seria mantido, mas não tinha mais uma mensagem nem um exemplo a dar ao mundo. O regime do N.º 1 maculara o ideal do Estado Social do mesmo modo que alguns papas medievais tinham maculado o ideal de um império cristão. A bandeira da Revolução estava a meio pau.

Rubachov passeava pela cela. Era quase noite, e tudo estava tranqüilo. Não podiam tardar muito a vir buscá-lo. Havia um erro em algum ponto da equação — não, em todo o sistema matemático de pensamento. Suspeitara-o havia muito tempo, desde a história de Richard e desde a *Pietà*, mas nunca ousara

admiti-lo inteiramente diante de si mesmo. Talvez a Revolução tivesse vindo demasiado cedo, um aborto de membros deformados, monstruosos. Talvez toda a coisa encerrasse um grave erro cronológico. Também a civilização romana dir-se-ia condenada já no primeiro século a.C.; parecia tão carcomida até a medula como nossa própria civilização; depois, também, os melhores acreditaram que havia chegado o tempo de uma grande mudança; e, entretanto, o velho e gasto mundo resistira por outros quinhentos anos. A história tinha o pulso lento; o homem contava os anos; a história, as gerações. Talvez ainda fosse o segundo dia da criação. Como teria gostado de viver para criar a teoria da maturidade relativa das massas!...

O silêncio enchia a cela. Rubachov ouvia apenas o ranger de seus sapatos nos ladrilhos. Seis passos e meio para a porta, onde deviam vir buscá-lo, seis passos e meio para a janela, atrás da qual caía a noite. Em breve, tudo estaria acabado. Mas quando se interrogava: Por que mesmo estás morrendo? — não achava resposta.

Havia um erro no sistema; talvez estivesse no preceito que até agora ele afirmara incontrovertível, em cujo nome sacrificara outros e em cujo nome ele próprio estava sendo sacrificado: o preceito segundo o qual o fim justifica os meios. Era esta sentença que matara a grande fraternidade da Revolução e infundira em todos a fúria homicida. Que escrevera, certa vez, em seu diário? "Lançamos ao mar todas as convenções, nosso único princípio diretor é o da lógica conseqüente; navegamos sem lastro ético."

Talvez o coração do mal estivesse aí. Talvez não conviesse à humanidade navegar sem lastro. E talvez a razão, sozinha, fosse uma bússola deficiente, que apontava uma rota de tal modo sinuosa, confusa, que a meta finalmente desaparecia no nevoeiro.

Talvez agora chegasse a hora da grande escuridão.

Talvez mais tarde, muito mais tarde, surgisse o novo movimento — com novas bandeiras, um novo espírito que soubesse das duas coisas: da fatalidade econômica e do "sentimento oceânico". Talvez os membros do novo partido usassem capuzes de monge, e pregassem que só a pureza dos

meios pode justificar os fins. Talvez ensinem que esteja errado o princípio de que um homem é o quociente de um milhão dividido por um milhão, e introduzam uma nova espécie de aritmética baseada na multiplicação; ao juntar-se um milhão de indivíduos ter-se-á uma nova entidade que não mais formará uma massa amorfa, mas criará uma consciência e uma individualidade próprias, com um "sentimento oceânico" multiplicado por um milhão, num espaço ilimitado e, entretanto, autônomo.

Rubachov estacou, à escuta. O som abafado de um rufo de tambor descia o corredor.

3

O rufar soava como se fosse trazido de longe pelo vento; ainda não estava perto, vinha-se aproximando. Rubachov permanecia imóvel. Suas pernas, sobre os ladrilhos, já não estavam sujeitas à sua vontade; sentia a força da gravidade da terra subindo lentamente por elas. Deu três passos para trás, na direção da janela, sem desviar o olhar da vigia. Respirou fundo e acendeu um cigarro. Ouviu uma palpitação na parede, junto do beliche:

ESTÃO TRAZENDO BEIÇO DE LEBRE. ELE O SAÚDA.

O peso desapareceu-lhe das pernas. Dirigiu-se à porta e pôs-se a bater contra o ferro, rápida e ritmicamente, com a palma de ambas as mãos. Transmitir a notícia para a cela n.º 406 era inútil, agora. Estava desocupada; a cadeia se interrompia ali. Rufava de olho colado à vigia.

No corredor, a mortiça luz elétrica estava acesa, como sempre. Ele via as portas de ferro das celas 401 e 407, como sempre. O toque de tambor crescia. Passos aproximavam-se, lentos, arrastados; ouviam-se distintamente nos ladrilhos. De repente, Beiço de Lebre estava parado no campo de visão da vigia. Ali estava ele, os lábios trêmulos, como sob a luz do refletor da sala de Gletkin; as mãos algemadas pendiam-lhe atrás das costas numa estranha contorção. Não podia ver o olho de Rubachov atrás da vigia, mas sondou a porta com as pupilas vazias, como se a última esperança de salvação estivesse atrás

dela. Depois, deram uma ordem, e Beiço de Lebre, obediente, voltou-se para marchar. Atrás dele, vinha o gigante de uniforme, com o cinturão do revólver. Desapareceram da área de visão de Rubachov, um depois do outro.

O rufar cessou; tudo voltou de novo ao silêncio. Da parede do beliche veio o som de uma leve percussão:

ELE PORTOU-SE MUITO BEM...

Desde o dia em que Rubachov informara o 402 de sua capitulação, não se falavam. O 402 continuou:

VOCÊ AINDA TEM CERCA DE DEZ MINUTOS. COMO SE SENTE?

Rubachov entendeu que o 402 iniciara a conversa a fim de lhe tornar mais fácil a espera. Sentiu-se grato. Sentou-se no beliche e bateu:

PREFERIA QUE JÁ TIVESSE ACONTECIDO...

VOCÊ NÃO SE MOSTRARÁ COVARDE, bateu o 402. SABEMOS QUE É UM SUJEITO INFERNAL... Fez outra pausa; depois, rapidamente, repetiu as últimas palavras: UM SUJEITO INFERNAL... Evidentemente, estava ansioso por evitar que a conversa se paralisasse. LEMBRA-SE AINDA: "SEIOS MODELADOS EM TAÇAS DE CHAMPANHA"? AH, AH, AH! UM SUJEITO INFERNAL...

Rubachov apurou o ouvido na direção do corredor, em busca de algum ruído. Nada. O 402 parecia adivinhar-lhe os pensamentos, pois imediatamente tornou a percutir:

NÃO FIQUE ESCUTANDO. COMUNICAREI A TEMPO QUANDO VIEREM VINDO... QUE FARIA SE FOSSE PERDOADO?

Rubachov refletiu. Depois, bateu:

ESTUDAVA ASTRONOMIA.

AH, AH, AH!, respondeu o 402. EU TAMBÉM, QUEM SABE. DIZEM QUE AS OUTRAS ESTRELAS TALVEZ SEJAM HABITADAS. PERMITA-ME DAR-LHE UM CONSELHO.

CERTAMENTE, disse Rubachov, surpreso.

MAS NÃO LEVE A MAL. SUGESTÃO TÉCNICA DE UM SOLDADO. ESVAZIE A BEXIGA. SEMPRE É MELHOR NESES CASOS. O ESPÍRITO ESTÁ PRONTO, MAS A CARNE É FRACA. AH, AH, AH!

Rubachov sorriu e foi obedientemente até o balde. Depois tornou a sentar-se no beliche e bateu:

OBRIGADO. EXCELENTE IDÉIA. E QUAIS SÃO SUAS PERSPECTIVAS?

O 402 ficou em silêncio durante alguns segundos. Depois bateu, um pouco mais lento do que antes:

MAIS DEZOITO ANOS. EXATAMENTE NÃO, APENAS 6.530 DIAS... Fez uma pausa. Depois acrescentou:

INVEJO-O DE FATO. E em seguida a outra pausa: PENSE NISTO; OUTRAS 6.530 NOITES SEM MULHER.

Rubachov nada disse. Depois percutiu:

MAS PODE LER, ESTUDAR...

NÃO TENHO CABEÇA PARA ISSO, bateu o 402. E em seguida, alto e apressadamente: ELES VÊM VINDO...

Parou, mas alguns segundos após, acrescentou:

QUE PENA. LOGO QUANDO ESTÁVAMOS NUMA CONVERSA TÃO AGRADÁVEL...

Rubachov ergueu-se do beliche. Pensou por um instante e depois bateu:

VOCÊ ME AJUDOU MUITO. OBRIGADO.

A chave rangeu na fechadura. A porta escancarou-se. Fora, estavam o gigante de uniforme e um civil. O civil chamou Rubachov pelo nome e recitou o texto de um documento. Enquanto lhe torciam os braços nas costas e o algemavam, ouviu o apressado percutir do 402:

INVEJO VOCÊ. INVEJO VOCÊ. ADEUS.

No corredor, recomeçara o rufo de tambor. Acompanhou-os até alcançarem a barbearia. Rubachov sabia que atrás de cada porta de ferro um olho o contemplava pela vigia, mas não voltou a cabeça nem para a esquerda nem para a direita. As algemas lhe arranhavam os pulsos; o gigante as apertara demasiado, e forçara seus braços ao puxá-los para trás e torcê-los; agora doíam.

A escada do porão apareceu. Rubachov afrouxou o passo. O civil parou no alto da escada. Era baixo e tinha os olhos levemente saltados. Perguntou:

— Tem ainda algum desejo?

— Nenhum — disse Rubachov, e começou a descer a escada do porão. O civil continuou parado no alto, acompanhando-o na descida com seus olhos protuberantes.

A escada era estreita e mal iluminada. Rubachov tinha de acautelar-se contra um passo em falso, pois não podia apoiar-se no corrimão. O rufar cessara. Ouvia o homem de uniforme descendo, três degraus à sua retaguarda.

Era uma escada de caracol. Rubachov inclinou-se para diante a fim de ver melhor; seu pincenê desprendeuse do rosto e caiu no chão, dois degraus abaixo dele; estilhaçando-se, saltou escada abaixo, indo parar no último degrau. Rubachov parou um segundo, hesitante; depois desceu, tateando com o pé, o resto da escada. Ouviu o homem que o seguia abaixar-se e pôr no bolso o pincenê quebrado, mas não voltou a cabeça.

Agora estava quase cego, mas de novo tinha chão firme debaixo dos pés. Um longo corredor o recebeu; não avistava o seu fim, e as paredes eram apenas manchas vagas. O homem de uniforme mantinha-se sempre três passos à sua retaguarda. Rubachov sentia-lhe o olhar sobre a nuca, mas não voltou a cabeça. Cautelosamente, ia pondo um pé adiante do outro.

Parecia-lhe que já vinham percorrendo o corredor durante vários minutos. Contudo, nada acontecia. Provavelmente ouviria o homem de uniforme tirar o revólver do coldre. Assim, até lá, havia tempo, ele ainda estava em segurança. Ou acaso o homem procedia como o dentista, que escondia os instrumentos na manga enquanto se inclinava para o paciente? Rubachov procurou concentrar o pensamento em qualquer outro rumo, mas teve de recorrer a toda a sua atenção a fim de não voltar a cabeça.

Estranha coisa que a nevralgia tivesse cessado no minuto em que aquele abençoado silêncio se fechara sobre ele, durante o julgamento. Talvez o abscesso tivesse aberto precisamente naquele minuto. Que lhes dissera? "Dobro os joelhos diante da nação, diante das massas e diante de todo o povo..." Bem, e agora? Que sucederá a estas massas, a este povo? Durante quarenta anos o povo fora conduzido pelo deserto, com ameaças e promessas, com terrores imaginários e com recompensas imaginárias. Mas onde estava a Terra Prometida?

Existia de fato esta meta para a humanidade errante? Eis uma pergunta cuja resposta teria gostado de saber antes que fosse demasiado tarde. Também Moisés não tivera permissão

para entrar na terra da promessa. Mas fora-lhe permitido vê-la, do cume da montanha, estendida a seus pés. Assim, era fácil morrer, com a certeza visível do alvo diante dos olhos. Ele, Nicolau Salmanovitch Rubachov, não fora levado ao cume de um monte; e para onde quer que voltasse os olhos, nada via afora o deserto e as trevas da noite.

Uma pancada surda atingiu-lhe o dorso da cabeça. Havia muito que a esperava e, entretanto, apanhara-o de surpresa. Sentiu, admirado, os joelhos vergarem e seu corpo girar meia volta. Que teatral, pensou ao cair, e, contudo, nada sinto. Ficou encolhido no chão, com uma face sobre as lajes frias. Escureceu, o mar o levou ao embalo de sua superfície noturna. Lembranças cruzaram-no, como fiapos de bruma sobre a água.

Lá fora, alguém batia na porta da frente, sonhou que vinham prendê-lo; mas em que país estava?

Fez um esforço para enfiar o braço na manga do chambre. Mas de quem era o cromo pendurado acima da cama, e que o contemplava?

Era o N.º 1, ou era o outro — o do sorriso irônico, ou o do olhar de vidro?

Um vulto sem forma se inclinou para ele; sentiu o cheiro fresco do cinturão do revólver; mas que insígnia a figura tinha nas mangas e nas ombreiras do uniforme — e em nome de quem erguia o cano escuro do revólver?

Uma segunda, esmagadora pancada bateu-lhe no ouvido. Em seguida, tudo ficou tranqüilo. Voltou o mar com suas vozes. Uma onda, lentamente, o levantou. Vinha de longe e viajava sossegadamente, era um dar de ombros da eternidade.

Arthur Koestler nasceu em Budapeste, em 1905. Estudou psicologia e engenharia na universidade de Viena, mas dedicou-se principalmente ao jornalismo, através do qual adquiriu enorme experiência humana, política e social. Como correspondente estrangeiro, viveu em várias cidades do Oriente Médio e da Europa. Em Moscou, filiou-se ao comunismo e conheceu o Partido por dentro. Fazendo a cobertura da Guerra Civil Espanhola, foi preso pelas tropas de Franco e libertado três meses depois, quando abandonou o jornalismo para dedicar-se ao estudo de ciências e psicologia e para escrever os livros que o tornariam famoso. Naturalizado inglês, serviu no Exército britânico durante a Segunda Guerra. Seus romances são de forte cunho psicológico e de uma autenticidade que sabe mesclar criação e experiência vivida. Entre os mais conhecidos estão: *O iogue e o comissário*, *Chegada e partida* e *Ladrões na noite*.